



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS

**A ARGUMENTAÇÃO NO CIBERESPAÇO: UM
ESTUDO DA INTERCONEXÃO ENTRE RECURSOS DA
RETÓRICA DIGITAL E PRÁTICAS ESCOLARES**

Recife

2025

ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS

**A ARGUMENTAÇÃO NO CIBERESPAÇO: UM
ESTUDO DA INTERCONEXÃO ENTRE RECURSOS DA
RETÓRICA DIGITAL E PRÁTICAS ESCOLARES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Linguística

Linha de pesquisa: Análise de práticas de linguagem no campo do ensino

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Xavier

RECIFE

2025

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central
Bibliotecário Jorge Luiz de Albuquerque Barros

Farias, Anelilde Maria de Lima.

A argumentação no ciberespaço: um estudo da interconexão entre recursos da retórica digital e práticas escolares / Anelilde Maria de Lima Farias. - Recife, 2025.

255 f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

Orientação: Antônio Carlos Xavier.

Inclui referências.

1. Ciberespaço; 2. Argumentação; 3. Retórica Digital; 4. Ensino. I. Xavier, Antônio Carlos. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

Anelilde Maria de Lima Farias

**A ARGUMENTAÇÃO NO CIBERESPAÇO: UM ESTUDO DA INTERCONEXÃO
ENTRE RECURSOS DA RETÓRICA DIGITAL E PRÁTICAS ESCOLARES**

Ata da defesa/apresentação do Trabalho de
Conclusão de Curso de Doutorado do Programa
de Pós-graduação em Letras - CAC da
Universidade Federal de Pernambuco, no dia 30
de junho de 2025.

Aprovada em 30/06/25.

Banca Examinadora:

Dr. Antônio Carlos dos Santos Xavier (Presidente)
Universidade Federal de Pernambuco

Dr. Cleidson Jacinto de Freitas (Examinador externo)
Instituto Federal de Alagoas

Dra. Maria Francisca de Oliveira Santos (Examinadora externa)
Universidade Federal de Alagoas

Dra. Paloma Sabata Lopes da Silva (Examinadora externa)

Dra. Suzana Leite Cortez (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha filha caçula, Ruanne Sonely, por ter, durante doze anos, após minha conclusão de mestrado, conduzido minha mão e minha emoção para trazer à existência esta tese.

AGRADECIMENTOS

Ciência se realiza por meio de *insights*, pesquisas, leituras, estudos, descobertas, redescobertas; desistências, insistências, raciocínios, devaneios e criações. São movimentos que, aparentemente intelectuais, estão sempre enredados com as mais variadas relações de humanidade e sensibilidade. Às vezes penso que, sem o outro, ou sem as inquietações do outro, a ciência não nasceria. É com essa constatação que me dedico a agradecer a tantas almas... a tantos corações... Tantos intelectos. Alguns com muita consciência da porção que doou. Outros talvez saibam agora, ao lerem estas páginas, a importância que tiveram para esta produção.

Início meus agradecimentos ao Deus da minha inspiração. Muitas vezes, ao reler algumas páginas deste trabalho, imaginava ter sido Ele, que, sentindo meu desgaste emocional com doenças graves em família, conduziu minhas ideias. Sentia que era Ele quem escrevia quando tudo estava tão difícil. A Deus toda honra e toda glória sempre.

Sou grata a meu companheiro de vida e de produção intelectual, Gleyson Farias. Mesmo quando era ele quem precisava de atenção (cuidando de um câncer), pedia para eu deixá-lo para eu continuar meu trabalho. Agradeço a ele porque, durante as minhas mais profundas inseguranças, era meu coorientador; lia com atenção minhas ideias e me impulsionava porque dizia ser “uma grande tese”. Agradeço a ele por ter chorado ao ler essas ideias. Por ter sentido esse orgulho e emoção. Não conseguiria sem ele.

Agradeço às minhas filhas, meus tesouros, às mulheres que me completam, por acreditarem tanto em mim. Rochelle, com seu olhar “corporativo” tinha tanta paciência de ler parágrafos de minha tese para contribuir, avaliar, sugerir... Rochanne, com seu olhar psicológico, acolhia os momentos de aflição e inseguranças... Com sua competência técnica, passava horas ajustando imagens... Por fim, minha caçula Ruanne, que, por anos, não descansou enquanto não me submeti ao doutoramento. Que sentava perto de mim para eu nunca desistir. Que acreditava em cada linha produzida. São partes deste trabalho.

Agradeço a meus pais. Eles nem imaginam o quanto sou grata por todos os dias que ficaram sós, sem mim, porque não queriam atrapalhar meu doutorado. Agradeço a esses pais que, aos 94 anos (meu pai) e aos 87 anos (minha mãe), possuem uma lucidez para valorização de um doutoramento. Essa compreensão de não querer me incomodar para eu escrever também me deram forças para continuar.

Agradeço à minha irmã Kétsia e meu cunhado Adilson Duarte. Aquela que assumiu os cuidados de meus pais, mesmo morando tão longe, para que eu tivesse tempo e espaço para produzir. Este que acreditou tanto em mim, com palavras de tanta confiança que me impulsionaram a seguir. Infelizmente, finalizei sem assistir a suas maravilhosas indicações de filmes que me orientaram nessa jornada.

Ao meu orientador Antônio Carlos Xavier, toda gratidão a um professor que transpôs as linhas da orientação e assumiu a voz de um acolhedor, de um incentivador. Nas horas mais difíceis, tinha uma palavra que não me permitia desistir. Levo em meu coração as expressões mais fortes e belas que ouvi dele orientador durante esse processo.

Sou grata a todos os meus alunos do Ensino Médio do Colégio Visão, que ingressaram nessa pesquisa acreditando numa proposta diferente para suas práticas: Beatriz Arantes, Leonardo Paz, Leonardo Farias, Pedro Barros, e, em especial, ao estudante Rafael Vieira, que se dedicou a ajudar os primeiros passos de minha imersão na plataforma X (*Twitter*), como se o trabalho estivesse sendo feito para uma mãe. Reuniões nos intervalos das aulas, encontros virtuais, dicas nos corredores. Nunca me esquecerei dessa empatia, dessa humanidade de um adolescente, por isso eternizo aqui minha gratidão.

Sou grata aos alunos da Escola Técnica Luiz Alves Lacerda (Cabo) pela participação com tanta confiança em um trabalho que poderia contribuir não apenas com suas práticas, mas com as de estudantes que viveriam a execução desta ideia.

Às minhas amigas Izabel Pinheiro e Ana José, que foram ouvidos, foram a força em momentos tão sombrios desse processo. Estavam sempre em acolhimento para suprir os espaços de que eu precisava. Em meio às demandas tão laboriosas de seus cotidianos, nunca me disseram “não”.

Agradeço à minha escola inspiradora: Colégio Visão Recife, não apenas por ter me introduzido no mundo acadêmico, mas por ter compreendido minhas

necessidades de ausência; ter contribuído com permissões para a pesquisa; ter acreditado no trabalho que eu estava produzindo, confiando a mim tantas ações em prol de um ensino de língua que faça sentido para o estudante.

Sou grata ao meu colega de trabalho e pactuador de proposta de ensino, Anderson Lins, pela solidariedade, empatia, sensibilidade ao ver um trabalho acadêmico nascer e se colocar à disposição para sua efetivação. Nunca esquecerei.

O nascimento desta tese ocorreu de um *insight*, que se transformou em um projeto. Nesses momentos iniciais, sem ao menos me conhecer, a professora Suzana Cortez ouviu com sensibilidade minhas conjecturas, contribuindo com seu olhar de experiência acadêmica. Agradeço, também, a todos os professores da Pós-graduação, que contribuíram de forma distinta, com recortes linguísticos particulares, mas que serviram para meu crescimento enquanto formadora de um trabalho científico.

É verdade que as novas tecnologias não costuram os buracos da nossa roupa interior, mas elas ajudam a alterar as redes sociais em que nos fabricamos.

Mia Couto

RESUMO

Considerando o universo dinâmico e complexo das práticas de linguagens, por meio das quais se realizam as performances argumentativas, os estudos sobre argumentação sempre ensejaram importantes reflexões em ciências humanas, sobretudo na Filosofia e na Linguística (ARISTÓTELES, 2007; PERELMAN, 2005; AMOSSY, 2017). Tomando como base a importância desses estudos, associado à crescente prática de interações no espaço cibernético, reconhecemos uma necessidade de ampliação de investigações sobre as formas de argumentação por meio das mídias digitais, considerando que tais interações são afetadas não apenas pelos recursos verbo-visuais, mas pelos mecanismos condutores das produções entre sujeitos imersos nesse ecossistema. (LEVY, 1993, 1999; XAVIER, 2013; EYMAN, 2015; PAVEAU, 2021). Nesse contexto, estão inseridas as práticas escolares que envolvem texto e tecnologia, em que se constata haver ainda limitações quanto à exploração dos mecanismos técnicos que se inserem na argumentatividade no ciberespaço. Assim, esta pesquisa integra, também, as contribuições dos estudos acerca dos Multiletramentos (ROJO, 2019), bem como os pressupostos teóricos da argumentação e de hipertexto na Linguística Textual (MARCUSCHI, 2005; KOCH, 2008; ELIAS, 2013). O objetivo deste trabalho foi investigar como os mecanismos digitais operam como recursos de argumentação nas práticas cotidianas de estudantes do Ensino Médio e que contribuições podem ocorrer sob a perspectiva da Retórica Digital. Esta pesquisa se enquadra, metodologicamente, como estudo de caso, de natureza qualitativa interpretativa, e analisa dados oriundos das práticas interativas de estudantes do Ensino Médio na plataforma *Twitter* (atual X), onde é possível desenvolver seu ponto de vista em comentários, *tuítes*, por meio da hipertextualidade do ambiente, o que nos permite reconhecer mecanismos digitais argumentativos, utilizados por nativos-digitais, com vistas a dar visibilidade às diferentes práticas permitidas pelo ambiente cibernético. Esta pesquisa busca conectar os consolidados processos retóricos de perspectiva grafocêntrica às formas pouco exploradas no entorno do mundo digital. Assim, os comentários e os *tuítes* dos estudantes na plataforma X (Twitter) revelaram diferentes formas argumentativas, por meio de recursos digitais, sinalizando que esta pesquisa pode permitir uma ampliação das linhas teóricas da Linguística de Texto, no que diz respeito à Retórica Digital, bem como o

alargamento da visão escolar acerca das novas formas legítimas de argumentação nas interações digitais. Pela dinamicidade própria do ecossistema virtual, isso implica dizer, também, que os mecanismos interativos surgem cotidianamente, portanto novas pesquisas devem seguir e aprofundar as diferentes performances *da argumentação digital*..

Palavras-chave: Ciberespaço; Argumentação; Retórica Digital; Ensino.

ABSTRACT

Considering the dynamic and complex universe of language practices through which argumentative performances are carried out, studies on argumentation have always prompted important reflections in the human sciences, especially in Philosophy and Linguistics (ARISTOTLE, 2007; PERELMAN, 2005; AMOSSY, 2017). Based on the relevance of these studies, combined with the growing practice of interactions in cyberspace, we recognize the need to expand investigations into the forms of argumentation within digital media, considering that such interactions are affected not only by verbal-visual resources but also by the mechanisms that guide the productions among subjects immersed in this ecosystem (LEVY, 1993, 1999; XAVIER, 2013; EYMAN, 2015; PAVEAU, 2021). Within this context, we also find school practices involving text and technology, where there are still limitations in the exploration of technical mechanisms that influence argumentativity in cyberspace. This research, therefore, also draws on the contributions of studies on Multiliteracies (ROJO, 2019), as well as the theoretical assumptions of argumentation and hypertext in Textual Linguistics (MARCUSCHI, 2005; KOCH, 2008; ELIAS, 2013). The aim of this study was to investigate how digital mechanisms function as argumentative resources in the everyday practices of high school students and what contributions may arise from the perspective of Digital Rhetoric. Methodologically, this research is framed as a case study with a qualitative interpretative approach and analyzes data from the interactive practices of high school students on the Twitter platform (now X), where users can develop their viewpoints in comments and tweets through the platform's hypertextual environment. This allows us to recognize digital argumentative mechanisms used by digital natives, with the aim of highlighting the diverse practices enabled by the cyber environment. This study seeks to connect well-established rhetorical processes rooted in a graphocentric perspective with lesser-explored forms in the digital world. Thus, students' comments and tweets on platform X (Twitter) revealed different argumentative forms through digital resources, indicating that this research may contribute to expanding the theoretical frameworks of Text Linguistics regarding Digital Rhetoric, as well as broadening the school perspective on new, legitimate forms of argumentation in digital interactions. Due to the inherent dynamism of the virtual ecosystem, it is important to note that interactive mechanisms are constantly emerging, meaning that new research should continue to follow and deepen the understanding of the various performances of digital argumentation.

Keywords: Cyberspace; Argumentation; Digital Rhetoric; Education.

RÉSUMÉ

Compte tenu de l'univers dynamique et complexe des pratiques langagières, à travers lesquelles s'exercent les performances argumentatives, les études sur l'argumentation ont toujours suscité d'importantes réflexions en sciences humaines, notamment en philosophie et en linguistique (ARISTOTE, 2007 ; PERELMAN, 2005 ; AMOSSY, 2017). En prenant pour base l'importance de ces études, associée à la pratique croissante des interactions dans l'espace numérique, nous reconnaissons la nécessité d'élargir les recherches sur les formes d'argumentation médiées par les médias numériques, en considérant que ces interactions sont influencées non seulement par les ressources verbo-visuelles, mais aussi par les mécanismes qui régissent les productions entre les sujets immergés dans cet écosystème (LÉVY, 1993, 1999 ; XAVIER, 2013 ; EYMAN, 2015 ; PAVEAU, 2021). Dans ce contexte s'inscrivent les pratiques scolaires impliquant texte et technologie, dans lesquelles on constate encore des limites dans l'exploitation des mécanismes techniques qui participent à l'argumentativité dans le cyberspace. Ainsi, cette recherche intègre également les contributions des études sur les Multiletramentos (ROJO, 2019), ainsi que les postulats théoriques de l'argumentation et de l'hypertexte dans la linguistique textuelle (MARCUSCHI, 2005 ; KOCH, 2008 ; ELIAS, 2013). L'objectif de ce travail est d'enquêter sur la manière dont les mécanismes numériques fonctionnent comme ressources argumentatives dans les pratiques quotidiennes des élèves de l'enseignement secondaire et sur les apports possibles selon la perspective de la rhétorique numérique. Méthodologiquement, cette recherche s'inscrit dans une étude de cas de nature qualitative interprétative, en analysant des données issues des pratiques interactives d'élèves du secondaire sur la plateforme Twitter (aujourd'hui X), où il est possible de développer son point de vue à travers des commentaires, des tweets et l'hypertextualité de l'environnement. Cela nous permet d'identifier des mécanismes argumentatifs numériques utilisés par des natifs du numérique, afin de rendre visibles les différentes pratiques permises par l'environnement cybernétique. Cette recherche vise à relier les processus rhétoriques consolidés d'une perspective graphocentrique aux formes encore peu explorées dans le monde numérique. Ainsi, les commentaires et les tweets des élèves sur la plateforme X (Twitter) ont révélé différentes formes d'argumentation à travers des ressources numériques, indiquant que cette recherche peut contribuer à élargir les approches théoriques de la linguistique textuelle en ce qui concerne la rhétorique numérique, ainsi qu'à élargir la vision scolaire des nouvelles formes légitimes d'argumentation dans les interactions numériques. En raison de la dynamique propre à l'écosystème virtuel, cela implique également que de nouveaux mécanismes interactifs émergent quotidiennement ; de ce fait, de futures recherches devront suivre et approfondir les différentes performances de l'argumentation numérique.

Mots-clés : Cyberspace ; Argumentation ; Rhétorique numérique ; Enseignement.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Problematização	15
1.2	Justificativa	28
1.3	Hipótese	30
1.4	Objetivos	32
1.4.1	Objetivo Geral	32
1.4.2	Objetivos específicos	32
2	UMA INCURSÃO HISTÓRICA DAS PRÁTICAS MEDIADAS PELO COMPUTADOR	34
2.1	O lugar das tecnologias digitais na humanidade	35
2.1.1	O processo de programação e a ampliação do computador	40
2.1.2	A pessoalização do computador	42
2.2	A Era da internet e seus desdobramentos	45
2.2.1	A digitalização e a virtualização na era da internet	47
2.3	As relações no espaço cibernético: o lugar das redes sociais	52
2.3.1	Uma breve incursão na formação das redes sociais digitais	57
2.4	Inteligência Artificial: as implicações algorítmicas na persuasão	66
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE ARGUMENTAÇÃO: AS NOVAS IMPLICAÇÕES DA RETÓRICA DIGITAL	71
3.1	As contribuições da Retórica aristotélica: o princípio epistemológico dos estudos sobre argumentação	74
3.2	O novo marco nos estudos da argumentação com o Tratado da Nova Retórica	77
3.3	Argumentação na perspectiva da Retórica Digital	82
3.3.1	A tecnoargumentação pela ubiquidade/hipertextualidade	84
3.3.2	A <i>tecnoargumentação</i> pela <i>repetibilidade</i>	89
3.3.3	A tecnoargumentação pela interatividade	96
3.3.4	Tecnoargumentação pelo anonimato	106
3.3.5	<i>Tecnoargumentação</i> pela <i>multissemiotividade</i>	120
3.4	As redes sociais no ciberespaço e a construção do argumento: a reconfiguração do <i>ethos</i> e do <i>pathos</i> .	126
3.4.1	A <i>hiperadaptabilidade</i> do orador-digital na construção do <i>ethos</i> argumentativo	130
3.4.2	O <i>facciodeterminismo</i> como condição de influência argumentativa do orador-digital	133
3.5	A argumentação na perspectiva da Linguística de Texto	140
4	A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA	145
4.1	Contextualização da pesquisa: o processo de argumentatividade dos estudantes no digital	146
4.2	O delineamento da pesquisa	148
4.2.1	A natureza da pesquisa	149
4.3	Caracterização dos participantes	152
4.4	Procedimentos para a coleta dos dados	163

4.4.1	O ambiente da coleta dos dados	164
4.4.2	Formação do perfil na plataforma X (<i>Twitter</i>)	167
4.4.3	Os instrumentos para coleta dos dados	172
4.5	A análise dos dados	175
5.	ANÁLISE DA ARGUMENTATIVIDADE NA REDE SOCIAL X (<i>TWITTER</i>)	178
5.1	Análise das discussões com estudantes na plataforma X (<i>Twitter</i>)	179
5.2	A tecnoargumentação pela repetibilidade e interatividade: estratégias argumentativas digitais	180
5.2.1	<i>Tecnoargumentação por interatividade: o lugar da subjetividade espontânea</i>	187
5.3	<i>Tecnoargumentação por multissemiotividade: uma variabilidade cibernética de argumentar</i>	191
5.4	<i>Tecnoargumentação por ubiquidade: a condução algorítmica na ampliação argumentativa do estudante</i>	198
5.5	Análise dos tuítes espontâneos dos estudantes em seu perfil da rede X (<i>Twitter</i>)	209
5.6	Desdobramentos das contribuições da plataforma digital na argumentação: análise das avaliações dos estudantes	213
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	223
	REFERÊNCIAS	229

1 INTRODUÇÃO

Desde as análises aristotélicas acerca das conduções argumentativas, passando pelos direcionamentos propostos pela Nova Retórica perelmaniana, até as novas abordagens sobre a retórica digital, os estudos sobre a argumentatividade sempre foram muito valorizados, considerando as diferentes estratégias humanas de sobrepor suas ideias sobre o outro por meio da linguagem. Quando essa prática argumentativa busca objetivos escolares, têm-se novos desafios, sobretudo considerando os propósitos comunicativos inerentes à didatização.

Quando Geraldi (1998, p. 64) afirma que, em um texto produzido em ambiente escolar, “não há um sujeito que diz, mas um aluno que devolve ao professor a palavra que lhe foi dita pela escola.”, reforça-se a visão de que a espontaneidade argumentativa ainda precisa de espaço no contexto escolarizado. Nessa perspectiva, consideramos que o aluno, esse sujeito que enxerga e marca suas percepções sobre o mundo, precisa ser reconhecido pelas diferentes formas de assimilação, por meio de práticas já visibilizadas em suas vivências cotidianas em espaços digitais, numa conexão com práticas escolares.

É nesse contexto, concebendo que as práticas humanas evocam diferentes recursos languageiros, que podemos ver a multiplicidade de suas manifestações por meio de recursos tecnológicos desde a formação da cultura escrita até as atuais contribuições digitais.

1.1 Problematização

Grande parte do planeta vive imerso no espaço cibernético (a última pesquisa de abril de 2025 por Kepios revela que o número de usuários de mídias sociais no mundo agora é de 5,31 bilhões, o que equivale a 64,7% da população total global¹), onde a exposição argumentativa tem encontrado novas possibilidades de visibilidade, o que pode evocar mudanças de pontos de vista. Quando Levy (1999, p. 157) assevera que “o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, extensionizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas”, instiga investigações acerca de atuações da linguagem nesse espaço. São atuações comunicativas inseridas em articulações de uma “inteligência coletiva”, que têm

¹ Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-april-global-statshot>. Tradução nossa. Acesso em 30/05/2025-

permitido uma ressignificação das construções persuasivas. Todavia, essa “ressignificação das construções persuasivas” não tem sido devidamente explorada nos contextos escolares, considerando que, sobretudo no Ensino Médio, há um enfoque na produção de texto exigida pelo Enem por representar o acesso à universidade.

As práticas de produção em salas de aula de Língua Portuguesa ainda possuem uma visão grafocêntrica da linguagem, reforçando a necessidade de otimização da argumentação do estudante em práticas escritas, e, algumas vezes, orais. Dialogamos, portanto, com a perspectiva de Rojo (2019) ao reconhecer que as práticas de letramento na escola ainda são limitadas para as diversas possibilidades de textos com os quais os estudantes lidam. A autora afirma que, ainda que a escola trabalhe com diferentes gêneros, o faz “para um conjunto bastante restrito de práticas que convencionou-se chamar de “letramento escolar”. Trata-se, agora, de ampliar a abrangência das práticas letradas que dão base aos eventos de letramento escolar.” (ROJO, 2019, p. 17).

Sendo assim, práticas que levem em consideração os multiletramentos, com valorização da argumentatividade no ecossistema digital, ainda não são uma realidade das vivências escolares dos estudantes nativos digitais. Se Rojo reconhece a necessidade de “ampliar a abrangência das práticas letradas”, isso representa o que este trabalho propõe, considerando uma interconexão entre os ambientes do ecossistema digital e o ambiente escolar.

Assumindo a constatação de Malaggi (2019, p. 15), reconhecemos que “uma classe determinada de tecnologia da inteligência opera modificações nas possibilidades intelectual-psicológicas de atuação dos seres humanos no mundo”. Sendo assim, percebemos o quanto é necessário investigar essas articulações coletivas, bem como entender como ocorrem essas modificações “intelectual-motodológicas” nas formações argumentativas dos indivíduos (estudantes nativos digitais) inseridos no ciberespaço. Os mecanismos inseridos na linguagem digital apresentam conduções persuasivas distintas das tão já exploradas no mundo analógico, que precisam ser mais bem investigadas.

Sem pretender demonstrar supremacias entre formas de linguagem, mas apenas reafirmando uma constatação de Xavier (2013, p. 36) para o qual “dotado de uma inventividade infinita, o homem continuou sua trajetória de desenvolvimento

tecnológico”, esta pesquisa terá como propósito principal analisar os efeitos dos recursos digitais na construção da argumentação em hipertextos produzidos em plataformas desse ecossistema, considerando que “esse desenvolvimento”, cada vez mais célere e intrínseco às práticas languageiras humanas, tem afetado as estratégias de persuasão. Portanto, é importante entender as formas como a argumentatividade dos estudantes vem sendo construída numa interconexão entre ambiente escolar e espaços digitais.

A necessidade dessa investigação é reconhecida por diferentes teóricos da linguagem. Zappen (2003), por exemplo, em seus estudos iniciais sobre Retórica Digital, descortinando como as práticas persuasivas no ambiente digital precisam ser ampliadas, assevera que os “Estudos sobre a retórica digital ajudam a explicar como as estratégias retóricas tradicionais com função de persuasão estão sendo reconfiguradas em espaços digitais” (ZEPPEEN, 2003, p. 319, tradução nossa).

Para Levy (1999, p. 113), “Virtualmente, todas as mensagens encontram-se mergulhadas em um banho comunicacional fervilhante de vida, incluindo as próprias pessoas, do qual o ciberespaço surge, progressivamente, como o coração”. Sendo assim, se nas práticas de produções textuais em ambiente escolar, dadas as condições de interação, podem inibir as possibilidades argumentativas, é necessário buscar mecanismos investigativos para que essa “vida pulsante” do “ciberespaço” possa ser uma realidade de otimização da argumentatividade. As ferramentas de otimização das práticas persuasivas são inúmeras, e exigem diferentes formas de abordagem. Entretanto, não se esgotaram pesquisas sobre “como as novas mídias apoiam e possibilitam a transformação da velha retórica de persuasão em uma nova retórica digital que incentiva a autoexpressão, participação e colaboração criativa” (ZEPPEEN, 2005, p. 321 - tradução nossa). Entendemos que a velocidade e dinamicidade do ambiente em que ocorrem essa nova retórica digital instigam investigações minuciosas e constantes para evidênciação dos instrumentos argumentativos digitais.

Defendemos, neste trabalho, a ideia de que redes sociais do ecossistema digital, como o *Twitter*², que mobilizam ferramentas com diferentes funções - as quais

² Durante o desenvolvimento desta pesquisa, a plataforma *Twitter* sofreu algumas mudanças, com seu novo proprietário Elon Musk. A mudança mais significativa, que ocorreu em 2023, foi a substituição do nome “*Twitter*” para “X”. Optamos, ao longo de nosso trabalho, empregar o novo nome X, seguido, entre parênteses, do antigo nome “*Twitter*”, considerando a identificação que o nome traz para a plataforma desde que foi criada em 2007.

serão devidamente apresentadas no capítulo da metodologia - e, entre elas, a de interações argumentativas, parece ser um ambiente propício para busca e investigação da reprodução da argumentação numa integração entre práticas de diferentes linguagens.

Entendemos, que, se intencionalmente direcionadas, organizadamente utilizadas, as práticas no ecossistema digital podem se mostrar não apenas formas de interação, mas, sobretudo, práticas cognitivamente desenvolvidas, que geram argumentações em modalidades escritas advindas dos diferentes mecanismos. Precisáramos entender se suas estratégias de persuasão são mediadas por algoritmos, interatividade, deslinearização, atemporalidade e simultaneidade, entre outros processos ainda pouco explorados pelos estudos da Linguística de Texto, e, por conseguinte, ainda não reconhecidos nos entornos escolares.

Para conseguir alcançar o reconhecimento da demanda investigativa desta pesquisa, buscamos responder aos seguintes questionamentos:

- a) Os recursos digitais da Plataforma X (*Twitter*) podem se configurar como estratégias argumentativas e como esse processo pode acontecer?
- b) Os processos argumentativos de aprendizes em suas produções na rede social X (*Twitter*) podem contribuir com as práticas discursivas no ambiente escolar?

E, para o propósito a que pretendemos chegar - identificar as estratégias argumentativas desenvolvidas em plataformas digitais, como processo sociointerativo e interdiscursivo, são imprescindíveis as contribuições teóricas ligadas à argumentação em diferentes perspectivas. Inicialmente, os conceitos basilares aristotélicos acerca do *ethos*, *pathos* e *logos* reverberam sempre em qualquer prática argumentativa. Isso pode ser muito importante para a reconfiguração dessas práticas no ambiente digital.

Outrossim, a ampliação de Perelman com O Novo Tratado da Retórica, em que há análises específicas de discursos escritos, trazem estratégias argumentativas que podem ser desenvolvidas nas produções do ciberespaço, com suas afetações pelo digital.

Usaremos os fundamentos tradicionais de Aristóteles (2007), as percepções de Perelman (2005), bem como as investigações de Amossy (2017), levando em conta o viés discursivo em que toda argumentação se inscreve.

Dentro da literatura atualizada sobre a retórica no ambiente digital, assumimos, aqui, as concepções e conceituações da sólida pesquisa de Eyman (2015) e as

contribuições de Xavier (2013), cujo empenho em descortinar as possibilidades da linguagem no ciberespaço o levou a iniciar um olhar investigativo para a performance retórica nesse ambiente.

Para reconhecimento das viabilidades técnicas promovidas pelas plataformas digitais nas diferentes práticas de linguagem, tomamos como base as vultosas pesquisas de Levy (1999, p. 29), para quem o ciberespaço é “um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva”; bem como a contribuição de Marcuschi (2005), o qual, com estudos vanguardistas acerca da hipertextualidade, deixou subsídios para inúmeros trabalhos sobre a organização dos gêneros textuais no ambiente digital. Apoiamo-nos, também, em Xavier (2007; 2013), que desenvolve seus trabalhos sobre hipertexto, ampliando-os para o viés com a retórica digital; e em Paveau (2021), pela recategorização proposta acerca dos discursos inscritos na ecologia digital.

Como admitimos a hipótese de que os estudantes nativos digitais apresentam outras formas legítimas de argumentatividade advindas das interações organizadas em hipertextos, mediadas pela máquina, este trabalho se embasa nos pressupostos teóricos da Linguística de Texto, com as concepções de Koch (2008,); Elias (2016; 2017); Cavalcante (2020), as quais concebem o texto numa perspectiva interacionista e sociocognitivista e o assimilam como “fruto de um processo extremamente complexo de linguagem e interação social, de construção social de sujeitos, de conhecimentos de natureza diversa. (KOCH; ELIAS, 2020. p. 18). Essa complexidade com a qual o texto é concebido favorece a compreensão que assumimos de hipertexto e com a qual este trabalho dialogou.

Entre tantos conceitos sobre “hipertexto”, dialogamos com a percepção de Marcuschi, que considera “hipertexto como um mapeamento de associações possíveis entre textos. Isto é, a tessitura hipertextual funcionaria como uma representação das redes de sentido que estabelecemos na leitura de um texto qualquer.” (MARCUSCHI, 2005, p. 167). Levy (2010, p. 33) conceitua hipertexto como “um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens (...) documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos”. Assim, para o autor, as mobilizações discursivas em um hipertexto percorrem caminhos complexos.

Para a composição da tese, foi necessária uma revisão do estado da arte no intuito de compreender como os estudos que envolvem texto, tecnologia, ensino e argumentação têm se desenvolvido nos últimos tempos.

Iniciamos, portanto, incluindo um importante trabalho de Rojo (2019), que insere às suas incansáveis pesquisas numa perspectiva de letramento, o olhar para as práticas que envolvem o ambiente tecnológico. Nessa obra, dialogando, especialmente, com Kress (2003), Santaella (2005) e Lemke (1998[2010]), Rojo inicia um aprofundamento acerca de conceitos e descrições que envolvem termos como “hipermídia”, “transmídia”, “multimodalidade” e “multissemiose”. Entre críticas e posicionamentos, a autora insere algumas dessas concepções como suporte para as descrições necessárias das práticas de letramentos na complexibilidade de um ambiente, cujas semioses não se inscrevem apenas no ambiente linguístico. Rojo ao abordar as mudanças significativas nos textos digitais e a representatividade desse fenômeno para os novos letramentos, contribui para a exploração que desejamos com este trabalho, ou seja, enxergar as diferentes multissemioses na organização da argumentação.

Martins e Santos (2019) publicaram um relevante artigo sobre o desenvolvimento da argumentatividade de estudantes em plataformas digitais como o *whatsapp*. Vimos, nesse trabalho, uma aproximação com nosso propósito, considerando a abordagem argumentativa em textos digitais, entretanto os autores não chegaram a explorar muitos mecanismos que induzem e conduzem a certas práticas argumentativas. Na verdade, o artigo dialoga com algumas concepções de nossa dissertação de mestrado³, em que já começávamos reconhecendo que “os elementos inseridos na escrita no ambiente virtual tornam-se um objeto relevante de estudo sobre as intencionalidades discursivas” (LIMA, 2012), mas sem oferecer a devida notoriedade da influência que essas ferramentas, que subjazem à escrita digital, promovem na argumentatividade. Nessa mesma perspectiva, Martins e Santos (2019, p. 139) defendem que “as mídias sociais digitais, como *sites* de redes sociais (*Facebook, Youtube, Instagram, Twitter*) e aplicativos de mensagens instantâneas (*WhatsApp, Messenger, Snapchat, Telegram*) podem ser espaços de escrita onde a capacidade de argumentar pode ser incentivada e desenvolvida”, e essa constatação ratifica a necessidade de aproximação dessas práticas entre o digital e práticas escolares.

³ Nossa dissertação de mestrado, intitulada O gênero e-fórum do Orkut: um instrumento de desenvolvimento da argumentatividade, anuncia a contribuição que o ambiente digital propicia às práticas textuais que envolvem argumentação. Entretanto, a busca investigativa se apoiou nas técnicas argumentativas propostas por Perelman em seu Tratado da Nova Retórica, e não considerou os *affordances* do ambiente cibernético.

Sobre essa mesma inquietação, recentes publicações na Revista Abralín desenharam um avanço significativo nos estudos da argumentação e do ambiente digital. Gonçalves-Segundo, Macagno e Azevedo (2021) apresentam algumas publicações sob o título: “Argumentação multimodal: desafios e tendências recentes. Uma introdução ao número especial”, introduzindo o percurso que diferentes trabalhos - 4 (quatro) internacionais e 7(sete) brasileiros - apresentavam consideração a argumentação multimodal.

Os autores retomam algumas teorias da argumentação, mas, sobretudo, reiteram o conceito de argumentação multimodal, partindo do pressuposto de que é possível considerar “uma argumentação multimodal quando significados que podem ser representados na forma de um argumento são construídos pela combinação de mais de uma modalidade”. (MACAGNO; AZEVEDO, 2021, p 724). Embora o termo multimodalidade evoque essa abrangência de análise, os autores discutem algumas distinções que não permitem conceber argumentação multimodal apenas em nível da imagem, ou seja, não permitem apenas contrapontos entre visual e semiologia linguística. Em sua apresentação, permitem se antever as discussões abordadas nos trabalhos da revista, concebendo os processos semiológicos, inferenciais por que passam as construções argumentativas.

Em busca das aproximações com nossa proposta neste trabalho, focamos no ensaio de Seixas (2021), que postula importantes concepções envolvendo “ecologia digital argumentativa” e “retórica multimodal”. Tomando como base os aportes conceituais de Paveau (2020), o autor propõe uma análise nas principais redes sociais, descortinando alguns diferentes modos de argumentar permitidos pelas ferramentas digitais. O autor também enxerga a necessidade dessa atualização nos estudos da argumentação ao defender:

No entanto, como todo saber que evolui com as novas exigências que a história, as sociedades e suas interações apresentam, a retórica tem igualmente se preocupado em expandir os seus horizontes de análise para além da linguagem verbal, absorvendo, já há um tempo, a linguagem imagética e podendo absorver, em tempos atuais, também as variedades semiológicas digitais. (SEIXAS, 2021, p.920)

Nesse sentido, o autor, de fato, conduz a importantes análises, levando em consideração elementos que, *a priori*, eram explorados apenas discursivamente - observando os estudos da Análise do Discurso - em uma associação com as práticas argumentativas. Entretanto, com esse envolvimento com algumas teorias da AD, o foco do trabalho passa a ser a imbricação entre a discursividade e argumentação.

Nossa proposta, no entanto, é desenvolver uma investigação dessa instrumentalização argumentativa de alguns recursos digitais, propondo uma nova categorização para retórica digital.

Numa vertente, majoritariamente pedagógica, a tese de Martins (2019) se propõe a explorar a argumentatividade desenvolvida no *whatsapp*, em busca da contribuição com produções textuais escolares. Inegavelmente, o trabalho do autor evoca uma introdução das práticas argumentativa de estudantes em ambientes digitais como performances que não podem ser mais ignoradas pela escola. O autor defende que “a natureza da argumentação não se encontra essencialmente no tema, mas na forma metodológica como o professor fará a abordagem em sala de aula” (MARTINS, 2019, p. 158). Essa percepção aponta para a necessidade de ampliação do trabalho com argumentação no ecossistema digital.

Não obstante a relevância de sua proposta, suas análises, com algumas categorizações argumentativas, exploram predominantemente as construções verbais, apoiando-se em alguns recursos digitais, mas não ainda com a ampliação argumentativa que a técnica possibilita no ambiente digital.

Uma outra pertinente pesquisa que envolve retórica e ecologia digital foi desenvolvida na tese de Vergna (2020). Em seu trabalho, de caráter documental e descritivo, a autora procura explorar como os principais documentos norteadores do ensino de Língua Portuguesa (PCN, PNE, BNCC, DCN) inserem, em suas orientações, os processos de letramentos que envolvem argumentação no ecossistema digital. Consideramos, portanto, que essa pesquisa não corresponde ao que propomos, mas dialoga com os pressupostos aqui defendidos.

Sendo assim, procuramos situar nossa temática em diferentes instâncias investigativas. Ainda assim, visualizamos alguns pontos não atendidos nas demandas da argumentatividade, ecossistema digital e ensino. Diante disso, selecionamos alguns aportes teóricos com os quais dialogamos nesta pesquisa.

Nosso trabalho se ancora na perspectiva apresentada por Amossy (2018) no que diz respeito à argumentação e interatividade. Ademais, em sua perspectiva, há uma proposta de integração entre os conceitos da nova retórica perelmaniana com novos fundamentos, não apenas com introduções taxonômicas, mas com uma exploração significativa em práticas enunciativas. Verificamos algumas novas categorizações do “auditório”; bem como a atuação do “*ethos*”, como exemplo, “auditório homogêneo” e “auditório compósito”, e o *ethos*, como “dado extratextual”,

conceitos sobre os quais discorreremos na fundamentação teórica.

Foi pertinente, também, à nossa pesquisa, devido à perspectiva de investigação de diferentes textos do ecossistema, introduzir a distinção que a autora traz no que diz respeito a textos “de visada argumentativa” e “de dimensão argumentativa”.

Segundo a autora:

(...) a simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário, não se confunde com uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo. (AMOSSY, 2020, p. 44)

Levando em consideração as diferentes práticas discursivas em que os estudantes estão envolvidos, seja como leitor ou escritor, bem como as concepções de que a argumentação é um pressuposto de todo texto, essa categorização torna ainda mais elucidativo esse processo. Não obstante serem conceitos trazidos, de alguma forma, por Aristóteles, revisitado por Perelman, na ampliação de Amossy, notificamos uma contribuição mais atualizada de alguns fenômenos, como “Doxa, como o poder da opinião comum”; o efeito “dóxico” e o “interdiscurso” nas práticas argumentativas.

Por fim, é de extrema relevância acompanhar a literatura de análises argumentativas no ecossistema digital, considerando o foco de nossa proposição. Embora exista um crescente movimento investigativo voltado à retórica digital, tomaremos com base aqui o sólido estudo de Douglas Eyman (2015) com sua obra *Digital Rethoric*; e, no Brasil, o trabalho de Xavier (2013) em *Retórica Digital*.

Nessa perspectiva, Xavier (2013) delinea o campo de estudo da argumentação, fazendo um levantamento teórico para então chegar à conclusão da necessidade de observar as práticas persuasivas em múltiplos ambientes, numa investigação sobre os mecanismos componentes da retórica em plataformas de comunidades virtuais de língua portuguesa lusitana e lusófonas. Para o autor, “a retórica digital é um efeito da intensa variação no uso pelos sujeitos da língua combinada a linguagens em comunicação mediada por computador”. (XAVIER, 2013, p.99).

Isso nos conduz à compreensão de que, devido à velocidade inerente à ecologia digital, a diversidade de formas de argumentar também se intensifica. O teórico amplia a visão da retórica, numa sistemática incursão da evolução da

tecnologia e dos estudos retóricos, com vistas a uma condução investigativa das formas de argumentação do nativo digital. Em sua organização dos gêneros produzidos *on-line*, alinhados aos propósitos de seus usuários, deixa evidente um pressuposto importante para nossa pesquisa.

É exatamente isso que acontece aos membros das comunidades virtuais da web; eles sabem o que querem e como dizer o que precisa ser dito para se mostrarem pertencentes, pertinentes e influentes retoricamente sobre os demais membros. (XAVIER, 2013, p. 101)

Numa perspectiva mais pedagógica, motivado pelas operações tecnológicas desde as primeiras práticas mediadas pelo computador, Eyman (2015) não apenas acompanhou o desenvolvimento no âmbito da técnica, bem como reconheceu a relevância de aprofundamentos acerca das implicações que a máquina, imbricada às interações humanas, poderia gerar. Em sua preparação inicial até chegar aos estudos da retórica digital, começa a definir que

(...) o computador não era apenas um lugar para armazenar e manipular informações ou realizar complexas funções matemáticas e estatísticas; era também um ambiente em que poderíamos usar para aprender formas de nos comunicar com outros seres humanos. (EYMAN, 2015, p. 3 - tradução nossa⁴)

Começamos a chegar, então, à compreensão da importância dessa incursão na história da argumentação para reconhecer como se pode explorar as novas formas argumentativas. Nessa perspectiva, Eyman (2015), após um rico levantamento da literatura tradicional e contemporânea sobre argumentação ou retórica, tentando, inclusive, elaborar uma definição, postula uma reflexão fulcral para seu trabalho. O teórico notifica a dificuldade de continuar estudos envolvendo as novas mídias sob as mesmas categorizações tradicionais de retórica. Afirma ainda que é necessário que reflitamos “se podemos aplicar métodos retóricos a essas novas formas ou se novos métodos e teorias precisam ser desenvolvidos” (EYMAN, 2015, p.18 – tradução nossa⁵).

É perceptível, então, que os relevantes e históricos estudos acerca da argumentação são substanciais para compreender os diferentes desenvolvimentos argumentativos nas interações humanas, todavia, a elas precisam ser acrescentadas

⁴ “(..) the computer was not just a place to store and manipulate information or perform difficult mathematical and statistical functions; it was also a gateway that we could use to learn about and communicate with other human beings.”

⁵ “(..)consider whether we can apply traditional rhetorical methods to these new forms or if new methods and theories may need to be developed”.

novas conduções metodológicas, tendo em vista a multiplicidade de modalidades interativas permeadas pelas novas tecnologias.

Para imersão acerca das novas práticas no ambiente digital, evidentemente há uma vasta produção bibliográfica, com convergências interdisciplinares, pois, nesse ambiente, esferas distintas da atuação humana estão em evidência. Entretanto, como esta pesquisa se realiza na área da linguística, numa abordagem sócio pedagógica, alguns teóricos são imprescindíveis como referencial. Para isso, assumimos, aqui, as bases epistemológicas de Levy (1999), com as quais é possível não apenas conhecer os primeiros movimentos tecnológicos do ciberespaço, como relacionar a evolução digital com o desenvolvimento interativo-discursivo em práticas enunciativas cotidianas, bem como sua intervenção em diferentes atuações sociais. É por esse motivo que sua obra fundante para essa discussão se intitula “Cibercultura”.

Longe de parecer que se faz uma apologia do ciberespaço, como um encantamento desavisado, pretendemos tão somente reconhecer os espaços que precisam ser explorados para contribuição de atuações ainda pouco exploradas. Levy (1999) postula sobre os dois principais fatores que instigam a essa imersão:

Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação, diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço, nos planos econômico, político, cultural e humano. (LEVY, 1999, p. 11)

Conquanto essas primeiras constatações de Levy datam dos anos 90, percebe-se que as alterações que possam se identificar nos estudos atuais podem ser de ordem tecnicistas, mas não objeta suas prerrogativas acerca da imperativa necessidade de exploração desse espaço.

Em outro estudo do teórico, voltado para “as tecnologias da inteligência”, é possível consolidar alguns conceitos que pretendemos defender neste trabalho. Se o ciberespaço é um ambiente de profusas interações, cuja base é a escrita, possivelmente aos estudos textuais e hipertextuais atuais, abordagens sociointeracionista e sociocognitivista, novos modelos investigativos são acrescidos. Numa concepção do espaço digital como espaços de simulação, Levy (1993) defende:

A simulação por computador permite que uma pessoa explore modelos mais complexos e em maior número do que se estivesse reduzido aos recursos de sua imagística mental e de sua memória de curto prazo, mesmo se reforçadas por este auxiliar por demais estático que é o papel.

(LEVY, 1993, p. 127)

Diante disso, considerando que o ecossistema digital permite, em larga escala, a prática de simulação do ambiente físico, entendemos, também, que os aprofundamentos investigativos podem chegar a outras contribuições para as ações no ambiente escolar.

Levy (2011, p. 20), sobre esse aspecto, faz um questionamento de “como padronizar os processos cognitivos das conversações *on-line* e, ao mesmo tempo, melhorar a gestão de tais conhecimentos?”. Nessa perspectiva, focamos em promover maior interconexão entre práticas digitais e escolarizadas, numa acepção já defendida por Marcuschi (2005) em suas primeiras observações sobre hipertextualidade, ao afirmar que “Este estudo deveria ser ampliado no que concerne ao grave problema das novas formas de comportamento que estão surgindo dos usos incontrolados do computador” (MARCUSCHI, 2005, p. 15). Mesmo considerando que essa predição ocorreu há quase vinte anos, as características dos movimentos no ciberespaço não permitem que essas ideias se tornem obsoletas. Além do mais, conforme Xavier (2009)

Receberão destaque as funções cultural e cognitiva dos mais variados suportes sobre os quais a escrita de texto se concretizou nas sociedades ocidentais como tecnologia enunciativa, e pela qual ela se estabeleceu como modalidade representacional das ideias humanas que logo adquiriu grande prestígio social, histórico e científico. (XAVIER, 2009, p. 50)

Os diferentes estudos sobre hipertexto permitem consolidar essa necessidade de busca pelas suas contribuições, considerando o que Levy (2011, p. 19) afirma sobre a Internet como um ambiente que “tem aumentado consideravelmente nossos processos cognitivos individuais e coletivos, através do acesso a uma riqueza de dados multimídia em tempo real (...)”.

Sendo assim, como base no percurso estabelecido, este trabalho procura dialogar com as concepções da Linguística de Texto, no que diz respeito ao seu conceito de texto e hipertexto, bem como as implicações que essa conceituação promoverá no ensino de língua. Na verdade, procuramos considerar exatamente o ponto em que, nas investigações atuais, os estudos textuais sociocognitivistas deixaram escapar devido às inúmeras afetações que as ações mentais possibilitam na organização da linguagem.

Nessa perspectiva sociocognitiva e interacional, o texto é pensado como uma construção que envolve conhecimentos da língua; das coisas do mundo e de como funcionam; dos sujeitos, suas intenções

e da sociedade em que vivem; dos modelos mentais resultantes de experiências, vivências e práticas interacionais. (ELIAS, 2016, p. 191)

Os fundamentos de uma LT, que desenvolve marcos exploratórios sobre o texto- seu objeto de estudo -, têm sido ampliados devido à veloz inserção de novas formas textuais, considerando, sobretudo, a ecologia digital. Nessa perspectiva, a modulação humana diante das práticas interacionais se realiza sociocognitivamente. Marcuschi (2005) entende que as práticas de linguagem se realizam sob “uma ordem essencialmente cognitiva” e “inteiramente semiotizada”.

Tal percepção inspira a mobilizações que pretendemos identificar em práticas de linguagem cotidiana com estudantes que não se separam de si mesmos em suas construções em outros ambientes, sejam hipermediáticos ou escolarizados. Sobre isso, Marcuschi (2005, p. 50) postula que “nossa condição sociocognitiva é um caminho sólido para superar o pensamento essencialista, já que este movimento insere no núcleo da reflexão a dinamicidade em detrimento do contorno fixo e pronto”.

É um ponto comum entre os teóricos da Linguística de Texto e os linguistas aplicados, quando evocam a questão de texto e ensino, a relevância do caráter interativo para produção textual⁶. Esses conceitos podem ser vistos em Bazerman (2006); Davitt (2004); Miller (2008); Marcuschi (2004), Koch (2008) e Geraldi (2003), para os quais, é indiscutível que nenhum texto pode ser escrito ou falado sem que haja um outro como participante imediato dessa ação discursiva.

Nesse âmbito, as práticas de produção textual em sala de aula têm o compromisso de expandir suas abordagens no que diz respeito às construções argumentativas e interacionais em ambiente digitais e físicos. Nessa perspectiva, essa visão está pautada nas concepções de ensino de língua prevista na Base Comum Curricular, tendo em vista que insere, com uma das competências específicas para Linguagens:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018, p. 490)

⁶ Não obstante este trabalho dedicar-se a investigar os *affordances* condicionadores da argumentatividade, é importante também notificar que, como prática de letramentos, poderemos reconhecer outras contribuições que as interações no ambiente digital podem proporcionar

Para uma concepção de língua pautada na ideia de um fenômeno pelo qual o homem se constitui, organiza-se socialmente, imagina-se, portanto, uma condução pedagógica que encaminhe os cidadãos para essa realidade. Antunes (2006, p. 44) defende que todo professor de língua “é alguém que, com base em princípios teóricos, científicos e consistentes, observa os fatos da língua, pensa, reflete, levanta hipóteses sobre eles e reinventa sua forma de abordá-los”.

Entendemos, então, que necessitamos ampliar as abordagens sobre texto em contexto escolar, à luz da Linguística de Texto, sobretudo sobre as interações por meio dos hipertextos. É por esse motivo que a investigação sobre as construções discursivas em ambiente cibernético é necessária para conscientização do meio acadêmico a respeito da formação de estudantes, que lidam com o mundo também por meio das realidades apresentadas em salas de aula.

1.2 Justificativa

Uma pesquisa se consolida, pragmaticamente, quando consegue contribuir, de alguma maneira, com a sociedade. E, é nessa perspectiva, que este trabalho se propõe a auxiliar, no contexto dos acontecimentos tecnológicos da atualidade, com três segmentos: a) social - na medida em que projeta descortinar as inúmeras possibilidades interativas permitidas por uma ferramenta tecnológica; b) acadêmico – considerando que pesquisas sobre as estratégias argumentativas atualizadas no ecossistema digital, na perspectiva da Linguística de Texto, ainda tem muito o que se investigar e categorizar; c) e educacional – na medida em que se busca indicar a necessidade de novas formas de argumentatividade, processo linguístico-cognitivo, serem ampliadas nas práticas escolares, por meio da interconexão com as interações de estudantes no ambiente cibernético.

É fundamental se constatar que as ferramentas tecnológicas de comunicação surgem numa velocidade, que, muitas vezes, seus usuários pouco conhecem sobre as inúmeras possibilidades comunicativas que elas trazem. Crystal (2005, p.77) afirma que as redes da internet fornecem “uma variedade crescente de serviços, possibilitando que um número sem precedentes de pessoas entre em contato umas com as outras, através de uma série de técnicas.”. Portanto, uma ferramenta com essa dimensão de contribuição social precisa ser melhor investigada.

No âmbito acadêmico, foram efetuadas discussões por meio dos estudos

argumentativos, associados aos fatores de textualidade desenvolvidos na Linguística de Texto, mas com uma proposta de relacionar esses elementos discursivos às novas categorizações da argumentação. Evidentemente, não é inovadora a relação entre discurso e cognição, considerando as diferentes pesquisas envolvendo o ciberespaço e a argumentação (ZEPPEN, 2005; EYMAN, 2015; XAVIER, 2013). Todavia, em um levantamento do estado da arte, ainda não é possível identificar uma exploração categórica da constituição argumentativa em hipertextos, para inserção nos estudos sociocognitivos de texto.

No âmbito educacional, percebemos uma contribuição com poucas referências bibliográficas nos trabalhos atuais, sobretudo, ao se propor a utilização de uma ferramenta digital, de possível uso dos estudantes do ensino básico, como recurso pedagógico para desenvolvimento de sua performance argumentativa.

É inegável o crescimento de aplicativos, sites, games voltados para as práticas pedagógicas, focando no desenvolvimento de diferentes habilidades. Todavia, no que concerne a necessidade de envolvimento de novas percepções teóricas acerca da retórica digital e ensino, esta pesquisa se mostra reconhecedora de um espaço de investigação e prática. “Se pudermos construir teorias eficazes sobre como usar e construir mídias digitais para atuações persuasivas, também podemos ensinar essas teorias e as práticas retóricas derivadas dessas teorias” (EYMAN, 2015, p. 112 – tradução nossa⁷).

Nesse aspecto, Eyman (2015, p. 114 – tradução nossa⁸), em seu trabalho não tão remoto, defende que “a retórica digital se infiltrou irreversivelmente em nossas vidas e, portanto, merece intensa atenção acadêmica, além de simplesmente o reconhecimento de que mais pessoas escrevem e se comunicam por meio de computadores”. Sendo assim, investigar a contribuição dos mecanismos do ambiente digital nas práticas argumentativas, numa perspectiva de ampliar os estudos de hipertexto no ensino básico, se mostra imperativo.

Paralelo a isso, o ambiente digital, que está integrado às práticas cotidianas do

⁷ “If we can build effective theories about how to use and construct digital media for the accomplishment of persuasive enterprises, we can also teach those theories and the rhetorical practices derived from those theories.”

⁸ “Digital rhetoric has irreversibly infiltrated our lives, and so it deserves intense scholarly attention beyond simply acknowledging that more people write and communicate with computers.”

estudante, fornece possibilidades multissemióticas colaboradoras de novas formas de enunciar. Xavier (2015, p. 75) ao afirmar: “telas dos dispositivos digitais de comunicação como painéis luminosos eletrônicos, *desktops*, *notebooks*, *tablets* e *smartphones* conseguem convergir diferentes modos de enunciação”, permite-nos testar a hipótese de que as práticas escolares precisam entender como integrar suas ações pedagógicas às diferentes ações nos novos espaços digitais, com vistas a mobilizar as experiências tecnológicas desse estudante para suas necessidades de otimização. Vemos então, ser imprescindível uma investigação científica, com dados obtidos nas interações comunicativas, que poderá levar a descobertas ainda inusitadas que o ambiente virtual, com sua variedade e dinamicidade, pode proporcionar para a academia e para as práticas em contexto escolar.

É importante aqui deixar claro que, sob o número 6.497.518, em 09 de novembro de 2023, o projeto obteve aprovação do Conselho de Ética, garantindo a continuação da seleção e convocação dos participantes, conforme anteriormente planejado. Ainda em novembro de 2023, fomos em busca das escolas onde formaríamos o grupo de participantes. Essas escolas já haviam sido contatadas para confirmação, no conselho de Ética de sua anuência na participação.

1.3 Hipótese

Nossa pesquisa foi conduzida pela hipótese de que a exploração das práticas interativas dos estudantes da educação básica no ciberespaço pode contribuir para legitimar e dar visibilidade à sua capacidade argumentativa em demandas escolares, tendo em vista as diferentes possibilidades dos dispositivos digitais. Com isso, acreditamos que o reconhecimento dos diferentes mecanismos digitais a serviço da persuasão poderá tornar as conduções argumentativas dos nativos digitais instrumentos de aprendizagens.

Nos estudos mais atualizados da Linguística de Texto, percebemos um diálogo relevante entre argumentação e as mais variadas práticas enunciativas, e esse alinhamento é bem representado por Macedo (2018), Amossy (2020), entre outros. Nossa investigação assume a argumentação como parte constitutiva da linguagem verbal, portanto parte constitutiva de textos e discursos das mais variadas esferas de enunciação.

As tecnologias digitais, notadamente o hipertexto, pareceu-nos viabilizar o desenvolvimento de práticas retórico-argumentativas mais alinhadas às expectativas

dos estudantes nativo digitais. Eyman (2015), por meio de cursos com textos digitais de estudantes e publicações desses textos em seu jornal *Kairos*, avaliou as diferentes possibilidades retóricas existentes nas práticas em ambientes cibernéticos.

Os trabalhos que publicamos na *Kairos* deveriam idealmente invocar a retórica por meio do design do ecossistema; os estudantes deveriam apresentar seus argumentos não apenas verbalmente, mas também visual e estruturalmente - nesse sentido, a estética também se torna retórico.

[...] O cerne do argumento neste trabalho é apresentado através do requisito de interação - em cada tela, o usuário pode mover elementos, clicar neles, ou passar o mouse para alcançar efeitos diferentes; o usuário é apresentado a uma nova tela de possibilidade interativa em resposta às ações do usuário. (EYMAN, 2015, p. 124 - tradução nossa⁹)

O editor da *Kairos* antecipou, em suas análises, como algumas ferramentas digitais contribuem de forma distinta, portanto precisam ser mais bem investigadas dentro das possibilidades da retórica digital.

Trabalhamos com a perspectiva de que os mecanismos existentes no ciberespaço permitem que os estudantes desenvolvam a capacidade de argumentação pelo imbricamento constante com os recursos técnico-expressivos disponibilizados pelos ambientes tecnológicos digitais. Embora inspirada por Levy (1994, p. 67) defensor de que “o ciberespaço poderia abrigar agenciamentos de enunciação produtores de sintomas políticos vivos, (...), abrir o leque das singularidades e das divergências (...)”, mergulhamos nesse universo de produção, a fim de identificar como, de fato, isso acontece. Entendemos que, se os jovens estudantes estão produzindo a visão sobre mundo mediado por conexões tecnológicas, isso precisa ser notificado, e as formas como isso acontece precisam ser identificadas.

Outrossim, os extensos trabalhos que envolvem ricas investigações sobre a influência do ciberespaço nas práticas de linguagem, como já identificado na Análise do Discurso, com Paveau (2021), por exemplo, têm focado nas inúmeras implicações

⁹ “The works we publish in *Kairos* should ideally invoke rhetoric as design as well as design as rhetorical practice; scholars should make their arguments not just verbally but also visually and structurally—in this sense, the aesthetic becomes rhetorical as well. [...] The crux of the argument in this work is presented through the requirement of interaction—in each screen, the user can move elements, click on them, or mouse-over to achieve different effects; the user is presented with a new screen of interactive possibility in response to the user’s actions.”

da máquina no sujeito. Entretanto, buscamos entender como essa inserção mobiliza práticas de argumentação tecnologicamente motivadas. Ainda que Paveau (2021, p. 15) defenda que a tecnologia discursiva favorece, assim, uma explosão criativa de textos coproduzidos com a máquina, (...)”, essa constatação, por interesse e aporte epistemológico da autora, está focada nas abordagens da Análise do Discurso. Por outro lado, neste trabalho, enxergamos uma ampliação das pesquisas da Linguística de Texto, no âmbito da argumentação, voltadas para as formas de exploração da argumentatividade do jovem mediada pelo computador.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

- Investigar como os mecanismos digitais operam como recursos de argumentação nas práticas cotidianas de estudantes do Ensino Médio e que contribuições podem ocorrer nas novas percepções da Retórica Digital.

1.4.2 Objetivos específicos

- Explicitar os desdobramentos dos estudos da argumentação em novas estratégias *tecnoargumentativas*, observando a operacionalização entre um dado da máquina e a manipulação do sujeito nativo-digital.
- Investigar como a argumentatividade pode ser explorada no ambiente cibernético, bem como antever as performances argumentativas de estudantes nativos-digitais.
- Descrever de que maneira o ecossistema digital, com suas ferramentas e contínuo desenvolvimento tecnológico, tem norteado as práticas sociointerativas na Era Digital e promovido o surgimento de novas formas argumentativas.

Com esses objetivos, o presente trabalho intencionou descrever os processos de argumentação dos estudantes fora do ambiente escolar, especialmente na rede social X (*Twitter*), permitindo uma conexão com suas práticas de produção de texto argumentativo já realizadas academicamente. Na verdade, este trabalho se propõe buscar potencialidades ainda não aproveitadas em produções escolares.

O percurso proposto por este trabalho se realiza, na Seção Dois, com uma incursão histórica sobre o desenvolvimento da tecnologia, focando nos

desdobramentos da internet e a inserção digital de alguns artefatos dos algoritmos.

A Seção Três foi dedicada a uma revisitação das teorias da Argumentação, com intenção de validar conceitos da Retórica Clássica, da Nova Retórica, culminando nos estudos da Retórica digital. Nessa seção, nos propomos criar algumas categorizações argumentativas digitais, permitindo que essas novas conceituações servissem de base para as análises das produções no X (*Twitter*) dos estudantes. A Seção fecha com a integração da perspectiva da argumentação à luz da Linguística de Texto.

A Seção Quatro apresenta a construção metodológica do trabalho. Nela, buscou explicitar a arquitetura do trabalho, de forma a justificar como as análises aconteceram e sob que categorizações teóricas.

Por fim, a Seção Cinco colocou em prática as discussões teóricas sobre a *tecnoargumentação* na análise dos dados coletados na rede social X (*Twitter*). Nesse processo de análise, pretendíamos entender como a argumentatividade poderia ser explorada no ambiente cibernético, bem como observar as performances argumentativas de estudantes nativos digitais visibilizadas e ressignificadas em suas práticas de escrita escolar.

2 INCURSÃO HISTÓRICA DAS PRÁTICAS MEDIADAS PELO COMPUTADOR

Não obstante a visível consolidação das práticas humanas no ambiente mediado por computadores, tendo em vista que as primeiras iniciações nesse ambiente ocorrerem por volta de 1945, reconhecemos que as implicações e desdobramentos nesse meio ainda desafiam as diferentes áreas do conhecimento. Há um caráter de multiplicidade, de infinitude que nos inquieta a buscar respostas que, talvez, em poucos dias, já não bastem para o fazer científico. Por esse motivo, nesta seção, propomo-nos investigar as diferentes mobilizações proporcionadas pela evolução tecnológica no ambiente digital, reconhecendo que tais movimentos estão imbricados com as atualizações sócio-históricas da humanidade.

Ao construir um paralelo com a evolução das diferentes formas de comunicação e de manifestações da linguagem, percebemos que as atualizações e adaptações sempre ocorreram, com descobertas e reintegrações humanas. Nessa perspectiva, o presente trabalho recorreu aos estudos do ciberespaço de Lévy, suas abordagens um tanto “proféticas” acerca desse ambiente. Outrossim, devido à constatação da característica de velocidade na atualização do ciberespaço, será necessário manter constantes buscas em pesquisas atualizadas, as quais, em grande medida, retomam conceitos e investigações já realizadas.

Este trabalho pretendeu chegar a análises estritas acerca de argumentatividade no ciberespaço. Isso implica uma busca paralela entre técnicas e práticas de linguagens, observando como esses e outros elementos se comportam e como favorecem uma manifestação argumentativa.

Sendo assim, ao longo desta seção, abordaremos a evolução das técnicas, tecnologias a partir da era computacional, ampliada pela inserção da internet e pelos mecanismos digitais no ciberespaço; a relação do espaço cibernético e as conduções sociais da humanidade, numa interferência de reciprocidade; as mudanças nas práticas da linguagem, incluindo sua instrumentalização ou matematização. Levamos em consideração que o aprofundamento das instrumentalizações que compõem o ciberespaço subsidiará outros mecanismos que determinam novos comportamentos argumentativos.

2.1 O lugar das tecnologias digitais na humanidade

A princípio, pode parecer uma atuação científica um tanto desgastada a tentativa de tecer um viés comprobatório sobre a relevância da tecnologia na construção histórica da humanidade. Na verdade, o interesse, aqui, é reforçar o fenômeno que se vive na atualidade com as discussões sobre homem e máquina. Fundamentalmente, projetamos entender o movimento frenético do ambiente cibernético, que advém da realidade computacional, associado ao surgimento da internet, mas necessitamos retomar algumas posturas do homem com a tecnologia, para reconhecer onde surgem as demandas e afetações.

Sobre essa relação do técnico com o homem, Vieira afirma:

Sendo um ato definidor da existência humana, porque exprime a condição primordial da conservação dela, permitindo ao ser vivo conservado raciocinar sobre si, é a ele que compete natural e originariamente a qualificação de 'técnico'. Ao conceituá-lo como a característica de uma ação, e a isso se resume todo o conteúdo do termo 'tecne', o homem quer exprimir que o ato realiza, enquanto mediação, o fim intencional do agente. Revela-se-nos, com isso, a essência da técnica. É a mediação na obtenção de uma finalidade consciente. (VIEIRA PINTO, 2005, p. 175 *apud* COSTA E SILVA, 2013)

Poderíamos voltar aos primeiros movimentos tecnológicos da humanidade, ainda no período Paleolítico, com a inserção de armas, fogo e outras ferramentas para entender a imbricação entre homem e máquina, mas poderíamos incorrer no erro de associar a técnica a aspectos apenas funcionais, materiais. Levy (1993 [2010], p. 10) evoca a relação do homem com a tecnologia de forma um tanto metafísica, ao defender que “as categorias usuais da filosofia do conhecimento, tais como o mito, a ciência, a teoria, a interpretação ou a objetividade dependem intimamente do uso histórico datado e localizado de certas tecnologias intelectuais.” Sob esse aspecto, notamos que o percurso na formação das tecnologias digitais tem sido resultado da incessante experimentação do ser humano com o desafio de atuar no mundo além de suas condições anatômicas.

Ceruzzi (2012) realiza uma importante incursão histórica sobre a fundação das tecnologias digitais, conduzindo a uma apropriação das pequenas peças de invenções desenvolvidas há séculos, como precursoras evolutivamente do processo autômato em que se vive hoje. Assim sendo, a constatação da necessidade de cálculos por meio de seixos e, em seguida, com os dispositivos conhecidos hoje como ábacos, permite-nos entender que subjazia um crescente anseio de ampliação das condições

humanas. Com essas ferramentas, Ceruzzi (2012) informa que era possível não apenas memorizar os números como adicionar dígitos para realização de cálculos.

No século XVII, Pascal, Wilhelm Schickard e Leibniz, cada um com sua contribuição e superação entre si, desenvolveram máquinas que não apenas somavam, mas multiplicavam. Numa relação de extensão cognitiva, esses cientistas já estavam relacionando os feitos científicos a novas posturas mentais. Nessa mesma perspectiva, é importante mencionar que as máquinas de calcular, após esse período, só vieram ter um uso exponencial no século XIX, devido ao crescimento comercial e de diferentes negócios da época. Depois disso, segundo Ceruzzi (2012), houve avanço na construção de novas calculadoras, com atuações cada vez mais avançadas, ainda que mecanicamente, mas foi uma das invenções de Williams Burroughs que começou a se aproximar dos computadores atuais, pelo fato de alguns dos elementos de suas calculadoras eletrônicas serem, ainda hoje, artifícios presentes em aparelhos computadorizados.

Em 1890, Herman Hollerith desenvolveu um sistema de codificação e armazenamento de informações por meio de cartões perfurados. Ceruzzi (2012, p. 6-tradução nossa¹⁰) notifica que “Hollerith desenvolveu não apenas o cartão perfurado, mas um conjunto de máquinas que usavam esses cartões para classificar, recuperar, contar e realizar cálculos simples sobre dados perfurados em cartões.”¹¹ Em seguida, com a introdução da eletricidade no sistema de Hollerith, aproxima-se, então, dos modelos computacionais desenvolvidos no período da II Guerra Mundial.

O que nos impulsiona a percorrer essa incursão histórica, que culmina na construção dos primeiros computadores, é a busca pela compreensão da postura da humanidade nessa trajetória. Vemos, assim, que a busca do homem por tecnologizar suas limitações sempre foi um anseio contínuo. Ceruzzi (2012) retoma conceitos, releituras de antigas descobertas, desenvolvimento de achados científicos modernos com bases em representações medievais, descortinando os movimentos em busca de anseios mais humanos que tecnológicos. Levy (2010), sobre essa visão, assevera:

Quanto valeria um pensamento que nunca fosse transformado por seu objeto? Talvez escutando as coisas, os sonhos que as precedem, os delicados mecanismos que as animam, as utopias que elas trazem atrás de si, possamos aproximar-nos ao mesmo tempo dos seres que as produzem, usam e tocam, tecendo assim o coletivo misto, impuro, sujeito-

¹⁰ “Hollerith developed not just the punched card but a suite of machines that used cards to sort, retrieve, count, and perform simple calculations on data punched onto cards.”

¹¹

objeto que forma o meio e a condição de possibilidade de toda comunicação e todo pensamento. (LEVY, 2010, p. 11)

A valorização da tecnologia evidenciada por Levy, como um objeto de extensão da realização humana pode ser considerada como uma supremacia indevida. Considerar que esse objeto é responsável por toda possibilidade de comunicação parece restringir um tanto as habilidades cognitivas do ser humano. Faz-nos, inclusive, refletir acerca de visões distintas como as de Pinker (1998, p. 14) ao defender que “A mente, como a espaçonave Apolo, é projetada para resolver muitos problemas de engenharia, sendo, portanto, equipada com sistemas de alta tecnologia, cada qual arquitetado para superar seus respectivos obstáculos”.

Essa concepção parece arrefecer um tanto um poder que se tem projetado sobre as tecnologias atuais, por mostrar como a formação mental do homem pode atuar de forma admiravelmente completa. Entretanto, não pretendemos, aqui, defender os mecanismos que podem mais ou menos, mas observar os movimentos da humanidade em busca do que este homem não acredita ou não compreende como condição de poder. Na verdade, pontuamos que as formas habilitadas tecnicamente para o fazer humano só existem pela sua intervenção direta.

Nessa perspectiva de busca por uma técnica que “amplie” as habilidades humanas, o final do século XIX e início do século XX continuam marcados por pequenas revoluções tecnológicas, à sombra da Revolução Industrial, reorganizando parte da humanidade em diferentes atuações. Antes da chegada do que conhecemos como computador hoje, o homem acompanhava a velocidade dos interesses e práticas econômicas por meio de suas recentes máquinas. Para refletir acerca das afetações do tecnológico na inteligência coletiva, Levy (2010) desenha um tanto o cenário da época.

O século XX só elaborou reflexões profundas sobre motores e máquinas operatrizes, enquanto a química, os avanços da impressão, a mecanografia, os novos meios de comunicação e de transporte, a iluminação elétrica transformava a forma de viver dos europeus e desestabilizavam os outros mundos. (LEVY, 2010, p. 8)

Reconhecemos, então, situações antagônicas por meio de uma profusão de descobertas tecnológicas. Afetações que corroboram a ideia de que as provocações técnicas que o homem produz nessa ambição de alcançar o inalcançável “transforma” e “desestabiliza”. Não obstante se tratar, nesse momento, de uma desestabilização social e econômica, esses dois processos nunca deixam de coexistir, independente das ordens de afetação. Trata-se de uma reflexão filosófica, a qual permeia as

atuações mais contemporâneas e nos permite introduzir os envolvimento discursivos nas construções técnicas.

Nessa mesma perspectiva, Ceruzzi (2012, p. 15 – tradução nossa¹²), ao tratar da interface entre homem e máquina, indaga se “está se tentando criar um substituto mecânico para o ser humano ou uma ferramenta que funcione em simbiose com humanos, uma extensão das faculdades mentais humanas”? Essa análise, levando em consideração as primeiras invenções dos mecanismos computacionais, tomará proporções ainda mais instigantes com a inserção revolucionária da internet com todos seus mecanismos inerentes. Mas essa discussão retornaremos mais à frente.

Nessa mobilização tecnológica, com envolvimento sociais, históricos, econômicos e culturais, vão se costurando, fio a fio, a engrenagem computacional. Ainda nessa construção, é importante notificar, também, a Máquina Analítica de Babbage – considerado, por suas produções semelhantes aos *softwares* modernos, como o pai da computação -, o que ratifica o princípio de que as mais complexas operações informáticas nasceram de experiências inimagináveis.

Ceruzzi (2012, p. 11- tradução nossa¹³) constata isso ao afirmar que o “computador moderno é uma convergência de fluxos separados, com manipulação de informações, cada um com sua própria tradicional e rica história tecnológica”. Observar hoje a dinâmica da evolução computacional constitui uma constatação superficial de todo processo. A ciência não existe na enganosa percepção de completude da individualidade. São as intuições, permeadas por pesquisas e atuações empíricas, de que derivam as mais complexas técnicas da atualidade.

É curioso, por exemplo, que a denominação tão atual de “Era digital” (cuja palavra base é “dígito”, de origem latina – *digitus*- que significa “dedo”) retome as primeiras bases de numeração sexagesimal, em que os dedos das mãos, com suas falanges, permitiam cálculos reconhecíveis até hoje (CERUZZI, 2012-tradução nossa¹⁴). O fato é que, a partir das diferentes contribuições, especificamente a partir do sistema de tabulação para censo de Hollerith, grandes empresas começaram a

¹² “Are you trying to create a mechanical replacement for a human being or a tool that works in simbyosis with humans, an extansion of the humans mental facultaties?” .

¹³ “(...)modern computer is a convergence of separate streams of information handling each with its own rich tradition of thecnological history”.

¹⁴ “(...) os sumérios contavam de uma forma diferente, para cada unidade, eles usavam um polegar para contar uma falange de um dos outros quatro dedos. Ao chegar a 12, guardavam o valor em um dedo da outra mão. Dessa forma, cada dedo da outra mão correspondia a 12 unidades. (...) uma mão com cinco dedos representava 60 unidades. Se observarmos, cada hora tem 60 minutos, e cada minuto, 60 segundos. A base sexagesimal ajudou a estabelecer diversas outras bases de medida.”

assumir, mais pragmaticamente todo o sistema para diferentes aplicabilidades: a princípio, a CTR (Computing-Tabulating- Recording Company), e, posteriormente, a IBM (International Business Machines Corporation) já comandada por Thomas Watson.

Reiterando o fato de que os movimentos tecnológicos estão sempre imbricados e a serviço dos interesses e demandas da humanidade - sejam eles alusivos a quaisquer áreas de suas atividades – foi no período da II Guerra Mundial que o computador assumiu novas formas de atuação. Segundo Vasconcelos (2016, p. 17), “A ideia do projeto era ajudar no desenho de novas armas, no cálculo de trajetória de artilharia e desvendar códigos secretos do inimigo”.

A despeito das contribuições importantes de matemáticos e engenheiros alemães, suecos, foi nos Estados Unidos, por meio de estudantes de Havard e com o importante e arrojado investimento da IBM, que a máquina computacional começa a operar voltada para propósitos além da contabilização. Foi denominado de Mark I¹⁵, com características bem distintas do que conhecemos hoje.

Robusto, o Mark I funcionava e era programado por fita de papel, ocupava 120 m³, possuía 18 metros de comprimento, dois metros de largura e pesava 70 toneladas. 7 milhões de peças o constituíam, a fiação chegava a 800 km. De acordo com relatos, ele conseguia multiplicar 10 dígitos em três segundos. Esta foi a primeira invenção eletromecânica de efetuar cálculos sem a interferência humana. (VASCONCELOS, 2016, p. 18)

A característica de automação, tão cara para as performances atuais associadas à Inteligência Artificial, projetava-se como uma realidade efetiva àquela época. É importante refletir, com o surgimento dessa máquina, acerca do momento vivido pela humanidade. Não obstante o uso dessa engenharia não surgir das mãos do cidadão comum, nem por ele ser usado, devido ao alto nível de conhecimento exigido para a manipulação, o resultado de sua utilização atingiria o homem de um período de guerra.

Independente da classe social ou ao grau de escolaridade que o indivíduo estivesse inserido, em qualquer parte do planeta, o computador representaria uma necessidade de todos. Entre necessidades de ataques e defesas; com riscos de mortes; com afetações sociais e econômicas, o Mark I se apresentava como uma

¹⁵ “As pessoas não sabiam ao certo como chamar o Mark I. A denominação ‘computador’ era conferida à descrição do trabalho de uma pessoa que executava operações matemáticas complexas. (...) Por volta de 1945, o termo ‘computador’ foi empregado na descrição de máquinas como essas.”

extensão de uma precisão coletiva. Ainda que a motivação para os investimentos dessa máquina tenha sido de ordem belicosa, não anula a relação que sempre houve entre a inteligência humana e a tecnologia.

Entretanto, foi nos Estados Unidos, em 1946, após a finalização da guerra, que os pesquisadores Eckert e Mauchly anunciaram o Eniac (Electrical Numerical Integrator and Calculator), “considerado o primeiro computador digital em grande escala”, segundo Vasconcelos (2016, p. 22). Mesmo com um funcionamento com gigantescos problemas, desde a dificuldade de operacionalização, devido ao seu tamanho até seu avultado consumo de energia, o legado do Eniac é reconhecido nos mais modernos computadores atuais:

O Eniac carrega uma longa série de inovações em seu legado que tornaram possível a internet que existe hoje. O projeto também teria apontado uma confiança no futuro, incorporando conceitos e inovações que foram muito além daqueles desenvolvidos por pesquisadores e inventores anteriores.

O computador funcionou até 1955, com melhorias e algumas ampliações. Dizem que durante a sua vida útil realizou mais cálculos matemáticos do que toda humanidade havia feito anteriormente. (VASCONCELOS, 2016, p. 24)

Essa atmosfera de desenvolvimento tecnológico, com superações ostensivas, evidenciava as conquistas estruturantes do arcabouço digital. Entretanto, as limitações e dificuldades de funcionamento impulsionavam os programadores e engenheiros a buscar novas formas de ação computacional. Segundo Chandler (2002, p. 123), “Outros vinte foram produzidos no início da década de 1950.”. Numa busca de redução de tamanho, de gasto de energia, e de outras complicações, “a equipe de Eckert-Mauchly, criadora do computador ENIAC, lançou sua segunda criação, o UNIVAC I (*Universal automatic Computer* – computador automático universal), para o *U.S. Census Bureau*”. É então que se iniciam as novas perspectivas para a utilização do computador: de demandas estritamente militares para uso comercial.

2.1.1 O processo de programação e a ampliação do computador

As elucubrações realizadas acerca da linguagem da programação do mundo cibernético geram inquietações e curiosidades nas ciências humanas devido ao aspecto de imbricação entre a atuação humana e as ferramentas mecânicas. Não obstante o caminho que a programação na informática tomou, com uma movimentação por vezes inalcançável para um utente comum do ciberespaço, seus

primeiros passos foram traçados, também, ainda no século XIX. Mas é relevante, a priori, reconhecer o papel da programação no mundo da informática.

A programação informática é um processo que se organiza por meio de códigos, com suas linguagens, as quais variam em relação à sintaxe, semântica, mas que participam de uma mesma estrutura básica. São processos que seguem uma orientação matemática que organizam dados e interagem com o utilizador.¹⁶

Esse reconhecimento sobre a dinâmica na linguagem que subjaz o funcionamento de um computador é fundamental para o que se propõe nesta pesquisa. Como objetivamos descortinar as diferentes formas em que a argumentação se organiza no espaço digital, percebemos que, com a programação, que instrui as operações no computador, podem-se definir diferentes arranjos discursivos.

Antes mesmo de registrar a contribuição das linguagens de programação atuantes na contemporaneidade, é importante retomar sua origem, não apenas pelo significado do desenvolvimento tecnológico, bem como pela conexão com a inserção da mulher nesse cenário. Ada Lovelace (curiosamente a filha do poeta Lord Byron) foi considerada a primeira programadora da história. Vasconcelos (2016) registra que Ada, enquanto contemporânea de Babbage, trabalhou com ele nas primeiras máquinas de cálculo, registrando as primeiras notificações sobre algoritmos.

Ada Lovelace torna-se um marco na história ao ocupar, enquanto mulher, um lugar de destaque no mundo da informática, que predominantemente é ocupado por homens. Vasconcelos (2016, p. 13) ainda acrescenta que “Uma das maiores contribuições da Condessa foi ter registrado academicamente o processo de criação de um algoritmo”. Sendo assim, os princípios norteadores das mais avançadas linguagens de programação da Era Digital contemporânea têm sua base em séculos anteriores, corroborando a premissa de uma ciência de diálogos e releituras. Pretendemos percorrer um caminho na Era Digital para compreender melhor que as formas de persuasão se ampliarão em relação àquelas meticulosamente apregoadas por Aristóteles em relação àquelas ampliadas pela Nova Retórica. E o avanço das linguagens de programação tem um papel estruturante nisso.

¹⁶ Disponível em; <https://datascience.eu/pt/programacao/o-que-e-programacao-de-computador/>
Acesso em 26 de jun de 2023.

O aperfeiçoamento da programação se deu com a chegada da internet e os computadores pessoais. A combinação de ideias antigas colaborou para o avanço. (...) Java é uma das mais populares até hoje. Relativamente simples, é orientada para objetos e foi criada para revolucionar a programação. PHP também foi fundamental para o surgimento de aplicativos *web*, muito *sítes* ainda utilizam essa linguagem. (VASCONCELOS, 2016, p. 15)

Assim, a progressão dos dispositivos computacionais tomou novas proporções, acompanhando e servindo aos movimentos sociais, econômicos e culturais. Ao se desligar das esferas militares e bélicas, as tecnologias digitais procuravam o contorno comercial e industrial. Nesse período, o envolvimento de cientistas, engenheiros eletrônicos, empresas de tecnologia permitia descobertas e atuações importantes, mas foi a IBM que “definiu o caminho de aprendizagem para *mainframes* da indústria de computadores e o fez em uma escala mundial”, conforme registra Chandler (2002, p.136).

A tecnologia digital estava agora em busca de um consumidor com outras demandas de interesse econômico. Entrava-se na era dos computadores comerciais. Entre 1952 e 1958, as novas aquisições e inovações em torno do computador ocorrem com maior velocidade e com a contribuição de diferentes empresas de tecnologia. Essas mudanças se davam desde a criação de *softwares*, disco rígido para gravação de dados, diminuição de tamanho dos computadores, entre outros feitos e artefatos, que preparavam a máquina para usos pessoais e para a internet.

Defendemos, com essa incursão histórica, que o homem estava se preparando para novas atuações por meio da máquina. Já a essa época, mudanças significativas aconteciam. Vasconcelos (2016) relata prenúncios de uma automatização que levaria à Inteligência artificial que vivemos hoje. Primeiros videojogos; acompanhamento de eleições presidenciais¹⁷; primeiro telefone móvel; dispositivos para armazenamento de memória até o surgimento dos primeiros microcomputadores foram as primeiras indicações de que a humanidade estava se integrando a uma Nova Era Digital.

2.1.2 A pessoalização do computador

O acompanhamento do desenvolvimento da máquina computacional nos fez entender os movimentos da humanidade na organização de suas vidas por intermédio de uma ferramenta que se aproximava das demandas pessoais. Evidentemente que

¹⁷ Vasconcelos (2016, p. 26) retoma que “a eleição de 1952 coroou os resultados apresentados pela Univac.”

essa constatação não ignora os inúmeros avanços tecnológicos que mudaram a vida da humanidade, tampouco pretendemos dar ao computador o lugar extraordinário em relação ao homem. Na verdade, o conhecimento de cada aprimoramento da informática nos leva a identificar as implicações que essa engenharia tem provocado na atuação do homem em esferas social, linguística e cognitiva. Turkle notifica essa constatação no seu processo de investigação com profissionais envolvidos nessa construção computacional.

(...) o processo de construção e programação de computadores foi a mais poderosa experiência intelectual e emocional de suas vidas, uma experiência que mudou a forma de pensar sobre o mundo, sobre os relacionamentos com o outro e, sobretudo, sobre eles mesmos. (TURKLE, 2004, p. 10 - tradução nossa¹⁸)

A princípio, a autora considerou uma manifestação um tanto “extravagante” considerando seus estudos sobre os grandes computadores comerciais, entretanto, quando essas construções computacionais chegaram ao uso pessoal, essa visão de afetação intelectual e emocional do homem com o mundo passa a ter uma nova conotação.

A introdução de computadores pessoais tomou proporções mais efetivas com a eclosão das duas maiores empresas de tecnologia digital: Microsoft e Apple. Não obstante terem surgido sob uma atmosfera competitiva, foi esse caráter que impulsionou o crescimento de cada uma, tornando-as, simultaneamente, as maiores produtoras do sistema operacional dos computadores individuais. Vasconcelos (2016, p. 31) afirma que “Em cada área uma leva vantagem sobre a outra, mas as duas figuram entre as marcas mais valiosas do mundo.”. Essa valorização toma proporções à medida que o computador fará parte das diferentes ações do homem.

Desde então, o computador iria escapar progressivamente dos serviços de processamentos de dados das grandes empresas e dos programadores profissionais para tornar-se um instrumento de criação (de textos, de imagens, de música), de organização (bancos de dados, planilhas), de simulação (planilhas, ferramentas de apoio à decisão, programas para pesquisa) e de diversão (jogos) nas mãos de uma população crescente dos países desenvolvidos. (LEVY, 1999. p. 31)

Evidentemente que essa projeção de Levy, por mais pressagiada que tenha sido, não consegue, a essa época, determinar os processos criativos que o mundo computacional promoveria em todas as esferas humanas. Ao referir-se aos novos

¹⁸ “(...) building and programming computers was the most powerful intellectual and emotional experience of their lives, an experience that changed the way they thought about the world, about their relationships with others, and, most strikingly, about themselves.”

processos do computador como “um instrumento de criação”, antecipa muitos acontecimentos do espaço cibernético, mas, como veremos na construção deste trabalho, muitos fatos também se descortinam instantânea e velozmente.

A partir da década de 1970, especialmente por meio de Steve Jobs e Bill Gates, idealizadores da Apple e Microsoft respectivamente, a realidade de usos computacionais para instrumentação individual inicia sua trajetória. Entre parcerias entre empresas, alegações de “plágio” de descobertas, fracassos de invenções, a Apple e a Microsoft materializaram o fenômeno da introdução de uma máquina nas diversas áreas das relações humanas. Entre esses desafios estava a execução de uma interface entre teclado, computador e *mouse*, uma das estruturas fundantes da individualização do computador.

Vasconcelos (2016) registra que, na década de 1980, a Microsoft se destaca na consolidação dos mecanismos básicos do computador, abrindo o caminho para os caminhos cibernéticos. No “topo do pódio mundial em tecnologia”, a empresa desenvolveu o uso de “mais de um programa ao mesmo tempo”. Já se configurava uma “interface colorida, ícones e até alguns aplicativos(...) Agora era só apontar o mouse para o que queria se abrir, sem códigos” (VASCONCELOS, 2016, p.36).

O que, hoje, de forma um tanto metonímica, denominamos de “tela”, também fez parte de um processo de inclusão e de evolução do computador pessoal.

As telas, cujo uso só generalizou-se no fim dos anos setenta, foram durante muito tempo consideradas como “periféricos”: os primeiros microcomputadores eram vendidos sem os tubos catódicos aos quais estamos habituados hoje. Desde então, tornou-se impensável usar um computador sem tela, a tal ponto que o monitor e o teclado passaram a simbolizar a própria máquina. (LEVY, 1993, p. 102)

Essa simbologia do “monitor” e “teclado” foi se atualizando para “telas”, considerando a proliferação de dispositivos, com outras interfaces, outras inovações, mas, com a preservação da tela como o acesso principal à máquina. A princípio, o que se configura como ferramentas materiais se tornarão objetos de averiguação nas suas relações com o homem e a sociedade.

Após algumas evoluções em seu produto operacional, sobretudo no processo de formação do sistema *Windows*, iniciaram-se as investidas para uma rede de conexão entre computadores: a internet. As condições tecnológicas por meio do computador atingem pontos inimagináveis, permitindo uma abrangência que são focos contínuos de investigação.

2.2 A Era da internet e seus desdobramentos

Quando pensamos em investigar alguns efeitos das manifestações da linguagem no ambiente cibernético, fomos movidos pela consciência de que o evento da internet instituiu - ou tem instituído - muito mais que um comportamento ativado pela tecnologia. Considerando que sua base está na comunicação, conexão entre partes, evidenciam-se formas de linguagens para composição dessa nova atuação tecnológica. Nessa perspectiva, algumas particularidades que advieram da internet são fontes de reflexão filosófica, histórica, sociológica, linguística, entre outras.

Quando Lévy (1999) realiza suas primeiras elucubrações acerca do espaço cibernético - para isso considerando a existência da internet - traz à reflexão a concepção do poder “determinante” ou “condicionante” da tecnologia. Sua visão, permeada por analogias significativas, conseguem traduzir, precipuamente, as interferências que essa Era Digital tem provocado na humanidade. Acompanhamos sua concepção de que “A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização”. (LÉVY, 1999, p. 25)

Inicialmente, a criação da internet esteve ligada às necessidades militares e governamentais. Idealizada no período da Guerra Fria, denominada ainda como Arpanet, tinha a função de monitorar a comunicação, numa atuação de defesa das forças norte-americanas contra a Rússia. Vasconcelos (2016, p. 39) assinala que “As mensagens enviadas pela Arpanet eram codificadas para garantir a segurança.” Registra, ainda, que, inicialmente, sua “função seria conectar as universidades de Stanford, Los Angeles, Santa Barbara e Utah”. Uma interconexão ainda tímida que prenunciava uma rede intergaláctica de comunicação.

O grande impulsionador para iniciar a ativação do mundo digital em que vivemos hoje foi a criação da *World Wide Web* (WWW)¹⁹. Planejado para a execução de trabalhos em universidades, compartilhados por meio de computadores, em diferentes lugares, esse sistema toma outras proporções de uso, sobretudo após a criação da criptografia de dados. A Netscape, nessa mesma época, cria a *HiperText*

¹⁹ O termo WWW (Rede Mundial de Computadores) “foi criado por Tim Berners-Lee, um engenheiro britânico que colocou suas ideias em prática enquanto trabalhava e mudou a vida de todo mundo. Ele fundou a *World Wide Web*, e permanece na diretoria até hoje. É diretor do *World Wide Web Consortium*, cofundador do Instituto Open Data (ODI) e ocupa cargos acadêmicos no Instituto de tecnologia de Massachusetts e da Universidade de Southampton (Reino Unido).”

Transfer Protocol Security (HTTPS²⁰-tradução nossa), “um elemento fundamental da segurança de dados. (...) a forma mais simples e mais importante de garantir que as informações do sistema de um computador não sejam roubadas e lidas por alguém que deseja usá-las para fins maliciosos.”²¹ Com esses inventos, cresce a adesão à internet do público geral.

Numa velocidade pujante, aceleram-se as diferentes formas de acessibilidade ao novo mundo “virtual”. No Brasil, surgiram os portais e provedores (UOL, Yahoo), salas de bate-papo (ICQ), sites de busca (Google e Cadê). Multiplicaram-se as formas de agir, interagir e de construir o próprio conhecimento. Começamos a identificar alguns efeitos condicionantes na formação da sociedade da Era Digital. Lévy (1999, p. 25) relaciona esse advento à influência que a tecnologia promove socioculturalmente. O autor defende que “Dizer que uma técnica condiciona significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença.”

Essa constatação tomará proporções inimagináveis com o advento da internet. Percorrer essa construção da tecnologia computacional em rede nos permitirá uma melhor compreensão das mobilizações sociais, linguísticas, e, conseqüentemente, argumentativas. Defendemos, neste trabalho, que as incursões técnicas na Era Digital ressignificaram as formas persuasivas, imbricando as estratégias argumentativas aristotélicas e perelmanianas com mecanismos languageiros. Os movimentos humanos, alicerçados na internet, não estão subjugados, aprioristicamente, a algum poder condutor; todavia o domínio sobre tais técnicas poderá gerar outras formas de manipulação.

Nenhum dos principais atores institucionais - Estado ou empresas - planejou deliberadamente, nenhum grande órgão de mídia previu, tampouco anunciou, o desenvolvimento da informática pessoal, o das interfaces gráficas interativas para todos, o dos BBS²² ou dos programas que sustentam as comunidades virtuais²³, dos

²⁰ “Segurança do protocolo de Transferência do Hipertexto.”

²¹ <https://www.kaspersky.com.br/resource-center/definitions/encryption>. Acesso em 16 de Jul. 2023.

²² BBS (Bulletin Board System) é um sistema de comunicações do tipo comunitário, baseado em computadores conectados através da rede telefônica.

²³ comunidade virtual é um grupo de pessoas se correspondendo virtualmente por meio de computadores interconectados.

hipertextos²⁴, ou da World Wide Web²⁵, ou ainda dos programas de criptografia pessoa inviolável ²⁶. Essas tecnologias, todas impregnadas dos seus primeiros usos e dos projetos de seus criadores, nascidas no espírito de visionários, transmitidas pela efervescência de movimentos sociais e práticas de base, vieram de lugares inesperados para qualquer “tomador de decisões”. (LÉVY, 1999, p.27)

Lévy alude à forma de desenvolvimento das tecnologias digitais, observando a ausência de interferências diretas no seu processo de evolução, embora tenha sido uma constatação pertinente até aquela época, ou pelo menos até os estudos investigativos acerca dessa realidade. Nessa perspectiva, Freire (2019, p 62) constata que “Se nossa sociedade não pode ser descrita sem a consideração da participação do digital em seu funcionamento, isso se dá pela força que esse imaginário exerce em sua constituição”. Entendemos, aqui, o imaginário que subjaz ao interesse e à cognição humanos.

2.2.1 A digitalização e a virtualização na era da internet

Os estudos que envolvem as mobilizações decorrentes das tecnologias computacionais sempre são formados com o termo “digital” como modificador fulcral: Era digital; linguagem digital; espaço digital, entre outras denominações que centralizam a digitalização como instrumento basilar das tecnologias que nos envolvem na contemporaneidade.

Para proceder com uma investigação massiva e acurada de um espaço em que diferentes forças interfaceiam, em que novas linguagens moldam as interações, é necessário compreender a contribuição do processo de digitalização, e, conseqüentemente, entender sua constituição. Lévy (1993, p. 103) reconhece essa relevância, em sua análise sobre as “tecnologias da inteligência”, ao mencionar que “é a digitalização que atinge todas as técnicas de comunicação e de processamento de informações”.

²⁴ Hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluido. Ele é composto por blocos elementares ligados por *links* que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animações, sons, etc), o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto.

²⁵ A *World Wide Web* é uma função da internet que junta, em um único e imenso hipertexto ou hiperdocumento (compreendendo imagens e sons), todos os documentos e hipertextos que o alimentam.

²⁶ Para uma explicação mais bem detalhada sobre as questões relacionadas à criptografia, consultar, no capítulo XIV, sobre o conflito de interesses e as interpretações, a seção sobre o ponto de vista dos Estados.

Já acompanhamos, em certa medida, o processo de formação do computador e sua constituição de programação, inclusive sobre sua origem por meio do sistema binário²⁷, todavia é importante reconhecer a instabilidade pela qual o sistema informático se constitui. A efervescência e velocidade de suas conexões representam a inquietação que define as investigações nesse meio. Para Lévy,

Não há identidade estável na informática porque os computadores, longe de serem os exemplares materiais de uma imutável ideia platônica, são redes de interfaces abertas a novas conexões, imprevisíveis, que podem transformar radicalmente seu significado e uso. (LÉVY, 1993, p. 103)

A consolidação dessa imprevisibilidade é dimensionada por meio das conexões da internet e efetivada por meio de sua constituição digital. Lévy (1993, p. 103) define que “a codificação digital relega a um segundo plano o tema do material”. Isso implica dizer que, com a composição digital, foi possível a inserção no mundo computacional de diferentes manifestações humanas, em que sons, vídeos, imagens, linguagens escritas e orais recebem uma reconfiguração codificada para ampliar as novas formas de atuações humanas.

A naturalização do termo “multimídias”, bem como a ressignificação do que se concebe como linguístico e extralinguístico, é fundada na tecnologia digital. Concebemos aqui esse termo sob a mesma definição de “mídias digitais”, cujo funcionamento ocorre por meio de dados representados por sequências numéricas, advindos de diferentes elementos multissemióticos (MARTINO, 2014). É por meio desse mecanismo que conceitos que sucederão ao longo deste trabalho, como “hipertexto”, “virtualidade”, “*tecnoargumentatividade*”, entre outros, podem ser mais bem elucidados e exemplificados.

As possibilidades de interação que a tecnologia digital proporciona - transformando todas as informações e dados em dígitos que serão lidos pelos computadores - fazem com que a indústria multimídia integre, cada vez mais, tanto criadores individuais, quanto as empresas tradicionais de publicação de livros e material gráfico, música e entretenimento, comunicação e computação. (GANDELMAN, 1997, p.128)

²⁷ Na computação, toda a informação é processada pela máquina através do código binário, que usa como base o sistema binário para converter os valores 0 e 1 dos pulsos elétricos em informações. O código binário é composto por algumas combinações de 0 e 1. O “alfabeto” binário apresenta algumas formas de organização de informações (...) (<https://www.alura.com.br/artigos/sistema-codigo-binario>) Acessado em 18 de jul. 2023.

Essa transformação de informações em dígitos também se realiza por meio de uma construção histórico-científica. Sob a influência da criação do primeiro sistema binário de Basile Bouchon e Jean-Baptiste Falcon, em 1732, o Bit passa a determinar todas as transformações tecnológicas mediadas pelo computador. Analogicamente, como “as partículas “Bóson de Higgs”²⁸ permitiram a criação do universo, o surgimento da vida, a evolução das espécies e a formação de vida consciente, os Bits permitiram a criação do universo digital e sua evolução”.²⁹ Essa reconfiguração da vida por meio de um sistema binário inicialmente representava informações, mas, numa velocidade comedida, todo tipo de informação passou a ser armazenado de forma digital: textos, músicas, vídeos, sons e imagens. A vida humana começa, como em *Matrix* (1999), a existir em um mundo paralelo. As necessidades não mais seriam atendidas completamente no plano analógico.

E apareceram os programas de computador! Planilhas eletrônicas, calculadoras, editores de texto, sistemas corporativos, jogos, etc ... Toda uma era (no mundo digital, uma era são alguns poucos anos) voltada para a criação de aplicações que permitiam aos humanos manipular, transformar e consolidar as informações digitais. Sempre de forma perfeita, rápida e eficiente.³⁰

A complexidade para efetivação dessas demandas digitais impulsiona a expansão das formas de organização, aplicação e distribuição dos Bits. A evolução no espaço cibernético ocorre para garantir mais atuações humanas por meio do sistema digital. Sob a égide da necessidade comunicacional, iniciam-se novas formas de interação; novas formas de organização econômica, de práticas políticas, educacionais e da construção geral do saber. Sendo assim, “todas as coisas passam a ser, todas as coisas passam a estar digitais.”³¹

Essa atmosfera sob domínio da digitalização evidencia que as transformações das práticas humanas no mundo cibernético não possuem limites, pois a própria condição tecnológica vem demonstrando esse movimento incessante. E,

²⁸ O bóson de Higgs é uma partícula teorizada em 1960, por Peter Higgs, e descoberta em 2013, no LHC, o grande acelerador de partículas. (...) A teoria do campo de Higgs permitiu que mudássemos a forma como entendemos o Universo. (Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/boson-de-higgs.htm>) Acesso em: 19 jul. 2023.

²⁹ <https://canaltech.com.br/colunas/digital-tudo-uma-epopeia-cibernetica/>. Acessado em 19 de jul. 2023.

³⁰ <https://canaltech.com.br/colunas/digital-tudo-uma-epopeia-cibernetica/>. Acessado em 19 de jul. 2023.

³¹ <https://canaltech.com.br/colunas/digital-tudo-uma-epopeia-cibernetica/>. Acessado em 19 de jul. 2023.

evidentemente, assumimos, neste trabalho, que os grandes impactos no comportamento humano advindos da tecnologia digital reordenaram, ressignificaram, reconstruíram as práticas da linguagem. Acreditamos, assim, que remodularam as práticas argumentativas.

Inventar novas estruturas discursivas, descobrir as retóricas ainda desconhecidas do esquema dinâmico, do texto de geometria variável e da imagem animada, conceber ideografias nas quais as cores, o som e o movimento irão se associar para significar, estas são as tarefas que esperam os autores e editores do próximo século. (LEVY, 1993, p. 108)

Numa perspectiva visionária, Levy, ainda no século anterior, antevia as novas práticas discursivas que seriam promovidas pela tecnologia digital. Ao prognosticar as tarefas que adviriam com a insurgência desse novo sistema, coloca pesquisadores da linguagem em atenção para a reconfiguração de suas pesquisas. Nesse ponto de vista, reconhecemos que as novas formas de argumentação têm sido diversas, portanto precisam ser identificadas e categorizadas.

Não obstante a defesa dos neurocientistas de que nada substitui a potencialidade do cérebro humano, essa mesma ciência notifica os efeitos provocados pela imbricação entre o homem e a máquina digital. Para o neurocientista Miguel Nicolelis, “a nossa imersão contínua e obsessiva nos sistemas digitais vão modificar a nossa mente.” Segundo Nicolelis, “A cada grande transformação educacional tecnológica, você nota modificações relatadas nos hábitos comportamentais”.³² Por conseguinte, a exponencial imersão do homem nesse espaço cibernético (digital) pode mobilizar ou atualizar as bases epistemológicas da Linguística acerca do conceito de linguagem, de linguístico ou não linguístico. Conceitos sobre os quais abordaremos mais adiante. Essas inquietações nos levam a conceber mais sistematicamente a noção de realidade e virtualização.

Ordinariamente, os conceitos de *real* e *virtual* sempre foram considerados em lugares opostos. Todavia, com o advento da internet, sobretudo com o excepcional processo de digitalização “das coisas”, essa relação dualista assume outras concepções. Levy (2011), em seu estudo sobre virtualização, inicia suas reflexões já considerando essa oposição do *real* e *virtual* como “fácil e enganosa”. Esse engano advém da constituição atribuída no mundo analógico de que aquilo que não está

³²<https://canaltech.com.br/ciencia/os-sistemas-digitais-nao-vao-superar-o-cerebro-humano-diz-miguel-nicolelis-175433/>. Acessado em 20 de jul. 2023.

presente na existência, que não é concebida numa materialidade tangível pertence ao mundo virtual.

Entretanto, o espaço construído por meio dos mecanismos digitais integra outras abordagens acerca de *realidade* e *virtualidade*. A proposição exposta por Levy (2011) acerca do que significa *virtual*, nessa nova realidade, parte do conceito etimológico da palavra. O autor relembra a origem da palavra “virtual” do latim, que corresponde a “ato”, “potência”. Assim, é possível trazer à reflexão o que significa virtualidade no contexto digital.

A dinâmica em que se subscrevem as práticas digitais deixa claro que não se trata de uma oposição de real e virtual, como se esse estivesse no conceito do inexistente ou do não tangível. Levy antagoniza esse fenômeno entre *real* e *atual*, na ideia de que a “atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades”(LEVY, 2011, p. 16). Portanto, quando o homem atua no ambiente digital, não está saindo de sua esfera de realidade para um espaço imaginário, mas está alimentando, portanto, atualizando, mecanismos de interação digitalizados. Segundo Levy (p. 17), “a interação entre humanos e sistemas informáticos tem a ver com a dialética do virtual e do atual”.

Como este trabalho está comprometido em identificar e categorizar as novas formas argumentativas do espaço digital, por isso denominamos de “*tecnoargumentação*”, é imprescindível situar em que esfera esse indivíduo está argumentando, na ideia de não se conceber que essas práticas argumentativas não sejam realizações. “A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento de gravidade ontológico do objeto considerado: (...)” (LEVY, 2011, p. 18). Sendo assim, as multiformas de persuadir no espaço digital são apropriações dessa condição de virtualidade, considerando que ela amplifica as possibilidades em espaços institucionalmente limitados, gerando maior liberdade de atuação.

Tendo em vista que as interações no ciberespaço ocorrem em amplas interligações, numa confluência de conhecimentos, crenças, concepções de forma irrestrita - salvo as restrições estabelecidas pelo próprio usuário - a dinâmica argumentativa estará sempre inserida nas mobilidades hipertextuais.³³

³³ Mais adiante, reservamos um espaço para explorar com mais especificidades conceitos e abordagens sobre “hipertexto”.

Desterritorializado, presente por inteiro em cada uma de suas versões, de suas cópias e de suas projeções, desprovido de inércia, habitante ubíquo do ciberespaço, o hipertexto contribui para produzir aqui e acolá acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura. Somente estes acontecimentos são verdadeiramente situados. Embora necessite de suportes físicos pesados para subsistir e atualizar-se, o imponderável hipertexto não possui um lugar. (LEVY, 2011, p. 20)

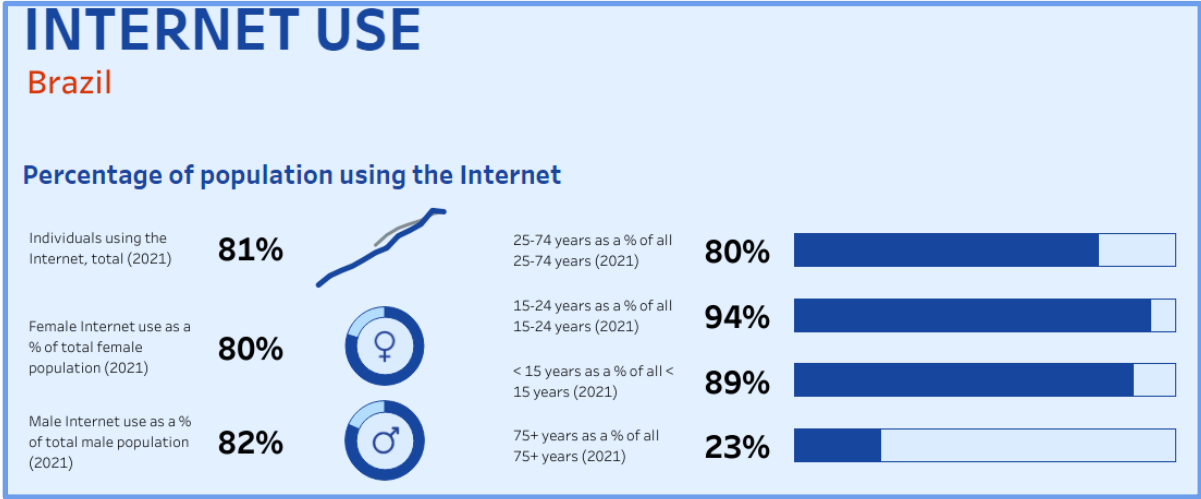
A incomensurabilidade do hipertexto produz atualizações inimagináveis das práticas humanas, considerando que essas práticas se realizam por meio de diferentes linguagens nesse ciberespaço. Na verdade, ao ampliarmos o termo “atualização”, levando em consideração a era digital, reconhecemos que a humanidade “atualizou” as suas práticas. O advento da internet movimentou as relações sociais, econômicas, políticas, educacionais e comunicacionais, de forma a gerar uma reconfiguração das práticas humanas. De forma sucinta, mas representativa, é importante abordar como as atualizações nessas áreas têm acontecido para entendermos, mais à frente, sua contribuição no processo “*tecnoargumentativo*.”

2.3 As relações no espaço cibernético: o lugar das redes sociais

Nesta subseção, propomos algumas considerações acerca de certos desdobramentos nas relações sociais dos indivíduos usuários da internet. Todavia, somos conscientes das incalculáveis afetações geradas por essa cultura digital e, neste trabalho, seria metodologicamente prescindível abordar. Sobre esse aspecto, Lima (2012, p. 88) explica que as interações no espaço digital “perpassam por aspectos psíquicos, cognitivos, culturais, econômicos, emocionais, enfim, aspectos que gerariam uma infinidade de estudos em suas áreas específicas”. Sendo assim, discutiremos aqueles que contribuem para melhor compreensão das práticas discursivas.

Analisar as influências exercidas sobre as relações sociais do homem a partir da internet pressupõe um reconhecimento estatístico de seu uso nos últimos anos. Para um fenômeno social acontecer e se estabelecer com um caráter de transmutações, depreende-se uma constatação quantitativa e recorrente. Sendo assim, iniciamos com uma atualização da adesão à internet, no Brasil, no ano de 2021, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1 - Percentagem da população que faz uso da internet no Brasil



Fonte: (UTI) União Internacional de Telecomunicação.³⁴

Tradução do gráfico 1³⁵

Uso da Internet

Quadro 1

Porcentagem da população que usa internet

Total de indivíduos usando internet - 81%	25 a 74 anos de idade - 80%
População feminina que usa internet - 80%	15 a 24 anos de idade - 94%
População masculina que usa internet - 82%	> de 15 anos de idade - 89%
	Acima de 75 anos de idade - 23%

Fonte: Reorganização pela autora do gráfico 1

Anteriormente às análises acerca dos significados advindos dos dados, é importante atentar sobre a data em que se subscrevem essas estatísticas: período da pandemia da covid-19. Não se pode prescindir dessa informação, considerando que, no período pandêmico, muitas práticas interativas só foram possíveis por meio da conjuntura cibernética. Essa realidade impulsionou exponencialmente os acessos à internet à essa época, sendo assim, muitos trabalhos, práticas educativas, interações pessoais só foram possíveis com a comunicação em rede à distância. Visto isso, a constatação de que 80% de uma população de um país continental como o Brasil faz uso da internet é um dado que precisa ser efetivamente considerado.

³⁴ <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Dashboards/Pages/Digital-Development.aspx>. Acesso em: 25 jul. 2023

³⁵ Tradução livre.

Outra constatação relevante, indicada pela UTI, corresponde aos 94% de usuários ativos na internet, na faixa etária entre 15 e 24 anos. Os números validam a realidade de que existe um grupo que, em quase sua totalidade, interage no ciberespaço, indicando, também, um outro elemento advindo desse fenômeno tecnológico: **os nativos digitais**. Segundo Cornu (2011), o termo foi pensado inicialmente por Mark Prensky em 2001, segundo o qual, há uma geração que cresceu com a tecnologia digital e por ela foi moldada social, técnica, cultural e linguisticamente.

Os nativos digitais representam a primeira geração a crescer com essa nova tecnologia. Eles estão acostumados com todos os tipos de jogos e ferramentas digitais, que são parte integrante de suas vidas. A atividade digital é como uma língua materna para eles. São a geração da aceleração tecnológica, da Internet e suas redes. Crescendo em tal ambiente, eles pensam e processam informações de uma maneira totalmente diferente das gerações anteriores: seus padrões de pensamento mudaram, e Mark Prensky diz que é provável que seus cérebros também tenham mudado fisicamente. (CORNNU, 2011, p.7-tradução nossa com ajuda do Google tradutor³⁶)

A atestação da constituição de um público com essa caracterização determina muitos pontos de investigação. Na linguística, por exemplo, os conceitos de textualidade, texto, semioses e multisssemioses passam por releituras devido ao fato de suas constituições dependerem de outros signos e processos interativos. Os nativos digitais passam a ser o “escritor” que assume outra forma de condução na produção e leitura de um texto, por conseguinte estabelece novas maneiras de argumentação (GIERING e PINTO, 2020).

Nessa conjuntura, se organizam novas formas de interação. Não obstante a obviedade de que toda manifestação da linguagem é um processo interativo, na nova Era Digital, essa interatividade toma proporções sociocognitivamente importantes, sobretudo a partir da formação das *redes sociais*. *A priori*, essas redes surgiram com o objetivo de conectar amigos, assumindo um papel historicamente marcante: amigos e familiares com diferentes proximidades poderiam estabelecer uma contínua

³⁶ “Digital natives represent the first generation to grow up with this new technology. They are used to all kinds of digital toys and tools, which are an integral part of their life. Digital activity is like a mother tongue for them. They are the generation of technological acceleration, of the Internet and its networks. Growing up in such an environment, they think and process information in a totally different way than previous generations: their thinking patterns have changed, and Mark Prensky says it is likely that their brains have physically changed, too”.

comunicação. Com esse macro-objetivo, mas com suas especificidades reconhecidas, surgiram *Orkut*, *My Space*, *Twitter*, *Facebook*, *Google Plus*, entre outras. E foi o Orkut que projetou o Brasil nas redes sociais, por ter sido o segundo país com mais adeptos (VASCONCELOS, 2019).

Entretanto, a estrutura dinâmico-interativa das redes sociais digitais traz à tona reflexões antropológicas, sociológicas, filosóficas, psicológicas, o que tem permitido um avassalador desenvolvimento de pesquisas dessas e de outras diferentes áreas. Diante dessa constatação, interessa-nos, para o nosso trabalho, entender um tanto de afetações observadas por diferentes áreas do conhecimento, focando, no entanto, naquelas que estão indissociavelmente ligadas às práticas discursivo-argumentativas. E, para iniciar alguma análise dos aspectos implicativos das redes, é importante considerar a reflexão de Castells (2006, p.17) para quem “a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias”.

Tendo em vista que este trabalho procura estabelecer uma incursão histórico-social acerca dos envolvimento do homem a partir da era informatizada, é significativo, também, traçar uma linha evolutiva do que se concebe como *rede social* no espaço cibernético. Essa incursão não invalida a própria constituição do termo que não está exclusivamente relacionada ao ambiente digital. A estruturação do homem em sociedade já o situa em esferas seletivas por diferentes fatores. Aguiar (2008, p. 2) pondera que os agrupamentos sociais, estruturados por comunidades religiosas, classes sociais, círculos acadêmicos, entre outros, existem de acordo com suas exigências identitárias (AGUIAR, 2008).

Nessa perspectiva, entender os movimentos das redes sociais na internet hoje corresponde a uma compreensão, com maior visibilidade, das organizações sociais. Adventos sociais, políticos, religiosos e econômicos sempre foram responsáveis pela contingência na estruturação de redes na esfera não digital.

As necessidades individuais de autoexpressão, voz, influência, informação, aprendizagem, empoderamento e conexão reuniram em poucos anos uma ampla gama de novas capacidades: pesquisas do *Google*, músicas do *iPod*, páginas do *Facebook*, vídeos do *YouTube*, blogs, redes, comunidades de amigos, estranhos e colegas, todos ultrapassando as antigas fronteiras institucionais e geográficas em uma espécie de exultação de caça, coleta e compartilhamento de informações para todos os propósitos, ou mesmo para nenhum. (ZUBOFF, 2019, p. 13)

De acordo com essa visão de Zuboff, as redes sociais também contribuem para uma “ampla gama de novas capacidades”. Isso implica dizer que o comportamento do indivíduo, a partir dessa era, se estabelece sob novos domínios e com diferentes atitudes.

Reitera-se, aqui, a análise filosófica de Castells (2006) ao assumir que ‘não é a tecnologia que determina a sociedade’, mas ela mesma que se organiza entre uma relação de subjetividade e coletividade. São os interesses individuais que se organizam sob o comando de interesses em comum, construindo uma teia de representatividade. Mais especificamente, sobre o foco norteador deste trabalho, reconhecemos e adotamos esta perspectiva: as redes sociais existem para uma exposição do que o indivíduo pensa do mundo e, sobretudo, na intenção de argumentar sobre esse mundo.

Alteram-se com a digitalização da cultura e da ubiquidade das redes, os processos de distribuição da imagem e as formas de ver. Cada vez mais mediados por diferentes dispositivos simultâneos, esses regimes emergentes consolidaram novos modos de criar, de olhar e também de ser visto. [...] Nela estão contidas possibilidades de democratização do acesso ao audiovisual, novos regimes estéticos, superexposição, vigilância e formatos inéditos de padronização (da imagem e do olhar). (BEIGUELMAN, 2021, p. 24)

Sendo assim, essa atmosfera concernente à rede social, ao se realizar por meio dos mecanismos digitais, dimensionam sua configuração de atuação. Na verdade, as pesquisas antropológicas e sociológicas acerca do comportamento do indivíduo a partir das redes sociais da internet são projeções de comportamentos consolidadamente humanos, dimensionados por fatores informatizados, transformados por “novas padronizações” oriundas dessa “digitalização da cultura”.

Castells (2006), em um dos estudos mais profundos sobre “a sociedade em rede”, analisa a forte contribuição das tecnologias digitais, as quais, inegavelmente têm sido responsáveis pela emergência de reestruturação social, estabelecendo paralelos entre efeitos consolidados e aqueles mistificados por pouco reconhecimento histórico de alguns. Nessa perspectiva, consegue-se, mais conscientemente, perceber o lugar das redes digitais e sua afetação nas relações e valores sociais.

Assim, em termos históricos, as redes eram algo do domínio da vida privada, enquanto o mundo da produção, do poder e da guerra estava ocupado por organizações grandes e verticais, como os estados, as igrejas, os exércitos e as empresas que conseguiam dominar vastos polos de recursos com um objetivo definido por uma autoridade

central. As redes de tecnologias digitais permitem a existência de redes que ultrapassem os seus limites históricos. (CASTELLS, 2006, p.18)

Isso implica dizer que estamos diante de uma reestruturação social significativa, em que a difusão de conhecimento, comunicação, imposição de valores têm sofrido quebras de paradigmas. A comunicação em rede “horizontalizou” o processo de formação de uma sociedade, devido ao fato de descentralizar o processo interativo (CASTELLS, 2006). Quando tratamos de reestruturação de valores, estamos assumindo que os pontos de vista também são afetados e novos focos persuasivos são admitidos por meio de uma larga e veloz compactuação de ideias.

Não obstante serem, em boa medida, salvaguardadas as diferenças sociais, culturais e econômicas dos diferentes lugares do planeta, alguns valores transcenderam essa evidência. Alguns comportamentos culturalmente peculiares parecem estar muito mais na formação histórica do que ideológica, tendo em vista que há uma integralidade entre as redes, o poder, a economia, o saber e a própria tecnologia (CASTELLS, 2006).

Para este momento da tese, compreendemos ser necessário acompanhar, mais especificamente, a trajetória que as redes têm percorrido no ambiente digital, na tentativa de observar como seus usuários têm sido agentes e receptores das mudanças sociais. Como já havíamos notificado, não é de interesse deste trabalho analisar as diversas afetações que a sociedade tem sofrido em suas relações com as redes digitais. Pontuaremos, portanto, aquelas que subsidiarão as performances argumentativas.

2.3.1 Uma incursão na formação das redes sociais digitais

Seguindo a lógica da evolução da tecnologia informática, as redes sociais digitais surgem a partir de buscas localizadas e vão se transformando em macro envolvimento e interesses. Segundo Aguiar (2008, p. 9), as primeiras tentativas de comunicação em rede mediadas por computador ocorreram por meio das “comunidades de interesse temático formadas a partir das interações nos *BBSes* – *Bulletin Board Systems*³⁷ e *newsgroups da Usenet*. Segundo o autor, a lógica nessa

³⁷ O BBS foi um sistema de comunicação via computador muito utilizado entre os anos 1970 e 90, através do qual pessoas trocavam mensagens, programas e textos informativos mediante uma conexão discada gerenciada por um programa específico. Muitos BBSes funcionaram gratuitamente durante longo tempo graças ao trabalho voluntário de SysOps (operadores de sistema), que exerciam papel semelhante ao dos moderadores de grupos de discussão. (Aguiar, 2008, p.9)

interação era aproximar pessoas com interesses afins e, a partir daí, fortalecer vínculos interativos que culminavam em encontros presenciais. Por outro lado, as redes sociais mais amplamente divulgadas até os dias atuais começaram com propósitos invertidos: não partiram do anonimato para o estreitamento de relações, mas buscavam reunir em um espaço virtual pessoas já conhecidas *offline*.

Sendo assim, a partir dos anos 2000, novos *sites* de redes sociais surgem, a princípio com resquícios dos objetivos das redes anteriores, todavia com mobilizações multiplicadas, devido ao próprio desenvolvimento das tecnologias digitais a essa época. Com base na importância para as práticas interativas, sobretudo para as mobilizações argumentativas, trataremos aqui, com mais especificidades, das principais redes sociais, acompanhando, assim, suas dinamicidades - surgimento, extinção, engajamento -, de acordo com a retroalimentação entre sociedade, tecnologia e indivíduos.

Quadro 2

ORKUT	O Orkut foi criado em 2004, pelo engenheiro do Google Orkut Buyukkokten, com o objetivo de auxiliar as pessoas espalhadas pelo mundo a se conectarem. Seu ponto mais forte foram as comunidades por meio das quais se compartilhavam interesses comuns. ³⁸
FACEBOOK	O <i>Facebook</i> foi criado em 2003, pelo estudante norte-americano Mark Zuckerberg, com o objetivo de ser um diretório <i>on-line</i> para conectar pessoas através de redes sociais em escolas. ³⁹ Sua multifuncionalidade é responsável pelo sucesso entre vários usuários no mundo.
TWITTER⁴⁰	O <i>Twitter</i> , que é mais uma ferramenta de origem norte-americana, – foi fundado em 2006 por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams. é uma rede de informação em tempo real que conecta você às últimas histórias, ideias, opiniões e notícias sobre o que há de mais interessante. (Miranda, 2013. p. 22)
INSTAGRAM	Criado em 2010, o <i>Instagram</i> foi uma das primeiras redes sociais exclusivas para acesso por meio do celular e se consolidou como a 3ª rede social mais usada no Brasil em 2023, com 113,5 milhões de usuários. Idealizada, inicialmente, para exibição pessoal, tem focado, cada vez mais, na promoção de produtos e serviços. ⁴¹

³⁸Essas e outras informações sobre o *site* podem ser ampliadas em:

<https://www.showmetech.com.br/fim-do-orkut-faz-7-anos-relembre/>. Acesso em 11 de ago. 2023.

³⁹ Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em 11 ago. de 2023.

⁴⁰ " Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em 11 de ago. 2023.

⁴¹ Outros aspectos sobre a diversidade e dinamicidade da estrutura do *instagram* pode ser ampliada em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 11 de ago. 2023.

WHATSAPP	O WA foi criado em 2010 pelos estudantes Kevin Systrom e Mike Krieger. é a rede social de mensagens instantâneas mais popular entre os brasileiros. Pela base de cálculos usada pela <i>We Are Social e Meltwater</i> , 93,4% dos usuários de internet brasileiros, de 16 a 64 anos, usam o <i>WhatsApp</i> , o que equivale a 169 milhões de usuários. ⁴²
YOUTUBE	O <i>YouTube</i> foi criado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. É a principal rede social exclusivamente de vídeos <i>online</i> da atualidade, com mais de 2,51 bilhões de usuários ativos e mais de 1 bilhão de horas de vídeos visualizados diariamente. ⁴³
TIKTOK	O TikTok é uma rede social dedicada à publicação de vídeos lançada em 2016 por Zhang Yiming, fundador da ByteDance, na China. A plataforma é mais conhecida pelos vídeos curtos de humor, música e dança, embora abrigue publicações de todos os tipos. ⁴⁴ Com viés voltado para o entretenimento tem conquistado cada vez mais o público juvenil.
LINKEDIN	Linkedin é a maior rede social voltada para profissionais e tem se tornado cada vez mais parecida com outros <i>sites</i> do mesmo tipo, com vídeos, fotos e transmissões ao vivo. A diferença é que o foco são contatos profissionais, ou seja: no lugar de amigos, temos conexões, e em vez de páginas, temos companhias. ⁴⁵

Fonte: Quadro organizado pela autora

Considerando que o X (*Twitter*) é uma rede social que surge mobilizando ideias, opiniões e diferentes informações, será utilizada como objeto de análise das práticas argumentativas. Desde 2020, aliás, a rede social X (*Twitter*) está crescendo, com as pessoas buscando atualizações mais ágeis de notícias, o que a torna muito relevante jornalisticamente. São mais de 556 milhões de usuários no mundo todo.

Numa análise genérica, o X (*Twitter*) corresponde a uma plataforma de acesso gratuito, de fácil acessibilidade, por meio da qual pode haver trocas de mensagens de texto, áudio e vídeo, que tem ganhado notoriedade devido à sua ampla compatibilidade. Isso contribui para o acesso quase irrestrito devido ao fato de estar disponível em aplicativos na versão para *web*, em *Android*, *iOS*, *Mac*, *Windows*, *Linux*. Esse *site* de rede social foi criado em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, com uma adesão um tanto tímida, mas que, rapidamente passou a ser uma das redes sociais mais importantes do mundo.

⁴² Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 11 de ago. 2023

⁴³ <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 11 de ago. 2023

⁴⁴ Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/tiktok/>. Acesso em: 11 de ago. 2023

⁴⁵ <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 11 de ago. 2023

Diante desse cenário, entendemos como a simulação passou a ser uma caracterização vinculada a essa ecologia cognitiva, assumida fortemente pelas redes sociais virtuais (LÉVY, 2011). Quando começamos a nos aprofundar nos estudos acerca das relações humanas a partir de suas interações no espaço cibernético, sobretudo na rede social X (*Twitter*), reconhecemos a intensidade dessa constatação de Lévy. Nessa perspectiva, determinamos a rede X (*Twitter*) porque simboliza a dinamicidade, atuação, transformação e identificação permeada na criação e na explosão de adesão de cada internauta. Subjaz ao sucesso interativo o jogo de simulação entre o “real e o “virtual”. Portanto, são esses aspectos que serão, também, levados em consideração na participação de estudantes nativos digitais.

Guardadas as devidas reflexões realizadas sobre virtualidade e realidade, é nas redes sociais que esses conceitos são reencontrados. Observando a ostensiva necessidade que os usuários cibernéticos expõem nas diferentes redes digitais, nos aproximamos da reflexão filosófica de Lévy para quem “a virtualização, em geral, é uma guerra contra a fragilidade, a dor, o desgaste” (LÉVY, 2011, p. 79).

Vemos, então, que, seja por meio da simulação do cotidiano em imagens divulgadas em um *Instagram*, seja por exposição de ideais em um *Whatsapp*, cujos valores já foram mobilizados pelas mesmas dinâmicas de interação, ou pela mobilização de vídeos em um *YouTube*, em que saberes, desejos, negócios, ideologias são disseminados, o fato é que as redes atualizam, por meio de um virtual, a realidade. Esse aspecto confirma a linha epistemológica de o virtual não assumir o lugar do real, mas amplia as condições de atualização (LÉVY, 1993). E os efeitos dessa dinâmica comportamental mediada por uma máquina tomou proporções multifatoriais. A este trabalho não caberia discutir todos eles - ainda que pareçam instigantes e relevantes - mas direcionar as análises àqueles fatores que têm transmutado os moldes de argumentação.

Quando assumimos que as práticas no ciberespaço alcançam mais efetivamente um público já aqui identificado como “nativos digitais”, estamos apontando para a necessidade de investigar como as novas formas de persuasão desse espaço estão acontecendo; não apenas pelas inserções multimodais, bem como pelas afetações sociocognitivas e políticas entre os estudantes do ensino básico. Numa análise ensaística acerca das interações nas redes sociais, Aguiar (2008, p.11) reconhece que “As consequências do uso desses *sites* para as relações de amizade e para as noções de identidade, privacidade, autenticidade, comunidade

e sociabilidade estão apenas despontando”. Sendo assim, é importante notificar algumas dessas afetações para, no capítulo sobre argumentação no ambiente digital, estabelecermos as relações.

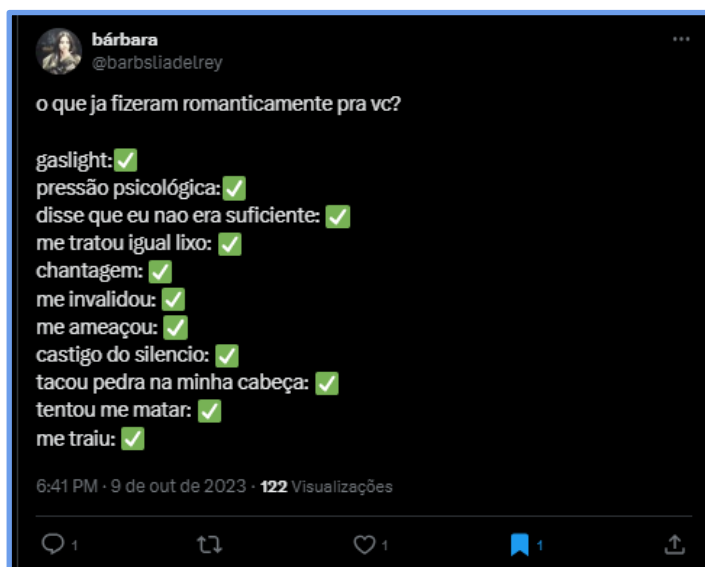
Destacaremos, aqui, dois dos aspectos ressignificados pelas interações no espaço cibernético, especialmente nas principais redes sociais: i) construção da autoimagem; ii) identidade coletiva. Defendemos que esses dois aspectos são estruturantes para algumas construções argumentativas.

i. Construção da autoimagem - Percorremos muito mais a ideia aristotélica do *ethos* para entender alguns efeitos possibilitados pelo ambiente cibernético. Quando Lévy discute o processo de integração da tecnologia com as práticas humanas, permite uma inteligente analogia com o processo de identificação de um usuário do ciberespaço. O autor explica que uma ferramenta tecnológica imprime formas de atuação por meio de identificações mentais e físicas (LÉVY, 2011). Analogicamente, esse fenômeno se desenvolve com a dinâmica interativa nas redes. O que é visível ordinariamente, o que se revela cotidianamente de si são imagens já reorganizadas e recompostas pelo próprio meio em que é exposta. Ou seja, pelo fato de os mecanismos tecnológicos inerentes às redes serem públicas e compartilháveis, permite a construção de uma “subjetividade coletiva” (LÉVY, 2011).

Nessa perspectiva, o indivíduo participante de redes sociais expõe uma imagem de si, retroalimentada pela imagem compartilhada pelo outro no ciberespaço. A imagem abaixo, de um perfil do *Instagram*, traz representações que corroboram essa identificação.

Figura 1: Exemplo de comentário no perfil de *@babslyadelrei*, na plataforma X (*Twitter*).⁴⁶

⁴⁶ A imagem e identificação do perfil na plataforma X (*Twitter*) em análise foi mantida sem sigilo, considerando que corresponde a um perfil aberto para um público ilimitado.



Fonte: <https://x.com/barbsliadelrey/status/1711497244342354199/>. Perfil @babslyadelrei. Acesso em 12 de ago. 2023

O *tuíte* apresentado na figura 1 evoca a imagem construída de uma mulher em seu relacionamento amoroso. Percebemos que, ao listar características do perfil de uma relação abusiva, a internauta sente a necessidade do reconhecimento de um grupo que se identifica com essa imagem da vítima dessa relação. Por meio de uma ironia: “*O que fizeram romanticamente pra vc?*”, quer sentir o reflexo dos interactantes (público, coletividade), sobre sua exposição. O questionamento dá visibilidade à necessidade de uma identificação retroalimentada, o que já, de alguma forma, foi definida pela quantidade de visualizações (122)⁴⁷. Essa ferramenta inerente ao ciberespaço solidifica imagens construídas, à medida que bem aceitas, ou seja, “o objeto técnico é um operador de virtualização”. Sobre situações semelhantes, Aguiar define:

As facilidades de criação de uma identidade virtual nesses sites – com a inserção de dados que não passam por nenhum processo de validação além do endereço de e-mail – possibilitam a montagem de diferentes *personas* e o estabelecimento de vínculos interpessoais não obrigatoriamente baseados nos relacionamentos pré-existentes. “Rede de amigos” inclui conhecidos eventuais ou mesmo “estranhos” (ainda que sejam celebridades), visando capitalizar para o indivíduo o status e os atributos dos agregados (mulheres bonitas, jovens “sarados”, profissionais respeitados, etc.). (AGUIAR, 2008, p.11)

A autora sinaliza as dimensões que a virtualização da identidade do indivíduo poderá o conduzir. Não apenas a construção de diferentes “*personas*”, mas com a

⁴⁷ Visualizações é um dos elementos composicionais de algumas redes sociais, como X (*Twitter*), que tem direcionado largamente, comportamentos e interações.

centralidade em si, reverberando para o “complexo de narcisista” também pontuado pela autora. As exposições entre família, em lugares diferentes, com novas aquisições são exemplos de como a construção da autoimagem são alimentadas por desejos compartilhados e por definições de situações idealizadas. Essas exposições podem ser para construção de uma imagem idealizada, bem como para identificação de um lugar de fala, como a mulher vítima de abusos, mas numa situação histórica e socialmente aceita e naturalizada.

ii - Identidade coletiva - Reconhecer como as percepções sociais são construídas nas redes sociais pode levar a constatações semelhantes à construção da imagem, entretanto, há uma notoriedade sobre esse aspecto de massividade e coletividade. Com a velocidade de disseminação de ideias permitidas pela dinâmica das redes, as exposições são legitimadas pela massividade. A subjetividade se manifesta por meio de uma regulação em rede. Lorusso, Santos e Castro, analisando a cultura do cancelamento na internet, refletem muito apropriadamente sobre esse fenômeno.

(...) Portanto, a dimensão coletiva não se constitui a partir da soma de sujeitos, nem do compartilhamento intersubjetivo de certas escolhas (posso usar um lenço na cabeça como uma iraniana ou uma idosa chinesa, mas esse compartilhamento intersubjetivo da mesma vestimenta não cria nenhuma forma de vida comum e não faz, de nós, uma identidade coletiva, ao passo que posso não compartilhar as escolhas políticas das últimas eleições de muitos dos meus compatriotas e, ainda assim, fazer parte da mesma identidade coletiva “italianos”). A dimensão comum não depende da convergência das práticas; ela depende da existência de um nível institucional comum. (LORUSSO, SANTOS e CASTRO, 2023, p. 250)

Há, portanto, uma institucionalização das ideias, das defesas de ponto de vista, e elas são atualizadas por meio da virtualização. Ainda que as percepções valorativas se organizem de forma polarizada, o indivíduo se inscreve com a massa de um dos lados, compactuando das verdades disseminadas na coletividade das redes. As autoras notificam que essa comunidade identifica o senso comum como o fundamento de uma visão coletiva (LORUSSO, SANTOS e CASTRO, 2023). O efeito do direcionamento dessa sanção coletiva é identificado nas intransigentes exposições, sob forma de julgamento, acerca da atuação do outro.

Apresentaremos alguns exemplos de algumas manifestações em redes sociais para reconhecimento de algumas performances de identidade coletiva. Evidentemente que, neste momento, estamos propondo um recorte bastante ilustrativo, sem pretender investigar outras afetações, com muito cuidado de não

parecer superficial ao abordar um tema socialmente profundo. A publicação abaixo corresponde à notícia acerca do encaminhamento do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, de um projeto de lei à Assembleia Legislativa do estado de São Paulo, com intuito de anistiar multas aplicadas no período da pandemia da covid-19, devido a ações inadequadas do poder público. A publicação se torna relevante numa rede como X (*Twitter*), com engajamento, curtidas e comentários pelo fato de estar relacionado ao ex-presidente Jair Bolsonaro, o qual poderá ser beneficiado com essa anistia. O que vai nos interessar como análise, aqui, são os comentários sobre a publicação, como exemplos de representatividade de um coletivo que gera identificações.

Figura 2 - Imagem extraída do perfil na plataforma X (*Twitter*) Terra Brasil Notícias⁴⁸



Fonte: Perfil do *Terra Brasil Notícias* no X (*Twitter*). Acesso em 16 de ago. 2023.

Com efeito de exemplificação, alguns dados disponibilizados nessa rede nos permitem leituras, para algumas interpretações dos efeitos sógnicos na argumentação. Esse perfil disponibilizado na rede X (*Twitter*) traz notícias que podem atingir um dos campos polarizados no país atualmente. Suas intenções serão atingidas conforme a repercussão e os dados adquiridos nas interações. Inicialmente, identifica-se um perfil de grande adesão na rede, devido à quantidade de visualizações de sua publicação: 28.3 k. A representatividade dessa medida indica uma postagem com um bom acesso,

⁴⁸ Fonte: <https://twitter.com/TerraBrasilnot/status/1691897151645692009?s=20> . Acesso em 16 de ago. 2023

o que vai indicar a credibilidade no perfil. Essa adesão se manifestará, também, pela institucionalização do ponto de vista sobre a ação noticiada. 5.178 curtidas é mais uma representação sógnica de que muitos argumentam a favor da medida proposta pelo governador Tarcísio. De forma mais diretiva, essa anuência será visibilizada, numa projeção de uma identidade coletiva, por meio das respostas apresentadas à notícia, conforme veremos a seguir.

Figura 3⁴⁹: Respostas realizadas ao *tweet* do perfil @terrabrasilnoticias.com



Fonte: Captura de tela do Perfil da plataforma X (Twitter) @terrabrasilnoticias.com

Nas respostas acima, é possível notificar alguns elementos sógnicos de identificação de compartilhamento coletivo. Em duas das respostas (uma como *emoticon* e outra na imagem do perfil), há um símbolo da bandeira do Brasil, o qual, no movimento bolsonarista, passou a representar um grupo, uma comunidade político-ideológica. Tais símbolos não apenas assumem um lugar social, bem como assevera o ponto de vista sobre o qual irá defender em seu comentário. Associado a essa representação, estão os elementos multissemióticos, indicadores de aplausos, de alívio. Essas ferramentas interativas digitais exemplificam a análise precedida por

⁴⁹ Imagens e endereços de perfis foram devidamente protegidos para proceder com análise sem pessoalização do discurso.

Lévy (1998, p. 33), ao defender que “o plano das representações é, sob determinados pontos de vista, muito mais importantes que o da experiência sensível”. Isso implica dizer que o conjunto da representatividade molda, estimula e forja a identidade coletivamente alimentada.

Na mesma intensidade de fortalecimento de uma assunção, está o caráter de repetibilidade ao longo dos comentários. Palavras e expressões como “Parabéns”; “Este é fiel” simbolizam um juízo de valor. Esse movimento introduz os participantes de forma a empoderar seu posicionamento em relação ao fato em discussão. São posicionamentos que revelam juízo de valor sobre a postura do outro, de forma avaliativa e julgadora (LARUSSO, 2023). Não é mais a lógica que comanda a subjetividade, mas a emoção da coletividade.

2.4 Inteligência Artificial: as implicações algorítmicas na persuasão

Não obstante o termo Inteligência Artificial tenha tomado maior visibilidade e vultosa discussão nos últimos tempos, os primeiros movimentos para sua formação, na verdade, iniciou em meados de 1940, numa busca incipiente de trazer para máquinas algumas atitudes humanas. De acordo com os estudos de Warren McCulloch e Walter Pitts sobre redes neurais ou pelos testes de Alan Turing⁵⁰ com seus testes matemáticos, a IA se instalou, se desenvolveu e hoje tem alcançado um poder transformador dentro das ações humanas.⁵¹

Segundo Fonseca Filho, tudo começou a partir de um “movimento ciberneticista, que acreditava entre outras coisas que a atividade humana poderia um dia ser estudada por meio de modelos matemáticos, como se faz com outros tantos fenômenos da natureza” (FONSECA FILHO, 2007,p.134).

Para este trabalho, conhecer as implicações da IA é relevante, considerando que, associado a esse desenvolvimento tecnológico, está a atuação dos algoritmos, os quais têm fundamental importância nos processos de instrumentalização da língua e, conseqüentemente, afetam as manifestações argumentativas por meio dessa

⁵⁰ Temos consciência de que as primeiras experiências matemáticas como base de programação podem ter acontecido antes mesmo do século XX, entretanto, há alguns passos mais efetivos que culminaram no surgimento de uma Inteligência artificial. Segundo Fonseca: “Em termos computacionais pode-se dizer que as Máquinas de Turing são um modelo exato e formal da noção intuitiva de algoritmo: nada pode ser considerado um algoritmo se não puder ser manipulado por uma Máquina de Turing.” (FONSECA FILHO, 2007,p. 40)

⁵¹ Zendesk traz uma abordagem ampla e pormenorizada sobre a origem, o desenvolvimento e a ascensão da Inteligência Artificial no meio científico. Fonte: <https://www.zendesk.com.br/blog/qual-e-a-origem-da-inteligencia-artificial/>. Acessado em 13/09/2023.

linguagem digital. Percebemos que os intentos de aproximação de construtos técnicos ao modo de pensar humano evoluíram permitindo imbricações que hoje circunscrevem as práticas discursivas de forma cada vez mais intrínseca.

Segundo Bachimont,

Numa abordagem enquadrada nas ciências cognitivas, seria tentador afirmar que o artefato computacional produz sentido na medida em que reproduz a forma como nós, seres humanos, conseguimos constituir novos conhecimentos. Simplesmente, calculando mais rápido e melhor que nós, ele está à nossa frente nesta constituição. (BACHIMONT, 1996, p. 6 - Tradução do Google Tradutor com adaptação nossa)⁵²

O autor, nessa afirmação, discorre sobre as implicações da IA e as projeções de quem a pensou, numa percepção de que o caminho cognitivo percorrido é de assunção da mente humana, numa simulação de superioridade, seja pelos mecanismos de velocidade, seja pela manipulação em busca do não erro. Fonseca Filho, sobre essa abordagem, também observa:

De qualquer maneira surgiu uma primeira vertente da emergente IA: a que buscava a simulação do cérebro humano do ponto de vista físico, para simular a atividade mental, e que fará surgir anos mais tarde, na década de 1970, a Ciência Cognitiva ou Conexionismo, que está apoiada em um paradigma da IA de processamento serial da informação e no “approach” da manipulação simbólica para a linguística. (FONSECA FILHO, 2007, p. 135)

Os estudos acadêmicos sobre as interferências da IA nas relações humanas datam da década de 1950, todavia, sua aplicabilidade tomou proporções que instigam mais pesquisas e estudos. No que diz respeito à retórica digital ou à discursividade, é notório o envolvimento dessa ferramenta tecnológica considerando as imbricações cognitivas e comportamentais. E, quando se registra essa conexão entre o técnico e a atividade humana, reconhece-se a manifestação de toda simbologia por meio da linguagem. É nesse contexto que relacionamos o fenômeno da automação por meio de algoritmos, um dos principais mecanismos utilizados pela IA.

Bachimont pondera - considerando a função priorística da IA como resolvidor de problemas diversos - que sempre houve uma dificuldade em entender as atuações desse mecanismo tecnológico pelo fato de concebermos a comunicação sempre

⁵² “Dans une approche s’inscrivant dans les sciences cognitives, il serait tentant d’affirmer que l’artefact computationnel produit du sens dans la mesure où il reproduit la manière dont nous, êtres humains, parvenons à constituer de nouvelles connaissances. Simplement, calculant plus vite et mieux que nous, il nous devance dans cette constitution.”

através das línguas naturais. Admitir uma atuação em um processo comunicativo por meio de dígitos, numa interferência fortemente matemática, é um desafio para compreensão de muitas áreas do conhecimento. É nesse contexto que surge a necessidade de envolvimento de um sistema que permita uma operacionalização de uma linguagem simbólica além da numérica. (BACHIMONT, 1996)⁵³.

Quando discorremos sobre Inteligência Artificial, relacionamos sua atuação aos algoritmos como a ferramenta do ambiente digital que operacionaliza muitas das automações. Apenas para notificar a relação de algoritmos com persuasão, trazemos a acepção de Paveau, que explica que os algoritmos sequenciam instruções para resolver problemas. Essa explicação de função é abrangente, mas há outras notificações que permitem revelar as funcionalidades e as afetações desses algoritmos no ambiente cibernético. A autora acrescenta que “eles fazem cálculos para produzir efeitos: certas informações aparecerão com maior frequência, ou em melhor lugar que outros, ou serão mais disseminadas do que outras, ou, pelo contrário, serão invisibilizadas” (PAVEAU, 2021, p. 39). Sendo assim, procuramos entender como esses efeitos têm afetado as práticas languageiras no ambiente cibernético, sobretudo nas redes sociais.

Sobre esse aspecto, Freitas afirma:

O termo algoritmo se popularizou justamente com a utilização de técnicas de inteligência artificial para análise de grandes bancos de dados (alguns deles textuais), como os de plataformas de redes sociais. Analisando pela ótica das teorias da comunicação e informação, Araújo (2018), estabelece uma relação entre o desenvolvimento de algoritmos e o funcionamento de redes sociais, demonstrando como a popularização desse conceito está ligada a uma transformação da estrutura da Web nos últimos anos, relacionada ao aumento do nível de automatização. (FREITAS, 2020, p. 70)

A posição epistemológica do autor, ao trazer essa afirmação, está inscrita nos conceitos da Análise do Discurso, tendo em vista que ele associa o fenômeno a uma “formação algorítmica”, bem como aos aspectos ideológicos que subjazem às manipulações dos algoritmos. Todavia, na perspectiva deste trabalho, que envolve a argumentatividade, percebemos uma aproximação epistêmica, tendo em vista que

⁵³“ Mais, la plupart du temps, les connaissances dont on dispose sont formulées en langue naturelle : il faut être capable d’opérationnaliser des connaissances exprimées linguistiquement et disposer pour cela de systèmes pouvant raisonner sur des symboles et pas seulement sur des nombres. Le projet de l’intelligence artificielle (IA) peut être compris comme la recherche des principes permettant de concevoir et réaliser de tels systèmes.”

compreendemos que, na discursividade, ocorrem os efeitos intencionais dos discursos. Investigar efeitos intencionais de um discurso corresponde à atuação de um indivíduo ao desejar a aderência de um “auditório” às suas teses. Sendo assim, muitas considerações elaboradas por Freitas, em sua pesquisa sobre a instrumentalização da língua, serviram de aporte para algumas linhas investigativas deste trabalho.

Nessa perspectiva, o autor avalia a operacionalização dos algoritmos em duas categorias: os clássicos e os de Inteligência Artificial. As considerações relevantes acerca dessas duas formas de operacionalização estão no nível de abstração, ou melhor, no nível de ilusão entre a formação de um dado pela máquina com a manipulação do operador (FREITAS, 2020). Essa assunção de que todo dado operacionalizado por uma máquina possui a interpretação e seleção de um humano abre o precedente de que esse processo algorítmico, tão tecnicamente marcado, ocorre com o envolvimento de intencionalidades persuasivas, portanto representa formas digitais de argumentação.

Paveau assevera:

No plano linguístico, os algoritmos podem ser considerados operadores de coerção discursiva e de instrução semântica, que, como os pré-discursos, não têm existência languageira, mas são ativados no nível da produção languageira a partir de processos infra linguísticos tácitos, os cálculos. (PAVEAU, 2020, p. 40)

Essa constatação de ativação “no nível da produção languageira” remete às hipóteses que formulamos sobre uma das formas de *tecnoargumentação*: os efeitos tácitos. São nos textos nativos-digitais, realizados nas redes sociais (especificamente na plataforma X (*Twitter*)), que novas ferramentas argumentativas surgem e precisam ser analisadas. Observamos que as atuações algorítmicas são realizadas por ações humanas, profissionais do ambiente digital, habilitados para programar e reprogramar dados conforme as situações demandadas (PAVEAU, 2021).

Os estudos linguísticos ainda não se aprofundaram nas diferentes técnicas de argumentação que esses mecanismos autônomos, operados pela Inteligência Artificial, permitem acontecer. Os movimentos cibernéticos não são estáticos, e sua dinamicidade não é lenta. Ou seja, todos os esforços para alcançar os efeitos que os dados digitais produzem nas práticas languageiras desse ambiente tornam-se necessários e contínuos. Por esse motivo, tendo em vista o propósito desta tese,

retomaremos alguns conceitos de diferentes estudos da argumentação para reconhecer como os processos mecânicos utilizados por nativos digitais são ferramentas legítimas de argumentatividade.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE ARGUMENTAÇÃO: AS NOVAS IMPLICAÇÕES DA RETÓRICA DIGITAL

Este trabalho se inscreve na concepção de que o ato de argumentar é inerente às práticas de linguagem; é constitutivo do discurso. Coaduna-se com a percepção de que “argumentar é humano”, portanto toda manifestação por meio da linguagem é argumentativa (PERELMAN, 2005. OLBRECHTS TYTECA, 1996. AMOSSY, 2020. KOCH E ELIAS, 2020). Analogamente à perspectiva benvenistiana de que o homem se realiza socialmente por meio da linguagem, essa realização ocorre, também, na condição de revelar sua visão sobre o mundo e sobre si mesmo.

Propomo-nos, assim, nesta seção, percorrer por diferentes estudos sobre a argumentação, considerando a necessidade de reconhecer as abordagens já realizadas, os estudos sobre as modalidades da linguagem em que essa argumentação se realiza e as visões existentes sobre os processos sociocognitivos que emolduram essas práticas argumentativas. Entre muitos objetivos que existiram e existem sobre a argumentação, interessam-nos, sobretudo, aqueles que buscam “analisar, sob todas as suas facetas, o funcionamento da comunicação humana como fenômeno linguageiro, cognitivo e sociopolítico (AMOSSY, 2020, p. 9). Essa incursão nos estudos argumentativos nos permite entender os diferentes focos investigativos, seja em relação às diversas esferas da sociedade, seja em relação aos modos de interação. O fato é que são esses pontos epistemologicamente construídos desde as filosofias aristotélicas que embasaram as descobertas da retórica nos novos ambientes digitais.

Outrossim, nesta seção, procuraremos estabelecer bases para entender as formas de argumentar dos estudantes em diferentes esferas. Se argumentar faz parte de atuações cotidianas de todo sujeito, condicionando-o não apenas a defender ideias, mas a resolver questões ordinárias em que a persuasão define seus sucessos ou perdas, é fulcral atentar como esse processo é vivido no ambiente escolar em relação a essas demandas também de estudantes. Acreditamos que “o uso da argumentação com fins educacionais não é algo a ser improvisado” (LEITÃO, 2011, p. 17), razão pela qual conduzimos esses estudos até as práticas argumentativas no ecossistema digital.

Sendo assim, não poderíamos adentrar os escrutínios das novas abordagens sobre os estudos da argumentação sem revisitar os princípios norteadores da arte de

argumentar. Evidentemente é necessário salvaguardar as distinções inapropriadas para o que se compreende como os processos intrínsecos à língua de atuação argumentativa. Entretanto, como assimila Amossy

Essas abordagens descritivas e analíticas ambicionam aprimorar a compreensão do mundo no qual evoluímos cotidianamente, esclarecendo os fenômenos que compõem: as interações da vida cotidiana, o discurso político ou jurídico, a imprensa escrita, as mídias, a ficção. (AMOSSY, 2020, p. 9)

Nessa perspectiva, observar as concepções da filosofia tradicional acerca das formas de persuasão nos insere numa linha de investigação científica em que se imbricam a evolução da linguagem com as tensões sociais sobre as interações discursivas. É no diálogo com o célebre filósofo Aristóteles que se poderá acompanhar essa trajetória humana, considerando seus estudos sobre civilizações, culturas, ciências e conhecimentos. Ainda que com ressalvas sobre o que o filósofo reconhecia como o primor da argumentação quando defende a retórica como um “estudo voltado para o verdadeiro e justo”. Ou ainda quando baliza as formas de persuasão a práticas formais e lógicas, amparado no silogismo, é Aristóteles (2019, p. 33) que defende que a função da retórica “não é simplesmente atingir a persuasão, mas discernir os meios de persuasão em cada caso”.

Tal percepção sobre “discernir meios de persuasão” é o que representa grande parte da riqueza dos estudos sobre argumentação. A constatação de que há indivíduos envolvidos de diferentes estruturas sociais, com afetações subjetivas, portanto peculiares, em inúmeras esferas que perpassam uma civilização, é subsidiariamente relevante para conduzir diferentes abordagens acerca da argumentatividade. Ainda que o filósofo estivesse ancorado em dados limitados, tendo em vista os enquadramentos silogísticos, a valorização de entimemas e as esferas específicas de análise (política, jurídica e deliberativa), suas categorizações podem ser ampliadas e redirecionadas.

Embora se tenha conhecimento dos estudos argumentativos de Aristóteles especificamente nas esferas política, jurídica e deliberativa, com ênfase na modalidade oral, é possível identificar, nas linhas argumentativas, diversas estratégias presentes em qualquer ação comunicativa, em qualquer modalidade da língua. Na verdade, Aristóteles confirma que o discurso persuasivo ocorre em situações mínimas de comunicação, ou seja, no momento que um falante inicia uma intenção argumentativa, ele está, antes de tudo, convencendo a si próprio de sua verdade. É com a certeza de que seus argumentos são persuasivos que tornará mais consistente seu discurso argumentativo. (LIMA, 2012, p. 53)

Foi nessa perspectiva de ampliação das abordagens sobre as formas de argumentação, numa reação ao logicismo aristotélico que Perelman e Tyteca introduziram os estudos denominados da Nova Retórica. Apesar das críticas importantes que os autores levantaram sobre o logicismo, muitos conceitos foram reaproveitados com novas leituras e perspectivas. Perelman, na defesa de uma sociedade pluralista, a qual necessita de diversas técnicas de persuasão, esclarece essa rejeição à postura monista dos filósofos.

Os filósofos monistas buscaram sempre reduzir a pluralidade das opiniões opostas à unicidade da verdade. Para isso, imaginaram uma razão divina, garantia do verdadeiro e do justo, da qual razão humana seria somente um reflexo. Essa razão eterna e invariável, reconhecendo a evidência de certas proposições, garantiria por si mesma suas verdades, que se imporiam a todo ser racional. (PERELMAN, 2011, p. 21)

A discussão se dá, então, em relação à proposta aristotélica de direcionar as linhas argumentativas de forma convergente, em alinhamento com as premissas “ideais” que servem de apoio aos raciocínios persuasivos. Há uma reação, a partir da Nova Retórica, à ideia de que a argumentação só possa ser validada em torno de *topoi*⁵⁴, desconsiderando a dinamicidade e a discursividade da linguagem.

Nessa mesma linha de reconhecer as diferentes abordagens sobre o processo de argumentação, propomos um diálogo com Amossy, concernente ao aspecto tácito da argumentação, que leva em consideração sua inscrição no discurso. A intenção é elucidar, nas análises posteriores, como os efeitos persuasivos ocorrem, sem estar previamente entendido como uma necessidade de adesão a uma tese.

A oposição problemática do argumentativo e do não argumentativo é substituída, então, pela concepção de um *continuum* que apresenta modalidades argumentativas diversas, de tal modo que a argumentação pode revestir-se de aspectos variados. Num dos polos, encontra-se o choque entre teses antagônicas; no polo inverso, os discursos, cujo caráter informativo ou narrativo parece subtrair-lhes toda e qualquer veleidade persuasiva. (AMOSSY, 2020, p. 43)

Assim, consideramos imprescindível evocar estudos que possibilitem análises discursivas das inúmeras formas de atuação da língua presente no ciberespaço. Ainda que percebamos que esse campo tecnológico ainda é visitado timidamente no que concerne o foco na argumentação, já se mobilizam explorações acerca dessas estruturas inclusive voltadas para o ensino. Zappen (2005) reconhece a complexidade

⁵⁴ O conceito de *topoi*, bem como outras proposições da retórica tradicional, será melhor elucidado em subseções deste capítulo.

de introduzir mais um estudo sobre práticas retóricas, pois assumia, à época, que “ havia dificuldades e desafios em adaptar uma retórica de mais de 2000 anos às condições e restrições das novas mídias digitais. (ZAPPEN, 2005, p. 319 - tradução nossa)⁵⁵. Na mesma linha, Eyman (2015) passa a reconhecer o quão produtivas são as práticas comunicativas no ciberespaço e desenvolve um trabalho na busca de ampliar as atenções para as questões discursivas nesse meio.

Em suma, a dinâmica discursiva experimentada no ciberespaço, alinhada às formas argumentativas já exploradas há mais de 2000 anos, convoca diferentes olhares e investigações, na concepção de que movimentos linguísticos (semióticos e multissemióticos) têm demandado novas configurações retóricas.

3.1 As contribuições da Retórica aristotélica: o princípio epistemológico dos estudos sobre argumentação

Antes de adentrar nos pontos fulcrais da obra aristotélica sobre retórica, é importante retomar os princípios aos quais a obra do filósofo grego se propôs. Contextualizar os propósitos, época de discussão, com seus construtos socioculturais é imprescindível para transcorrer com os aspectos relevantes às discussões contemporâneas sobre argumentação.

A retórica antiga, correspondente ao longo período da Antiguidade, foi tópico de discussão por diferentes filósofos, os quais escreveram acerca de alguns pontos do que se considerava “arte de argumentar”. Aristóteles (2019, p. 31) entendia que “os autores dos atuais tratados de retórica elaboraram apenas uma pequena porção dessa arte”. Sendo assim, assimilamos a ideia de que os estudos aristotélicos são mais amplos e trouxeram contribuições mais específicas aos estudos da argumentação. Imbuído de analisar os discursos orais, Aristóteles definiu como os três gêneros do discurso o deliberativo, o judiciário e o epidítico. A partir dessas três situações de práticas comunicativas, diversas orientações argumentativas foram identificadas e largamente aplicadas até a atualidade.

Sendo assim, a Retórica aristotélica busca reconhecer os meios de persuasão nos domínios específicos, embora amplos, de acordo com a forma de manifestação das atuações à época. O contexto era de “uma cidade livre onde as decisões públicas convocavam o debate, permitia o bom andamento da justiça, (...), pela prática da

⁵⁵ “(...) it reveals the difficulties and the challenges of adapting a rhetorical tradition more than 2,000 years old to the conditions and constraints of the new digital media.”

palavra pública” (AMOSSY, 2020, p. 16). A ênfase no deliberativo (político) e judiciário se dava por essa razão. E na concepção aristotélica, a construção eficaz da argumentação não poderia ser baseada nas construções individuais, emocionais ou subjetivas, o que fortalece sua visão silogística no convencimento entre orador e auditório.

Fica claro, portanto, que o estudo metódico da retórica tange aos modos de persuasão. Ora, a persuasão é um tipo de demonstração (uma vez que nos sentimos o mais plenamente persuadidos quando julgamos que uma coisa foi demonstrada); a demonstração do orador é um entimema, sendo este, em geral, o mais eficaz dos meios de persuasão. (ARISTÓTELES, 2019, p.33)

Sob essa percepção, Aristóteles constrói linhas argumentativas, com as quais determina “os raciocínios que destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese” (FIORIN, 2023, p.21). Para isso, prescreve alguns conceitos caros a qualquer teoria de argumentação.

Sob essa visão holística, inscrevem-se suas principais conceituações, as quais têm acompanhado as interações humanas além das esferas por Aristóteles focada. Neste trabalho, abordaremos: a conceituação dos meios de persuasão: **ethos**, **pathos** e **logos** - que intitulam os três livros inseridos em Retórica; a representatividade de **entimema** e **topoi** e os direcionamentos em torno dos papéis do **orador** e do **auditório** na construção da persuasão no discurso.

A relevância que Aristóteles empregou aos três meios de persuasão, **ethos**, **pathos** e **logos**, repercute nas mais variadas teorias da argumentação. É uma tríade que dialoga com a perspectiva enunciativa da linguagem em ação, na visão da Pragmática, em que o processo enunciativo ocorre sob a orientação dinâmica de um enunciador, localizado em determinado tempo e espaço, que se dirige a um interlocutor, o qual é mobilizado por um enunciado. A complexidade desse processo comunicativo em ação leva em consideração as diferentes atualizações desses três pontos: quem fala, para quem fala, e o que fala (FIORIN, 2011).

Evidenciamos, portanto, essa disposição de efetividade persuasiva por meio do **ethos** na medida em que a construção da imagem que se faz de si promove maior credibilidade do que se diz. Nesse ponto, o orador ocupa um “lugar de fala” social que promove maior eficácia dos seus argumentos. Se “**ethos** é a imagem que o orador constrói de si em seu discurso, com o objetivo de contribuir para a eficácia do seu dizer”, é possível esse reconhecimento nos discursos atuais, principalmente nas redes

sociais virtuais, em que essa imagem é trabalhada ou até manipulada por outros meios (AMOSSY, 2020, p. 79).

A categorização proposta por Aristóteles das diferentes manifestações dos sentimentos humanos, na ideia de esclarecer as formas de atuação do orador sobre o auditório, nos conduz à identificação de diferentes estratégias dos atuais oradores para persuadir seu público-alvo. Essa manobra toma outros rumos quando nos valem os recursos digitais nos ambientes cibernéticos. Nossa proposta é, de alguma forma, perceber as novas maneiras técnicas de atingir o auditório do ciberespaço.

A assunção dessa manobra sobre os sentimentos do auditório para provocar adesão às teses parece contraditório quando consideramos a postura silogística de Aristóteles. Entretanto o filósofo reitera conscientemente que a racionalidade não prescinde das emoções, mas são inerentes ao ser humano e não conflita com a razão na perspectiva da persuasão. Na verdade, está ligada à racionalidade do sujeito (AMOSSY, 2020).

Concernente ao aspecto do *Logos*, a tradição da retórica de Aristóteles vai considerar efetivamente o discurso oral, por esse motivo, aspectos prosódicos, estilísticos e a oratória são inseridos na performance argumentativa. Todavia esses elementos, que moldam a “arte do bem dizer”, subjazem os fatos demonstrados, em que a racionalidade é manifestada.

O que temos a examinar primeiramente, de acordo com a ordem natural, é como a persuasão pode ser produzida a partir dos próprios fatos. A segunda questão a ser abordada é a do estilo que permite ordená-los e a terceira é uma questão de extrema importância, jamais tratada antes, a saber, o próprio método da prática oratória. (ARISTÓTELES, 2019, p. 99)

Mesmo considerando que a intenção prevalecente em um ato de persuasão é atingir o auditório, envolvendo-o por meio de diferentes estratégias, Aristóteles considera que a forma como esse discurso caminha entre o orador e seu público é determinante para eficácia.

Por fim, na perspectiva logicista da retórica aristotélica, interessamo-nos pela sua definição de *topos* e *entimemas*, que lhe constituem aspectos primordiais para formação de um discurso efetivamente persuasivo. “Para o estagirita, o *topos* é uma espécie de modelo com que muitos argumentos podem ser construídos” (FIORIN, 2023, p. 19). Esses modelos são construídos socio-historicamente, forjados sob

crenças e valores difundidos desde grandes grupos sociais até pequenos núcleos de coexistência.

A palavra *topos* é tomada de empréstimo à língua grega e corresponde ao latim *locus communis*, de onde provém o português *lugar comum*. Fundamentalmente um *topos* é (a) um elemento de uma tópica, sendo uma tópica uma heurística, uma arte de coletar as informações de fazer emergir argumentos; (b) por especificação de (a), um esquema discursivo característico de um tipo de argumento. (PLANTIN, 2008, p.53)

Assim, o autor define um termo pertencente a um dos fundamentos da retórica clássica, enquanto convicção de que a persuasão realiza-se mais efetivamente quanto mais próximo de evidências demonstradas amparadas em lugar comum. Recorre-se, nessas demonstrações, a generalidades reconhecidas e, portanto, presumidamente irrefutáveis. Os recursos, os valores, as formas de usar essa força do *topos* é que têm sido modificadas, sobretudo com o advento das redes sociais virtuais.

3.2 O novo marco nos estudos da argumentação com o Tratado da Nova Retórica

Após longos anos de estudos teóricos, cujas bases estavam alinhadas às construções da retórica clássica⁵⁶, surge um trabalho de redirecionamento dos estudos da argumentação. Perelman e Olbrechts-Tyteca apresentam, em meados do século XX, um tratado que expande as perspectivas de uma prática argumentativa. Seu objetivo não seria necessariamente desfazer de uma proposta milenar, mas romper com as restrições impostas pelo logicismo e silogismos. Segundo Amossy (2020, p. 21), “a nova retórica de Perelman produz renovação pela reflexão fecunda sobre o poder da palavra em sua dimensão de troca social”.

Ao romper com as limitações da argumentação por meio de uma lógica formal, Perelman e Tyteca (1996, p. 3) procuram defender que essa racionalidade limitante é indevida no ato argumentativo. Os autores entendem, então, que restringir as formas de convencimento a provas embasadas em verdades e lógicas formais distanciam a essência discursiva em que circulam outros fatores no processo de intercomunicação. Nessa perspectiva, reconhecemos a definição de argumentação como as estratégias

⁵⁶ Não objetivamos, aqui, discorrer acerca das diferentes correntes e teorias sobre argumentação surgidas a partir do paradigma clássico. Os modelos e propostas das diferentes linhas podem ser bem acompanhadas, de forma resumida, mas relevante, na obra de Plantin (2008), pois aborda a história, as teorias e as perspectivas dos estudos sobre argumentação.

empregadas para conduzir ou fomentar a adesão dos espíritos às teses defendidas (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 1996).

Paralelo a essa nova percepção de formação argumentativa, Perelman revelou a necessidade de focar em textos escritos. Na verdade, concebendo as particularidades entre os modos de discursividades oral e escrita, o autor entendeu que, com o desenvolvimento tecnológico e ampliação dos textos escritos, não se poderia limitar às interações da oralidade. Sobre esse aspecto, o autor explica:

A ênfase dada aos textos escritos trará como resultado, por estes se apresentarem nas formas mais variadas, que nosso estudo será concebido em toda sua generalidade e não se deterá especialmente em discursos encarados como uma unidade de uma estrutura e de um tamanho mais ou menos convencionalmente aceito. Como, do outro lado, a discussão com um único interlocutor ou mesmo a deliberação íntima, dependem, em nossa opinião, de uma teoria geral da argumentação, compreende-se que a ideia que temos do objeto de nosso estudo excede largamente o da retórica clássica. (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 7)

Com essa alegação, os autores deixam evidente sua visão sobre práticas interativas por meio das linguagens. Quaisquer tolhimentos lhes pareciam paradoxal ao que se concebe como a linguagem em ação, em que diferentes recursos, diferentes interlocutores, diferentes intenções podem entrar no jogo de persuasão. Amossy reforça a importância dessa reorientação perelmaniana por compreender a abrangência interacional prevista em qualquer argumentação (AMOSSY, 2020).

Ademais, a Nova Retórica evoca as técnicas abordadas na retórica tradicional, as quais estavam sempre cerceadas por paradigmas estabelecidos, e as redimensiona, na convicção de que essas técnicas permeiam e subsidiam qualquer prática interativa. Percebemos, então, que, numa visão holística, os autores prepararam (ainda que inconscientemente) para as práticas em ambientes pulverizados pela internet, em situações interativas diversificadas.

Essa visão de ampliação de procedimentos argumentativos não invalida, segundo Perelman, a força inerente à noção de *topos* da retórica clássica. Os autores ratificam que “as crenças mais sólidas são as que não só são admitidas sem prova, mas também, muito amiúde, nem sequer são explicitadas” (PERELMAN, 1996). Isso revalida a concepção, com a qual dialogamos, de que as construções argumentativas são moldadas por uma formação de valores abstratamente reconhecidos.

Pretendemos, outrossim, com a discriminação das formas distintas de análise, sobretudo com a virada paradigmática com Perelman e Tyteca, demonstrar que o desenvolvimento tecnológico, as ressignificações dos valores sociológicos potencializam novas análises das práticas de argumentação. Entre os enfoques dados pelos pensadores da Nova Retórica aos constituintes das interações argumentativas estão aqueles que, para uma perspectiva sociointeracionista, na qual se inscreve este trabalho, são de grande relevo.

Amossy (2020), em sua análise sobre o trabalho de Perelman e Tyteca, menciona sua importante contribuição concernente aos elementos constitutivos “orador” e “auditório”. A autora defende que, sob uma perspectiva enunciativa, “a nova retórica coloca, então em relevo, a importância decisiva da instância de recepção na troca argumentativa”(AMOSSY, 2020, p. 52). Isso implica um olhar de reajuste entre discurso e público, introduzindo distintas categorias que moldam a efetividade discursiva nessa relação. Sendo assim, à medida que entendemos a visão que os autores dessa nova teoria da argumentação demonstraram, mais próximo ficamos das análises pretendidas mediante uma diversificação exponencial de “auditórios”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca afirmam:

Esse contato entre orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo desenvolvimento. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar. (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.21)

É importante esclarecer, aqui, que essa noção de “auditório”, para os autores, é percebida de forma mais ampla - talvez até pelo fato de suas análises estarem mais voltadas para o discurso escrito -, de forma a poder ser atingido por um discurso em que se envolvem trocas. Amossy (2020) explica que as operações estudadas nas teorias da argumentação não são ignoradas, mas são inseridas em situações específicas de interação, de acordo com o tratado da nova retórica. A autora interpreta, nessa condição de especificidade, que o argumento ocorre “na troca entre o orador e seu auditório, estando claro que este participa da troca mesmo quando não toma a palavra” (AMOSSY, 2020, p. 22).

Entretanto, mesmo consciente da amplitude desse “auditório”, os autores procuram refletir como esse “auditório” poderia ser, em alguma medida, determinado. Na visão de que há uma consciência no processo argumentativo, pois assumimos,

com os autores, que “toda prática de linguagem é argumentativa”, refletimos: como atingir eficazmente um auditório que poderá estar pulverizado na sociedade? Perelman e Tyteca assim definem que, em matéria de retórica, parece-nos preferível definir o auditório como um conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (AMOSSY, 2020, p. 22).

Todavia essa definição não desconsidera as nuances previstas nas relações de interatividade, no que diz respeito à eficácia da argumentação. Podem acontecer transtornos comunicativos, que poderão resultar em distanciamentos e negações da persuasão pretendida. Por esse motivo, os autores afirmam a importância da atenção ao auditório.

O estudo dos auditórios poderia igualmente constituir um capítulo de sociologia, pois, mais do que seu caráter pessoal, as opiniões de um homem dependem de seu meio social, de seu círculo, das pessoas que frequenta e com quem convive. “Você quer”, dizia M. Millioud, “que um homem inculto mude de opinião? Transplante-o”. Cada meio poderia ser caracterizado por suas opiniões dominantes, por suas convicções discutidas, pelas premissas que aceita sem hesitar; tais concepções fazem parte de sua cultura e todo orador que quer persuadir um auditório particular tem que se adaptar a ele. (AMOSSY, 2020, p. 23)

Sem querer discutir o aspecto determinista da asserção, o fato é que Perelman e Tyteca renunciavam o aspecto sociointeracionista das construções argumentativas na contemporaneidade, que estão se constituindo por meio de um aspecto de polarização política e ideológica. Nesse momento, o “meio” se configura não necessariamente um meio físico social, mas o meio socioideológico organizado e alimentado, sobretudo, nas redes sociais do ambiente virtual.

O reconhecimento de Perelman e Tyteca sobre o envolvimento do auditório na construção das estratégias argumentativas são expandidas e estudadas em diferentes situações. Todavia, para proceder com essas análises, os autores definem tipos de auditórios, numa percepção de categorização abrangente, de forma que diferentes domínios da sociedade possam ser contemplados em cada um deles. Não pretendem apenas conferir mais uma abordagem taxonômica, mas esclarecer como os movimentos argumentativos podem ocorrer. Para isso, os autores consideram três tipos de auditório: *auditório universal*; *auditório particular (do interlocutor)* e o *auditório do sujeito*. Assim por eles explicitado:

O primeiro constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos por todos os homens adultos e normais, que chamaremos de *auditório universal*; o segundo formado no diálogo, unicamente pelo *interlocutor*

a quem se dirige; o terceiro, enfim, constituído pelo próprio *sujeito* quando ele delibera ou figura a razão dos seus atos. (...)Em contrapartida, o indivíduo que delibera ou o interlocutor do diálogo podem ser percebidos como um auditório particular, cujas reações conhecemos e cujas características somos ao menos capazes de estudar. (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 34)

Percebemos, por meio dessa classificação proposta por Perelman, no que concerne ao auditório *universal*, uma semelhança com os *topos* definidos por Aristóteles, constituintes de uma argumentação logicista, cujas bases argumentativas são o lugar-comum, e cujas verdades eram compartilhadas coletivamente. Nessa perspectiva, Perelman cita Kant para retratar esse aspecto de universalidade das teses, quando reitera que “toda crença objetiva pode comunicar-se, pois é “válida para a razão de todo homem” (PERELMAN, 1996, p. 34).

Outra discussão apontada por Perelman corresponde ao aspecto dialogal da argumentação. Não é pontuado aqui, no Tratado da Nova Retórica, o aspecto interacionista da atividade da argumentação, como introduziu Hamblin (1970) em seus modelos dialogais, fixado em uma configuração de pontos de vista contraditórios (PLANTIN, 2008). Perelman e Tyteca (1996) apresentam um aspecto dialógico em que se leva em consideração, sim, convicções distintas sobre os mesmos aspectos, mas que não constitui um debate, com vencedores, mas uma discussão em vistas de se chegar à solução de algum problema em questão.

Todavia, a assunção da relevância da atividade dialogal em práticas argumentativas é validada por Perelman, mas com significativas ressalvas quanto às intenções das discussões diretas. Isso o faz estabelecer distinções entre *diálogo erístico*, *diálogo heurístico* e o *diálogo habitual*. No primeiro, os autores identificam trocas argumentativas em que o orador pressupõe o outro sempre como representante de um auditório universal. No segundo conceito, o orador tem a intenção firme de dominar o interlocutor. No terceiro exemplo, os autores apresentam como as práticas de trocas cotidianas, as que representam as atuações em torno das problemáticas comuns dos eventos sociais (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 1996).

Quando evocamos os novos direcionamentos da retórica por Chaïm Perelman, propusemo-nos a reconhecer como os estudos da argumentação precisam de novas orientações, considerando as diferentes formas de conduzir as investigações acerca das interações humanas. Ao assumir uma nova postura diante das atuações retóricas,

entendemos que é necessário haver um olhar mais amplo em relação ao poder da palavra nas diferentes trocas sociais (AMOSSY, 2020). Essa assunção, portanto, nos conduziu a entender que as novas interações mediadas pelo computador, sobretudo sob a dinâmica do ciberespaço, impulsionam o estudo da argumentação especificamente nesse espaço.

3.3 Argumentação na perspectiva da Retórica Digital

As novas demandas sobre uma retórica digital têm provocado alguns estudiosos da linguagem há algum tempo, promovendo discussões, gerando categorizações, numa tentativa de alcançar as provocações argumentativas do ciberespaço. Eyman (2015), com sua preocupação em analisar a retórica digital no mundo acadêmico, identificou um importante grupo que, já em 1995 a 1997, reconhecia a necessidade dessa busca. Esse grupo se autodenominava “*tecnoretóricos*” e tinha como líder Eric Crump, fundador do “RhetNet: um ciberjornal para retórica e escrita (1995–1997), o qual cunhou o termo *tecnorretórico* como uma espécie de abreviatura para estudar as características da retórica que acontece no ambiente digital” (EYMAN, 2015, p. 4 - tradução nossa).⁵⁷

Objetivando entender como a argumentação se desenvolve no ambiente digital, numa ampliação das categorizações tradicionais da retórica nos discursos orais e escritos, traremos o conceito de Retórica Digital com o qual dialogamos neste trabalho. Todavia, é importante considerar algumas concepções que envolvem os novos estudos.

O conceito de retórica digital é ao mesmo tempo excitante e problemático. É excitante porque promete abrir novas perspectivas de oportunidade para estudos retóricos, e problemático porque revela as dificuldades e os desafios de adaptar uma retórica tradicional, com mais de 2.000 anos, às condições e restrições das novas mídias digitais. (ZAPPEN, 2005, p.319 - tradução nossa)⁵⁸

Ao passo que Zappen (2005) compreendia os desafios de adaptar as categorizações tradicionais às práticas argumentativas nas mídias digitais,

⁵⁷ “Eric Crump, founder of RhetNet: A Cyberjournal for Rhetoric and Writing (1995–1997), coined the term *technorhetorician* as a kind of shorthand for “rhetor-who- happens-to-study-the-rhetorical-features-of-technological- environments”

⁵⁸ The Concept of a digital rhetoric is at once exciting and troublesome. It is exciting because it holds promise of opening new vistas of opportunity for rhetorical studies and troublesome because it reveals

percebemos outra configuração desafiadora. Assumimos que a grande problemática é alcançar todas as nuances retóricas nas interações no mundo digital. Os movimentos inseridos nas análises não são apenas de ordem tecnológica; não são apenas a inserção de novos modelos multissemióticos. Encaramos uma nova percepção de tempo; uma nova afetação nas condições interativas; uma nova perspectiva de relações sociais; novas implicações de identificação. Ao adjetivarmos os adventos como “novos” não pretendemos nos restringir à temporalidade vigente, mas ao momento em que se inseriram as interações mediadas pelo computador e pela internet, fazendo um contraponto às análises argumentativas tradicionais.

Nessa perspectiva, tomaremos como base também o importante estudo de Fogg (2003), o qual já entendia, no início dos anos 2000, que fomos inseridos numa nova era tecnológica com caráter persuasivo, permeada por instrumentos e ferramentas interativas, que tem afetado o comportamento da sociedade (FOGG, 2003 - tradução nossa⁵⁹). O que o autor denomina de “tecnologia persuasiva” está inserido no conceito admitido por Xavier ao afirmar que “a retórica digital é um efeito da intensa variação no uso pelos sujeitos da língua combinada a linguagens em comunicação mediada por computador” (XAVIER, 2013, p. 99).

Não obstante os objetivos de Fogg em sua obra acerca da persuasão nas tecnologias digitais serem amplos e para contribuição em diferentes áreas, reconhecemos aspectos em sua abordagem muito importantes para nossa pesquisa. Sua imersão nessa temática permitiu construir categorizações da argumentação que envolvem os efeitos do técnico; os efeitos da linguagem inserida nessa técnica; as afetações dos sujeitos envolvidos nessa era cibernética e as concepções éticas e sociais advindas com todo esse fenômeno.

Tecnicamente, o autor apresenta uma das grandes forças persuasivas mediadas por computador: a internet e seus inúmeros websites. Fogg (2003- tradução nossa⁶⁰) defende que o advento da computação permitirá estratégias invisíveis de

⁵⁹“We have entered an era of persuasive technology, of interactive computing systems designed to change people's attitudes and behaviors.” B. J. Fogg. *Persuasive Technology: Using Computers to Change What We Think and Do* (Interactive Technologies) (Locais do Kindle 241-242). Edição do Kindle.

⁶⁰“ With the emergence of embedded computing, the forms of persuasive technology will likely become more diverse, “invisible,” and better integrated into everyday life.”

persuasão nas práticas mais rotineiras dos cidadãos. Esse aspecto de invisibilidade e integralidade na construção de estratégias argumentativas compõe uma das formas de instrumentalização da retórica defendida neste trabalho.

Ao trazermos para este trabalho as percepções da Nova Retórica de Perelman, temos a intenção de reconhecer a importância da categorização das técnicas argumentativas e, sobretudo, conferir como elas estarão sempre subjacentes a quaisquer discursos argumentativos. Se propomos realizar uma imersão nas práticas discursivas em textos nativos digitais, pretendemos deixar claro que as categorizações tradicionais sempre estarão presentes nas práticas de linguagem, sejam analógicas ou digitais. Na verdade, o que pretendemos, ensaisticamente, é identificar que outras formas esse ambiente imputou como estratégias argumentativas.

Destarte, para tal objetivo, influenciada por diferentes teóricos, como Eyman, Xavier, Fogg, defendemos uma nova categorização de estratégias argumentativas do ciberespaço:

- (1) *tecnoargumentação pela ubiquidade;*
- (2) *tecnoargumentação pela repetibilidade;*
- (3) *tecnoargumentação pela interatividade;*
- (4) *tecnoargumentação pelo anonimato;*
- (5) *tecnoargumentação pela multissemiotividade.*

3.3.1 A tecnoargumentação pela ubiquidade

O conceito de ubiquidade é uma característica importante das tecnologias digitais, enquanto ferramenta de percurso de interação. Com a condição de permitir que usuários que navegam no espaço cibernético estejam quase em todo lugar simultaneamente, obtendo informações que circulam desde a superfície até as minúsculas partículas tecnológicas, a ubiquidade passa a ser um importante fenômeno de estudo em relação às estratégias argumentativas.

De acordo com os conceitos apreendidos, a ubiquidade é um fenômeno inerente ao ambiente digital devido às práticas interativas por meio da hipertextualidade. Esse aspecto de ubiquidade inerente ao ambiente cibernético é constituído, então, pelo seu aspecto compósito, na ideia de uma imbricação entre o linguageiro e os mecanismos técnicos nas interações dos usuários da internet (PAVEAU, 2021). A onipresença dos discursos acontecerá por diferentes ferramentas

que permitem essa interligação. Sejam palavras clicáveis, sejam links, sejam símbolos como hashtags, entre outros. Estudar essas ferramentas condutoras da ubiquidade permite-nos, minimamente, alinhar como os processos técnicos se introduzem na persuasão.

Tanto o “nó” quanto o “elo” [possibilitados pelos links] tornam-se importantes para a retórica digital, pois representam duas formas persuasivas que estão disponíveis para análise, mas é na rede em si que esses elos se tornam a forma mais poderosa de argumentação; devido às suas affordances e restrições e às maneiras pelas quais eles medeiam situações retóricas, facilitam ecologias retóricas e impactam a formação da identidade digital. (EYMAN, 2015, p. 81 - Tradução e comentários nossos)⁶¹

O autor notifica o papel de efetividade persuasiva possibilitada pelos instrumentos técnicos subjacentes à escrita digital. Mas ele enfoca, sobretudo, o efeito desses instrumentos digitais no ambiente específico de interação: as redes cibernéticas. Há imposições de esferas sociais, psicológicas inerentes a essa ecologia que dimensionam a ação persuasiva das ações hipertextuais.

Não obstante Fogg (2015) ter observado esse fenômeno das diferentes esferas sociais, permitimo-nos acompanhar como as mesmas ferramentas se manifestam nas redes sociais, inclusive nas práticas de estudantes secundaristas. O autor observa que “Quando os sistemas de computação interativos são incorporados em objetos e ambientes do cotidiano, podem intervir precisamente no momento e no local certos, conferindo-lhes maior poder de persuasão” (FOGG, 2003, pos. 334 - tradução nossa⁶²). Sendo assim, procuramos acompanhar como ocorrem essas imbricações.

Figura 4: Captura de tela do Perfil G1 da plataforma X (Twitter)

⁶¹ Both “node” and “link” become important to digital rhetoric as they represent two rhetorical forms that are available for analysis, but it is the network itself that has become the more powerful form in terms of its affordances and constraints and the ways in which it mediates rhetorical situations, facilitates rhetorical ecologies, and impacts the formation of digital identity.”

⁶² “When interactive computing systems are embedded in everyday objects and environments, they can intervene at precisely the right time and place, giving them greater persuasive power.”



Fonte: captura de tela do X (Twitter), realizada pelo *smartphone*. (Acesso em 09/04/2024)

Em 07 de abril de 2024, o Supremo Tribunal Federal, representado pelo Ministro Alexandre de Moraes, assinou um despacho contra o dono da plataforma X (Twitter), Elon Musk, acusando-o de disseminação de *fake news* nas redes sociais. Motivado por algumas declarações do proprietário do antigo *Twitter*, o Ministro mostrou-se imbuído de ratificar que, no Brasil, há leis que monitoram o ambiente cibernético, imputando-lhe, assim, o crime de “dolosa instrumentalização” das redes sociais. É sob essas circunstâncias que o domínio jornalístico também instaurou seu julgamento, mais especificamente, em seu jornalismo digital. Nesse embate, não se manifestam apenas as informações jornalísticas, mas, sob a égide da polarização, expõem-se pontos de vista alinhados com um dos polos da discussão.

O perfil do G1 no X (Twitter), jornal da empresa Globo, responsabiliza-se por trazer à discussão a situação entre Elon Musk e o Supremo Tribunal Federal. O perfil destacado acima é assinado pela jornalista Natuza Nery e, de acordo com os usos dos mecanismos tecnológicos, observamos a contribuição argumentativa. Para essa análise, ratificamos a importância de toda observação se valer das “escrituralidades digitais”, como observa Paveau (2021, p 180), notificando que as inserções técnicas

no discurso têm sido estudadas pelos linguistas, mas não exploradas sob o ponto de vista discursivo, especificamente, aqui, argumentativo.

Sob os aspectos da hipertextualidade, que possibilita a condição da ubiquidade, a jornalista inicia o *post* tratando da “provocação do #Musk”. A presença do símbolo da *hashtag*, associada à marcação da cor azul, já inicia um discurso conduzindo o leitor não apenas para o objeto de investigação - o Elon Musk - mas intencionalmente às informações complementares a respeito da pessoa investigada. Apesar do posicionamento claramente marcado em um determinado lado da presente discussão, permitir que o leitor visite outras redes sociais, onde o investigado aparece, pode soar como uma imparcialidade jornalística; entretanto, ao clicar na marcação hipertextual, o interactante digital entrará na página do Elon Musk, onde encontrará suas publicações direcionadas às leis brasileiras e tecendo ameaças sobre a suspensão da rede social no Brasil.

Se estamos evocando à perspectiva de um texto de “visada argumentativa”, evidenciamos, também, que a marcação com *hashtag* e em azul (condição do clicável) para “ #Moraes”, também procura levar o leitor a ambientes nas redes em que o Ministro foi mencionado, principalmente acerca do caso envolvido. O texto segue com as marcações para #STF, trazendo os pontos importantes da acusação ao bilionário. Por meio dos *hiperlinks*, os leitores digitais encontrarão respaldo para a informação basilar, que vem em seguida no *post*: “como o dono da X (*Twitter*) atua para desacreditar informações confiáveis e instituições[...]”. O aspecto negativo da posição de Elon Musk é assim imposto.

Fica evidente que o envolvimento do leitor na superfície compósita ocorre de forma a torná-lo mais aquiescente em relação à culpabilidade do investigado. Uma situação em que mecanismos são responsáveis por esse processo. E, para ampliação da estratégia argumentativa por meio da condição de ubiquidade, após a informação negativa sobre o proprietário da plataforma X (*Twitter*), o orador digital marca a comentarista de economia e política da GloboNews, Júlia Duailibi, conduzindo o auditório digital à página de mais uma voz condutora da informação. Em um texto não digital, mencionar alguém com autoridade jornalística geraria um efeito de credibilidade, como bem já mencionara Perelman. Entretanto, sob a marca hipertextual, possibilitada pelo texto digital, o leitor “ubiquamente”, constata o lugar de onde a autoridade mencionada se coloca.

Evidentemente, como representação de mesma instituição jornalística, o ponto de vista estará definido como o da apresentadora do *post* inicial, mas essa é exatamente uma estratégia de persuasão. Ademais, a indicação da comentarista política ocorre como menção a sua conversa com a advogada “#estela.aranha”, também marcada de forma clicável, fomentando o fio condutor de navegação argumentativa para uma representante brasileira jurídica e ativista dos direitos digitais. A postagem é concluída com um *link* para um áudio, em que se ouvem as informações acerca da discussão entre Alexandre Moraes e Elon Musk, instrumentalizando o auditório digital acerca de detalhes do processo, por meio de uma entrevista e outros posicionamentos.⁶³

Nossa categorização de *tecnoargumentação* por meio da *ubiquidade*, por meio da condição de hipertextualidade, pode ser confirmada pelo que Eyman considera como papel do hipertexto na no ciberespaço.

A principal distinção entre análise de redes sociais e análise de redes de hipertexto é que os próprios *sites* são considerados atores dentro das redes investigadas: “Em particular, através de um *hiperlink*, um *site* individual desempenha o papel de um ator que pode influenciar outros, por meio da confiança, prestígio, autoridade ou credibilidade do site”. (EYMAN, 2015, p. 104, *apud* PARK, 2003, p..53 - tradução nossa⁶⁴)

O que constatamos na postagem no X (*Twitter*) é essa influência acontecer por meio dos nós que entrelaçam os argumentos, introduzindo o auditório em *sites* particulares, com dados materiais, intencionalmente ligados às intenções persuasivas. Não se trata, portanto, apenas de gerar credibilidade a uma informação para efeitos de adesão às teses. Trata-se de ampliar os limites que uma citação poderia atuar de forma tradicional, pois, retomando Eyman (2015 – tradução nossa⁶⁵), ao reportarmos às citações analógicas, em que se constata uma limitação na circulação do texto. Por esse motivo, consideramos que esse aspecto da ubiquidade promove novas potencialidades na argumentatividade.

⁶³ Essa conversa na íntegra pode ser acessada pelo endereço: glo.bo/3vBU3IV#g1. Acessado em 02/05/2024.

⁶⁴ “The key distinction between social network analysis and hypertext network analysis is that the websites themselves are considered actors within the networks being investigated: “In particular, through a hyperlink, an individual website plays the role of an actor who could influence other website’s trust, prestige, authority, or credibility”

⁶⁵ “(...) its use is limited when considering the overall circulation of a text.”

Ademais, nessa hipertextualidade, os textos relacionados permitem a ampla atuação da multimodalidade. Os usuários saem de textos escritos para textos em imagens, áudios, vídeos, como ocorre em alguns links da postagem em análise.

Para persuadir, os computadores podem apresentar dados e gráficos, áudio e vídeo ricos, animação, simulação ou conteúdo com hiperlinks. A capacidade de usar diversas modalidades permite que a tecnologia corresponda às preferências das pessoas por experiências visuais, auditivas ou textuais. A tecnologia também pode criar um efeito sinérgico ao combinar modos, como áudio, vídeo e dados, durante uma interação para produzir o resultado ideal. (FOGG, 2003, pos. 315 - tradução nossa⁶⁶)

Se considerarmos que a persuasão é o ato de tocar o outro para adesão às teses, a rede de interação tecnológica permite uma amplificação dessa ação. O “tecnoauditório” é atingido em diferentes atuações de experiências interativas. A força de instigação é proporcionada pelo contato simultâneo a diferentes formas, inclusive de maior envolvimento e preferência do interactante. Não se trata apenas do efeito de imagem sobre o leitor que se encanta com certas ilustrações, trata-se da simultaneidade das interações, que promovem envolvimento e adesões.

3.3.2 A tecnoargumentação pela repetibilidade

Para compreendermos como a *repetibilidade* é uma ferramenta de *tecnoargumentação*, é necessário assimilar que aspectos técnico-digitais estão na estrutura desse processo, especificamente com a automatização promovida pelos algoritmos. Estamos cientes de que a repetição sempre foi mencionada como uma estratégia argumentativa, entretanto, procuramos observar como esse meio passou a ser manipulado pelos usuários digitais. Se pouco se falava dessa ferramenta na condução subjacente às práticas mediadas pelo computador, com sua atuação nas redes sociais, tornou-se pauta de estudos da comunicação digital. Freitas (2011), em sua tese sobre a instrumentalização da linguagem, reconhece a relevância dos algoritmos nos ambientes cibernéticos. Para isso, propõe uma leitura importante de

⁶⁶ To persuade, computers can present data and graphics, rich audio and video, animation, simulation, or hyperlinked content.6 The ability to use various ous modalities enables technology to match people's preferences for visual, audio, or textual experiences. Technology can also create a synergistic effect by combining modes, such as audio, video, and data, during an interaction to produce duce the optimum persuasive impact.”

Araújo (2008), o qual situa esses elementos técnicos como transformadores das navegações.

A formulação de Araújo (2018) é importante para a compreensão daquilo que propomos por algoritmização da linguagem: a manipulação, classificação, formulação e análise de unidades linguísticas por sistemas computacionais, seja com finalidade de processamento da estrutura linguística (morfossintática, pragmática, discursiva), seja como armazenamento de corpora (bancos de dados textuais) para recuperação, recorte, aplicação e distribuição de informações. (FREITAS, 2011, p 72)

Ao constatar a “manipulação” como uma particularidade na organização das informações pela algoritmização da linguagem, torna-se evidente que seus rastros no ciberespaço, sobretudo nas redes sociais, são acionados por um agente com diferentes intenções de atuação. Ora, numa perspectiva de que toda manifestação da linguagem é uma ação argumentativa, ou ainda, na percepção de que “Nesse mundo, a retórica e as artes da persuasão não são ferramentas insignificantes para distrair as massas, são “equipamentos para viver” (RAMAGE, 2018, p. 32), entendemos como os mecanismos digitais operados por indivíduos são “equipamentos” para imposição de múltiplas intenções.

Entendemos, assim, que a *repetibilidade*, promovida por essa atuação algorítmica, é uma das forças de influência argumentativa. Em muitas situações, a repetição de termos, de palavras, de *hashtags*, de *links*, de nomes de instituições, nomes de celebridades públicas podem sugerir uma aleatoriedade do sistema, uma desatenção de um navegador, mas, na verdade, são os dispositivos manipulados na esfera digital, que cumpre seu papel de exposição de um ponto de vista, a qual, pela repetibilidade cumpre o papel de imposição. Esse entendimento é validado por Paveau (2021, p. 40) ao reconhecer que “os algoritmos podem ser considerados operadores de coerção discursiva e de instrução semântica (...)”. Ainda que sua abordagem seja no plano ideológico, subjaz a essa dinâmica uma condução argumentativa.

A seleção do termo *repetibilidade* como categoria de persuasão na retórica digital não se dá apenas pela sua relação com a *memória digital* imposta na instrumentalização da linguagem, mas também pelo aspecto da imposição dessa memória na organização psíquica do indivíduo, precipuamente, o auditório-digital das redes sociais. No âmbito da argumentação, a organização psíquica é fundamental para os efeitos pretendidos.

Enquanto movimento, a repetição seria capaz de acumular uma certa força que permitiria, em dado momento, um rearranjo do sentido da experiência singular até então desconhecido para o indivíduo. A acentuação da repetição ganha então uma acepção ativa daquele que avança em direção a algo e dele se apropria. O sentido de apropriação está ligado a uma capacidade de desenvolvimento e mobilidade do ser humano no interior de si mesmo e em relação ao tempo. (VARGAS e SANTOS, 2022, p. 113)

Sempre que percebemos movimentos de um sujeito a partir da sua experiência por meio da linguagem, consideramos, assim, um percurso argumentativo. Nessa perspectiva, identificamos que as mobilizações de opiniões no interior de um internauta são efetivadas, também, por essa prática de *repetibilidade*. Sendo assim, dois integrantes da ecologia digital são instrumentos para efetivação dessa estratégia persuasiva: os *robôs* - por meio dos algoritmos -; e a *memória digital*. Nas interações em redes sociais como Twitter, Facebook, Instagram, os comentários subsequentes às postagens são atuações da *web* em que esses fenômenos ocorrem efusivamente, impulsionando e realimentando os pontos de vista ali inerentes.

A presença dos robôs nas redes sociais cumpre o papel de influenciar. Operados por uma rede de técnicos digitais, sob a determinação das intenções pretendidas (pessoais ou institucionais), esses *bots* comandam regularmente as práticas discursivas nesse ambiente. Vinhas (2021), em sua análise acerca dos efeitos dos robôs no ciberespaço, ainda que numa perspectiva discursiva, reconhece que “o trabalho dos robôs pode influenciar o funcionamento dos regimes democráticos.” Para isto, o autor observa que sua atuação num determinado movimento político, por meio de publicações em perfis de redes sociais - especialmente na rede social X (*Twitter*) - ocorreu devido ao

(...) excesso de postagens desses perfis, que, prioritariamente, produzem publicações que repetem, através do retweet, uma publicação já feita por outro perfil online. Nessas publicações retweetadas, há, em geral, a presença de uma *hashtag* impulsionada pelos *bots*, a fim de ocupar todos os espaços da rede e transformar-se em *trending topic*. (VINHAS, 2021, p. 251)

O movimento mecânico de trazer à superfície da *web* palavras, informações repetidas vezes, numa atuação de “condicionamento” do indivíduo, torna-se uma relevante ferramenta *tecnoargumentativa*. Trazemos essa ponderação de Vinhas, mesmo reconhecendo seu trabalho na abordagem da Análise do discurso, por reconhecer que, nas interações, esse fenômeno tem efeito retórico. O conhecido

“trending topic”, operativo na rede X (*Twitter*), é um exemplo de como a repetibilidade constrói desde o acesso à leitura da informação manipulada, até o movimento de atuar como repetidor para outro indivíduo, numa retroalimentação da postura de convencimento já estabelecida. Nessa mesma perspectiva, Paveau (2021, p. 45) reconhece que todo esse processo “são os responsáveis pelas determinações, até mesmo pelas manipulações, em larga escala, que moldam nossos modos de existência”. Além do mais, ainda sobre a atuação desses robôs, Galli (2021, p. 254) considera que “O excesso é fundamental para esta reflexão, pois os robôs têm como comportamento característico a reprodução massiva de determinada informação, operando na tentativa de estabilização de determinados efeitos desentido”. Entendemos, também, que a teórica aborda esse aspecto na perspectiva discursiva, todavia é possível identificar sua atuação em efeitos na retórica digital.

Fogg (2003, pos. 298 - tradução nossa)⁶⁷ evoca o termo “persistência” para caracterizar essa propriedade da máquina no seu processo de repetição na argumentação no ecossistema. O autor defende que “Os computadores não ficam cansados, desanimados ou frustrados. Eles não precisam comer ou dormir. Eles podem trabalhar dia e noite em esforços ativos para persuadir (...)”. É uma constatação de que a atuação de robôs, no processo da repetição, ocupa um lugar de argumentatividade importante de ser explorada e analisada.

Paralelo a isso, sob a égide da repetibilidade, por meio da ação dos robôs, apresenta-se a “memória digital”⁶⁸. Para composição de suas análises teoricamente definidas, Paveau (2021) traz alguns conceitos que são significativos para nossas análises.

Entende-se memória digital no sentido tecnodiscursivo, e não no sentido informático, sem integrar diretamente os aspectos propriamente técnicos do arquivamento dos dados (estes últimos, no entanto contribuem devem ser levados em conta para compreensão da noção). No entanto, a memória é um objeto de reflexão que se desenvolveu bastante nas Ciências da Informação e da Comunicação (CIC). (PAVEAU, 2021, p. 268)

⁶⁷ Computers don't get tired, discouraged, couraged, or frustrated. They don't need to eat or sleep. They can work around the clock in active efforts to persuade,(...)”.

⁶⁸ É importante registrar que a apropriação do termo “memória digital”, embora seja base para a abordagem de Paveau (2021) acerca da “memória tecnodiscursiva”, realiza-se para contornos epistemológicos distintos da autora. Nossa preocupação neste trabalho não corresponde à memória

Assumindo a consciência epistemológica de que a formação argumentativa se forma no discurso, defendemos que a automatização da linguagem manifestada nas redes sociais, por meio da repetição conduzida pelos robôs, deixa suas marcas na memória do usuário. Trata-se, aqui, de uma informação que ocupa espaços mentais recorrentemente, tomando uma proporção de ativador de reações. Considerando o exemplo de Fogg (2003) sobre ‘persistência da máquina”, numa tentativa de levar o usuário a registrar algum dado digitalmente, pois esses registros, com persistência, tendem a ampliar os índices dos registros (FOGG, 2003 - tradução nossa⁶⁹). Sendo assim, reconhecemos como o trabalho de memorização é uma estratégia *tecnoargumentativa*. A repetibilidade projeta, assim, uma categoria dentro desse arcabouço técnico de mobilização persuasiva.

Figura 5: Captura de tela de uma interface do X (Twitter)



Fonte: captura de tela da plataforma X (Twitter), realizada pelo computador. (Acesso em 24/05/2024)⁷⁰

A interface dessa página da plataforma X (Twitter) é uma exemplificação sobre o efeito da repetibilidade como estratégia de *tecnoargumentação*. Algumas informações são relevantes para análise. A temática em discussão diz respeito ao pronunciamento do ex-jogador Craque Neto para boicotar doações ao Rio Grande do Sul em evento em que estariam presentes o governador de São Paulo e o ex-

⁶⁹ the persistent reminders undoubtedly increase the rate of registration.”

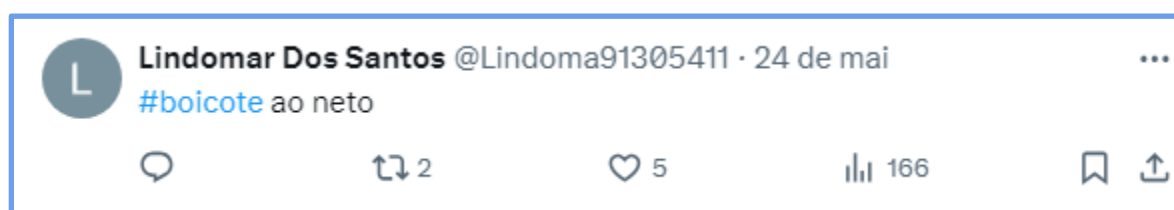
⁷⁰ A página na plataforma X (Twitter) pode ser acessada e atualizada em: <https://x.com/DouglasGarcia/status/1794073156690354472>

presidente Jair Bolsonaro.⁷¹ Na disposição dos elementos da rede está demarcado em azul a aba “Top”, a qual corresponde às notícias mais abordadas na rede Twitter.

No canto direito, no “trending in Brazil”, está marcada a palavra “boicote”. O termo “trending” corresponde aos 20 assuntos mais comentados no Twitter em um determinado momento, no caso, especificamente no Brasil. Sendo assim, observamos que, com a palavra “boicote” marcada, promove-se uma representação de um termo clicável, com o qual se permite a repetição, o envolvimento, a reprodução dentro da rede, de forma a alcançar mais pessoas em um curto espaço de tempo. A marcação da palavra “boicote” será reconhecida pelos algoritmos, os quais cumprem sua função de impulsionar digitalmente o efeito de repetibilidade.

Podemos observar, na interface, na aba do “trending in Brazil”, que ocorreram 8.515 postagens com o termo “boicote”. O auditório-digital é mobilizado por esse resultado, seguindo os acordos estabelecidos nesse ecossistema. A visualização dos termos “Neto” e “boicote” são retomadas por meio de novos comentários com esses termos clicáveis. A intenção, *a priori*, da escrita com a linguagem instrumentalizada de condução argumentativa. O auditório-digital retoma a voz do argumentador não apenas com o comentário de aquiescência, de que compactua com o ponto de vista, mas como reproduzidor da argumentação, de forma a ter maior alcance possível com a movimentação de “visada argumentativa”.

Figura 6: Captura de tela de um comentário no X (Twitter)



Fonte: captura de tela da plataforma X (Twitter), realizada pelo *smartphone* e pelo computador. (Acesso em 24/05/2024)

O comentário à postagem no perfil de Douglas Garcia atende à imposição prevista pelo orador digital. A intenção é apresentar uma postura política contrária a um grupo partidário, de forma a desprestigiar a imagem de quem intenciona boicotar o evento. Sendo assim, a resposta aquiescente surge em inúmeras postagens, em

⁷¹ Informação disponível em: <https://www.bnews.com.br/noticias/esporte/video-apresentador-esportivo-causa-polemica-ao-pedir-boicote-campanha-em-prol-do-rs.html>. Acessado em 25/05/2024. A celeuma faz parte da polarização político-ideológica vivida no Brasil nos últimos anos, retomada com a tragédia ambiental ocorrida no Rio Grande do Sul em maio de 2024.

um processo de “redocumentarização”, considerado por Paveau (2021) como “a retomada, dentro de um documento novo, do conteúdo dos rastros gerados de modo automático, depois da interação do usuário com o sistema informático” (p. 272).

A questão, nesse processo, é que não se tem uma repetibilidade sistêmica apenas como efeito automático dos mecanismos técnicos. O que constatamos é que um processo argumentativo é mobilizado por meio desses mecanismos. Os grupos anuentes ganham força com suas publicações, representando uma identificação no coletivo ideário. Percebemos, assim, nessa última postagem, que o interlocutor digital retoma as palavras já amplamente repetidas, reconduzindo-as a novas repetições ao marcar com hashtag, e com a cor azul clicável a palavra “boicote” e mencionar a palavra “neto”. Esse efeito de reduplicação do argumento é percebido com as 166 visualizações e os dois compartilhamentos (*retweets*), até aquele momento da captura.

A voz exposta de “boicote ao neto” argumenta que o que o ex-jogador Craque Neto expôs é rejeitado e essa rejeição precisa ser notificada amplamente. Essa intenção é largamente alcançada por meio da repetibilidade, com as ferramentas dos algoritmos.

Figura 7: Captura de tela de um comentário na plataforma X (*Twitter*)



Fonte: captura de tela do X (*Twitter*), realizada pelo computador. (Acesso em 24/05/2024)

Nessa postagem, identifica-se novo curso argumentativo, provocado pela inserção de um termo que pontua o posicionamento desse interlocutor digital: a palavra “Parabéns”. Mesmo seguida pelo termo que gerará a repetibilidade pela presença do *arroba* que torna o termo clicável e rastreável na rede, a palavra “parabéns” insere a presença de um auditório controverso à argumentação apresentada. O rastro permite alcançar públicos de pontos de vista distintos, atendendo, também, a provocação do orador digital inicial, que assume um dos lados da polarização política do país. De qualquer forma, vimos um movimento de interação dialógica permitida pelos recursos digitais.

O fato de as pessoas responderem socialmente aos produtos informáticos tem implicações significativas para a persuasão. Abre a porta para os computadores aplicarem uma série de dinâmicas persuasivas que podem ser descritas como influência social - o tipo de influência que surge de situações sociais. Essas dinâmicas incluem influência normativa (pressão dos pares) e comparação social ("acompanhar o Joneses"), bem como dinâmicas menos familiares, como polarização de grupo e facilitação social. (FOGG, 2003, pos. 1129 - tradução nossa⁷²)

Os modelos discursivos estabelecidos pelos mecanismos cibernéticos inserem o auditório digital em um embate discursivo consciente. O internauta que responde à provocação do boicote, ironicamente, parabeniza a postagem do ex-jogador, com uma argumentação validada pelas inferências da linguagem. Ao tornar o perfil do Neto clicável e rastreável promove a repetibilidade como coerção persuasiva, definindo nova perspectiva à temática e mobilizando novas vozes aquiescentes.

3.3.3 Tecnoargumentação pela interatividade

A percepção de que os mecanismos digitais possuem atributos específicos como estratégias de argumentação tem como base intrínseca a propriedade de alta interatividade. O envolvimento dos interactantes, que neste trabalho são considerados oradores-digitais e auditórios-digitais, realiza-se sob a propriedade da ubiquidade, da hipertextualidade e, assim, permite uma prática interativa com nuances distintas das interações não digitais (orais ou escritas). A atuação desse técnico que amplia a velocidade, as formas, o espaço de interação provoca trocas interativas de inserção contínua e prática desse interactante.

A interatividade é um processo inerente às práticas no espaço cibernético, considerando tudo que representa para o cidadão agir socialmente por meio de uma máquina. Entretanto, nosso foco está em atuações que refletem o agir sobre o outro. Eyman (2015) busca Warnick para estabelecer uma importante distinção sobre interatividade no ambiente digital:

Warnick faz uma distinção entre interatividade como “um atributo de funções tecnológicas do meio, como *hiperlinks*, ativação de *downloads* de mídia, preenchimento de formulários de *feedback* e jogos *online*”

⁷² The fact that people respond socially to computer products has significant implications for persuasion. It opens the door for computers to apply a host of persuasion dynamics that are collectively described as social influence-the type of influence that arises from social situations. These dynamics include normative influence (peer pressure) and social comparison ("keeping up with the Joneses") as well as less familiar dynamics such as group polarization and social facilitation."

(69) e interação de usuário para usuário ou de texto para usuário. Warnick define interatividade como “comunicação que inclui alguma forma de troca recíproca de mensagens envolvendo mediação e ocorrendo entre [uma organização] e usuários, entre usuários e o texto do *site*, ou entre usuários e outros usuários”, enfatizando “a transmissão contingente de mensagens de um lado para outro, e como interatividade baseada em texto”. (EYMAN, 2015, p. 32, *apud* WARNICK, p. 69;70 - tradução nossa, com ajuda do Google Tradutor⁷³)

Nossa visão é que o processo de interatividade entre usuários; entre *sites* e usuários; entre redes sociais e usuários mobiliza a argumentatividade de forma típica. Isso implica ratificar a concepção de Plantin (2008) ao defender a função da argumentação dialogada. O autor entendia que

A situação interacional obriga o interlocutor a argumentar, isto é, a desenvolver um discurso de justificativa. A argumentação é uma atividade custosa, tanto do ponto de vista cognitivo como do ponto de vista interpessoal; só nos engajamos nela pressionados pela resistência do outro à opinião que estamos expondo. (PLANTIN, 2008, p.64)

Entendemos que essa “situação interacional” analisada por Plantin se constituía das práticas orais ou escritas (em alguma circunstância em que o diálogo pudesse ocorrer). Todavia, a interatividade provocada pelos mecanismos do ciberespaço realiza-se por meio de contornos tecnicamente diferenciados: anonimatos, simultaneidade (embora na escrita); ampliação do auditório; ampliação do alcance; contribuição dos elementos técnicos, entre outras atipicidades que tornam a interatividade uma categoria importante para a argumentatividade.

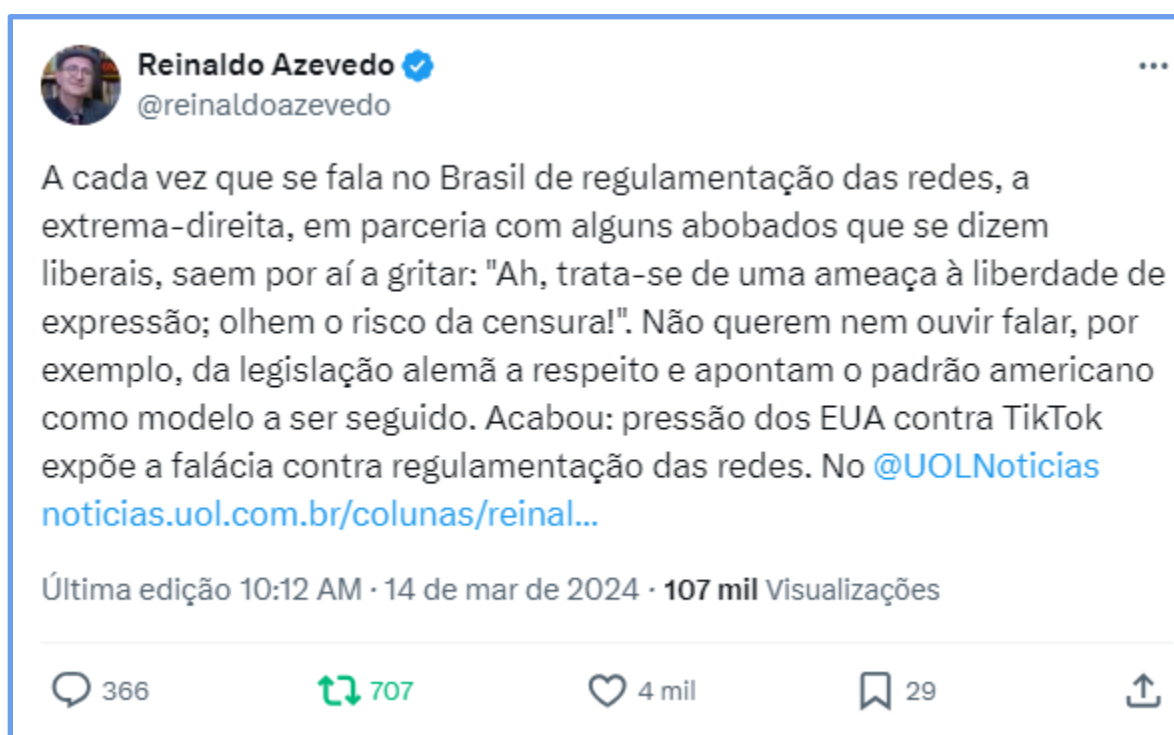
O próprio caráter de hipertextualidade inerente às práticas discursivas nas plataformas digitais provoca uma atuação da retórica tecnicamente envolvida. Eyman entende que essa interatividade, por meio de mecanismos tecnológicos, não pode ser analisada da mesma forma que os processos interativos na perspectiva tradicional da argumentação são analisados. O autor entende que é necessário entender as mídias

⁷³ “Warnick makes a distinction between interactivity as “an attribute of technological functions of the medium, such as hyperlinking, activating media downloads, filling in feedback forms, and playing online games” (69) and user-to-user or text-to-user interaction. Warnick defines interactivity as “communication that includes some form of reciprocal message exchange involving mediation and occurring between [an organization] and users, between users and the site text, or between users and other users,” emphasizing “the contingent transmission of messages back and forth as well as text-based interactivity”

como novas formas de persuasão, e por isso, talvez esteja exigindo novas teorias (EYMAN, 2015 – tradução nossa⁷⁴).

Em um espaço em que perpassam interesses diversos: econômicos, políticos, comerciais, afetivos, educacionais, entre outros, a aplicação dos mecanismos técnicos para diferentes fins é de vasta dimensão. Entretanto, alguns aspectos poderão ser notificados e analisados, com o desígnio de reconhecer sua aplicação argumentativa. Insistimos nesse aspecto, reiterando agora por meio de Fogg, na certeza de que a tecnologia possibilita um alcance a mais pessoas interativas, com maior poder persuasivo. (FOGG, 2002 - tradução nossa⁷⁵).

Figura 8: Captura de tela de um Perfil da plataforma X (Twitter)



Fonte: captura de tela do perfil de Reinaldo Azevedo no X (Twitter), realizada pelo computador. (Acesso em 14/03/2024)

Mesmo considerando que os elementos digitais já analisados, como a ubiquidade, hipertextualidade, repetibilidade são inerentes às interações informatizadas, pretendemos aqui exemplificar a particularidade argumentativa da interatividade na ecologia digital. O post em análise pertence ao jornalista Reinaldo

⁷⁴ “considering whether qualities of new media or digital texts should be considered as new forms, perhaps requiring the development of new theory or method.”

⁷⁵ “(...) computer technology is being designed to apply traditional human techniques of interactive persuasion, to extend the reach of humans as interactive active persuaders. “

Azevedo, o qual, em seu perfil, posiciona-se muito claramente a favor da regulamentação das redes. Entretanto, propomo-nos a identificar que ferramentas digitais reforçam ou mobilizam sua argumentação. O jornalista é consciente de que seu *auditório-digital* passa de um milhão e meio de seguidores⁷⁶. Esse dado procedente das interações em redes sociais, especificamente, no caso, do Twitter, terá um alcance quase ilimitado, tendo em vista a proposta de interação estabelecida nesse ciberespaço, pois cada seguidor tem sua rede de interação, para a qual poderá encaminhar o ponto de vista do jornalista.

Ademais, valendo-se dessa escrita digital, o autor promove a expansão de sua argumentação por meio do aspecto compósito da linguagem. A interatividade é provocada por partes clicáveis de seu discurso, quando permite a comprovação de seus dados por meio de um “@UOLNoticiasnoticias.uol.com.br/colunas/reinal...”. A dinâmica do orador digital é levar seu *auditório-digital* a testificar a “falácia contra a regulamentação das redes”. É um processo de interação intrínseca às redes, a qual o argumentador desse ambiente reconhece a funcionalidade e efetividade retórica. Sobre esse aspecto *tecnolinguageiro*. Paveau traz uma informação que contribui para a perspectiva de interatividade da argumentação na escrita digital.

A escrita digital apresenta, portanto, na materialidade de seus significantes escriturais, dois traços fundamentais, que devem se tornar objeto de uma análise: a dimensão compósito ou tecnolinguageira das tecnopalavras, dos hiperlinks ou das URL, e a natureza relacional desses segmentos pela manipulação do escrito digital, tanto na escrita (elaboração de hiperlinks) quanto na leitura (manipulação hipertextual do texto lido). (PAVEAU, 2021, p. 191)

Observamos um movimento de intencionalidade importante com a manipulação do “escrito digital”. Apesar da “imprevisibilidade relacional”, como argumenta Paveau (2021), em virtude de o orador digital não controlar os acessos e as interações previstas pelo “*hiperlink*”, mas o fato é que, ao estar disposto, torna-se possível de acesso. Essa probabilidade interativa torna-se uma propriedade argumentativa dessa ecologia.

Outro dado de efetividade retórica por meio desse aspecto compósito, estão os elementos multissemióticos que configuram a página do perfil da plataforma X

⁷⁶ Todas as informações acerca do jornalista Reinaldo Azevedo, bem como seu perfil na plataforma X (Twitter) pode ser acessado pelo link: <https://t.co/80W1nsSwSH>.

(*Twitter*). Inicialmente, há a notificação de visualizações: 107 mil. Esse dado interativo, ainda que sem uma exposição visivelmente dialógica, tecnicamente reproduz uma informação de interatividade, considerando que a postagem do orador digital teve uma ampla visualização. A despeito da não certeza do nível de leitura da opinião exposta, a significação do dado, pela quantificação, traduz uma informação de ampla aceitação do orador digital, possibilitando a indução de credibilidade ao seu ponto de vista.

Outros aspectos importantes de interatividade como processo argumentativo está disposto nos ícones que se posicionam abaixo da postagem:

Figura 9: os ícones interativos



Fonte: captura de tela do perfil de Reinaldo Azevedo no X (*Twitter*), realizada pelo computador. (Acesso em 14/03/2024)

Numa análise da esquerda para direita, há o ícone que simboliza as respostas vinculadas à postagem do orador-digital. A quantidade, a priori, já estabelece um nível de engajamento do ponto de vista apresentado, considerando que 366 respostas representam um bom envolvimento com a proposta. Esse ponto demonstra um aspecto da interatividade, no nível simbólico, mas de retroalimentação para a credibilidade argumentativa. A análise das respostas que exemplifica outra funcionalidade da interatividade será feita mais adiante, embora com um recorte possível mediante o enquadramento e limitação do próprio trabalho.

O segundo ícone é uma das mais importantes representabilidade sígnica de interação, pois corresponde aos *retuítes*, que podem ter comentários ou não acerca da postagem principal. Ao retuitar, o auditório-digital transmite a informação de anuência com o ponto de vista apresentado. Simultaneamente, quando o auditório reproduz a voz do orador-digital, assumindo como sua, fortalece a credibilidade do argumento, evidenciado pela quantidade de “707 *retuítes*”. Esse aspecto relacional é explicitado por Paveau, ao categorizar que a relação se dá entre “escritores e escreitadores, que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita

e de leitura, e que torna os tecnodiscursos (...) dependentes do ponto de vista único do internauta” (PAVEAU, 2021, p 311).

Sob essa mesma perspectiva interativa da *tecnoargumentação* está o terceiro ícone que representa curtidas, no caso, “4 mil curtidas”. Nas negociações interativas das redes sociais, a curtida representa uma aquiescência com o que foi apresentado. Dessa forma, o auditório-digital está interagindo diretamente com o posicionamento a favor da regulamentação das redes sociais. Se, nos discursos orais, essa interação se realizava de forma audível, normalmente por meio de uma voz por vez; ou mesmo nos discursos escritos, em que a interação ocorre por meio das mobilizações silenciosas e não simultâneas, nesse espaço, por meio de uma ação icônica, tem-se a estratégia argumentativa de uma interatividade digital, cujo efeito da adesão à tese é reconhecido consecutivamente.

Reconhecemos a interatividade como uma estratégia da *tecnoargumentação* devido a esses e tantos outros processos em que o contato entre o orador-digital e o auditório-digital ocorre sob nuances permitidas pelos mecanismos digitais. Fogg (2003, pos. 285- tradução nossa⁷⁷) acrescenta sobre essa percepção o fato de que “As tecnologias persuasivas podem ajustar o que produzem com base nas informações, necessidades e situações do usuário.” E essas necessidades e informações são alimentadas por meio desses movimentos digitais, sob o comando da algoritmização da linguagem, que torna visível os posicionamentos dos interactantes sobre quaisquer temáticas expostas nas redes.

Na sequência, o último ícone representa o post salvo, ou seja, 29 internautas salvaram o conteúdo para utilizações futuras ou simplesmente para guardar um argumento com o qual se identificaram, consideraram relevante, e, assim, optaram por não deixar seguir na fluidez da internet. A interação que subjaz a esse movimento é o de retornar ao orador digital sua aquiescência em relação ao argumento exposto. Essa prática interativa não apenas reage ao produtor original do enunciado, mas deixa o rastro para os demais usuários (participantes desse auditório-digital) de que a postagem salva deve ser prestigiada.

⁷⁷ “Persuasive technologies can adjust what they do based on user inputs, needs, and situations.”

Percebemos, então, como os movimentos argumentativos são realizados pelos nós interativos e por eles são alimentados nos ambientes digitais devido à natureza compósita dos enunciados aí produzidos. A dinâmica da interatividade exerce uma função argumentativa que os estudos linguísticos precisam ainda aprofundar. Procuramos descortinar alguns vieses desse processo, todavia com a visão de que a dinamicidade do ciberespaço não permite conclusões definitivas e conclusivas.

Outro aspecto da *tecnoargumentação* pela interatividade está nas respostas publicadas no perfil do orador digital, em análise, o de Reinaldo Azevedo, as quais impulsionam o desenvolvimento argumentativo consoante a perspectiva da abordagem dialogal. Perceberemos, nesse aspecto, a visão de que o processo interacional força, impulsiona o auditório-digital a argumentar e burilar uma justificativa (PLANTIN, 2008). Não obstante a abordagem do autor se referir a textos não digitais, o fenômeno da interação, por meio do argumento dialogado, permite efeitos semelhantes em ambientes cibernéticos, especificamente em redes sociais online, apenas com formas de impulsionamento distintos, sob os artefatos digitais.

Figura 10: Captura de tela de três respostas enviadas ao perfil Reinaldo Azevedo



Fonte: captura de tela de respostas enviadas ao perfil de Reinaldo Azevedo Na plataforma X (Twitter,) realizada pelo smartphone.(Acesso em 14/03/2024)

Conforme vimos anteriormente, a publicação de Reinaldo Azevedo, aqui em análise, recebeu, até aquela data da captura de tela, 366 respostas. Esse engajamento, pelo quantitativo de respostas, já foi analisado quanto ao processo de

interatividade, entretanto, observaremos a disposição dialógica realizada nessa ecologia, que reforçará a construção argumentativa. É evidente que a manifestação de argumentos provocados pela exposição argumentativa do orador digital se assemelha a situações de discursos orais já investigados por Aristóteles, Plantin e outros. Todavia, as trocas persuasivas, a necessidade de sobrepor, imediatamente, o ponto de vista do outro ocorre em um contínuo do oral e escrito, representada por essa escrita digital.

A possibilidade de resposta a uma postagem na rede social X (*Twitter*) corresponde a um ambiente propício para o “acordo e “desacordo”, corroborando a percepção de Plantin (2008, p. 68) para quem “as interações fortemente argumentativas apoiam-se sobre um desacordo que apresenta características específicas [...]”. Assim, “são interações organizadas em torno de um conflito pré-existente”. Na perspectiva da dinâmica sociointeracional, essa será a abordagem esperada.

Sendo assim, o orador-digital (que também tem a função de um *auditório-digital*), cujo perfil é denominado de “@o Golpe Tá aí, cai que...”, revela seu ponto de vista em desacordo com o orador-digital Reinaldo Azevedo. A resposta direcionada é perceptível devido ao recurso técnico dessa rede digital que permite a visibilidade do interactante a quem o *orador-digital* está respondendo, imediatamente ao clicar no ícone de resposta. Dessa forma, o rastreamento a quem se dirige o argumento, numa rede em que as interações são dinâmicas e amplas, é possível por meio do elemento clicável, nesse caso, “em resposta a @reinaldoazevedo.” ao iniciar sua fala com “o único abobado aqui é você”, o interactante deixa claro seu posicionamento em relação ao argumento apresentado.

Quando analisamos que havia 366 respostas a uma publicação como um componente argumentativo relevante, tendo em vista a atenção que foi dada ao orador-digital, não deslegitima a importância do “ethos” por haver uma resposta em desacordo. Pelo contrário, o movimento de acessar uma postagem, clicar no espaço da resposta, nessa cibercultura, indica a representabilidade desse orador-digital, ainda que a interação se estabeleça para marcar seu contraponto.

Da mesma forma, ocorre a resposta do orador-digital seguinte. Ao se manifestar com a mensagem: “Mas uma narrativa esdrúxula”, marcada digitalmente para o “Reinaldo Azevedo”, indica uma oposição de ideias, mas, como já dito,

aproveitando um espaço de abertura para posicionamentos, na certeza de que será “ouvido” pelo auditório-digital, possibilitando, assim, a propagação de seus argumentos a respeito da temática.

No que concerne ao interactante “MarioTlutfi”, entende-se uma aquiescência em relação ao posicionamento do orador-digital, iniciando sua “fala” com a afirmação “É óbvio que eles não querem que regulamentem suas mídias”. Nesse momento, confirmamos como a interatividade é uma importante ferramenta de argumentatividade, pois, o auditório-digital, ao interagir com a argumentação exposta na rede social online, tem a oportunidade de adicionar outras informações que coadunam com a premissa do orador-digital. Mesmo estando em um espaço em que outras informações contrárias possam acontecer, há uma chance de se organizar novos argumentos, com atualizações mais persuasivas e convincentes. Plantin afirma que o conflito é a mola propulsora para o desenvolvimento de novas argumentações e mais planejadas (PLANTIN, 2008).

Quando esse planejamento ocorre no espaço digital, as possibilidades são ampliadas pelo processo de ubiquidade e hipertextualidade da ecologia. Nessa perspectiva, um dado chama atenção. Os sujeitos que argumentaram contrários ao orador-digital estão expostos a respostas a seus posicionamentos, que ocorrem pelos mecanismos técnicos do ecossistema. Observando os ícones utilizados nas interações dos três interactantes, constatamos o seguinte:

Quadro 3

Orador-digital (interactante)	Ícone de interação da plataforma	Resultados
“O golpe tá aí cai quem que...”	 ícone de resposta	Nenhuma
“Leo”	 ícone de resposta	Nenhuma
“Mario Tlutfi”	 ícone de resposta	Nenhuma
“O golpe tá aí cai quem que...”	 ícone de retuíte	Nenhum
“Leo”	 ícone de retuíte	Nenhum
“Mario Tlutfi”	 ícone de retuíte	Um
“O golpe tá aí cai quem que...”	 ícone de curtidas	Nenhuma
“Leo”	 ícone de curtidas	Nenhuma
“Mario Tlutfi”	 ícone de curtidas	22 curtidas

Fonte: quadro organizado pela autora

Mesmo considerando que essa exemplificação se dá em um recorte de três interactantes no universo de mais de 300 internautas, o procedimento permite chegar a algumas conclusões: a) os internautas que se manifestaram contrários ao posicionamento do orador-digital não obtiveram reações positivas de outros interactantes; b) o internauta que se posicionou com anuência às ideias do orador-digital, além de obter 22 curtidas, obteve um compartilhamento, ou retuíte. Essas informações nos permitem entender que o perfil do Reinaldo Azevedo, por se mostrar, ideologicamente, como uma postura não conservadora, terá em sua página mais interactantes com ideias concordantes.

Vemos que o fator instigador do aspecto dialogal, em que os argumentos conflitantes desencadeiam a busca de diferentes formas persuasivas, não são os únicos elementos analisáveis nessa dinâmica das redes sociais online. Na verdade,

essa é exatamente a inquietação de Eyman (2015, p. 32 -tradução nossa⁷⁸) acerca da necessidade de exploração dos mecanismos digitais de argumentação. Não há apenas a interatividade texto com texto; leitor com texto; sujeito com sujeito, mas processos de interatividade se multiplicam com ferramentas específicas das mídias digitais.

3.3.4 Tecnoargumentação pelo anonimato

Quando tratamos de práticas argumentativas em textos nativos digitais, especificamente os operados nas redes sociais, reconhecemos formas persuasivas manipuladas por mecanismos técnicos que atingem ora o orador-digital, ora o auditório-digital. Vimos como esses *affordances*⁷⁹ contribuem para a manifestação de pontos de vista, visibilizadas nesse espaço, permitindo, igualmente, efeitos identificáveis na cibercultura. Todavia, a particularidade inerente a esse espaço, no que diz respeito às formas de interação não presenciais, são objetos de investigação. Mesmo considerando que a comunicação a distância não é uma exclusividade da Era da internet, é por meio dela que essa distância entre interactantes se moldou numa simulação de proximidade.

Machado (2021, p. 320) explica que “a internet, quando era ainda descentralizada e distribuída em milhares de sites e fóruns, trouxe possibilidade de se criar múltiplas identidades virtuais que não dialogam entre si e que permitiam nos relacionar em diferentes contextos (...)”. Esse é o processo reconhecido como o de invisibilidade ou do anonimato. Uma organização que configura as novas dimensões de interações sociais, com seus respectivos benefícios e danos. Todavia, antes de abordarmos o aspecto do anonimato enquanto mecanismo de persuasão, é

⁷⁸ “This sense of interactivity (particularly the notion of text-based interactivity) seems to me to elide the differences between dialogic communication (reader-to-text and user-to-user interaction) and interactivity as a quality of digital media.”

⁷⁹ Não é objetivo nosso, neste trabalho, discutir ou ampliar o conceito de “affordances”, considerando a multiplicidade conceitual existente em torno do termo. Entretanto, na perspectiva das análises do ambiente cibernético, dialogamos com alguns aspectos teóricos de Gibson (1986), bem sintetizado e ressignificado por Silva (2015, p. 63), em sua tese sobre os affordances em escritas *online*, para quem “affordances são percebidos como oportunidades para ação e engajamento.” Ou seja, “affordances também podem ser linguísticos: artefatos semióticos percebidos como oportunidades de ação por meio do engajamento com o meio ecológico e nas relações com os outros indivíduos para ação e engajamento.”

importante esclarecer a sua constituição consoante as normas, regras e práticas na internet.

Mostramos alhures (Paveau 2015a, 2015b) que o pseudonimato na internet constituía uma verdadeira cultura enunciativa e discursiva. Lembramos que, fora dos espaços da *dark web*, e dos processos de encriptação dos dados e da navegação privada, o anonimato não existe na internet, dado que todo rastro é assinado, pelo menos, pelo endereço de IP do computador utilizado. (PAVEAU, 2020, p. 69)

Essa informação é relevante considerando o aspecto de atualização dos movimentos cibernéticos, com os quais esta pesquisa precisa estar coadunada. Todavia, entendemos, também, que o aspecto do não domínio imediato, de forma tangível e visível, do interactante por trás de um discurso proporciona efeitos mobilizadores discursivos, argumentativos. Fogg (2003) ratifica esse aspecto de que há uma vantagem persuasiva em discursos mediados pelo computador, observando, a princípio, os espaços em que havia interação por meio de salas de bate-papo. Embora essa dinâmica tenha evoluído para outras formas de interação, entender a funcionalidade do anonimato nessas circunstâncias contribui para compreensão de atuação na argumentação nos espaços digitais contemporâneos.

O anonimato também é importante quando as pessoas estão agindo por meio de novas atitudes e comportamentos. Percebe-se esse fenômeno em salas de bate-papo anônimas: pessoas tímidas podem tentar ser ousadas, aquelas com os valores conservadores podem testar águas liberais, e aqueles que normalmente protegem a sua privacidade podem abrir-se e dizer o que pensam. Para o bem e para o mal, o anonimato ajuda a superar as forças sociais que prendem as pessoas a rotinas. Por vezes, o anonimato contribui para mudança delas. (FOGG, 2003, pos. 304 - tradução nossa⁸⁰)

Nessa perspectiva, de que o anonimato é o dispositivo do ambiente cibernético que rompe as barreiras sociais do “dizer”, sejam quais forem as forças cerceadoras, é que reconhecemos esse fenômeno como uma ferramenta *tecnoargumentativa*. Sendo assim, consideramos que o anonimato pode se apresentar nos discursos, seja numa “dimensão ou visada argumentativa”, como impulsor de exposições de pontos de vista, considerando que há maior intrepidez do usuário quando seu interactante não se apresenta face a face. E essa disposição tomou maior proporção,

⁸⁰ Anonymity also is important when people are experimenting with new attitudes and behaviors. You may have sensed this phenomenon in anonymous chat rooms: shy people can try being bold, those with conservative values can test liberal waters, and those who normally guard their privacy can open

do ponto de vista da funcionalidade persuasiva, nas redes sociais on-line, sob a condução dos algoritmos e robôs.

As redes sociais, especificamente X (*Twitter*), por ser foco deste trabalho, assumiu proporções de envolvimento sociais de difícil controle e delimitação. Essa expansão “ilimitada” de temáticas, discussões, e de diferentes esferas sociais, proporciona tanto um efeito de “vitrinização” do indivíduo, como, paradoxalmente, uma ilusão da personalidade, graças à invisibilização desse orado-digital. Muitos posicionamentos que não seriam tolerados em interações face a face encontram nas redes sociais um ambiente de expressão livre, com aquiescências e rejeições constantes. Essa condição permitida por essa ecologia, também, fortalece a polarização (MACHADO, 2015).

Reconhecemos, então, que a *tecnoargumentação* pelo anonimato poderá processar-se por meio de duas configurações: a) o anonimato para argumentação com preservação da face; b) anonimato para persuasão tácita. Evidentemente, em ambas as situações, os textos nativos-digitais, em que podem estar inscritos essas abordagens, podem se apresentar como exposição argumentativa, sem, necessariamente, ter sido intencionalmente elaborado visando à mudança de pensamento do outro. Ou mesmo, ter sido produzido com intenção de buscar a adesão do outro às suas teses. Todavia, o anonimato poderá ser a ferramenta argumentativa sob essas duas atuações.

a) Anonimato para argumentação com preservação da face

Embora este trabalho não tenha como base a perspectiva da Interação verbal, considerando a teoria de Goffman (1967) sobre as interações face a face, decidimos usar o termo sobre “preservação da face” pela relação conceitual que pode ser identificada nas interações virtuais. Paulinelli (2021, p. 10) retoma esse conceito, baseada em Goffman, definindo a ideia de “face” como o “valor social que um indivíduo clama para si a partir da avaliação social.” Ou seja, essa face que está sob julgamento das determinações socioculturais é a concepção que nos auxilia nessa identificação do anonimato como argumentação para preservação da face.

As interações mediadas pelo computador, em que a tecnologia permite a não visualização dos interactantes, ocorrem, muitas vezes, sob efeitos da exposição sem identificação. E foi nesse deslumbramento da ausência física, da ocultação da

presença visível, que outros mecanismos digitais foram ressignificados, como o “pseudonimato”, termo alcunhado por Paveau (2021). Reconhecemos, então, que esse artefato, embora tenha sua origem nos pseudônimos tão usados não digitalmente, retoma com novas possibilidades de argumentação.

Segundo Paveau,

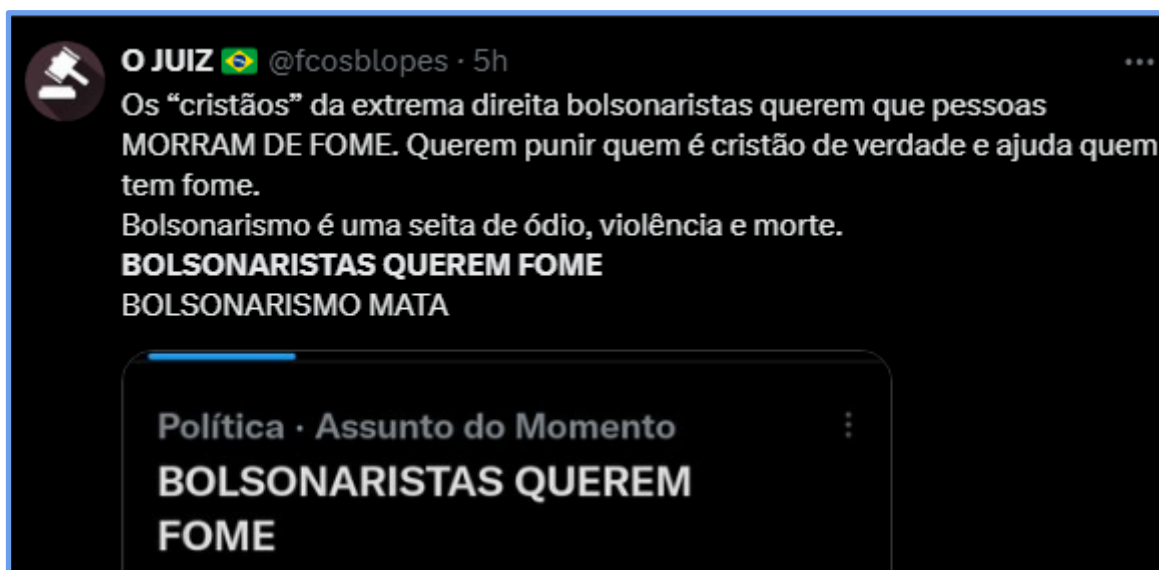
O pseudo anonimato, prática tão antiga quanto ter um nome, é a escolha por um indivíduo, de um nome diferente do seu, quase sempre escolhido por razões variadas que têm em comum o desejo de esconder sua identidade oficial. Na internet, a prática do pseudônimo (pseudo no uso comum) é constitutiva de uma cultura do anonimato contemporâneo e da democratização dos usos no início dos anos 1990. [...] O anonimato na internet é, então, uma noção geral que corresponde à possibilidade de esconder sua identidade oficial, e não de utilizar os serviços sem identificação. (PAVEAU, 2021, p. 295)

Entendemos, então, que uma das formas de argumentação por meio do anonimato se dá através do pseudônimo digital. Observamos, inclusive, que a própria escolha desse pseudônimo, para além de ser um artefato de preservação, é, também, uma elocução argumentativa. A cultura do anonimato que se instalou no ciberespaço se revestiu de aspectos discursivos em que as construções de si, mobilizadas fora do espaço digital, determinam as escolhas dos pseudônimos digitais. Esses artefatos não representam apenas a forma de visibilidade na web, mas compactuam a visão desse orador-digital. (PAVEAU, 2021).

Assim, fundamentada nessa visão do pseudononimato, entendemos que as práticas argumentativas acontecem ancoradas na possibilidade de preservar-se diante das cobranças e julgamentos do universo cibernético, sobretudo nas redes sociais. Como os oradores-digitais vivem a realidade de cancelamentos⁸¹ e outras reações danosas, essa estratégia do anonimato garante a manutenção de diferentes formas argumentativas.

⁸¹ Para maior aprofundamento acerca da cultura do cancelamento no ecossistema da web, sugiro a leitura do artigo de Larusso (2023), em seu artigo: “O tribunal da Internet: redes sociais, cultura de cancelamento e discurso de ódio.” Em uma de suas apresentações sobre o tema, a autora define que “a internet funciona, muito frequentemente, como um tribunal que sanciona, condena, atribui as responsabilidades e as penas. Por meio das redes sociais, dos programas e das interfaces que permitem comentar os conteúdos publicados on-line, a internet tem se definido, cada vez mais e nem tanto, não como um espaço de discussão e de troca de ideias — esse espaço de livre circunscrição de ideias que, inicialmente, teria alimentado a ilusão da internet e das redes sociais como espaços de democracia — mas, ao contrário, como um espaço de sanção e julgamento”. (LARUSSO, 2023, p. 243)

Figura 11: Captura de tela de um Perfil da rede social X (*Twitter*)



Fonte: captura de tela de um perfil da rede X (*Twitter*), realizada pelo computador. (Acesso em 28/06/2024)

Na postagem desse perfil da plataforma X (*Twitter*), podemos constatar duas marcas de anonimato, para ocultação da identidade oficial do orador-digital: a foto de perfil ao lado do pseudônimo e a escolha do pseudônimo. A foto selecionada ilustra a autodenominação pelo internauta, que usa um pseudônimo de “O Juiz”. É muito importante observar que um dos caracteres ilustrativos do pseudônimo é bandeira brasileira, a qual, nos últimos enfrentamentos de polarização política no Brasil, passou a ser a simbologia dos cidadãos de direita, especificamente, há época, do grupo de bolsonaristas. Argumentativamente, essa construção de autodenominação digital chama atenção pelo fato da associação entre o termo “juiz” e a bandeira do Brasil conduzir o auditório-digital a um posicionamento de um dos polos políticos brasileiros, podendo mobilizar o internauta dessa representatividade à leitura de sua postagem. Sendo assim, ambas as escolhas apontam um efeito argumentativo importante.

Para possuir um perfil na rede social X (*Twitter*), é necessária uma inscrição digital, por meio de um *e-mail* ou, especificamente, pela presença de um arroba (@). Ainda assim, esse processo que pode levar a uma identificação oficial pode ser manipulado visualmente pelo orador-digital, de forma que o nome com arroba que aparece para o auditório-digital permanece no anonimato preposto. Notamos a preocupação do dizer sob a ocultação de quem diz. A visão imediata do auditório-digital é de “O Juiz” e, em seguida, “@fcosblopes.” Em nenhuma das identificações,

haverá uma aproximação imediata de quem, de fato, está argumentando acerca do episódio que foi um dos assuntos mais comentados no X (*Twitter*) nesse dia.

Para melhor compreensão do ponto de vista defendido por esse orador-digital, é importante contextualizar o episódio amplamente comentado no X (*Twitter*). O vereador Rubinho Nunes, de um partido de direita de São Paulo, criou um projeto para proibição de doação de alimentos a pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo. O não cumprimento da Lei, poderá levar à multa de R\$ 17 mil. Indignados com a proposta de Lei, alguns internautas se manifestaram nas redes sociais, sobretudo no Twitter, contrários a esse posicionamento. Essa manifestação levou à formação de um bordão nessa rede: “Bolsonaristas querem fome”.

A partir desse bordão, posicionamentos surgiram acerca do episódio. Dessa forma, o orador-digital “O juiz” expôs seu argumento de forma direta, incisiva, partidária, mas completamente blindado das possíveis retaliações da internet por ter sua identidade mascarada. No final de seu posicionamento, ele diz: “*Bolsonarismo é uma seita de ódio, violência e morte*”. Em seguida, repete o jargão que inflamou o ecossistema: “*Bolsonaristas querem fome*”. Com esse exemplo, evidenciamos que, ainda que outros oradores-digitais tenham se posicionado claramente, também contrários ao projeto de lei, com suas identidades explícitas, muitos o fazem sob esse anonimato. Não está no objetivo deste trabalho revelar quantitativamente o quanto isso acontece, mas exemplificar como ocorre anonimato e com que intenção argumentativa.

As dificuldades de exposição de pontos de vista diante de pessoas contrárias às suas ideias podem inibir, tolher, limitar a força argumentativa de muitos sujeitos sociais. Entretanto, o ciberespaço, especialmente as redes sociais, mobiliza ferramentas digitais que permitem esse ambiente ser um dos maiores espaços de argumentatividade, seja por meio da voz dos destemidos, ou pela preservação da face disponibilizada pelo anonimato.

b) Anonimato para persuasão tácita

Para caracterizar o processo de persuasão de forma anônima, mas com intenções de manipulações tácitas, é necessário percorrer os mecanismos inerentes à web, os quais permitem uma inserção nas atuações dos internautas de forma

implícita, velada e inconsciente. Para isso, retomamos os conceitos de algoritmos, inteligência artificial e robotização, dentro dessa abordagem de argumentação.

Uma das constatações que este trabalho procura fazer diz respeito à pesquisa homérica de Pierre Levy sobre a cultura digital. Seja na sua obra de abrangência significativa - *Cibercultura* - ou em obras que circuncidavam o fenômeno cibernético, o fato é que fenômenos impactantes, com os quais lidamos hoje nas redes sociais por meio da robotização, já eram previstos pelo pesquisador desde a década de 90. Quando Levy ([1991] 1998, p. 212) considera a relação da “ideografia dinâmica” e o “conexionismo” da inteligência artificial, está descrevendo a distinção das atuações do aspecto compósito da linguagem no ambiente digital e os efeitos que as informações rastreáveis e absorvidas provocam nos interactantes.

Na construção de seu raciocínio acerca dos modelos mentais que são formados pela ideografia dinâmica, até a formação do conhecimento por meio da inteligência artificial, o autor chega a algumas conclusões, entre elas:

Se conforme nossa hipótese, as noções de narrativa e simulação de modelos mentais são centrais ao funcionamento cognitivo humano, então a ideografia dinâmica (como outras técnicas “convitais” de auxílio à modelagem de dados e simulação) adiciona novos modos de argumentação às técnicas de modelagem e raciocínio automático já utilizados pela inteligência artificial. (LEVY, [1991] 1998, p. 216)

Levy assevera que a ideografia dinâmica corresponde aos elementos sógnicos inerentes à linguagem compósita do sistema digital, a qual organiza a forma de agir e pensar nesse ambiente. Entretanto, diferencia essa dinâmica da automação proporcionada pela inteligência artificial, na medida em que defende que a IA simula “aspectos do funcionamento do espírito humano” e possui “uma tecnologia intelectual de alcance geral” (LEVY, 1998). Sendo assim, ao defender que esse processo “adiciona novos modos de argumentação”, o autor nos serve de base para exploração da categorização argumentativa por meio da automação, consequentemente, da persuasão velada.

Paveau (2021) amplia os estudos dos algoritmos, na atuação da Inteligência Artificial, e apresenta uma classificação baseada em Cardon (2015), muito relevante à nossa investigação. Dentre as quatro atuações dos algoritmos no ciberespaço, é-nos cara o que Paveau descreve como:

Os algoritmos que estão abaixo da web calculam rastros para influenciar os comportamentos futuros do internauta, segundo o princípio da predição; os dados processados são rastros digitais, que sabemos serem, on-line, em sua maioria linguageiros e escritos; a análise do discurso digital está, portanto, diretamente envolvida. (PAVEAU, 2021, p.41⁸²)

Considerando que os algoritmos, no ambiente da internet, são combinações que se inserem nos processamentos de dados e os utilizam de forma a resolver problemas, percebemos que essas sequências servem hoje, ativamente, como articulador de argumentações. O fato de permitirem que os dados processados atuem como “rastros digitais” indica que as influências geradas nos internautas são efeitos de um processo argumentativo velado. Paveau reforça essa teoria ao confirmar que esses algoritmos são considerados “operadores coercitivos” e mobilizadores semânticos (PAVEAU, 2021). E essa coerção não se dá em nível visível, que permita uma reação consciente do internauta, mas o envolve de forma tácita, levando-o à adesão de teses veladamente.

Nesse mesmo cenário, atuam os robôs, especificamente nas redes sociais online. Para esse fim, Vinhas (2021) tece alguns comentários e comunga de uma definição importante para essa atuação. Trazendo uma releitura de Ruediger, afirma que “Os robôs podem ser entendidos como “contas controladas por *softwares* se fazendo passar por seres humanos que já dominam parte da vida nas redes sociais [...]” (VINHAS, 2021, p. 255; apud RUEDIGER, 2017, p. 06). Evidentemente esses robôs já foram alimentados por dados, que são armazenados e reprogramados por meio dos algoritmos, já manipulados por humanos nesse processo. O que se vê, efetivamente, é a intenção de persuadir, sem visibilidade para que a respostas às intenções sejam mais naturalizadas possível.

Vinhas (2021, p. 256) explica essa relação dos algoritmos com a atuação dos robôs ao afirmar que as diferentes funções que alguns exercem, “tais como: identificar perfis populares e segui-los, identificar um assunto sendo tratado na rede e gerar um pequeno texto por meio de programas de processamento de linguagem natural”. E, nessa grande teia de simulação que caracteriza o ambiente cibernético, internautas

⁸² Reiteramos, aqui, o esclarecimento acerca do foco de nossa pesquisa, que está voltada para a argumentação, entretanto, muitos estudos atuais que envolvem análise do discurso digital passam pelo campo da argumentatividade, com a qual se constroem os efeitos do dizer.

são persuadidos a agir, consumir, atuar politicamente, entre outras mobilizações sociais, sem reconhecimento de um orador-digital intencional.

Esse processo nos faz retomar uma importante abordagem de Amossy acerca de “dimensão argumentativa” e “visada argumentativa”. Não obstante as duas conceituações serem legítimas quando analisamos diferentes gêneros textuais, no ecossistema digital, essas configurações ora se imbricam, ora se sobrepõem. A autora analisa isso, de forma incipiente, ao defender a necessidade de estudos acerca da argumentação no ciberespaço, pois acredita que, “Nesse contexto, a vontade de agir sobre o leitor assume uma forma muito concreta que expõe uma ativação (como clicar em um *hiperlink*” (AMOSSY, 2018 p. 93⁸³). Evidentemente, nesse ponto, a autora antevê uma indução por meio de técnicas, sem aprofundar (por isso evoca a um aprofundamento), como o desenvolvimento da inteligência artificial entraria nesse contexto sob coerções ativadas intencionalmente por algum ciclo de interesse.

Nessa mesma perspectiva e análise, voltamos ao que a autora afirma sobre “visada argumentativa”, para refletirmos como se constitui a argumentação tácita por anonimato nas redes sociais. Segundo Amossy,

Visando a uma multidão indistinta, a um grupo definido ou a um auditório privilegiado, o discurso procura sempre produzir um impacto sobre seu público. Esforça-se, frequentemente, para fazê-lo aderir a uma tese: ele possui, então, uma visada argumentativa. Mas o discurso também pode, mais modestamente, procurar modificar a orientação dos modos de ver e de sentir: nesse caso, ele possui uma dimensão argumentativa. (AMOSSY, 2020, p.7)

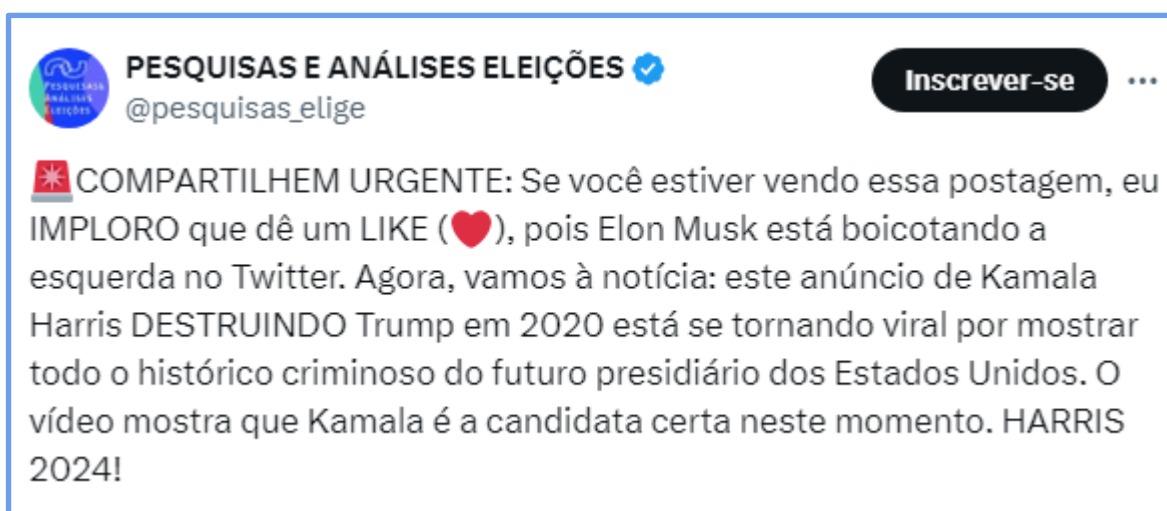
A perspectiva da autora é tratar o termo “discurso” de forma ampla, sem distinções entre o discurso da Análise do Discurso ou de Gênero do discurso. Na verdade, entende-se que, sempre que a palavra é posta em ação, por meio de algum texto, se comporta sob essas duas configurações. O que nos chama a atenção, sobre esse ponto, associado à argumentação tácita pelos robôs, é que esse discurso está diluído em diferentes textos por atuar na hipertextualidade prevista no ambiente digital. Os percursos argumentativos não estão necessariamente na superfície identificável

⁸³ Conforme esclarece Amossy, em uma nota de rodapé, esse artigo “consiste na introdução ao número 20, de 2018, da revista eletrônica *Argumentation Analyse du Discours*, vinculada ao grupo ADDARR (*Analyse du Discours, Argumentation et Rhétorique*), liderado por Ruth Amossy.

de um texto reconhecível, mas nas nuances técnicas que subjazem à superfície discursiva.

Para exemplificação, selecionamos dois perfis de supostos robôs em publicações no X (*Twitter*) relacionadas à pretensa candidata à corrida da Presidência dos Estados Unidos. Como visto em eventos de eleições anteriores, o trabalho da Inteligência Artificial tem sido um grande aliado na conquista de votos, ou seja, os robôs têm desempenhado o papel principal de argumentação no ecossistema. Para melhor compreender a atuação dos robôs na argumentação, contextualizaremos o episódio, identificando de que postagem surge a discussão e quais as intenções políticas nessa atuação. Não obstante a postagem dos robôs parecerem persuasões explícitas, o fato de haver uma operação autônoma configura-se como uma argumentação tácita.

Figura 12: Captura de tela de um Perfil da rede X (*Twitter*)



Fonte: captura de tela de um perfil da rede X (*Twitter*), realizada pelo computador. (Acesso em 23/07/2024)

A postagem original foi realizada pelo perfil de *@pesquisas_elige*, o qual é reconhecido pela sua proposta de postagens interativas, criticando a ala conservadora do país. Nessa postagem, procura se posicionar a favor da pré-candidata à presidência dos Estados Unidos, Kamala Harris, intencionando persuadir o leitor a se colocar contra as posturas de candidatos de extrema direita e provocando a adesão à candidata democrata, com uma estratégia de argumentação explícita e direta. A persuasão tácita ou subscrita pelos algoritmos ocorre com a presença de perfis de robôs que surgem nos comentários e permitem que suas “postagens” se espalhem

nas redes sociais, com a intenção de reproduzir incansavelmente um “enunciado” que fortaleça a influência prevista pela postagem original.

Nossa análise partirá dos comentários realizados sobre essa postagem. Entre eles, identificamos dois perfis que se configuram como robôs, conforme será averiguado.

Figura 13: Captura de tela de um perfil do X (*Twitter*)



Fonte: captura de tela de um perfil da rede X (*Twitter*), realizada pelo computador. (Acesso em 31/07/2024)

Vinhas, em seu estudo sobre “Os robôs do Presidente”, elenca algumas características que permitem melhor identificação de um perfil robô em uma rede social online. Em seu acompanhamento sobre os robôs a serviço da eleição do ex-presidente Bolsonaro, explica que existem algumas características recorrentes que configuram um perfil como robô: número no perfil; poucos seguidores; estar seguindo poucos seguidores (VINHAS, 2021).

Os perfis *@EuGil123* e *@RenatoC04040913* se enquadram exatamente nessa característica. Além da formação com números, estes perfis possuem apenas 16 e 1 seguidor, respectivamente. Consta, na conta do primeiro, que ingressou na rede social X (*Twitter*) em 2014, e o segundo perfil iniciou na rede social em 2022. Esses aspectos notificam um tempo prolongado no X (*Twitter*), com poucas movimentações. Ademais, perfis robôs, em geral, evitam fotos no perfil, preferindo deixar em branco ou colocar imagens neutras, como fez um dos perfis em análise. Nos estudos de Vinhas (2021), foi identificado também que perfis robôs não apresentam postagens originais, mas fazem *retweets* de perfis já consolidados nas redes sociais, o que também foi

verificado em @RenatoC04040913 e @EuGil123⁸⁴. Na verdade, além de aproveitar o *retweet* para argumentar, os enunciados publicados se estruturam apenas em “HARRIS 2024”, exemplificando a estratégia dos perfis robôs de não apresentarem textos complexos, mas inserirem apenas palavras-chave em suas postagens.

Em nossa interpretação, esses robôs cumprirão o papel de convencimento por uma estratégia de persuasão, como bem define Vinhas:

Os robôs inauguram um efeito de subjetividade, ou uma subjetividade forjada, por a constituição do processo de interpelação ideológica ser restrita ao sujeito materialmente existente por um corpo humano, inscrito na linguagem, determinado pelo atravessamento do inconsciente e da ideologia. [...] Nesta reflexão, o trabalho dos robôs nas redes sociais online nos permite deslocar o trabalho do excesso para a repetição de hashtags e para o processo de retweetar determinadas postagens, imaginariamente saturando o espaço online e preenchendo todos os espaços possíveis de enunciação, ganhando visibilidade e vencendo a batalha do *ranking* dos *trending topics*. (VINHAS, 2021, p. 254)

Evidentemente, a autora descreve a ação dos robôs nas redes sociais *online* visando às determinações discursivas na perspectiva da Análise do Discurso, tendo como foco as construções ideológicas. Todavia, por meio dessa mesma análise de Vinhas acerca da ação dos robôs, é possível identificar sua atuação na argumentação. Se o processo de automação e de excesso nas redes manipulam um auditório-digital nos seus desempenhos sociais, esse auditório passou por um processo de convencimento, de influência de forma não conscientemente perceptível. É por esse motivo que designamos esse sistema de *anonimato para persuasão tácita*.

Se há uma saturação dos espaços online com expressões como “Harris 2024”, certamente serão instauradas informações que causarão efeitos de atração cognitivamente não perceptível, mas invocada ao inconsciente. Isso implica dizer que onde os *bots* surgirem com o mesmo jargão em prol de uma defesa de opinião, surgem com intenção de provocar maior adesão de um auditório-digital, que, em geral, não identifica o caminho promovido pela Inteligência Artificial, o qual, de uma outra forma anônima, atua por meio de novas estratégias argumentativas digitais.

⁸⁴ Essas informações podem ser identificadas seguindo esses links: <https://x.com/EuGil123>, <https://x.com/RenatoC04040913>, com último acesso em 02/08/24. Entretanto, é importante trazer à lembrança o fato de que os movimentos nas redes sociais, especificamente no Twitter, possuem uma dinâmica de volatilidade e de extrema velocidade, de modo que algumas informações podem ser deletadas, perfis podem ser banidos, entre outras ações.

A argumentação por meio do anonimato para persuasão velada ocorre igualmente na esfera econômica, acirrando os movimentos consumistas. Pode-se dizer que a estratégia argumentativa no ambiente digital toma proporções incalculáveis por um auditório-digital comum, que é envolvido e persuadido sem percepção consciente do processo.

Sobre esse aspecto, Fogg esclarece:

Em algumas situações, a simples quantidade de informação apresentada mudará aquilo em que as pessoas acreditam e talvez o que fazem. Em tais situações, a capacidade do computador de recorrer a um vasto armazenamento de dados lhe confere maiores poderes de persuasão. Noutros casos, a capacidade do computador para encontrar e apresentar, com precisão, os dados pode ajudar a persuadir de forma mais eficaz do que um ser humano conseguiria. (FOGG, 2002, pos. 309 - tradução nossa⁸⁵)

O autor trata aqui das atuações de algoritmos circunscritas nas interações dos internautas nas diferentes plataformas cibernéticas. Desde a procura por informação em um *site* de busca até as informações em diferentes esferas de entretenimento ou negócio, os dados do internauta alimentam um grande banco de dados que redirecionará, numa retroalimentação, para as buscas e consumos futuros. Fogg reconhece isso como um grande poder conferido à máquina, a qual, a serviço de outras instâncias econômicas manipula conforme a intenção de persuasão.

Figura 14: Captura de tela da *Timeline* da Pesquisadora



Fonte: Captura de tela da *timeline* do perfil *Penso Logo escrevo*.

⁸⁵ "In some situations, the sheer quantity of information presented will change what people believe and perhaps what they do. In such situations, the computer's ability to draw on a vast storehouse of information will give it greater powers of persuasion. In other cases, the computer's ability to find and present precisely the right fact, statistic, or reference from that volume of data can help to persuade more effectively than a human could".

Reconhecemos a rede social X (*Twitter*), especialmente no Brasil, como uma plataforma digital de grande interatividade. É um canal em que as pessoas, em tempo real, podem ter acesso às notícias, bem como expor sua opinião sobre diversos assuntos. Mesmo sofrendo algumas mudanças em relação ao seu funcionamento, após a aquisição pelo Elon Musk, a plataforma X (*Twitter*) segue envolvendo inúmeros internautas com sua velocidade e diversidade temática.

Na postagem da figura 14, verificamos duas indicações que a rede organiza baseada nos dados rastreados da pesquisadora. Duas notícias, de dois perfis diferentes foram fixados com a intenção de que a proprietária do perfil acesse e obtenha informações. Da mesma forma que os usuários internautas acompanham a evolução de redes idealizadas por um pensador, essas mesmas redes vão seguindo e ampliando suas ferramentas de acordo com as exigências desse usuário. Considerando que a pesquisadora sempre buscou postagem desses dois perfis: @choquei e @reinaldoazevedo, para compor partes de sua pesquisa, ficaram registrados na *web* a frequência dos acessos, os *retuít*es e comentários realizados nesses perfis.

Poderemos, em diferentes realizações languageiras e não languageiras, identificar a classificação proposta por Paveau (2021) sobre as “produções algorítmicas”, consequentemente a estratégia argumentativa por *anonimato com persuasão velada*. Nesse espaço, surgem objetos de interesse previamente pesquisados pelo usuário, compondo uma retroalimentação. Para maior adesão e reforço persuasivo, o espaço é intitulado como “*Fixado por pessoas que vocês conhece*”. Essa marca de interlocução “você”, aproxima o internauta, como uma introdução fática de maior intimidade. Esse recurso sela o primeiro convite à leitura do texto que se seguirá. Numa associação por uma “intertextualidade ampla”, em que não são apenas os elementos formais da materialidade textual que é considerado como parte intertextual, mas qualquer ponto de convergência entre o texto e as vivências do interlocutor, as quais, segundo Cavalcante (2017, p 12), “têm a ver, sim, com a intencionalidade, com a tentativa de influenciar o outro e, por isso, são argumentativas”.

A construção argumentativa, portanto, se inscreve nos “princípios de predição”, que a partir dos textos produzidos no ambiente, é permitido se chegar de volta aos

interesses do internauta, como também se constata uma outra dimensão intertextual, que se realiza por meio da hipertextualidade inerente ao ambiente digital.

Até esse momento, o auditório-digital, proprietário do perfil, já se envolveu nas tramas do processo persuasivo, pois os recursos empregados foram todos visando à tomada de posição do interlocutor. A forma imperativa de chamada ao clicar será a continuidade da consolidação da adesão esperada em um texto de “visada argumentativa”, o que reafirma a conceituação de argumentação em texto proposta por Cavalcante ao assumir a função intertextual como marcas de intenções persuasivas (CAVALCANTE, 2016).

3.3.5 Tecnoargumentação pela multissemiotividade⁸⁶

Na percepção aristotélica, as palavras trocadas com racionalidade e força persuasiva durante uma exposição verbal constituíam a validade argumentativa, especialmente em discursos orais. Na perspectiva perelmaniana, os meios verbais (escritos especialmente) são postos em ação para mobilizar auditórios à adesão de teses - por persuasão ou convencimento. A rica construção de categorização e análise desses dois modelos de estudo permitiram diferentes observações acerca das novas práticas de linguagem que surgiram e foram aplicadas nas investigações da argumentação.

Roque (2016) curiosamente faz uma alusão aos seus primeiros passos sobre “argumentação na imagem”, com intuito de encontrar embasamentos teóricos para uma ampliação de estudos argumentativos além do verbal, quando buscou Perelman em uma de suas palestras. O filósofo da linguagem, à época, se mostrou um tanto “inseguro” acerca da validação de uma persuasão por meio de imagens. Após a breve ponderação de Perelman sobre o tema, Roque resumiu suas considerações com os seguintes pontos:

Ele [Perelman] me disse que a ideia de uma argumentação visual lhe parecia válida dentro de certos limites: ele havia, notadamente, recebido um estudo italiano de cartazes políticos, baseados em seus trabalhos, que lhe parecia convincente, mas do qual ele infelizmente não pôde me dar as referências. Suas reservas, no entanto, diziam respeito a dois pontos importantes: 1) a imagem busca mais a persuadir ou a seduzir do que a convencer; 2) a possibilidade de uma argumentação visual é muito limitada, pelo fato de que é impossível

⁸⁶ Adaptamos o termo “multissemiose” para “multissemiotividade” com a perspectiva de agregar um efeito semântico de maior ação ao recurso.

representar graficamente uma inferência lógica. (ROQUE, 2016, p. 235)

Notamos que a preocupação de Perelman estava focada em seus conceitos sobre “persuadir” e “convencer”, bem como nas relações entre inferências e argumentação lógica. No entanto, Roque avançou em suas pesquisas, chegando a conclusões, motivadas por autores como Barthes, de que a associação entre textos imagéticos e textos verbais permite forças argumentativas importantes. Roque assevera que foi a partir dos estudos de Barthes que a imagem é um importante elemento a ser estudado pela retórica (ROQUE, 2016).

Numa perspectiva de que toda manifestação da linguagem é argumentativa, como se baseia este trabalho, buscamos, nesta subseção, explorar as multissemioses presentes em textos digitais como formas persuasivas. Além disso, apoiamo-nos, também, na abordagem de Amossy (2020) no que diz respeito a textos de visada argumentativa ou de dimensão argumentativa, entendendo que qualquer discurso proferido, seja na modalidade semiótica ou multissemiótica, se enquadra em algum viés de argumentação. Para isto, abordaremos alguns conceitos que subsidiam essa abordagem: a) multissemioses; b) multissemioses nos textos nativos-digitais; c) tecnoargumentação por multissemioses

- a) A compreensão de multissemioses atravessa outros conceitos como semioses, modalidades da linguagem e multimodalidade. Para tanto, recorreremos a algumas discussões de Kress (2003) sobre a relação entre gêneros, modos e multimodalidades. Suas primeiras inquietações focaram na construção de sentido provocada por aspectos sígnicos além dos linguísticos. Numa percepção de que os signos linguísticos são semioses, mas que, nas construções de textos, as conexões com outras semioses provocam outras modulações de sentidos. Nessa primeira abordagem, há uma preocupação também em relação à materialidade do texto e sua funcionalidade enquanto um gênero textual. (KRESS, 2003).

Aqui, primeiro direi algo brevemente sobre a parte escrita do texto como uma "recontagem", então tentarei desvendar a forma integral da parte visual e, então, analisarei a forma do texto como um todo. Minha intenção é responder à pergunta "a categoria "gênero" é útil em um

texto multimodal e, se sim, como ela é útil?". (KRESS, 2003, p. 88 - tradução nossa com apoio do Google Tradutor⁸⁷)

O autor, nessa apresentação, está antecipando uma análise que faz de um texto escrito, observando sua arquitetura e sua funcionalidade enquanto um gênero textual. Essa primeira abordagem traz a concepção de multimodalidade como quaisquer aspectos que formam um texto além das semioses linguísticas. Sua discussão evoca como os elementos além dos signos linguísticos podem afetar o aspecto funcional de um gênero, considerando que ele se constitui, também, por meio de uma estrutura mais ou menos estável⁸⁸. O autor alude às questões relacionadas ao sentido, forma e motivações socioculturais, trazendo essa reflexão aos aspectos multimodais (KRESS, 2003).

Na perspectiva deste trabalho, esses termos de multimodalidade e multissemsioses dialogam muito estreitamente, mas optamos por usar este último termo para as análises tecnoargumentativas. Sobre esse aspecto, comungamos a visão de Ferreira ao citar Dionísio:

Vale destacar que os conceitos de multimodalidade e multissemsiose, recorrentemente, são utilizados como sinônimos. Para Dionísio (2005), a multimodalidade, que se refere às mais distintas formas e modos de representação utilizados na construção linguística de uma dada mensagem, tais como palavras, imagens, cores, formatos, marcas/ traços tipográficos, disposição da grafia, gestos, padrões de entonação, olhares etc, abrange, portanto, a escrita, a fala e a imagem. Desse modo, salienta-se que a combinação de diferentes semioses gera textos multimodais. (FERREIRA, 2018, p. 105)

Com essa abordagem mais ampla de multissemsioses, procuramos observar as variadas semioses permitidas no ambiente cibernético. As considerações sobre as inserções de “cores”, “imagens”, “formato de grafia”, “marcas e traços tipográficos”, “gestos”, “padrões de entonação”, “olhares”, entre outros já foram limitados a textos impressos ou orais. Nossa proposta, ancorada em outros trabalhos sob viés da

⁸⁷ Here I will first say something briefly about the written part of the text as a 'recount', then I will attempt to uncover the generic form of the visual part, and then speculate on the generic form of the text as a whole. My intention is to answer the question 'is the category "genre" useful i a multimodal text and, if so, how is it useful?'

⁸⁸ Não traremos à discussão, neste trabalho, aprofundamentos sobre o conceito de gênero textual, mas consideramos importante deixar aqui em registro as abordagens epistemológicas de Marcuschi, ao argumentar que: “Desde que não concebemos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social (Miller, 1984) corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como entidades dinâmicas, cujos limites e demarcação se tornam fluidos” (MARCUSCHI, 2008, p. 151).

multissemiocidade no ciberespaço, está no aspecto multissemiótico de textos nativos-digitais.

b) multissemioses nos textos nativos-digitais - Kress, em seus estudos sobre letramento, na Nova Era Midiática, pondera que “Os efeitos combinados na escrita com o domínio imagético e por meio da tela produzirão mudanças profundas nas formas e funções da escrita.” Assevera ainda que isso atingirá, profundamente, as interações humanas em seus aspectos cognitivo, afetivo e cultural, bem como na construção do conhecimento (KRESS, 2003, p.1- Tradução nossa⁸⁹).

Sobre esse aspecto, Xavier afirma:

Os programas de navegação permitiram que pudesse vir à tona toda a potencialidade comunicativa e interacional da rede a partir de então disponível a um grande número de pessoas. Entretanto, tais programas de navegação, utilizando códigos e algoritmos próprios, geraram a possibilidade de mesclar as três principais formas de expressão desenvolvidas pela humanidade para manifestar-se, a saber, a verbal, a visual e a sonora. (XAVIER, 2007, p. 5)

Sendo assim, acreditamos que as mobilizações multissemióticas nos hipertextos das redes sociais percorrem estratégias argumentativas distintas. Não se trata, portanto, de analisar as imagens inseridas, ou cores e sons articulados, mas como o ambiente cibernético permite e amplia essa *tecnoargumentação* pela multissemioticidade. Evidentemente, entendemos que toda observação e análise acerca da influência das multissemioses na argumentação perpassa pelo conceito de *hipertexto*, sobre o qual abordaremos no capítulo 4 desta pesquisa, inscrevendo este trabalho em concepções epistemológicas importantes. É importante, então, já apresentar um dos conceitos importantes de hipertexto na perspectiva deste trabalho, “como uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2005, p.171). Conforme assevera Rojo, “o texto digital não é mais somente o verbo, mas uma miríade de combinações multiculturais e multissemióticas que se distanciam muito do pré-tipográfico e ser qualificadas como pós-tipográficas” (ROJO, 2019, p. 203).

⁸⁹ “The combined effects on writing of the dominance of the mode of image and of the medium of the screen will produce deep changes in the forms and functions of writing. This in turn will have profound effects on human, cognitive/affective, cultural and bodily engagement with the world, and on the forms and shapes of knowledge.”

Ademais, quando se trata de linguagem no ambiente cibernético, entendemos como o campo de investigação é vasto, portanto poderiam ser desenvolvidas definições específicas conforme Rehm e Uszkoreit (2012), em suas abordagens acerca das tecnologias da linguagem. As afetações na língua ocorrem em todos os segmentos: fonéticos, morfológicos, sintáticos, discursivos, permitindo que as inserções de multissemioses sejam de natureza diversa. Os autores asseveram que as investigações sobre a tecnologia da linguagem podem contribuir fortemente para as limitações que ainda existem sobre estudos linguísticos (REHM; USZKOREIT, 2012). Essa percepção dialoga com considerações deste trabalho, na medida em que sustenta uma visão pós-dualista da linguagem.

c) *Tecnoargumentação* por multissemioses - A partir da concepção de multissemiotividade, especificamente nos espaços cibernéticos, nos propomos verificar como as persuasões ocorrem pela contribuição das multissemioses do ambiente digital. Entenderemos que, em algumas situações, essa argumentatividade pode ocorrer de forma intencional, em hipertextos que empregam os recursos com “visada argumentativa”, mas também observaremos situações em que o hipertexto terá uma construção argumentativa, inerente à prática da linguagem, mas sob a “dimensão argumentativa”.

Figura 15: captura de tela de um perfil na rede social X (*Twitter*)



Fonte: captura de tela de um perfil da rede social X (*Twitter*), realizada pelo smartphone. (Acesso em 05/2023)

A postagem realizada em um perfil do X (*Twitter*) é o primeiro exemplo da argumentatividade por meio de multissemioses. Entendemos que o *orador-digital* expõe alguns pontos de vista sobre as redes sociais e sobre o comportamento humano ao usá-las. A primeira informação percebida pela arquitetura do texto é que há um comentário a partir de um retuíte. A presença de dois perfis numa mesma postagem representa essa indexação de um *tuíte*, com o qual se identifica. Esse movimento hipertextual já traz uma informação de argumentação pela multissemiotividade. O *orador-digital* comenta ou *retuíta* informações sobre as quais deseja tecer algum comentário. Outro ponto a se observar como tecnoargumentativo está relacionado ao perfil, precedido de arroba (@), o que permite o *auditório-digital* reconhecer o orador-digital e a ele dar credibilidade ou não. Por se tratar de uma palavra de uma escrita digital, “por se valer de aparelhos de informática”, com “traços gráficos” e “linguageiros” que afetam a discursividade, há um movimento argumentativo pelo uso desse dado sígnico (PAVEAU, 2021).

O fato é que esses elementos multissemióticos digitais, na abertura de uma postagem possuem uma dimensão argumentativa. Outro elemento semiótico

observável está na relação entre a postagem: “é *normal* postar sobre sua vida de dps de 1s apagar por conta de fofocas?” e o *retuíte* em forma de meme⁹⁰. Sob a característica de simplificação estrutural para exposição de uma conceituação complexa, como raciocina Kress acerca de textos digitais. Exemplificando, o meme *retuitado* foi organizado com duas frases nominais: “No *Twitter*” e “No *Instagram*”. O *orador-digital*, ao *retuitar* e associar a sua informação sobre “apagar por conta de fofocas”, constrói um sentido a partir dos conhecimentos socioculturais com os quais se formam as multissemioses digitais.

Com as colagens de imagens estáticas, permitidas pelo ambiente cibernético, argumenta-se que, no X (*Twitter*), as manifestações e aparições são mais próximas da realidade, com manifestações de sentimentos, desafiando os julgamentos. Nesse ponto Lorusso (2023, p. 250) avalia sobre a construção dessa identidade na rede social X (*Twitter*) ao apontar que reflete sobre “certos adjetivos que definem o perímetro das “identidades”, especialmente a ideia da identidade como um “efeito” do compartilhamento de algo, ou da distribuição “idêntica” de algo, a todos os membros do grupo. Nesse sentido, a imagem da arma na cabeça compartilha essa identidade coletiva nas redes sociais.

Por outro lado, a imagem associada a “No *Instagram*”, como o mesmo sujeito, compartilha a visão construída socialmente, de que essa rede social on-line é o ambiente da “maquiagem comportamental”. Todos estão sempre felizes, para serem menos julgados. Entendemos que essa enunciação está inserida numa tecnoargumentação por meio da multissemioses, considerando que as manifestações discursivas se deram com as diferentes semioses presentes na plataforma cibernética.

3.4 As redes sociais no ciberespaço e a construção do argumento: a reconfiguração do *ethos* e do *pathos*.

No capítulo em que procuramos discorrer acerca do percurso da tecnologia computacional, da instrumentalização da linguagem e das implicações advindas da

⁹⁰ Não objetivamos neste trabalho discorrer sobre o conceito de *memes*, mas, como um dado multissemiótico, dialogamos com a visão de Chagas: “O meme, portanto, assim como o gene, se constitui como um replicador, uma unidade de transmissão, que carrega informações (biológicas no caso dos genes, culturais, no caso dos memes) de um lado a outro e se espalha entre as pessoas como se as contaminasse.” (CHAGAS, 2020, p. 25)

internet, recorremos a um breve estudo de Aguiar (2008), em que se inicia uma abordagem sobre a disposição das interações nas redes sociais mediadas por computador. Ainda que incipiente, seu artigo chama a atenção para alguns conceitos estruturantes para análises de manifestações argumentativas nas redes. Um desses dados basilares está na concepção de que as interações nas redes “são métodos de interação que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas, no coletivo e/ou nas organizações participantes” (AGUIAR, 2008, p. 2).

Entendemos, assim, que subjaz ao frenético uso, ao envolvimento, à dependência dos interactantes nesse meio uma “necessidade” de conquistar adesão de um público às suas teses. O que é necessário validar, aqui, neste trabalho, são as novas formas de “necessidades”; a categoria de “público” e de “tese”. Evidentemente que aprofundar-se nesses itens de viés antropológico invocaria imersão em áreas específicas; todavia, algumas análises do próprio produto discursivo e sua integração com a tecnologia digital podem contribuir para algumas validações. Por esse motivo, nos atentamos à ressignificação do *Ethos* e *Pathos*, defendendo a ideia que estudos sobre a retórica digital ainda precisam ser ampliados e aprofundados.

Como defendemos que as performances argumentativas dos estudantes nativos digitais estão sujeitas a novas categorizações no aspecto retórico, partimos de pesquisas já realizadas por Zappen (2005) e Eyman (2015), os quais ensejam desbravar os artifícios digitais que configuram as formas de persuasão. Sobre esse aspecto, Eyman retoma as quatro áreas consideradas fulcrais para as novas percepções argumentativas no ciberespaço:

i. Uso de estratégias retóricas na produção e análise de texto digital

ii. Identificação das características, possibilidades e restrições das novas mídias

iii. Formação de identidades digitais

iiii. A potencialidade na construção das redes sociais

(EYMAN, 2015, p, 29 *apud* ZAPPEN, 2005, p 319 – tradução nossa⁹¹)

O teórico considera que esses quatro pontos atendem a maior parte dos estudos acadêmicos realizados sobre retórica digital. Evidentemente que o autor está se baseando em pesquisas realizadas até aquele momento e, portanto, reconhece a

⁹¹ “ (...) the use of rhetorical strategies in production and analysis of digital text • identifying characteristics, affordances, and constraints of new media • formation of digital identities • potential for building social communities”

necessidade de ampliação taxonômica relacionada a essas abordagens (EYMAN, 2015). Nossa pesquisa tomará por base esse diálogo entre Zappen e Eyman, mas se propõe, também, apresentar uma nova taxonomia reconhecida nas atividades discursivas no ecossistema a partir de suas atualizações.

Nesta seção, partiremos de dois dos quatro pontos de Zappen: “a formação de identidades digitais” e “a potencialidade na construção das redes sociais”. Como nos propomos uma reconfiguração dos tradicionais elementos *ethos* e *pathos*, na perspectiva das afetações pelas tecnologias digitais, é importante reconhecer o que o autor, sob a visão de Eyman, introduz como “formação de identidades digitais”. Assumimos que essa formação reconfigura o *ethos*, cuja funcionalidade na performance argumentativa desloca valores e imagens adquiridos nessa *tecnoinfluência*. Na busca dessa análise sobre o *ethos*, na perspectiva da retórica digital, Eyman (ibden) recorre ao estudo sobre persuasão na *web* de Warnick (2007), para quem o efeito na persuasão, a partir da figura de quem diz, no ambiente digital, adquire outras complexidades:

O *Ethos* é problemático para uma análise retórica sobre políticas baseadas no texto da web porque os marcadores de autoria e de atuação muitas vezes faltam ou são difíceis de encontrar; adicionalmente, “o ambiente de comunicação coproduzido e distribuído na Web apresenta algumas questões desafiadoras sobre a credibilidade da mensagem”. (EYMAN, 2015, p. 31 *apud* WARNICK, 2007, p. 45 – tradução nossa⁹²)

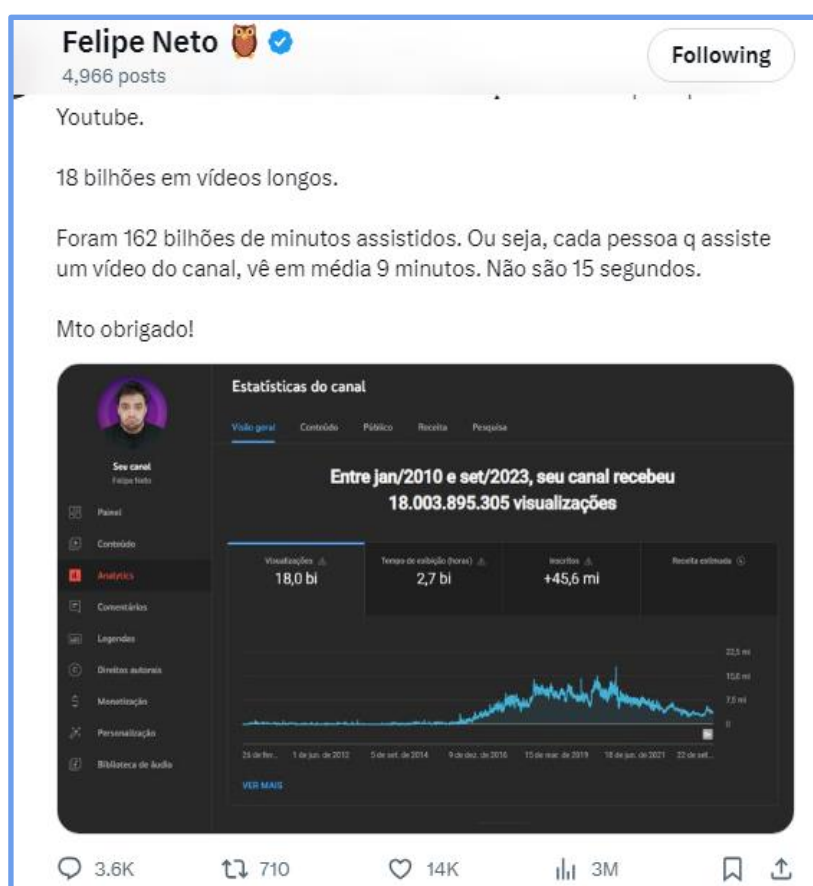
O desafio de reconhecer a imagem que se constrói no ato de argumentar reside na disrupção permitida pela hipertextualidade e pela transversalidade na construção de valores culturais. Além do mais, a invisibilidade e anonimato característicos da interação em rede digital permite um deslizamento. Na perspectiva da retórica tradicional ou mesmo da Nova Retórica, a credibilidade de um argumento se configurava na relação entre o falante e os valores inerentes à sociedade e ao auditório a quem o orador se dirige. Entretanto, a deslinearização dessa associação entre valores, crenças, orador e auditório complexibiliza a formação desse *ethos* diante da argumentação. Percebe-se que “a credibilidade de um argumento é avaliada de acordo com os padrões nativos da área na qual o argumento é apresentado. Melhor

⁹² Ethos is problematic for a rhetorical analysis of Web-based text because the markers of authorship and expertise are often missing or difficult to find; additionally, “the coproduced, distributed communication environment of the Web presents some challenging questions about message credibility”

dizendo, os usuários operam, observando a utilidade dos *sites* e os valores e conteúdos que estão inerentes ao seu funcionamento (EYMAN, 2015, *apud* WARNICCK, 2007 – tradução nossa⁹³). Transversalizam não apenas os interesses circunscritos no ambiente digital - especificamente para nossa análise, nas redes sociais - bem como os valores construídos nas interatividades cibernéticas.

Analisaremos, a seguir, algumas construções argumentativas, na perspectiva do *ethos* sob a condição da cultura cibernética.

Figura 22 - Postagem de Felipe Neto em seu perfil do *Twitter*.



Fonte: Captura de tela na página do Twitter, no perfil do influenciador Felipe Neto (2023)

Com intuito de defender a reconfiguração do *ethos* como representação de credibilidade em práticas argumentativas no ambiente digital, especificamente nas redes sociais, é importante reconhecer o funcionamento sociointerativo desenvolvido

⁹³ "(...) the credibility of an argument is evaluated according to the standards indigenous to the field in which the argument is made"; thus, "users may judge sites according to the procedures, content quality and usefulness, functionality, and values and norms important in the field in which the online site operates"

nesse espaço. Para isso, é necessário identificar como o papel do “orador”, retomando a concepção perelmaniana, influencia, cria adesão às suas teses nas circunstâncias cibernéticas. Trazemos, um dos maiores influenciadores da internet, no Brasil: Felipe Neto.

Antes de analisarmos sua postagem, é importante registrar que Felipe Neto Rodrigues Vieira é um empresário, ator e um *youtuber*, reconhecido por “apresentar um dos maiores canais de *YouTube* do Brasil, em número de inscritos”. Essa performance de sucesso no ambiente virtual possibilitou seu avanço de forma prodigiosa em outras plataformas digitais. Segundo o *Canaltech*, “é fundador da Paramaker Network, primeira empresa de network dentro do YouTube brasileiro. Em 2015, vendeu o controle para a Webemedia, detentora dos sites AdoroCinema, IGN, TudoGostoso, PurePeople e PureBreak.”⁹⁴ Esse movimento de ascensão no ecossistema exemplifica que há aspectos que circunscrevem a construção do *ethos*, os quais estabelecem outros critérios de adesão e influência argumentativa. Eyman (2015, p.31) *apud* Warnick (2007, p. 49) reconhece que “os usuários podem julgar os sites de acordo com a procedência, qualidade e utilidade de conteúdo, funcionalidade e valores compartilhados no ambiente cibernético”.

Sendo assim, para validar a adesão dos internautas, o *orador-digital* está inserido no que consideramos os dois principais valores do ambiente cibernético: a) *hiperadeptabilidade*; b) *facciodeterminismo*, termos que cunhamos para categorizar as duas formas de atuação do orador-digital.

3.4.1 A hiperadeptabilidade do orador-digital na construção do *ethos* argumentativo

Consideramos *hiperadeptabilidade* a condição de um orador-digital que possui um quantitativo de seguidores exponencial, indicializado pelos mecanismos digitais das plataformas cibernéticas. Esse quantitativo com significações de relevância de adesão, ou comumente denominado no ambiente da web de “engajamento”, é marcado pelas indicações compartilhadas nesse ecossistema, especificamente, aqui, na rede social X (*Twitter*). O orador-digital, Felipe Neto, por exemplo, possui 16 milhões e 800 mil seguidores.⁹⁵ Esse dado, na *web*, contribui para a construção de

⁹⁴ Informações disponíveis em <https://canaltech.com.br/celebridade/felippe-neto/>. Acesso em 14/11/2023.

⁹⁵ Informação adquirida em <https://twitter.com/felipeneto>, correspondente à data de 27/02/2024.

credibilidade. Ainda que Perelman já tratara das “funções que autorizam” essa confiabilidade; ou mesmo que tenha apresentado quais são as circunstâncias que mobilizam as adesões a determinados oradores (2017, p.38), não considerava as circunstâncias previstas no ambiente digital.

Como consequência dessa *hiperadeptabilidade*, na figura 22, é apresentada uma comemoração do influenciador por ter conseguido em torno de 18 bilhões de visualizações em vídeos longos postados em seu canal. Associado ao dado de visualização, está o tempo de duração no canal. Na composição do influenciador, foram “162 bilhões de minutos assistidos”, o que correspondeu à duração de 9 minutos por pessoa. A comemoração do orador-digital representa um dos valores do espaço cibernético para persuasão. As visualizações e duração de tempo são dados que determinam o nível de credibilidade, relevância e procedência desse orador-digital.

Ao buscarmos validar a força argumentativa que as ferramentas digitais incidem sobre os enunciados, ancorados na construção do *ethos* desse nativo digital, procuramos asseverar que as estratégias persuasivas se ampliaram, se revestiram de mecanismos tecnológicos retroalimentados pelo próprio movimento da internet. Assumimos, então, uma relevante definição de Paveau (2017) acerca dos “enunciadores digitais”, ao descrevê-los como “figuras de locutores nascidos na internet, e não possuem equivalente fora da rede: não são figuras transportadas nem adaptadas dos universos não digitais para os universos digitais (...)” (PAVEAU, 2017, p. 163). Tal assunção implica que a representatividade de dados como quantidade de respostas, de compartilhamento de uma postagem, de curtidas e visualizações são premissas para a efetividade de uma argumentação diante de um auditório-digital.

Tomando como base os símbolos já explicitados em capítulo anterior, segue um quadro para exemplificação da atuação do locutor-digital Felipe Neto como influenciador argumentativo:

Quadro 10: movimento interativo sobre o *tuíte* de Felipe Neto

Símbolo no X (<i>Twitter</i>)	Significado	Índice quantitativo
	Compartilhamento (<i>retweets</i>)	710
	Respostas	3.600
	Curtidas	14.000
	Visualizações	3 milhões

Fonte: Quadro organizado pela autora.

Ao estudarmos os elementos técnicos que compõem uma plataforma como a X (*Twitter*), não são apenas indicadores formais, são o que Paveau (2021) denomina de “possibilidades sociotécnicas”. Na arquitetura das interações em rede, os dados visualizados por meio desses símbolos alimentam os discursos que advirão de uma postagem, mas revelam as adesões às argumentações propostas. O índice de compartilhamento é considerado, no X (*Twitter*), como um dos mais vultosos enquanto revelador de adesão ao discurso do orador-digital. O argumento é tão confiável que é possível compartilhar com outro como representação da própria voz do enunciado. Se em textos argumentativos analógicos, as citações e alusões repercutem a confiabilidade de um argumento de autoridade, nesse ecossistema, esse movimento retroalimenta o valor de credibilidade do enunciado e enunciador.

Nesse sentido, a *hiperadaptabilidade* corresponde à premissa de uma importante ferramenta argumentativa que nos remete à reflexão de Larusso (2023) acerca da “identidade coletiva”. Em sua análise sobre o comportamento de adesão e de cancelamento nas redes sociais, resgata a concepção de Descombes (2013), reconhecendo o “o perímetro das “identidades”, especialmente a ideia da identidade como um “efeito” do compartilhamento de algo, ou da distribuição “idêntica” de algo, a todos os membros do grupo” (LARUSSO, 2023, p. 250). Ora, no mundo das redes sociais cibernéticas, esse “efeito de compartilhamento” é determinado pela quantificação. Assim, o autor completa afirmando que as significações são diferentes daquelas apenas subjetivas, pelas negociações inerentes para seleções e adesões (LARUSSO, 2023). Defendemos que esse “nível de significação” que gera adesão é

marcado, digitalmente, por números como “710 compartilhamentos” em uma postagem de autopromoção.

O índice de “3 milhões” de visualizações aponta para uma aceitação prévia desse locutor-digital. Entretanto, “14 mil” curtidas e “3,600” respostas apontam para uma legitimação de autoridade por meio da adesão de um auditório-digital. Evidentemente que não se pode asseverar que todas as respostas e curtidas estejam anuindo com o posicionamento do orador-digital, mas revela conectividade e interatividade com o locutor.

3.4.2 O *facciodeterminismo* como condição de influência argumentativa do orador-digital

A sociedade contemporânea tem se constituído de uma formação polarizada de ideários. Se na perspectiva do liberalismo do século XX, se apregoava uma ampliação dos direitos fundamentais da essência humana, a perspectiva conservadora da formação humana não foi subjugada. As duas linhas são conduzidas simultaneamente, não de forma dialógica, mas de embates efusivos (ARAÚJO COSTA, 2023). Nesse contexto de polarização, organizam-se os discursos das redes sociais, em que as adesões são situadas de acordo com a perspectiva ideológica. Sob tal viés, definimos a categoria *facciodeterminismo* como responsável pela formação de um *ethos* cujas abordagens argumentativas possuem um tipo de persuasão permitido por essa ecologia, na medida em que o *locutor-digital* se posiciona determinadamente dentro de facção dessa sociedade polarizada.

Na visão filosófica de Costa (2023, p. 30), “Quando a diferença pode ser simplesmente cancelada nos ambientes virtuais contemporâneos, que sentido existe em retomar a antiga tradição filosófica do diálogo e da argumentação [...]?”. Outrossim, as manifestações argumentativas são organizadas dentro de bolhas com ideários já reconhecidos por seus auditórios, em cujos discursos são empregadas todas as estratégias de persuasão como se para um auditório-digital dialógico.

O que parece paradoxal, mas legítimo enquanto um ambiente cibernético, é que esse auditório-digital não possui linearidade e visibilidade sistematicamente controlada do ponto de vista de identificação imediata. Na verdade, como afirma Aguiar, (2008, p. 2) “Redes sociais são, antes de tudo, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização, mediadas ou não por sistemas informatizados; [...]”. Dessa forma, não

obstante os discursos receberem maior adesão de uma facção identificada, não se pode ter controle do alcance dos discursos persuasivos, o que permite consideramos outro aspecto de persuasão digital: o embate efusivo sobre temas polarizados, com adesão retroalimentada pelos adeptos inseridos na mesma bolha, mas também provocados pelos dissidentes.

Melhor dizendo, os aspectos tecnicodigitais mobilizam diferentes estratégias argumentativas, na medida em que categorizam a performance de um *orador-digital* de acordo com a determinação de um dos lados da facção social, bem como permite o desenvolvimento de outros mecanismos influenciadores pelo fato de o ambiente permitir que internautas contrários tenham acesso ao tecnodiscurso, se posicionem, confrontando o *locutor-digital*. Portanto, analisaremos uma postagem do mesmo influenciador Felipe Neto, o qual, claramente, se posiciona em dos lados da facção ideológico-social brasileira, direcionado por alguns dispositivos tecnodigitais.

Figura 23 - Postagem de Filipe Neto em seu perfil do X (Twitter)



Fonte: Captura de tela na página do X (Twitter), no perfil do influenciador Felipe Neto (Fev de 2024)⁹⁶

Contextualizando o tema sobre o qual o influenciador se manifesta, é importante retomar a atual situação sobre o conflito entre Israel e a Palestina, que se tornou um item de polarização mundial. Sem pretender adentrar na discussão de forma histórica e política, mas objetivando situar o efeito nos lados faccionados no Brasil, indicamos como essa temática tem sido objeto de persuasão nas redes sociais. Conforme Gonçalves e Lima (2023, p. 42) notificam, toda as mídias têm mostrado que o Hamas e o Estado de Israel cometeram e cometem crime contra a humanidade ou até genocídio, conforme a 'Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de

⁹⁶ Acessado em: <https://twitter.com/felipeneto/status/1763279303587107254>. Em: 29/02/2024

Genocídio”, entretanto não há uma obviedade quando juízos de valor estão afetados pela fixação em um dos lados das evidências ideológicas da sociedade.

Nesse contexto, moldado pelo cenário político do Brasil, as redes sociais se mostram divididas entre a facção conservadora (em defesa de quaisquer movimentos de Israel) e a progressista (em defesa da preservação da vida, em detrimento do aspecto religioso imputado na questão). Assim, Felipe Neto toma a voz progressista. O aspecto *facciodeterminista* da situação sugere algumas visibilidades técnicas de sua argumentatividade.

Analizamos, inicialmente, a contextualização realizada pelo influenciador ao referir-se às “*imagens dos soldados de Israel metralhando civis palestinos (...)*”, retomando a uma imagem anteriormente divulgada na mesma plataforma X (*Twitter*). Esse ambiente de dialogicidade digital traz à memória do internauta a imagem sobre a qual o locutor-digital se refere. Tem-se, nesse momento, um mecanismo de persuasão que reforça o que defendemos no que diz respeito a estratégias tecnológicas argumentativas. O movimento imagético é quase simultâneo e ubíquo, validando uma cena que, para os progressistas, teve força de repúdio.

É importante notificar que os elementos semióticos nessa abordagem, como os sintagmas nominais contrastantes: “soldados de Israel” e “civis palestinos”, contribuíram para a força de argumentação, colocando em evidência a discrepância entre “soldados” e “civis”. Esse movimento com a língua nos chama a atenção para o diálogo que o ambiente cibernético provoca entre o verbal, o imagético e o ideário, numa assunção imediata do lugar de posicionamento na polarização.

Nos caracteres permitidos pela plataforma (a depender do tipo de perfil), a seleção lexical do *locutor-digital* permite ainda mais a identificação de sua facção nessa sociedade. Termos como “nojentas” e “desumanas”; “horror” e “genocídio” direcionados para a postura de Israel fortalece esse lugar. Ademais, observamos que a anuência com esse lugar polarizado pode ser identificada nos itens digitais quantitativos: Mais de **um milhão de visualizações; 49 mil curtidas; sete mil compartilhamentos e duas mil respostas**. Esses dispositivos argumentativos entre o digital e o linguístico ratificam o aspecto compósito da linguagem nesse ambiente, considerando que os discursos digitais são formados por mecanismos “indiscerníveis”, entre o languageiro e o tecnológico de natureza informática”. (PAVEAU, 2021, p. 58).

Os dados de “sete mil compartilhamentos” asseveram uma aquiescência, como já fora demonstrado, com o argumento de um locutor que diz o que o seu seguidor também diria. Nesse ambiente, é possível transportar essa voz para o perfil do internauta, a qual será reproduzida como forma de reduplicação da argumentação iniciada. O mecanismo digital de “compartilhamento” ou “*retweets*” protagoniza uma estratégia retórico-digital reconhecida por Paveau (2021) como “Ampliação do discurso”, e que consideramos, neste trabalho como *multiplicação argumentativa*. Essa multiplicação e ampliação do ponto de vista do influenciador ocorrem, também, por um dos aspectos imbricados no ciberespaço, especialmente nas redes sociais que é a *hiperinteratividade*: capacidade de influenciar o outro por meio das mídias (EYMAN, 2015 – tradução nossa⁹⁷).

Figura 24: *Repostagens do tuíte de Felipe Neto*

⁹⁷ Eyman, ao discorrer sobre os principais aspectos que interferem na argumentatividade no ambiente digital, indica a interatividade. “Interactivity: the ability of the user to manipulate and affect her experience of media directly, and to communicate with others through media.” (EYMAN, 2015, p.58)



Fonte: Captura de tela na página da rede social X (Twitter), dos comentários no perfil do influenciador Felipe Neto, em 29/02/2024.

Dos 7 mil compartilhamentos (*retweets* ou *repostagens*), selecionamos três como representatividade do que consideramos de argumentação baseada no aspecto de *facciodeterminismo*. Como vimos em outro capítulo, o dispositivo que permite o compartilhamento na plataforma X (Twitter) possui duas funções: apenas o compartilhar e tornar visível no perfil do compartilhador a informação com a qual tem anuência; ou compartilhar e deixar o comentário. É nesse segundo movimento que o *auditório-digital* definirá a função da sua *repostagem*: mostrar que está de acordo com o discurso do *orador-digital*, ou apresentar seu ponto de vista contrário, se posicionando no lado oposto da polarização.

O primeiro *orador-digital*, cujo *nickname* é “indiguirado”, compartilhou a postagem de Felipe Neto, afirmando sua aceitação à influência argumentativa, na medida em que repete um dos termos em evidência “genocídio”, emblematicamente repetido pelas redes sociais por aqueles que assumem um ponto de vista progressista em relação ao conflito entre Israel e o Hamas. Essa análise, ainda que pareça uma investigação da argumentação no discurso, como já ocorrera com nomes tradicionais da argumentação, não se inscreve nas mesmas categorizações. O que vemos é a argumentatividade ser impulsionada por meio de mecanismos técnicos, que só são mobilizados no ciberespaço. Vemos fenômenos como ubiquidade, interatividade, repetitividade, hipertextualidade servirem de suporte para que esse orador-digital pudesse validar o argumento “inicial” do influenciador Felipe Neto. O percurso que seu discurso percorre até a afirmação de que o “genocídio está sendo televisionado e ninguém faz nada” ocorre por meio dos entremeios tecnológicos.

Esse percurso *tecnodigital* da argumentação fica ainda mais evidente na segunda *repostagem* do *orador-digital*, cujo *nickname* é “*Cidadão do Mal/Sempre a Esquerda*”. Não faremos, nesse momento, uma análise dos ícones do *nickname* e de outros *emoticons* usados pelo orador-digital porque será objeto mais apuradamente investigado nas análises dos estudantes. Pretendemos reforçar aqui o viés argumentativo de aquiescência de um *ethos* construído pela força do reconhecimento em ambientes digitais. Sendo assim, além dos percursos tecnodigitais já observados como estratégia argumentativa no compartilhamento anterior, este orador-digital se utiliza da força da *hashtag*.

Das informações que já obtivemos acerca desse recurso digital, retomamos a definição proposta por Paveau (2021, p. 223) ao descrevê-lo como uma “forma tecnolinguageira cuja função é essencialmente social, permitindo a afiliação difusa [...]”. Opera-se, aqui, o que estamos defendendo como mecanismo argumentativo digital. Quando o locutor usa a *hashtag* #lulasempreteverazao como forma de validar o argumento de Felipe Neto, dá visibilidade a que lado da polarização em que se encontra inserido. Como a *hashtag* é uma das principais afordâncias técnicas que foram acrescentadas à rede (PAVEAU, 2021), permite a negociação de reconhecimento de um argumento com que não apenas se concorda, mas também que se deseja uma ‘afiliação’ quase ilimitada de um ponto de vista, o que a autora denomina de “formas endêmicas de participação discursiva”. Nessa *repostagem*, o

orador-digital reforça sua argumentação com outro *hashtag*: #LulaTemRazao. Na verdade, o conteúdo temático é o mesmo, todavia, a intenção do efeito de indexação é tão notória que inserir as iniciais maiúsculas em cada palavra identificada na *hashtag* pode garantir maior reconhecimento nos *sites* em que a *hashtag* será indexada.⁹⁸

Percebemos, assim, que os mecanismos digitais incidem uma força de inserção argumentativa que torna esse *auditório-digital* em outra dimensão de alcance. Assim sendo, onde temáticas que envolvem as ideias progressistas do presidente Lula forem marcadas pelos termos que compõem a *hashtag*, maior adesão haverá à argumentação proposta. É nessa perspectiva que evoco a definição para a formação do *ethos* de *facciodeeterminismo*, tendo em vista que, com a formação de *link* possibilitada pelo *hashtag* em publicação, toda uma rede que se identifica com a temática desenvolvida estará mobilizada a acessar.

A *repostagem* do terceiro *orador-digital*, em consonância com o argumento de Felipe Neto, expôs seu ponto de vista por meio do enunciado: “LULA ESTAVA CERTO TODO TEMPO”. O curioso, nessa apresentação do argumento, é que a estrutura enunciativa é semelhante à da *hashtag* publicada no comentário anterior, a qual será repetida em diversos comentários que fizeram parte desse compartilhamento⁹⁹. A afirmação de que *Lula estava certo* passa a representar o enquadramento ideológico acerca da postura de Israel no conflito com o Hamas. Reiteramos o funcionamento da argumentatividade mediante a ubiquidade do texto digital, considerando que a própria expressão resgata, na memória do *auditório-digital*, uma situação ali exposta anteriormente.

Ademais, necessitamos entender essa repetição não apenas como identificação de um posicionamento, bem como uma estratégia argumentativa conduzida pelos *bots*. Nesse ponto, retomamos um estudo de Vinhas, quando analisa o papel desses robôs na reprodução e no fortalecimento de discursos. O autor assevera que os robôs podem atingir a atuação dos regimes democráticos (VINHAS, 2021). Embora o autor esteja discutindo esses aspectos à luz dos estudos da Análise do Discurso, consideramos que há uma implicação na concepção argumentativa com os efeitos das repetições dos *bots*.

⁹⁸ Pode-se ampliar o conhecimento de como as *hashtags* podem assumir maior eficácia por meio do site: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/o-que-e-hashtag/>.

⁹⁹ A notificação dessa repetição pode ser acessada e acompanhada no perfil do Felipe Neto, em que essa publicação está disponível no dia 29 de fevereiro de 2024. <https://twitter.com/felipeneto>

Estamos acompanhando que a repetição de enunciados como “*Lula estava certo*” são publicações de robôs que se repetem a cada *retweet*, já realizado em outros perfis. Esse movimento digital mobiliza aspectos da argumentatividade sob a efetiva influência do técnico, em um alinhamento do efeito compósito da linguagem na argumentação. Cria-se uma rede de auditórios-digitais que se retroalimenta dos mesmos argumentos e, por meio deles, promove a tese para qual deseja adesão.

Por fim, acompanhamos que a argumentação na perspectiva da Retórica Digital possibilita inúmeras estratégias persuasivas inerentes às ferramentas técnicas desse ecossistema. É possível observar, também, que o que se realiza aqui é um recorte de inúmeras outras possibilidades que podem surgir, oportunamente, por meio de diferentes investigações.

3.5 A argumentação na perspectiva da Linguística de Texto

Como base no percurso estabelecido, fica evidente que este trabalho procura dialogar com as concepções da Linguística de Texto, no que diz respeito ao seu conceito de texto e hipertexto, bem como sua concepção de argumentação e as implicações que essa conceituação promoverá no ensino de língua.

Não obstante as diferentes teorias sobre argumentação serem, em larga medida, a base conceitual para diversos estudos argumentativos na atualidade, optamos por traçar o percurso das análises à luz da Linguística de Texto, compactuando com alguns de seus pressupostos epistemológicos e metodológicos. Quando Cavalcante (2016) propõe uma apresentação das interfaces entre as teorias da argumentação e a LT, permite que outras discussões aconteçam nessa perspectiva com maior clareza e fundamentação.

Um dos subgrupos categorizados por Cavalcante (2016) está a análise dos processos discursivos por meio de “trilhas argumentativas”, as quais são reguladas por quatro importantes processos assumidos nas pesquisas de Cavalcante. Dos processos avocados, discutiremos os intertextuais, concebendo a dialogicidade inerente aos textos, sobretudo quando marcam intenções persuasivas; e as marcas de heterogeneidade enunciativa, na perspectiva de Cavalcante (2016, p. 114) ao entender que essas marcas “além de serem índices polifônicos, elas denunciam modos de o locutor se proteger do julgamento dos interlocutores e, com isso, conseguir ser mais persuasivo em seus propósitos”.

É nesse ponto que definimos nosso olhar metodológico sobre a argumentação sob o viés da Linguística de Texto, com o reconhecimento bem definido de a argumentação não é seu objeto de investigação mas que é um processo inerente ao texto, portanto se inscreve na “materialidade textual”.

Defendo, com isso, que a LT pode contribuir para uma análise da argumentação nos discursos, pois os critérios analíticos da LT são como que motivados por uma tentativa de explicação para as escolhas textuais pelas quais o sujeito age sobre o seu dizer, reelaborando-o a todo instante, negociando-o com os prováveis interlocutores (em seus papéis sociais), para atender a seus propósitos. É justamente a suposição dessa agentividade, ou dessa actorialização, que faz a LT eleger como critérios de análise os diversos recursos de que pode se valer o locutor para persuadir a quem ele projeta como interlocutor. (CAVALCANTE, 2016, p. 116)

Vemos, então, os movimentos realizados nas práticas interativas, principalmente na percepção de um texto de “visada argumentativa”¹⁰⁰, em que diferentes jogos ocorrem para atender aos propósitos de convencimento. Estão em jogo as ferramentas que conduzem à eficácia retórica, e essas escolhas e buscas se realizam nas esferas discursivas por meio da materialidade de um texto, o qual, colocado em diferentes práticas de linguagem, pode apresentar inúmeros recursos argumentativos para investigação.

Na verdade, procuramos considerar exatamente o ponto em que, nas investigações atuais, os estudos textuais sociocognitivistas deixaram escapar devido às inúmeras afetações que as ações mentais possibilitam na organização da linguagem.

Nessa perspectiva sociocognitiva e interacional, o texto é pensado como uma construção que envolve conhecimentos da língua; das coisas do mundo e de como funcionam; dos sujeitos, suas intenções e da sociedade em que vivem; dos modelos mentais resultantes de experiências, vivências e práticas interacionais. (ELIAS, 2016, p. 191)

Os fundamentos de uma LT, que desenvolve marcos exploratórios sobre o texto- seu objeto de estudo - têm sido ampliados devido à veloz inserção de novas formas textuais, considerando, sobretudo, a ecologia digital. Nessa perspectiva, a

¹⁰⁰ Trago aqui a proposta de Amossy (2020, p. 44) ao “diferenciar a dimensão argumentativa inerente a muitos discursos, da visada argumentativa que caracteriza apenas alguns deles. (...)” Como texto de visada, a autora define como “uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente (...)”

modulação humana diante das práticas interacionais se realiza sociocognitivamente. Marcuschi (2005) entende que as práticas de linguagem se realizam sob “uma ordem essencialmente cognitiva” e “inteiramente semiotizada”.

Tal percepção alinha-se a mobilizações que pretendemos identificar em práticas de linguagem cotidiana com estudantes que não se separam de si mesmos em suas construções em outros ambientes, sejam hipermidiáticos ou escolarizados. Sobre isso, Marcuschi (2005, p. 50) postula que “nossa condição sociocognitiva é um caminho sólido para superar o pensamento essencialista, já que este movimento insere no núcleo da reflexão a dinamicidade em detrimento do contorno fixo e pronto”.

Nesse sentido, na ideia de que “toda operação mental” faz parte dos estudos da ciência cognitivista, foi imperativo mergulhar nessa visão investigativa, considerando que as práticas na ecologia digital devem mobilizar reações, como performances argumentativas, e estas devem ser categorizadas para identificação da *tecnoargumentatividade*.

Para pensar este trabalho, é muito importante ter bem definida a concepção de *hipertexto* com a qual toda investigação se desenvolve. Para isto, trouxemos alguns conceitos com os quais dialogamos. Inicialmente, retomamos Marcuschi, que, de forma vanguardista, sempre evocou muitos pontos aqui discutidos.

Para Marcuschi, Hipertexto

É um espaço aberto, sem margens e sem fronteiras. Esta caracterização é correta, mas prefiro pensar nesse novo espaço como um espaço cognitivo que exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto. Sobretudo as estratégias que dizem respeito à continuidade textual. Pois o “novo espaço” não é mais linear nem se comporta numa direção definida. (MARCUSCHI, 2001, p. 82)

Essa percepção de um espaço sem fronteiras, mas, sobretudo, de mobilização cognitiva, sinaliza para um olhar também “novo”, no que diz respeito às práticas argumentativas escritas. Vemos como esse escritor, ao prever nesse espaço hipertextual prevê as possíveis escolhas que os “hipernavegadores” farão (MARCUSCHI, 2001).

Considerando que este trabalho operacionaliza suas análises na perspectiva da hipertextualidade dos textos produzidos *on-line*, é importante observar as considerações de Paveau.

Para fornecer uma descrição tecnodiscursiva do hipertexto, é necessário adotar uma perspectiva que leve em conta usos, ou seja, os processos tecnolinguísticos de elaboração, tanto na produção

como na recepção, uma vez que os dois se confundem. A descrição de hipertexto se apoia principalmente nas noções de *link* (a relação dos enunciados em contexto hipertextual), de não linearidade e/ou descontinuidade [...]. (PAVEAU, 2021, p. 240)

E, nessa mesma perspectiva, Levy entende o hipertexto como “um mosaico de fragmentos interconectados, um modo de escrita e leitura não linear, que permite ao leitor navegar livremente entre diferentes unidades de sentido por meio de *links*” (LÉVY, 1993, p. 27). Essa dimensão de hipertextualidade relacionada aos *links* oferece uma visão de como as escritas produzidas e analisadas, sob a condução argumentativa, estarão sujeitas a essa propriedade de não linearidade e descontinuidade. Na verdade, são as ferramentas que sustentam essa característica que serão vistas, também, como processo argumentativo.

Ainda acerca do processo interativo dos textos, surgem algumas preocupações em relação às produções textuais em sala de aula. Parte das dificuldades advém desse caráter dissociado do texto com propósitos comunicativos reais. Pelos mesmos motivos e acrescido de outros fatores, Bazerman (2006, p.24) afirma que “(...) os modelos estão ali somente quando nós os construímos, só são úteis se os outros souberem como lê-los, e só serão usados se apontarem para os destinos que atraem os alunos”. E esse distanciamento das condições de produção, evidentemente, interfere na argumentatividade.

É um ponto comum entre os teóricos da LT e os linguistas aplicados, quando evocam a questão de texto e ensino, a relevância do caráter interativo para produção textual¹⁰¹. Esses conceitos podem ser vistos em Bazerman (2006); Davitt (2004); Miller (2008); Marcuschi (2004), Koch (2008) e Geraldi (2003), para os quais, é indiscutível que nenhum texto pode ser escrito ou falado sem que haja um outro como participante imediato dessa ação discursiva.

Nesse âmbito, as práticas de produção textual em sala de aula têm o compromisso de expandir suas abordagens no que diz respeito às construções argumentativas e interacionais em ambiente digitais e físicos. Por esse motivo, nessa etapa, também procuramos nos apropriar das concepções de ensino de língua prevista na Base Comum Curricular, tendo em vista que insere, com uma das competências específicas para Linguagens:

¹⁰¹ Não obstante este trabalho dedicar-se a investigar os *affordances* condicionadores da argumentatividade, é importante também notificar que, como prática de letramentos, poderemos reconhecer outras contribuições que as interações no ambiente digital podem proporcionar.

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018, p. 490)

Para uma concepção de língua pautada na ideia de um fenômeno pelo qual o homem se constitui, se organiza socialmente, imagina-se, portanto, uma condução pedagógica que encaminhe os cidadãos para essa realidade. Antunes (2006, p. 44) defende que todo professor de língua “é alguém que, com base em princípios teóricos, científicos e consistentes, observa os fatos da língua, pensa, reflete, levanta hipóteses sobre eles e reinventa sua forma de abordá-los”.

Entendemos, então, que não podemos limitar as abordagens sobre texto em contexto escolar, à luz da LT, sem promover percepções ainda não identificadas. É por esse motivo que o trabalho hipertextual é tão relevante para formação de estudantes que lidam com o mundo também por meio das realidades apresentadas em salas de aula.

No interior da concepção de textualidade com foco no processo, ganham relevância as múltiplas conexões que compõem o hipertexto, bem como as conexões dentro de um texto e entre os textos e os contextos humanos nos quais ele ocorre, de modo a determinar que conexões são relevantes. (ELIAS; CAVALCANTE, 2017, p. 321)

Essa visão da LT atual induz a um trabalho com estudantes sobre texto com diferentes percepções e investigações. Crystal (2006), em sua análise sobre linguagem e a internet, identifica as afetações que a frequência e intensidade de comunicação por meio do ciberespaço provocam na linguagem. Procuramos, portanto, buscar apoio, nessa etapa, de percepções epistemológicas que apontaram para o desenvolvimento de práticas da linguagem com uma considerável ampliação das formas do dizer, as quais não devem ser sonegadas pelos ambientes educacionais. Ao final do levantamento, entendemos que, se a inserção de metodologias com contribuição tecnológica já é uma realidade, a exploração de como essa realidade pode alcançar as dinâmicas argumentativas pedagógicas se torna imperativa.

4 A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Neste capítulo, nos propomos traçar o percurso metodológico com o qual foi possível identificar uma problemática, planejar meios de intervenção e reconhecer o ambiente digital como grande desenvolvedor de novas práticas argumentativas. Esse processo foi idealizado não apenas como marca de identificação, mas por meio de análise de dados que constituem a base investigativa do que já ocorre na ecologia digital e, de forma precursora, reconhecer as novas formas de argumentação por estudantes no espaço cibernético. Sendo assim, após a contextualização da pesquisa, exporemos como se deu toda a construção até a categorização dos dados.

4.1 Contextualização da pesquisa: o processo de argumentatividade dos estudantes no digital

A partir das hipóteses admitidas em relação ao desenvolvimento da argumentação no ambiente cibernético, decidimos estabelecer uma investigação mais acurada dos aspectos argumentativos digitais por meio da interação dos estudantes na rede social *online* X (*Twitter*). Reconhecemos que as formas de otimização dos argumentos na modalidade escrita de estudantes nas práticas escolares têm evoluído, conforme informações disponibilizadas pelo SEDAP (Serviço de Acesso a dados Protegidos), órgão do INEP¹⁰², que corroboram com essa constatação positiva. Entretanto, pretendemos, ao observar práticas argumentativas não analógicas, encontrar os meios que os estudantes, em suas práticas cotidianas, desenvolvem um ponto de vista.

Acreditamos numa percepção de disrupção em relação à modalidade única de desenvolvimento de persuasão, considerando que esses jovens vivem em contato com formas multissemióticas que demandam multiletramentos. Ou seja, as exigências propostas pelo ciberespaço para produção são vastas, são dinâmicas, portanto precisam de visibilidade de suas práticas (ROJO, 2020). Não obstante as concepções de “novos letramentos” representarem uma visão mais ampla, em que se manifestam

¹⁰² Nas investigações iniciais acerca da performance dos estudantes nas competências de argumentação nas redações do Enem, recorreremos ao SEDAP. O referido órgão enviou uma análise dos anos de 2015 a 2019, com a qual constatamos a evolução na argumentatividade dos alunos nas competências 2 (Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.), e a competência 3 (Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.) (INEP, 2022). Nessa análise, os estudantes demonstraram desenvolvimento positivo no percurso de tempo notificado. Esse quadro está disponibilizado nos anexos do trabalho.

leituras e escritas, decidimos focar na argumentação mobilizada por essas novas práticas. Percebemos que os novos letramentos permitem maior interconexão com acesso à livre informação, consolidando uma cultura de hibridismos (ROJO, 2019).

Nossa análise, nessa ecologia, procura observar tanto os mecanismos multissemióticos, bem como as “ferramentas digitais” inerentes ao ambiente, que provocam induções persuasivas por meio do aspecto compósito da linguagem, as quais forjam estratégias argumentativas muito pouco avaliadas. Optar por uma rede social *online* como campo investigativo, em que estudantes expressam pontos de vista no digital e mediados pelo digital, significa cruzar os muros da escola e alcançar subjetividade de jovens nativos digitais em situações discursivas, muitas vezes, invisibilizadas. Ademais, há dificuldades em aplicar os métodos e teorias da retórica tradicional para as manifestações persuasivas mediadas pelas técnicas do ciberespaço. (EYMAN, 2005).

Com o objetivo de organizar mais facilmente o *corpus* - as práticas interativas dos estudantes na rede social X (*Twitter*) - decidimos criar um perfil nessa plataforma denominado @*Pensologoescr3*, para onde as postagens dos jovens estudantes seriam direcionadas. O conhecimento desse perfil pelos estudantes ocorreu por meio de convite e reuniões, conforme será explicitado na subseção mais adiante. A concentração das postagens nesse perfil permitiu o melhor acompanhamento dos discursos dos estudantes, bem como a condução de diferentes linhas de temáticas discutidas na sociedade, especificamente, na *Web*. Objetivamos, com isso, investigar como as informações diversas e a inserção de diferentes repertórios são mobilizados pelos estudantes nessa rede social. Como os estudos de Leitão (2007, p. 77) sobre argumentação na educação levam-na a buscar “que unidade de análise permite capturar os processos de formação e transformação do conhecimento que ocorrem na argumentação”, por meio desta pesquisa, nesse espaço, procuramos identificar as unidades técnicas que ocorrem na argumentação.

Uma outra habilidade sugerida pela BNCC, no campo jornalístico-midiático, propõe para o aluno do Ensino Médio: “Atuar de forma fundamentada, ética e crítica na produção e no compartilhamento de comentários, textos noticiosos e de opinião, memes, gifs, remixes variados etc. em redes sociais ou outros ambientes digitais. (BNCC - EM13LP43). Vemos que há uma constatação, pelos documentos curriculares oficiais, da necessidade de inserção das interações dos estudantes nas propostas didáticas escolares. Entretanto, o percurso metodológico que propomos

indica essa atuação com imersão em uma rede social *online*, onde se mobilizam análises de opiniões e, simultaneamente, produções críticas. Sob a condição de um “escritor”, os movimentos nesse espaço tencionam diferentes habilidades que precisam ser notificadas, acompanhadas, numa conexão entre sala de aula e práticas diárias.

Entendemos, então, que, se intencionalmente direcionadas, organizadamente arquitetadas, as práticas no ecossistema digital não se tornarão apenas formas de interação, mas, sobretudo, práticas cognitivamente desenvolvidas, que geram argumentações em modalidades escritas advindas dos mecanismos exercitados. E essas formas crescem em uma dinâmica de velocidade próprias desse espaço, com esquemas cognitivos não apenas representados pelas multissemióticas, mas por toda relação e integração realizada entre o usuário (nativo digital) e a máquina. Suas estratégias de persuasão são mediadas por algoritmos, interatividade, deslinearização, atemporalidade e simultaneidade, entre outros processos ainda pouco explorados pelos estudos da Linguística de Texto, e, por conseguinte, ainda não reconhecidos nos entornos escolares.

Sendo assim, buscamos registrar a importância da categorização sobre os efeitos e as complicações requeridos pelas práticas da retórica digital, como as interações, o envolvimento de múltiplos sistemas, diversidade de métodos, com particularidades além da materialidade de textos não digitais (EYMAN, 2015).

4.2 O delineamento da pesquisa

O processo de composição da presente pesquisa passou por algumas etapas até se constituir o objeto de análise desejado. Prioristicamente, estivemos sempre em busca das problemáticas que envolvem a argumentatividade de estudantes secundaristas em suas práticas escolares. Entretanto, nossa inquietação não estava direcionada apenas às condições de produção dos alunos, fossem orais ou escritos, em sala de aula, mas sob a concepção de Leitão (2007), para quem o processo argumentativo “é interno ou intrínseco à elaboração de um sujeito”. Sendo assim, iniciamos uma reflexão sobre essa argumentação inerente ao sujeito, considerando-o imerso a realidades que o constituem muito além da sala de aula.

Nesse processo de reflexão, iniciamos algumas preparações mesmo antes de conduzir o que ainda seria um projeto. Percebemos, por meio de alguns estudos bibliográficos, que o ambiente cibernético se constituía um ambiente de uma interação

hercúlea, na qual os jovens nativos-digitais mantinham suas práticas argumentativas (por ela ser inerente ao sujeito) numa dimensão e em um determinado tempo significativo.

Iniciamos, portanto, incluindo um importante trabalho de Rojo (2019), que insere às suas incansáveis pesquisas numa perspectiva de letramento, o olhar para as práticas que envolvem o ambiente tecnológico. Nessa obra, dialogando, especialmente, com Kress (2003). Santaella (2005) e Lemke (1998[2010]), inicia um aprofundamento acerca de conceitos e descrições que envolvem termos como “hipermídia”, “transmídia”, “multimodalidade” e “multissemiose”. Entre críticas e posicionamentos, a autora insere algumas dessas concepções como suporte para as descrições necessárias nas práticas de letramentos na complexibilidade de um ambiente cujas semioses não se inscrevem apenas no ambiente do linguístico. Rojo (2019, p. 40), ao abordar “as questões das mudanças históricas nos textos e enunciados digitais contemporâneos e seus impactos nos novos letramentos”, contribui para a exploração que desejamos com este trabalho para enxergar as diferentes multissemioses na organização da argumentação.

Sendo assim, procuramos situar nossa temática em diferentes instâncias investigativas. Ainda assim, visualizamos alguns pontos não atendidos nas demandas da argumentatividade, ecologia digital e ensino. Diante disso, traçamos algumas teorias com as quais dialogamos e construímos nossas linhas especulativas. Nesse momento das motivações da pesquisa, planejamos as etapas que desenharam o processo investigativo ao qual nos propomos, organizadas da seguinte maneira: I - levantamento bibliográfico; II - definição e seleção dos participantes; III - organização do ambiente para coleta dos dados; IV - análise dos dados.

Quadro 4- Ilustração do processo investigativo



Fonte: Quadro organizado pela autora.

Cada etapa será mais bem definida em seções e subseções seguintes.

Outrossim, embora consciente da não rigidez no delineamento de uma pesquisa, esse planejamento inicial contribuiu para circunscrever o processo metodológico, tanto quanto à sua natureza como em relação às diferentes formas e estratégias de abordagens do objeto investigado.

4.2.1 A natureza da pesquisa

Esta pesquisa se inscreve em um estudo de caso, de natureza qualitativa-descritiva, numa perspectiva de interpretação de fenômenos observados nas interações de estudantes no ambiente cibernético, especificamente, na rede social *online X (Twitter)*. A escolha dessa rede será mais bem explicitada em uma subseção mais adiante.

Entendemos que esta pesquisa se desenvolve como um estudo de caso, conforme Yin (2016, p. 7) pontua, pois “abrange condições contextuais - as condições contextuais em que as vidas das pessoas se desenrolam.” Com o objetivo de analisar as estratégias argumentativas utilizadas pelos estudantes no ambiente digital, necessitamos “explicar esses acontecimentos por meio de conceitos existentes ou emergentes” (ibidem). Sendo assim, os caminhos traçados revelaram esse enquadramento qualitativo.

A presente pesquisa definiu a coleta dos dados não apenas pelas interações espontâneas dos estudantes na plataforma X (*Twitter*), mas também por meio da criação de um perfil, em que a pesquisadora se torna copartícipe com os estudantes no processo interativo. Parte dos dados coletados foram direcionados, aplicados e discutidos entre pesquisadora e participantes, numa relação desafiadora do processo em que a responsabilidade ética do pesquisador é colocada em máxima atenção. Tal situação nos fez reconhecer como nos situamos quanto à perspectiva da pesquisa em relação à interpretação. Cientes de que não nos enquadrámos numa perspectivaêmica, mas ética, procuramos conduzir as análises sob o olhar externo de um pesquisador, com tudo que representa essa condição.

A tipificação como um estudo de caso se dá, pois reconhecemos que a busca dos dados, sua análise e interpretação ocorre sob a definição de Amado e Freire de que “O estudo de caso pode consistir no estudo de um indivíduo, de um acontecimento, de uma organização, de um programa ou reforma, de mudanças ocorridas numa região, etc.” AMADO E FREIRE, 2014, p 121). Nessa perspectiva, a presente pesquisa se debruçou sobre práticas de um grupo de indivíduos, em seu

contexto de interação real, cotidiana, em vistas a investigar as performances argumentativas.

Não obstante o reconhecimento de que “o pesquisador tem uma personalidade humana e nem pode se comportar como um robô” (Yin, 2016, p. 11), propomo-nos, com essa coparticipação, ser um instrumento para coletar, observar, investigar e interpretar os dados coletados. Além disso, a presença do pesquisador simula a relação de um educador em processos interativos em ambientes cibernéticos, para, então, como assimilação de um estudo de caso, reconhecer o funcionamento em seus benefícios e possíveis entraves.

Passarelli, ao analisar alguns processos interativos educacionais nesse ecossistema, afirma que “No caso da educação, o desafio consiste em como utilizar o potencial da tecnologia digital de forma a contribuir não somente para o desenvolvimento cognitivo, mas também afetivo e ético, [...]” (PASSARELLI, 2007, p. 113). Isso implica dizer que percebemos a importância, para análise de alguns dados, o envolvimento do pesquisador, mas reconhecendo que esse aspecto não compromete a integridade da pesquisa. Por esse motivo, o trajeto metodológico transcorreu de forma a apresentar algumas garantias de que a pesquisa apresenta condições epistemológicas, com métodos explicitados, permitindo visibilidade na organização dos seus métodos, ou, como Yin defende, uma pesquisa “baseada em um conjunto explícito de evidências” (Yin, 2016, p. 18).

Esta pesquisa, enquanto de natureza qualitativa, procurou analisar seus dados tomando como base alguns preceitos teóricos, e se valeu dessa investigação “para desenvolver novos conceitos”, condição possível para essa linha investigativa escolhida. Esses conceitos já existentes, que embasam nossas observações acerca das novas formas de argumentação, mostraram-se, ao longo do trajeto, insuficientes no que diz respeito às mobilizações dos hipertextos digitais. Durante esse processo, acompanhamos as buscas de Eyman, o qual indicou as mesmas inquietações em sua pesquisa de 2015.

Eu tenho incluído em minhas pesquisas não apenas uma revisão da literatura existente (acompanhado de comentários críticos e uma consideração dos contextos e histórias dessas obras), mas também minha própria inserção de conceitos, particularmente em termos de

desenvolvimento de novas teorias e novos métodos para trabalhar com textos nativos-digitais. (EYMAN, 2015, p. 9- tradução nossa¹⁰³)

Sendo assim, essa pesquisa seguiu acompanhando essa trajetória demandada pelo próprio objeto de investigação: a argumentatividade de nativos digitais no ambiente cibernético, o que levou a um processo de compilação, coleta e análise de dados sob construções epistemológicas estudadas e ressignificadas.

Para imersão acerca das novas práticas **na ecologia digital**, evidentemente há uma vasta produção bibliográfica, com convergências interdisciplinares, pois, nesse ambiente, esferas distintas da atuação humana estão em evidência. Entretanto, como esta pesquisa se realiza na área da linguística, numa abordagem pedagógica, alguns teóricos são imprescindíveis como referencial. Para isso, assumimos, aqui, as bases epistemológicas de Levy (1999), com as quais é possível não apenas conhecer os primeiros movimentos tecnológicos do ciberespaço, como relacionar a evolução digital com o desenvolvimento interativo-discursivo em práticas enunciativas cotidianas, bem como sua intervenção em diferentes atuações sociais. É por esse motivo que sua obra fundante para essa discussão se intitula “Cibercultura”.

Longe de parecer que se faz uma apologia do ciberespaço, como um encantamento desavisado, pretendemos tão somente reconhecer os espaços que precisam ser explorados para contribuição de atuações ainda pouco exploradas. Levy (1999) postula sobre os dois principais fatores que instigam a essa imersão:

Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação, diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço, nos planos econômico, político, cultural e humano. (LEVY, 1999, p. 11)

Os recentes estudos sobre hipertexto permitem consolidar essa necessidade de busca pelas suas contribuições, considerando o que Levy (2011, p. 19) afirma sobre a Internet como um ambiente que “tem aumentado consideravelmente nossos processos cognitivos individuais e coletivos, através do acesso a uma riqueza de dados multimídia em tempo real (...)”.

¹⁰³ “I have included not just a review of extant literature (accompanied by critical commentary and a consideration of the contexts and histories of those works) but also my own work, particularly in terms of developing new theories and new methods for working with “born-digital” texts”.

Nessa etapa, também, nos atualizamos acerca de algumas nomenclaturas e concepções de Paveau (2021, p. 13), sobretudo pela integração proposta, numa visão de “que a língua e usos discursivos se integram num verdadeiro compósito, e de que os recursos linguageiros só devem ser examinados em seus ambientes de produção.” Essa atualização foi muito importante para as análises dos dados em foco, considerando a abordagem realizada pela autora acerca de alguns fenômenos, como o processo de algoritmização da linguagem.

4.3 Caracterização dos participantes

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, optamos, inicialmente, por buscar 20 estudantes do Ensino Médio - 10 de uma escola pública e 10 de uma escola privada - ambas da Região Metropolitana do Recife - para compor um grupo de práticas argumentativas em ambiente digital. Entretanto, durante o processo da pesquisa, trabalhamos efetivamente com 10 (dez) estudantes, entre escola pública e privada. A escolha desse grupo se deve ao fato de haver uma necessidade de otimização do desempenho argumentativo em produções textuais visando, também, exames externos como o Enem. E sobre a opção de trabalhar com participantes de escola pública e privada se deu pelo fato de ser um público com o qual a pesquisadora já trabalhou projetos argumentativos orais e escritos, portanto, ambicionava reconhecer suas performances em um ambiente digital, com outros recursos argumentativos tecnológicos.

Para condução dos procedimentos metodológicos, ainda quanto aos participantes, a pesquisa foi conduzida com esses 20 estudantes selecionados, sob alguns critérios. Optamos por esse público considerando que são jovens reconhecidos como nativos-digitais, cujas habilidades argumentativas se inscrevem naturalmente em suas práticas, mas que manifestam uma necessidade premente em relação ao domínio argumentativo, e cujo desempenho *tecnoargumentativo* não tem um espaço relevante em produções escolares. Assim, seguimos os seguintes critérios para seleção dos participantes:

Quadro 5: Critérios para seleção dos participantes

CRITÉRIO	JUSTIFICATIVA
1- Ser estudante da 1ª ou 2ª série do Ensino Médio	Nessas séries estão focadas atividades sobre argumentação direcionadas à

	produção de texto exigida no Enem. Os alunos dessas séries estão em processo de formação, com menos pressão que alunos da 3ª série em relação aos exames externos.
2- Estar devidamente matriculado e ativo numa escola pública ou privada.	É necessário o estudante, além de devidamente matriculado, ser comprovadamente ativo nas atividades escolares. Esse critério indicaria maior interesse e envolvimento com as questões sobre argumentação. Decidimos observar dados de dois campos (público e privado), com intenção de reconhecer em que aspectos comuns os jovens nativos-digitais interagem na ecologia digital.
3- Ter acesso a dispositivos digitais e internet de forma a usar as plataformas on-line semanalmente.	O acesso contínuo a dispositivos digitais é uma prerrogativa inerente à pesquisa. Como não seria usado internet do ambiente escolar, mas de onde o estudante estivesse, foi premente a certeza da condição desse acesso.
4- Possuir conta na rede social <i>on-line Twitter</i>	O <i>Twitter</i> foi a rede escolhida para coleta de dados, os quais são oriundos das interações dos jovens estudantes. Dessa forma, só poderia participar quem tivesse uma conta nessa rede social.
5- Ser matriculado em uma escola da Região Metropolitana do Recife	Como o processo de seleção e de acompanhamento dos participantes ocorre também presencialmente, com reuniões com gestores e estudantes, foi necessário escolher escolas logisticamente próximas à pesquisadora.
6- Ter disponibilidade para comentar ou postar um tweet na plataforma semanalmente. ¹⁰⁴	Esse critério foi apresentado aos estudantes, deixando-os conscientes da necessidade dessa regularidade para compilação dos dados.
7- Responder, a cada dois meses, um questionário no <i>google forms</i> .	O questionário objetiva o acompanhamento dos estudantes em relação ao processo e como uma

¹⁰⁴ Não obstante esse critério ser relevante para análise de boa parte dos dados, os tweets realizados espontaneamente pelos estudantes nas suas interações cotidianas também fizeram parte do corpus desta pesquisa. Tal fato ocorreu com a anuência dos participantes, conforme documentação nos anexos.

	autoavaliação acerca das interações e suas práticas escolares.
--	--

Fonte: Organizado pela autora.

Após a definição do perfil dos participantes, concluímos o projeto para submetê-lo aos procedimentos necessários para garantir a ética do processo investigativo. Diante disso, para convocação dos participantes da presente pesquisa, foram adotadas as diretrizes estabelecidas na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas aplicáveis a estudos situados nas ciências humanas e sociais. Nessa perspectiva, os estudantes seriam conscientizados de que todo processo de exposição de seus comentários só seria coletado e publicado mediante a sua anuência e de seus responsáveis.

Sendo assim, sob o número 6.497.518, em 09 de novembro de 2023, o projeto obteve aprovação do Conselho de Ética, garantindo a continuação da seleção e convocação dos participantes, conforme anteriormente planejado. Ainda em novembro de 2023, fomos em busca das escolas onde formaríamos o grupo de participantes. Essas escolas já haviam sido contatadas para confirmação, no conselho de Ética de sua anuência na participação. Considerando que a pesquisadora tem acesso a uma escola privada da Região Metropolitana do Recife, foi por ela que iniciamos nossa seleção.

Com auxílio de um professor de Língua Portuguesa da escola, selecionamos alguns estudantes de acordo com os critérios estabelecidos. Nossa imersão em parte do processo foi devidamente blindada no direcionamento para produção dos dados, reconhecendo que algumas posturas de integridade em uma pesquisa são de escolha do pesquisador, e essa conduta íntegra se fará visível, o quanto o percurso for explicitado na sua metodologia (YIN, 2016). Sendo assim, para garantir a confiabilidade do processo, foi realizada uma convocação para os alunos que quisessem participar da pesquisa (explicado antecipadamente) respondessem ao questionário¹⁰⁵. Nesse documento, estavam claros os critérios para que os estudantes pudessem participar, como também estavam explícitos os riscos e benefícios inerentes à sua participação na pesquisa. Seguros da quantidade possível

¹⁰⁵ Esse foi o primeiro questionário realizado com os estudantes participantes por meio do Google forms, apresentado nos anexos ao final da pesquisa.

de dados para análise, definimos um número de 10 participantes por escola. Todavia, submetidos aos critérios apresentados, chegamos à quantidade de 7 alunos nessa escola privada, todos cursando a 2ª série do Ensino Médio.

Quanto à convocação dos estudantes da escola pública, procuramos seguir a orientação de Yin (2016) quanto à seriedade em contatar indivíduos em um espaço público. O autor alerta que “os espaços públicos são particulares no sentido de que você precisará da permissão das autoridades escolares para realizar pesquisa, bem como de permissão daquelas autoridades e de pais se quiser conversar [...]” (YIN, 2016, p. 101). Nesse sentido, procuramos uma escola pública da Região Metropolitana de Recife, devidamente documentada, conforme as exigências do Comitê de Ética. A escola selecionada seguiu apenas o critério de indicações de um professor da Universidade Federal de Pernambuco, que mantinha contato com a instituição e conhecia sua receptividade para pesquisadores na dinâmica escolar.

A seleção dos estudantes dessa escola pública ocorreu por meio dos gestores pedagógicos, tendo em vista que foi para eles que direcionamos o quadro de critérios acima ilustrado. Após a confirmação da seleção organizada pelos gestores, realizamos, no dia 28 de novembro de 2023, a primeira reunião presencial com os participantes. Dos dez participantes idealizados a princípio, atenderam aos critérios estabelecidos apenas 8 estudantes (6 estudantes cursando a 1ª série do Ensino Médio e 2 estudantes cursando a 2ª série).

Nesse primeiro encontro, apresentamos o propósito da pesquisa, a forma de organização e os procedimentos durante os seis meses seguintes, os quais continuariam no ano seguinte (2024). A confirmação da participação de todos os estudantes se deu através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁰⁶. Os estudantes foram instruídos acerca do seguinte trajeto metodológico, durante o período do armazenamento de dados:

Quadro 6: Etapas e procedimentos com os participantes durante seis meses

ETAPAS	PROCEDIMENTOS
(1)	Compartilhamento do perfil na plataforma X (<i>Twitter</i>) com a pesquisadora.
(2)	Participação do perfil da pesquisadora: “@Pensologoescr3”.

¹⁰⁶ Documento disponibilizado nos anexos da pesquisa.

(3)	Postagens no X (<i>Twitter</i>) semanalmente (em resposta à publicação da pesquisadora) ou <i>tweets</i> espontâneos.
(4)	Resposta a dois questionários no <i>Google forms</i> ao longo da pesquisa.
(5)	Participação de um grupo do <i>whatsapp</i> para notificações necessárias no processo ¹⁰⁷ .

Os procedimentos acima registrados representaram o processo efetivo para a coleta dos dados. Após os encontros com os dois grupos (7 da escola particular e 8 da escola pública), iniciamos essa etapa da pesquisa. As três primeiras etapas foram atendidas e registradas uma semana após as reuniões presenciais. Sendo assim, no início do mês de dezembro, já havia movimentações na rede social X (*Twitter*), especialmente no perfil compartilhado da pesquisadora. Foi então que disponibilizamos, no contato do *whatsapp* de cada participante, o questionário no *Google forms*, com as primeiras informações. Objetivando acompanhar mais sistematicamente os dados gerados por cada participante, decidimos nos referir a eles associando o perfil à identificação PA, PB (Participante A, Participante B), e assim sucessivamente, conforme registrado no quadro a seguir:

Quadro 7: identificação dos participantes¹⁰⁸

PERFIL NO X (TWITTER)	IDENTIFICAÇÃO	CAMPO
@hxxxfd	PA	Escola Pública
@calxxxmood	PB	Escola Pública
@evexxxmour79209	PC	Escola Pública
@lucxxraciod	PD	Escola Pública
@laxxsays	PE	Escola Pública
@nyxxmek?s=21	PF	Escola Pública
@liaxxliaax	PG	Escola Pública

¹⁰⁷ Abrimos um grupo na rede social *whatsapp* com todos os participantes (da escola pública e da privada), com a qual mantivemos o contato para avisos, orientações, e publicação do formulário do *google forms* com o questionário de acompanhamento.

¹⁰⁸ Alteramos a identificação do perfil para preservar a identidade e prevenir o fácil acesso aos perfis dos estudantes.

@kaxxxakv	PH	Escola Pública
@lexxxaz07	PI	Escola Privada
@biaxxxmanat	PJ	Escola Privada
@rafxxlvieira	PK	Escola Privada
@kaxxxpy	PL	Escola Privada
@maxxxr_frogg	PM	Escola Privada
@bozxxxor	PN	Escola Privada
@raioxxxvao	PO	Escola Privada

Quadro organizado pela pesquisadora

Com todos os participantes em interação conforme as orientações, disponibilizamos o questionário, no *Google forms*¹⁰⁹, configurando uma entrevista estruturada, “atentando-se para a definição e extração da amostra para que ela seja mais precisa possível”, conforme orienta Yin (2016, p. 119). Além disso, com as respostas da entrevista, foi possível direcionar a pesquisa e ajustar às demandas que surgissem pelos participantes.

Dos (15) participantes que se iniciaram no projeto, apenas (10) responderam ao questionário. Os cinco não responderam, mas seguiram na pesquisa. Uma das informações mais relevantes para iniciar com os participantes era ter certeza do conhecimento dos voluntários com a plataforma X (*Twitter*). Nesse ponto, todos confirmaram conhecer e utilizar bem essa rede social. Um outro dado muito relevante para compor o objeto de investigação (reconhecer a forma de argumentação desses estudantes nas redes sociais *online*) correspondia à motivação desses jovens na rede social X (*Twitter*), no sentido de saber de que forma eles interagiam. Sobre esse aspecto, 20% participam para ler notícias em evidência; 20% participam para saber dos fatos e se posicionar a respeito, e 60% utilizam para compartilhar seu momento; ler notícias e se posicionar a respeito.

Evidenciou-se, com esses dados, que 80% dos participantes usavam a rede social para se posicionar. Tal evidência apontou para a efetivação do trabalho proposto, considerando que o envolvimento não seria uma simulação nem uma

¹⁰⁹ As perguntas e respostas, na íntegra, estão disponibilizadas nos anexos desta pesquisa.

coerção externa a seus interesses. Nessa mesma perspectiva, o questionamento seguinte foi relacionado ao benefício ou a utilidade da participação deles no projeto. Nesse ponto, foi realizado um escalonamento em que “0” significava nenhuma utilidade e “10”, extrema utilidade. Nesse item, 30% pontuou em “10” o nível de benefício do projeto; 20%, atribuiu a pontuação “9”; 40% atribuiu a pontuação “8” e apenas 10% não compreendeu como útil o processo da pesquisa. Nesse primeiro recorte, entendemos que seguiríamos numa proposta de envolvimento argumentativo, em um espaço não escolarizado, em que estudantes nativos digitais conseguiram perceber alguma utilidade para suas práticas retóricas.

Relacionado ao benefício, questionamos acerca do interesse, pois consideramos que o estudante poderia achar útil, mas não ter interesse em participar da experiência, a qual envolveria sua performance digital de argumentação. Sendo assim, obtivemos a resposta, numa escala de 0 a 10, em que 20% demonstraram interesse e engajamento máximo (10); 20% revelaram muito bom interesse (9); 40% demonstraram bom interesse (8); 10% mostram interesse mediano (7) e apenas 10% um baixo interesse (5). Considerando que essa entrevista ocorreu após dois meses de práticas na rede social *online*, obtivemos uma resposta de reconhecimento da manutenção da pesquisa com os estudantes.

Objetivando entender os entraves que surgem nos percursos de uma prática em que a argumentação é desenvolvida e ressignificada pelo digital, questionamos acerca do que poderia dispersar o engajamento nas postagens na rede social. Nessa parte, combinamos questões fechadas e abertas, pois, com vistas a entender o que poderia não estar funcionando a contento, propomos, em seguida, sugestões para otimização do processo. De forma orientada, questionamos sobre possíveis fatores que dificultavam o engajamento. 80% sinalizou o fator de esquecimento; 50% por falta de tempo; 10% por desinteresse nos temas discutidos¹¹⁰. Prevendo a informação acerca do interesse nos temas discutidos, solicitamos sugestões de novas temáticas.

Como o questionamento anterior já havia sinalizado a anuência da maioria dos participantes com as temáticas, foi importante registrar a contribuição da participante PF, a qual sugeriu discussões sobre “Notícias sobre esportes eletrônicos”, ex: tomada de decisão da antiga ministra dos esportes de não considerar esportes eletrônicos um esporte de verdade”. A partir dessa abordagem, entendemos que o movimento de

¹¹⁰ Esclarecemos melhor sobre como organizamos o processo de interação, desde a seleção de temas até as publicações espontâneas na subseção acerca da organização do espaço da coleta de dados.

interação, por meio de discussões no ambiente cibernético, precisa de inserção dos diferentes interesses, para que as construções argumentativas fluam com importância¹¹¹.

Um outro aspecto importante para dinâmica da participação dos estudantes na plataforma X (*Twitter*) era sobre o quanto o envolvimento com a pesquisa estava contribuindo com suas vivências escolares. Sobre essa situação, construímos uma pergunta aberta, conforme demonstrado no quadro a seguir.

Quadro 8: Nível de contribuição das interações na plataforma X (*Twitter*) com as práticas argumentativas na escola.

PARTICIPANTE	QUESTIONAMENTO: Desde que tem participado dos debates no perfil @pensologoescr3, no X (<i>Twitter</i>), percebeu alguma mudança nas suas práticas escritas ou orais na escola? Se sim, explique o que pode ter mudado.
PG	“Sim, eu costumava ser mais vergonhosa nas aulas que contém debates, por medo de expressar minha opinião e não ser bem aceita. Hoje me expesso muito bem, e minha dicção vem melhorando muito.”
PJ	“Sim. Abrangência de repertórios contribuiu para o maior número de argumentos em debates.”
PO	“Não muito, pois o objetivo era poder ouvir as vozes dos alunos sem que estivessem necessariamente filtradas por um sistema escolar, então não me filtrei tanto nos posts.”
PE	“Não muito, apenas estou me opondo mais.”
PB	“Eu já era um bom expositor de ideias, sabia debater e defender meus pontos. Esse projeto só me deu a oportunidade de alavancar os meus posicionamentos de uma maneira mais geral e visível.”
PI	“Sim, aumento da capacidade argumentativa.”
PL	“Sempre fui muito interessada em debates e argumentações. O projeto é uma boa oportunidade pra me expressar.”
PK	“Sim, a prática da escrita ajuda minhas ideias a fluírem melhor. Além disso, permite uma maior organização dos meus pensamentos.”
PF	“Não.”

¹¹¹ Nesse ponto, dialogamos com a concepção de “letramentos” de Rojo, na medida em que a preocupação da inclusão desses interesses está associado à necessidade de “recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem escrita, de uma ou de outra maneira, sejam eles socialmente valorizados ou não, locais ou globais, recobrindo contextos sociais diversos, em grupos sociais e comunidades culturalmente diversificadas” (ROJO, 2019, p. 8).

PM	“Sim, percebi que comecei a pensar melhor antes de desenvolver um argumento.”
----	---

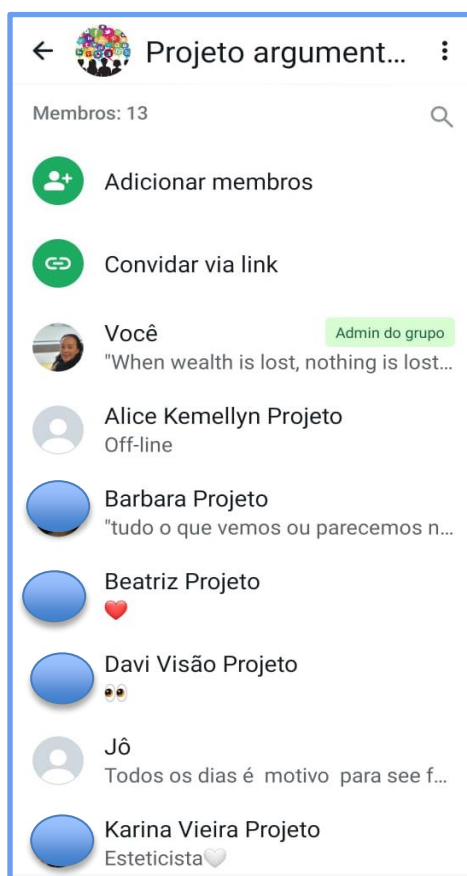
Fonte: Organizado pela autora

Nessa etapa, percebemos que, para a maior parte dos informantes, a pesquisa que os envolvia estava fazendo sentido e contribuindo. Registramos que três informantes expressaram não haver muita contribuição, entretanto apenas o informante PF foi categórico quanto à não contribuição. Embora o informante PO tenha revelado pouca contribuição do processo, chamou a atenção acerca da afirmação de que seu *“objetivo era poder ouvir as vozes dos alunos sem que estivessem necessariamente filtradas por um sistema escolar, então não me filtrei tanto nos posts (...)”*. Sendo assim, entendemos uma das possibilidades de contribuição dos dados que seriam investigados. O informante PE também asseverou a pouca contribuição, mas acrescentou que, por meio da plataforma, estava *“se opondo mais”*.

Um dado relevante nesse primeiro levantamento de interesse reside no fato de que o motivo pelo qual alguns informantes expressam a utilidade do projeto está na otimização da expressão, seja na modalidade escrita ou oral. Tal critério será melhor explorado no capítulo de análises.

O procedimento seguinte foi a criação de um grupo no *whatsapp* com todos os participantes e a pesquisadora. Esse grupo foi aberto com o objetivo de estreitar a comunicação acerca de alguns procedimentos durante os (6) meses de interação no X (*Twitter*), como por exemplo: marcação de reunião presencial; envio do *link* para o questionário no google forms; marcação de encontro remoto por chamada de vídeo no próprio *whatsapp*. Esse grupo do *whatsapp* foi denominado “Projeto argumentação nas redes”, e, por meio deles, acompanhamos a participação e as desistências da pesquisa.

Figura 15: Grupo dos participantes no *whatsapp*.



Fonte: Imagem adquirida por meio de *print* do celular da autora em 26/08/2024.

Esse grupo foi iniciado com os (15) participantes, mas, ao longo do processo, alguns foram precisando sair. Alguns justificaram, outros não. Seguimos, então, dos quinze participantes ativos, com (12). Com esses participantes, mantivemos duas reuniões remotas por meio do *whatsapp*, para interação entre os dois grupos (público e privado) acerca da experiência com as discussões na rede social *online*.

Conforme determinado para a participação dos estudantes, o acompanhamento, por meio de um questionário no *google forms*, aconteceria a cada (2) meses de interação na rede social X (*Twitter*). Disponibilizamos, então, novas indagações acerca do envolvimento dos estudantes. Nesse momento, apenas os participantes mais ativos responderam ao questionário, cedendo informações relevantes a todo processo de investigação. Os questionamentos foram realizados de forma fechada (para melhor compilação das informações), e de forma aberta para reconhecimento legítimo do posicionamento do estudante em relação à prática argumentativa no espaço cibernético.

Acerca do questionamento de como estavam participando ativamente no X (*Twitter*), tanto nas discussões do perfil *@pensologoescr3*, quanto nas suas

postagens espontâneas, 14% revelaram que se mantinham ativos. 57,1% indicaram que estavam participando esporadicamente nesse formato. 28% revelaram que não mais participavam das discussões do perfil @pensologoescr3, mas mantinham-se participando esporadicamente em suas postagens espontâneas na plataforma X (Twitter).

Após (9) meses de envolvimento entre a rede social X (Twitter), os encontros remotos e as informações via *whatsapp*, os dados acima nos prepararam para significativas análises dos dados coletados. Para o propósito definido, conseguimos analisar a performance argumentativa de estudantes com recursos pouco analisados academicamente, quer fosse monitorada por uma pesquisadora, quer fosse por meio de suas postagens espontâneas.

Quadro 9: Respostas ao segundo questionário no *Google forms*.

PARTICIPANTES	QUESTIONAMENTO: Você considera que sua participação no perfil @pensologoescr3, do X (Twitter), tem contribuído em suas práticas escolares? Como?
PF	“Infelizmente, eu saí da escola e com o começo da faculdade não tenho mais tempo nem de olhar as redes sociais ou participar do projeto, infelizmente.”
PM	“Sim, com certeza. Por meio dela eu consigo elaborar meu raciocínio para escreve uma potencial redação melhor, que é o meu objetivo esse ano.”
PJ	“Sim. A partir da participação em debates sobre assuntos atuais, acabo me atualizando sobre assuntos relevantes do momento, o que pode ajudar em uma redação, por exemplo.”
PB	“Sim! Tenho me expressado com mais liberdade dentro de sala.”
PG	“Não, não tenho participado.”
PI	“Acredito que sim, não sou 100% ativo mas sempre que consigo estou lendo os comentários e postagens, atualmente os jovens não se preocupam de estar por dentro de assuntos “necessários” e isso é um diferencial pra mim e pra bolha que participo estar sempre ligado e além disso ter um opinião formada é de suma importância.”
PK	“Sempre fui apaixonado pelo debate e pela exposição de ponto de vista. Na escola sempre estou participando de rodas de conversas e no twitter eu encontro mais um espaço de mostrar meus posicionamentos e de agregar o meu conhecimento, contribuindo para o meu desempenho na escola.”

Fonte: Quadro organizado pela autora.

Nessa etapa da pesquisa, chegamos à definição de um grupo de participantes ativos, mesmo com ampliação do tempo de (6) meses para (9) meses, fato já previsto no início da pesquisa. Dos (7) participantes que responderam ao questionário, (5)

expressaram seu interesse e motivação para continuar, possibilitando compilação e ampliação dos dados. É importante ressaltar que o último acompanhamento por meio do questionário revela o nível de participação na rede social, mas não corresponde, necessariamente, à quantidade de dados compilados, pois já vinham sendo coletados desde as primeiras participações. (Ver quadro 5).

4.4 Procedimentos para a coleta dos dados

Acompanhamos, na subseção 4.3, como se deu a seleção e acompanhamento dos participantes desta presente pesquisa. Entendemos que quanto mais visibilidade metodológica com os envolvidos na coleta de dados, mais transparência e ética podem ser reconhecidas na investigação. Entendemos, também, como Yan, que “os dados são as menores ou mais baixas entidades ou elementos registrados que resultam de alguma experiência, observação, experimento ou outra situação semelhante” (YAN, 2016, p. 116). Sendo assim, as formas de coletá-los podem ser variadas, mas necessariamente bem organizadas metodologicamente para compreensão de como a leitura e interpretação desses dados ocorreram, conforme trataremos nesta subseção, em que analisaremos o ambiente da coleta e os instrumentos utilizados para as análises.

4.4.1 O ambiente da coleta dos dados

O campo de coleta de dados se deu em um perfil da rede social X (*Twitter*), no ambiente digital. Notificamos aqui a mudança que a plataforma sofreu em 2023. Com o novo proprietário da rede, Elon Musk, o X (*Twitter*) passou a ser um grande App, agora denominado de X, o qual permitirá algumas alterações, consideradas positivas para o empresário. Todavia, reportar-nos-emos à rede como X, colocando entre parênteses o termo *Twitter*, pelo fato de ainda ser assim mencionado nessa ecologia cibernética.¹¹² Foram selecionados comentários realizados no perfil criado pela autora: @pensologoescrev3, bem como *posts* produzidos livremente, dentro da plataforma, pelos estudantes. Selecionamos essa plataforma devido a algumas características relevantes, as quais serão descritas a seguir para melhor elucidação de seu funcionamento, bem como para compreensão de sua aplicabilidade nesta pesquisa.

Precedendo a descrição do *site* da rede social X (*Twitter*), é importante

¹¹² Fonte: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/mudanca-para-x-foi-uma-libertacao-do-twitter-diz-ceo-da-empresa-259426/>. Acesso em 22 de Ag. 2022.

esclarecer que não pretendemos, nesta pesquisa, estudar profundamente os movimentos sociais e históricos dessa plataforma midiática. Procuramos esclarecer algumas características apenas para justificar a escolha deste campo para coleta dos dados.

Numa análise genérica, o *X (Twitter)* corresponde a uma plataforma de acesso gratuito, de fácil acessibilidade, por meio da qual pode haver trocas de mensagens de texto, áudio e vídeo, que tem ganhado notoriedade devido à sua ampla compatibilidade. Isso contribui para o acesso quase irrestrito devido ao fato de estar disponível em aplicativos na versão para *web*, em *Android*, *iOS*, *Mac*, *Windows*, *Linux*. Esse *site* de rede social foi criado em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, com uma adesão um tanto tímida, mas que, rapidamente passou a ser uma das redes sociais mais importantes do mundo.

O que nos mobilizou para selecionar esta plataforma como coleta dos dados é o fato de ser “um canal para que pessoas obtenham informações sobre as últimas notícias e possam expressar suas opiniões sobre assuntos diversos e eventos em tempo real.”¹¹³ Essa personalização e formas de compartilhamento tornam a plataforma plena em suas possibilidades hipertextuais¹¹⁴. Por ser um ambiente de ampla exposição de pontos de vista, com mobilização de informações de diferentes esferas sociais, contribui para os estudantes se posicionarem e, simultaneamente, observarem as discussões mais importantes no seu país e no mundo. Mecanicamente, possui formas de interação práticas e objetivas, conforme bem descreve Gehrke e Benetti.

[X-Twitter] Possui diversas funcionalidades de interação, como responder a um *post*, republicar e compartilhar um *post*, marcar outros usuários, além de gerar *threads* – textos encadeados – para criar sequências de publicações mais longas. A plataforma também possibilita a indexação de conteúdos por meio de *hashtags* (#), permitindo que um tema atinja os *trending topics*, que apontam, em tempo real, os assuntos mais discutidos no *Twitter*. (GEHRKE; BENETTI, 2020, p. 5)

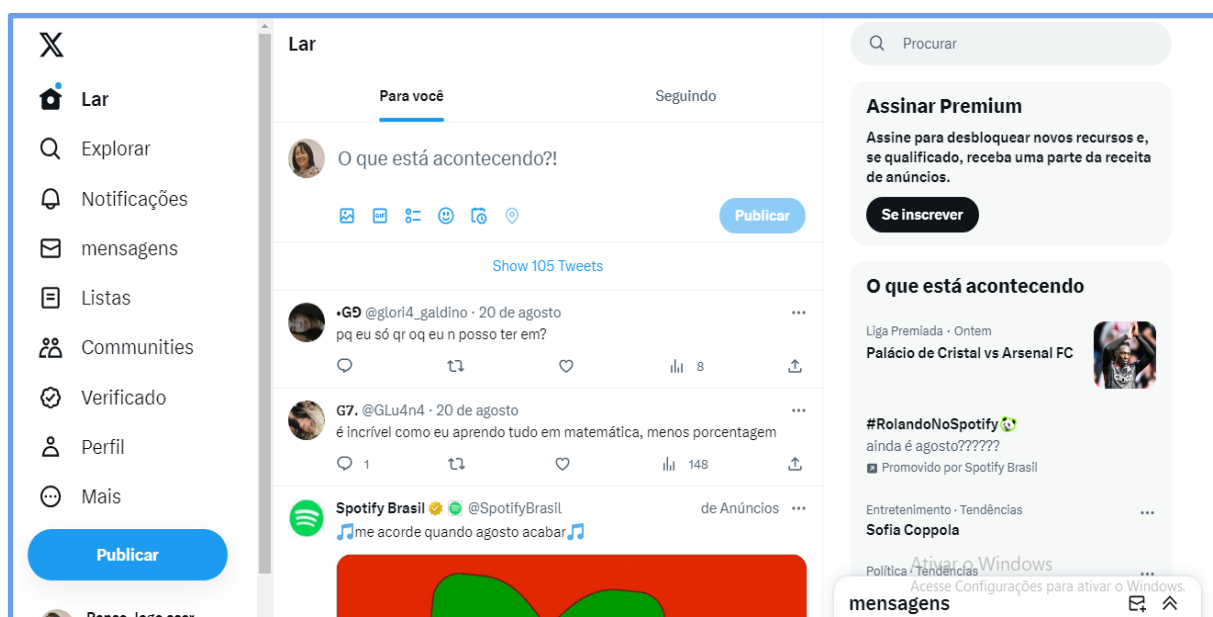
Antes de analisar sua funcionalidade, e identificar alguns elementos descritos pelas autoras, percebemos, de acordo com a descrição, um espaço de rica interatividade, acessibilidade, com dinamicidade e personificação muito importantes

¹¹³ Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/twitter/>. Acesso em Nov., 2022.

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/software/215523-aprenda-criar-conta-discord.htm>. Acessado em: 07/11/2022

para os direcionamentos estratégicos relacionados aos propósitos da pesquisa. Além do mais, devido à dinamicidade própria do ambiente cibernético, algumas alterações pelas quais passou o “antigo aplicativo do pássaro”, está a ampliação dos caracteres (outroa eram limitados a 144 caracteres por postagens) e das formas diversificadas de postagens. (Hoje é possível postar vídeos extensos, com várias horas de projeção)¹¹⁵.

Figura 16: Página inicial da plataforma *Twitter*.



Fonte: *Print* da página inicial da plataforma cedida pela autora.

Na exposição de sua interface, percebemos o primeiro contato que o usuário possui - depois de já ter aberto uma conta na plataforma X (*Twitter*). Observamos que a página é, inicialmente, voltada para o internauta interagir e selecionar seus primeiros passos no ambiente. No centro, encontra-se o lugar da exposição das ideias, do compartilhamento de opinião, que pode ser desde análises mais profundas até uma expressão subjetiva e intimista sobre o momento do usuário. Nessa perspectiva, a expressão em destaque é “*O que está acontecendo?!*”, seguido do espaço da produção.

Acima do espaço de produção, há duas abas: *Para você* e *Seguindo*. Ambas corroboram a personalização do ambiente, na concepção de que a rede recebe, estimula e instiga o seu participante a se sentir em casa, como assim é denominada

¹¹⁵ É possível acompanhar as diferentes mudanças e polêmicas em torno da plataforma Twitter no “Wired.com, especialmente nesta reportagem: <https://www.wired.com/story/twitter-dead-x-elon-musk/>. Acessado em 30/08/2024.

essa página inicial: *Lar*. O espaço de “Para você”, indica que os fatos, as mensagens que estarão disponíveis naquele ambiente são de interesse do usuário, automaticamente identificados e programados pelos algoritmos.

Ao lado direito da aba “Para você”, localiza-se a aba de “Seguindo”, local clicável em que se encontram os perfis escolhidos pelo usuário para seguir. Serão esses perfis, junto aos assuntos de interesse do usuário digital, que sempre aparecerão na sua página inicial (denominada “Lar”, como já descrito). No lado superior direito, há o espaço de pesquisa, reconhecido iconicamente no ambiente cibernético pela lupa. Nesse espaço, o usuário pode pesquisar novos perfis, novos assuntos para permanecer numa rede de retroalimentação, em que o que ele busca poderá ser subsídios para seus comentários, seus pontos de vista.

A coluna da esquerda, melhor visualizada abaixo, demonstra os principais comandos que o usuário pode assumir ao entrar na plataforma.

Figura 17: *Print da coluna da esquerda da página inicial do X (Twitter).*



Fonte: quadro organizado pela autora.

Entre as ferramentas disponíveis nessa plataforma, conforme descrita acima, “as notificações” tiveram uma importante contribuição ao longo das interações estabelecidas entre pesquisadora e informante. Sempre que a pesquisadora publicava

um *tuíte*, com intenção de receber comentários dos participantes, eles eram notificados e comentavam no perfil. Dessa forma, esse movimento manteve a interação ativa ao longo dos (9) meses.

4.4.2 Formação do perfil na plataforma X (*Twitter*)

Mesmo considerando que a plataforma X (*Twitter*) é um espaço aberto para interações, com uma importante ampliação de tópicos temáticos, alguns perfis são criados de acordo com a categoria de atuação do usuário. Dessa forma, é possível acessar perfis políticos, jornalísticos, educacionais, de saúde, entre tantos outros que circulam na sociedade. Sabemos que mesmo com um padrão de perfil aberto, é possível manter um perfil fechado (GEHRKE; BENETTI, 2020). Neste caso, pessoas autorizadas podem interagir com o perfil em questão, mas não podem compartilhar uma publicação.

Sendo assim, a plataforma se torna um ambiente importante para a coleta de dados deste trabalho. Para este fim, propomo-nos a criar um perfil denominado “Penso logo escrevo” (@pensologoescr3), para o qual foram convidados alunos de escola pública e privada, onde foram mantidas discussões sobre os diferentes tópicos oferecidos pela própria plataforma. Além do mais, as ferramentas possibilitadas por esse ecossistema conduzem as formas de argumentação por diferentes instrumentos, conectando as multissemióticas, direcionadas, também, pelos processos de automação próprio da rede.

Figura 18: Interface da página do perfil da pesquisadora: “@pensologoescr3”



Fonte: Print da página do perfil do X (Twitter) cedido pela autora.

Quando um usuário do X (Twitter) idealiza um perfil, procura relacionar o nome ou pseudônimo aos seus propósitos sociocomunicativos. Conforme vimos na subseção 3.3.4, o *pseudoanonimato* é uma estratégia criada pelos interactantes das redes sociais *on-line*, que objetivam a liberdade de expressar-se acerca de quaisquer temas pessoais e sociais, sem exposição direta do indivíduo do mundo social não virtual. (PAVEAU, 2021). De qualquer forma, esse “pseudonome” traz uma carga semântico-discursiva, sobre a qual será abordado mais adiante. Sendo assim, quando decidimos escolher esse nome “Penso logo escrevo” para o perfil, pretendemos indicar não uma logicidade categórica de quem pensa, consequentemente, escreve. A Associação está mais na esfera de que escrever é um advento do pensar. A intenção era inspirar internautas (estudantes nativos digitais) a buscar o máximo de possibilidades argumentativas, movimentando as atuações cognitivas, por meio de diferentes linguagens. Esse é um movimento inspirado no que Levi (1991) considerou como *ideografia dinâmica*, em sua análise sobre a relação entre língua e linguagens no computador, por considerar que essa ideografia “ilustra a tese da não separação dos processos de produção e interpretação linguísticas e outros processos cognitivos” (LEVY, 1991, p.50).

Ainda sobre a criação do perfil e sua relevância em todo processo de interação objetivado nessa investigação, é importante ressaltar a funcionalidade de alguns mecanismos digitais (em sua maioria na construção algorítmica) na prática interativa dessa plataforma. Para divulgação de um perfil, para acompanhamento, alusão, por

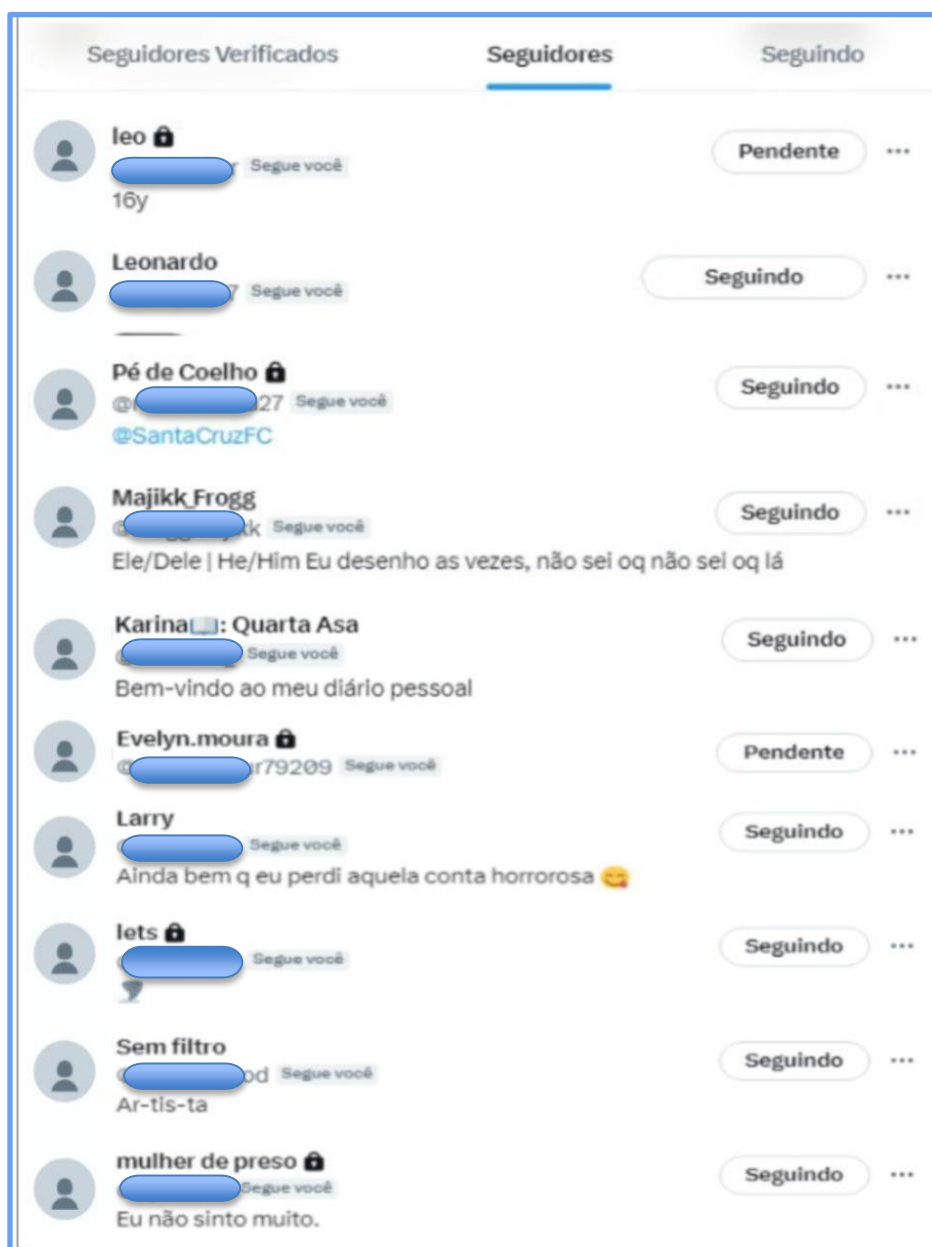
meio de respostas ou *retuïtes*, ele precisa ser criado a partir de um arroba (@), que configura o “corpo digital” reconhecível e navegável. Por esse motivo, mesmo idealizando um pseudônimo para o perfil da pesquisa, na plataforma, ele é admitido como @pensologoescr3. Essa aceitação e condução é realizada pelos próprios mecanismos digitais, que filtram as possibilidades. Como pode ser visualizado na figura 18, há o reconhecimento digital do perfil e a denominação idealizada pelo proprietário. Esse processo de indexação por meio do perfil é compreendido por Benetti e Gehrke com a seguinte informação:

O *Twitter* é considerado um site de rede social (SRS) de acordo com a classificação de Ellison e Boyd (2013) e um servidor para *microblogging*. Possui diversas funcionalidades de interação, como responder a um *post*, republicar e compartilhar um *post*, marcar outros usuários, além de gerar *threads* – textos encadeados – para criar sequências de publicações mais longas. A plataforma também possibilita a indexação de conteúdos por meio de *hashtags* (#), permitindo que um tema atinja os *trending topics*, que apontam, em tempo real, os assuntos mais discutidos no *Twitter*. (GEHRKE e BENETTI, 2020, p. 4)

Nesse sentido, a arroba (@) é mais um elemento clicável, incorporado ao perfil que adquire essa funcionalidade descrita pelos autores. A função, por exemplo, de “marcar outros usuários” é apresentada, nesta pesquisa, como uma estratégia argumentativa, no que diz respeito à credibilidade do “orador-digital”.

O perfil da pesquisadora ingressou na rede X (*Twitter*) em junho de 2022, período em que iniciamos e idealizamos o projeto nas redes. O perfil foi aberto publicamente, com objetivo de deixar amplas as participações e discussões acerca das temáticas ali evocadas, por isso, até o momento, há (62) seguidores. Apenas a partir de novembro de 2023, o convite aos estudantes (participantes desta pesquisa) foi realizado. Na primeira reunião presencial, registrei o perfil do X (*Twitter*) de todos os participantes e deixei com eles o endereço do perfil da pesquisadora. A inserção dos participantes como seguidores desse perfil pode ser reconhecida na imagem a seguir.

Figura 19: Interface do perfil da autora: seguidores/participantes.



Fonte: Print da página do perfil do X (Twitter) cedido pela autora.

Não obstante a aquiescência de todos os participantes de suas postagens na rede social X (Twitter), conforme o regimento do Conselho de Ética, decidimos não deixar expostas suas fotos de perfil, permitindo apenas a visualização do endereço na rede social. Todos os endereços podem ser confirmados no quadro (7) da identificação dos participantes. Como notificado, há um endereço clicável, com o qual o usuário interage digitalmente, e há o seu pseudônimo, com o qual deseja ser reconhecido na rede. Esse pseudônimo pode ser alterado quantas vezes o internauta quiser, pelos diferentes motivos. Uma das participantes, a última na relação da figura 12, na semana em que se realizou o registro de seu perfil, estava com o pseudônimo de “mulher de preso”. Esse é um dado que estará em análise no capítulo seguinte.

Entre as motivações para a escolha dessa plataforma digital como ambiente para coleta de dados estão:

- a) *X (Twitter)* é um espaço digital com diversas funcionalidades de interação, como responder a um *post*, republicar e compartilhar um *post*, marcar outros usuários, além de gerar *threads* – textos encadeados – para criar sequências de publicações mais longas.
- b) A plataforma permite identificar os temas mais discutidos no momento por meio dos *trending topics*, possibilitando aos estudantes acesso dinamicamente constante a diferentes assuntos, o que poderá subsidiar seus comentários.
- c) É um objeto digital de fácil acessibilidade, podendo, inclusive, ser usado como aplicativo no celular, o que facilita a produtividade.

As características aqui elencadas funcionam devido à sua constituição de hipertextualidade, o que subsidiam os propósitos de investigação, tendo em vista que os estudantes terão um ambiente de interação direcionado a diferentes práticas. Configura-se, como descreve Paveau (2021, p. 371), como “um conjunto considerável de metadados e funcionalidades, que ancora o tuíte¹¹⁶ no contexto de sua linha do tempo e de sua rede de hipertexto”.

Com esse movimento da plataforma, sobretudo no perfil criado pela pesquisadora com propósito específico, onde os estudantes expuseram seus pontos de vista sobre questões do mundo que o envolvem, foram construídos materiais de análises das formas de argumentação mediadas pelos mecanismos tecnológicos.

4.4.3 Os instrumentos para coleta dos dados

Com o ambiente da coleta dos dados definidos e justificados, consideramos como instrumentos para composição dos dados a serem analisados:

- Comentários e retuítes da pesquisadora de postagens de perfis de grande visibilidade da plataforma *X (Twitter)*
- Questionários do início e do final do processo de coleta de dados pelo *Google forms*;

¹¹⁶ Consideramos aqui o conceito de Paveau sobre tuíte como “um enunciado plurissemiótico complexo, limitado a 140* caracteres com espaço, fortemente contextualizado e não modificável, produzido nativamente on-line na plataforma de *microblogagem Twitter*. (PAVEAU, 2021, p. 369)

*É importante ressaltar que o *X (Twitter)*, desde a sua criação, tem alterado o limite de caracteres, principalmente após a aquisição pelo proprietário Elon Musk. Hoje é possível encontrar grandes textos em um único tuíte, variando de acordo com a categoria de assinatura do usuário.

- Comentários dos estudantes nas postagens no perfil @pensologoescr3 da pesquisadora;
- *Tuítes* espontâneos dos participantes na rede social X (*Twitter*).

Os *questionários* trouxeram importantes informações numa percepção de notificação do que a pesquisa considerou como hipótese. De acordo com a visão de Yin (2016), esses questionários permitem a saber “como as pessoas realmente se comportaram em uma determinada situação, (...)” Os dados, então, se inscrevem “limitados a suas interações com um conjunto de participantes e seus comportamentos” (YIN, 2016, p. 117). Sendo assim, as respostas dos questionários, conforme os quadros (2) e (5), na subseção 4.3, foram subsídios para entender que o que propomos em incentivar a prática argumentativa numa rede social coaduna-se com a concepção de multiletramentos como “práticas situadas”, na medida em “que se constitui pela imersão em práticas significativas dentro de uma comunidade de alunos que são capazes de desempenhar papéis múltiplos e diferentes com base em suas origens e experiências.”(CAZDEN et al., 2021, p. 53)

Nessa perspectiva, as respostas dos dois questionários, realizados no início e no final do processo, representaram um importante instrumento para análise. Cada resposta, de cada participante, representou um dado para diferentes inferências e interpretações, sob a visão de uma pesquisa qualitativa, no que diz respeito à experiência de desenvolvimento argumentativo além do ambiente escolar, mas não se distanciando de uma abordagem de aprendizagem.

O outro instrumento para coleta de dados - e basilar para nossa pesquisa - foram os *comentários dos estudantes* no perfil da pesquisadora no X (*Twitter*). Ao longo de (9) meses, os estudantes nativos digitais participaram por meio de comentários propostos no perfil @pensologoescr3, com os quais foi possível investigar as ferramentas argumentativas empregadas pelos participantes no ato argumentativo. Nessa interação, foi possível registrar, observar e analisar não apenas os mecanismos intencionais argumentativos, bem como aqueles inscritos na dinâmica digital, muitas vezes à revelia dos próprios participantes. Esses comentários foram realizados sempre a partir de um *tuíte* da pesquisadora, ou sobre um *retuíte* publicado no perfil da autora com intenção de buscar os pontos de vista.

Figura 20: *Print* da página de notificações do perfil da pesquisadora.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa página de notificações, é possível identificar os comentários dos participantes PG e PK em resposta ao *tuíte* realizado pela pesquisadora, cujo perfil é *@pensologoescr3*. Essa participação ocorreu sempre que a pesquisadora publicava um *tuíte* evocando a participação, a opinião dos participantes. Como a conta da pesquisadora é aberta, sempre apareciam comentários de outros internautas em resposta à publicação do *@pensologoescr3*. Esse movimento continuou acontecendo sempre uma vez por semana, ao longo de (9) meses, como já foi notificado.

Por fim, utilizamos também os *tuítes* e *retuítes* realizados pelos participantes em seus perfis do X (*Twitter*). Esses elementos permitiram analisar os dados advindos de enunciações espontâneas dos estudantes, sem intervenção da pesquisadora, de forma a possibilitar um dado comparativo entre as duas situações de interação. A busca por diferentes formas de argumentar, bem como de identificação das possibilidades argumentativas do estudante nativo digital nos conduziu a essa prática, com base na concepção dos multiletramentos, a qual defende que os professores devem criar possibilidades para que “os estudantes possam demonstrar como podem

produzir o design e realizar, de forma reflexiva, novas práticas embutidas em seus próprios objetivos e valores” (CAZDEN et al., 2021, p. 57).

Figura 21: *Print* de um tuíte do participante PB no seu perfil do *Twitter*.



Fonte: Dado da pesquisa.

Os dados analisados a partir dos *tuítes* espontâneos dos estudantes, como o exemplo do tuíte de PB, permitiram não apenas reconhecer os *mecanismos* utilizados na escrita digital, bem como as linguagens possibilitadas por esse meio para ancorar seu ponto de vista. Percebemos que, embora seja um instrumento semelhante ao anterior (comentários dos *tuítes* na página da pesquisadora), o ato de argumentar sem a monitoração de uma pesquisadora gera subsídios de análises diferentes e relevantes.

4.5 A análise dos dados

O procedimento de analisar os dados transcorreu sob o desafio que significa colher, computar e guardar os dados obtidos *online*, com textos originalmente digitais,

navegáveis na web. Todavia, estávamos cientes de que há mecanismos que controlam, um tanto, a instabilidade e dinamicidade inerente a textos dessa natureza, melhor dizendo, com esse caráter de hipertextualidade. Diante disso, para o tratamento dos principais dados desta pesquisa qualitativa, utilizamos recursos de congelamento de imagens, textos, por meio do *print-screen*, seja pelas ferramentas do computador, seja pelo dispositivo móvel. Reconhecemos, diante desse procedimento inicial, as observações de Paveau (2021, p. 136) ao afirmar que, numa “perspectiva pós-dualista, a análise do discurso digital recoloca a questão da construção do *corpus*”, considerando os movimentos, a necessidade de estabelecer os dados digitais numa forma fixa, sendo assim, a admissão de algumas perdas de análise oriundas dos processos navegáveis.

Em vistas introduzir a sequência de análises - primeira etapa - efetuamos o tratamento dos dados gerados pelos estudantes-participantes seguindo uma sistematização para melhor organização e efetivação da aplicabilidade. Considerando que obtivemos um *corpus* extenso, devido às postagens contínuas e à quantidade de respostas e comentários realizados pelos participantes, decidimos proceder com um recorte seguindo alguns critérios. Esses critérios de seleção foram utilizados para os dados dos comentários mediados pela pesquisadora, bem como para os *tuítes* criados pelos participantes de forma espontânea. Optamos por selecionar:

- i. respostas aos *tuítes* com maior aspecto multimodal;
- ii. comentários e *tuítes* mais extensos;
- iii. comentários e *tuítes* com maior marca de algoritmização da língua¹¹⁷

A partir desse recorte, conduzimos as análises dos comentários dos estudantes, organizados de acordo com as seguintes temáticas abordadas: a) político-social; b) sustentabilidade; c) racismo; d) polarização; e) conflitos bélicos; f) aborto; g) tecnologia; h) apropriação cultural . Como essas temáticas foram conduzidas pela pesquisadora, também serão colocados em análise seus questionamentos e formas de abordagem.

Para conduzir a investigação na perspectiva da Retórica Digital (EYMAN, 2015; XAVIER, 2013), propomos enquadrar os dados em subcategorias desenvolvidas pela

¹¹⁷ Esse aspecto levou em consideração a descrição de Paveau acerca da natureza compósita da linguagem. Baseamos-nos na definição de que “a dimensão compósita ou *tecnolinguageira* das *tecnopalavras*, dos *hiperlinks* ou das URL e a natureza relacional desses segmentos possibilitada pela manipulação do escrito digital tanto na escrita (elaboração de hiperlinks) quanto na leitura (manipulação hipertextual do texto lido)” (PAVEAU, 2021, p. 191).

autora. Alcanhamos o termo “*tecnoargumentação*”, na perspectiva de que as análises realizadas nesse *corpus* não possuem identificação apenas com as categorias argumentativas aristotélicas e perelmanianas, todavia incorporam elementos de propriedade tecnológica (ou digital), cujas implicações são diferentes da escrita e oralidade analógicas. Sendo assim, seguimos a categorização de: a) *tecnoargumentação pela ubiquidade*; b) *tecnoargumentação pela repetibilidade*; c) *tecnoargumentação por interatividade*; d) *tecnoargumentação pela multissemiotividade*. Durante o processo de análise, trouxemos, também, as conceituações apresentadas na seção 3.4 , do capítulo 3, o qual trabalha com a reconfiguração dos elementos *ethos*, *pathos* e *logos* na proposta *tecnoargumentativa*.

De forma prática, seguimos essa sequência de categoria e temática, analisando os comentários de cada participante que nesses aspectos se enquadrem. Por exemplo: ao analisarmos a categoria *tecnoargumentação por ubiquidade*, explicamos o que representa essa categoria e analisamos os comentários dos participantes, de acordo com cada temática. Melhor elucidando: a) *Tecnoargumentação por ubiquidade* - Comentário de PM/PI/PJ (...) - Temática político-social. Em seguida: Comentário de PM/PI/PJ (...) - Temática sustentabilidade. E assim sucedendo com as temáticas seguintes. O próximo bloco foi referente à b) *tecnoargumentação por repetibilidade* - comentários de PM/PI/PJ(...), correspondentes às temáticas já citadas. Essa descrição será melhor elucidada por meio de um quadro explicativo.

Nesse momento, é importante ressaltar que algum participante pode não ter apresentado em seus comentários ou *tuítes* algumas das abordagens temáticas ou mesmo não ter empregado uma das categorias da *tecnoargumentação*. Por esse motivo, essa sequência seguirá pela ocorrência na disposição dos dados.

A segunda etapa de análise foi realizada por meio dos *tuítes* espontâneos dos estudantes em seus perfis. Devido ao seu aspecto espontâneo, não se obedeceu a uma linearidade temática, mas analisou-se as manifestações argumentativas acerca dos pontos surgidos em seus perfis. Esse procedimento analítico realizou-se para entender que outros mecanismos técnicos podem ser empregados no ambiente de uma rede social digital.

Para proceder com a análise dos questionários por meio do *Google forms*, terceira etapa analítica, optamos por interpretar cada resposta oferecida pelos participantes no início do projeto. Observamos como cada participante se sentiu e

avaliamos o que seus relatos significaram para a pesquisa e para encaminhamentos futuros em algumas práticas escolares sobre argumentação e ambiente digital. Analisamos, também, as respostas dadas ao último questionário, o qual trouxe outras informações relevantes para o processo. A desistência de alguns, a não participação efetiva de outros, bem como a persistência de alguns em suas postagens e argumentações foram dados analisados sob algumas considerações da Retórica Digital de Eyman (2015).

Para finalização deste trabalho, realizamos as considerações finais não apenas de uma forma resumida, mas como uma evocação às práticas futuras. Nessa etapa, nos propomos a convidar pesquisadores, educadores, linguistas a observarem mais profundamente os movimentos tecnológicos que ocorrem nos hipertextos e nos processos argumentativos permeados pelo digital. É um convite para olhar o futuro das práticas de produção com viés argumentativo, para além da sala de aula, ou trazer essa prática do “mundo tecnológico” de forma conectada com esse ambiente.

5 ANÁLISE DA ARGUMENTATIVIDADE NA REDE SOCIAL X (TWITTER): A INFLUÊNCIA DA INSTRUMENTALIZAÇÃO DA LINGUAGEM NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DOS ESTUDANTES

Expomos, nos fundamentos teóricos deste trabalho, de forma abrangente, o movimento da tecnologia nas atuações humanas, traçando um percurso, especificamente, das tecnologias computacionais da Era Digital. Ficou perceptível que mudanças filosóficas, sociológicas, culturais, linguísticas ocorreram em um espaço de tempo condicionado por mecanismos técnicos de complexidade e velocidade quase inalcançáveis. Reiterar essas contribuições, que avançam a cada momento, é necessário, neste capítulo, para consolidar a tese que defendemos de que há muitos mecanismos a serem explorados no que diz respeito a estratégias de argumentação. Quando essa prática argumentativa é focada na performance escolar, traz-nos ainda mais desafios, por esse motivo, tratamos de explorar os dois focos simultaneamente. As redes sociais são usadas efusivamente por jovens estudantes, que se inserem na realidade de um país cujos usuários internautas passam 9 horas e 13 minutos por dia na internet, o que coloca o Brasil em segundo lugar no mundo em tempo diário *online*¹¹⁸. E esses mesmos estudantes nativos digitais precisam demonstrar, em domínio escolar, essa competência argumentativa digital.

Nesta seção, trataremos de analisar como esse fenômeno ocorre, em diálogo com as estratégias argumentativas já estudadas por teorias da argumentação historicamente relevantes, mas com a inserção de novas estratégias permitidas, principalmente, pelos mecanismos tecno-digitais. Procuraremos observar a performance de jovens estudantes, nativos digitais, que possuem maneiras argumentativas muitas vezes negligenciadas pela didatização escolar, as quais precisam ser acompanhadas, estudadas e divulgadas como assunção de um sujeito que é invisibilizado cotidianamente. Compreendemos que esse sujeito-estudante está inserido na descrição de Levy (2011), ao sinalizar que “a multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo”. (p. 23).

É necessário entender que a construção do pensamento, dos argumentos e sua manifestação em um novo modo de enunciação na exposição discursiva nos leva a investigar de que “novo modo” se fala. Eyman (2015) mostra as diferentes

¹¹⁸ Dado de 2024, disponibilizado no site: <https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/>. Acessado em 14/02/2025.

motivações para construir uma retórica digital pensando, sobretudo, em práticas escolares. Influenciado fortemente por uma das palestras de Tuman (1989), reconhece como as “novas formas” impulsionadas pelo espaço cibernético conduz a “novas formas de textos, novas formas de ensino de língua, novas formas de pensamento crítico, novas formas de controle de dados, novas formas de conhecimento” (EYMAN, 2015, p.5). Propomo-nos, por meio das análises, reconhecer o que representa essas “novas formas de pensamento crítico”. Defendemos que, se as técnicas estão imbricadas na manipulação de muitos conhecimentos, poderá afetar a construção da criticidade.

5.1 Análise das discussões com estudantes na plataforma X (Twitter)

Nesta seção, iniciaremos a análise dos comentários dos estudantes no perfil “Penso logo escrevo”. Para organização metodológica, propomos a composição por sete temáticas, desenvolvendo a interpretação dos dados dos participantes, sob a categorização da nova proposta de *tecnoargumentação*. Para compreensão da construção das análises, segue o quadro a seguir.

Quadro 10: Relação das temáticas com a postagem dos participantes

Temática	Categoria <i>tecnoargumentativa</i>	Sujeitos informantes
Político-social	Repetibilidade	PJ; PI; PO
	Multissemiotividade	PM
	Interatividade	PJ; PO -Pesquisadora
	Ubiquidade	Pesquisadora; PJ; PG
Sustentabilidade	Interatividade	Pesquisadora; PK; PM
Racismo	Interatividade	Pesquisadora; PG; PM
Polarização	Multissemiotividade	Pesquisadora; PJ
Conflitos bélicos	Multissemiotividade	Pesquisadora; PK
Aborto	Ubiquidade	Pesquisadora; PJ; PG
Tecnologia	Ubiquidade	Pesquisadora; PJ; PM
Apropriação cultural	Ubiquidade	Pesquisadora; PJ; PG

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora

5.2 A tecnoargumentação pela repetibilidade e interatividade: estratégias argumentativas digitais

As análises subsequentes dos comentários dos estudantes terão como foco a *repetibilidade* como estratégia argumentativa. Todavia, pela dinâmica do próprio espaço cibernético, analisaremos, também, outras marcas argumentativas que possam estar imbricadas no mesmo comentário.

Postagem 1: Print do perfil da autora na plataforma X (Twitter)



Fonte: perfil da pesquisadora na plataforma X (Twitter) (Temática: SUS)

Para iniciarmos uma discussão no perfil da rede social X (Twitter), optamos por *retuitar* uma postagem realizada pelo perfil @henriolliveira, o qual já havia *retuitado* uma notícia veiculada no perfil @SigaGazetaBR. Esse movimento já se configura como uma forma de argumentação, tanto pela escolha da notícia como pelo comentário do internauta, mas possibilitada pelas marcas de ubiquidade do ambiente cibernético. Com a inserção de outros perfis e com as palavras digitalizadas, percebemos seu aspecto compósito, na ideia de uma “copresença do languageiro e do

técnico nos discursos nativos da internet”(PAVEAU, 2021, p. 119). A condução argumentativa do perfil *@henrioolliveira* é realizada por uma marca do ambiente digital que corresponde à *repetibilidade*. A expressão “Viva o SUS” permite, com a repetição ressignificada pela ironia, argumentar acerca do não uso do SUS pelo Presidente Lula.

Como as disposições argumentativas são envolvidas por diferentes aspectos, é necessário validar a construção argumentativa de dois *oradores-digitais*, antes mesmo de atingir o *auditório-digital*. Conforme defendemos no capítulo 3 sobre a reconfiguração do *ethos*, vemos duas ações discursivas importantes. Primeiramente, foi retuitado um perfil que, na esfera do jornalismo digital, permite credibilidade, portanto fundamentará o ponto de vista exposto. O “*GazetaBrasil*” traz uma informação que atende um tanto a percepção de Warnick (2007), para quem o efeito na persuasão a partir da figura de quem diz, no ambiente digital, adquire outras complexidades. Sendo assim, quando *orador-digital* publica numa pseudoimparcialidade que “*Lula chega ao Sírio-Libanês para cirurgia no quadril*” está ciente de que o ambiente em que publica essa informação ganhará dimensões argumentativas não mais em interações localizadas, em trocas orais, mas impulsiona uma reprodução quase ilimitada.

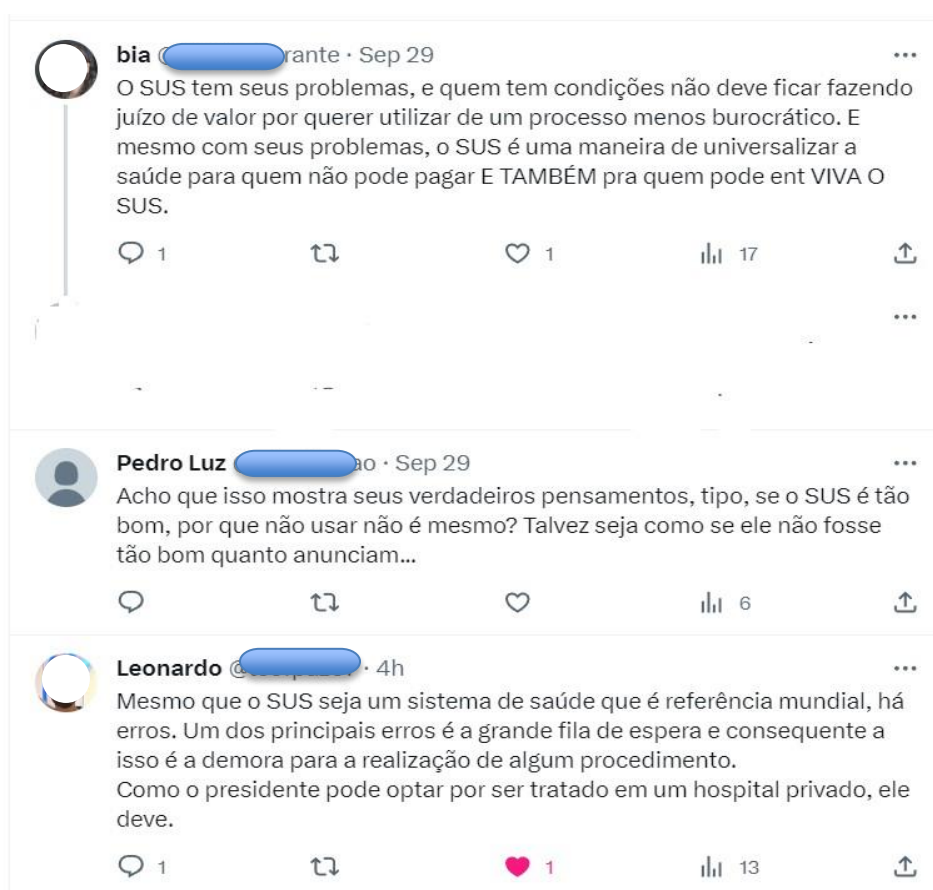
É nessa perspectiva que o perfil *@henryolliveira* assume esse lugar de argumentação pelas vias cibernéticas. O segundo *orador-digital*, agora com um comentário de “visada argumentativa”, pretende atingir um auditório-digital entre os anuentes e refratários. Esse jogo da *tecnoargumentação interativa* é vivida e assistida pelos estudantes *nativos-digitais*, os quais já previamente se organizam e são afetados pelo fato de que “a tecnologia informática é concebida para aplicar técnicas humanas tradicionais de persuasão interativa, para alargar o alcance dos seres humanos persuasivamente ativos e interativos” (FOGG, 2002, pos. 282). Sendo assim, sua postagem “*UÉ?! LULA fará sua cirurgia no Sírio Libanês?! UÉ?! Mas e o SUS? Por que ele não faz sua cirurgia pelo SUS já que é “tão maravilhoso”? VIVA O SUS é só para os outros, né?!*” mobiliza aspectos retóricos que cumprem o papel de *orador-digital*, provocando reações que circulam em redes sociais digitais.

Assumir o teor irônico ao adotar seu posicionamento contra os defensores do SUS (em geral uma pauta de esquerda) significa como se organizam os embates argumentativos nesse ecossistema. Valores são norteados de forma tácita, sob uma corrente imersa nas interações digitais. Ainda que esse fenômeno nos faça recorrer

às concepções aristotélicas de *topos* e *entimemas*, o que nos chama a atenção aqui é a forma como esses valores são difundidos. Sendo assim, de forma incipiente, o que pretendemos focar, com essa análise, é a circunstância em que se inscrevem as construções argumentativas dos estudantes nativos digitais. Quando trouxemos, de forma interventiva com os informantes, mais uma forma de interação permitida na rede X (*Twitter*), procuramos visibilizar uma prática recorrente nesse ambiente com os *tuítes* e *retuítes*, na tentativa de identificar esse comportamento argumentativo.

Em forma de questionamento, trouxemos a temática para os estudantes, a qual passa pelo aspecto político e social, e obtivemos algumas construções *tecnoargumentativas*.

Postagem 2: Print dos comentários dos estudantes no Perfil Penso logo Escrevo da plataforma X (Twitter)



Fonte: Comentários no perfil @Pensologoescr3 na plataforma X (*Twitter*) da pesquisadora

A estudante PJ optou por discutir a temática mais no âmbito social que político. Entretanto, quando, ao defender o SUS, a informante PJ faz alusão “a quem pode e não pode pagar” dirigiu sua argumentação ao *tuíte* do perfil @henriooliveira, e,

simultaneamente, respondeu ao questionamento da pesquisadora. Identificamos, então, a marca da *tecnoargumentação* por interatividade. Plantin afirma que “A situação interacional obriga o interlocutor a argumentar, isto é, a desenvolver um discurso de justificativa” (PLANTIN, 2008, p. 64). E quando essa situação interacional ocorre no ambiente digital, identificam-se outras implicações. Warnick define interatividade como “comunicação que inclui alguma forma de troca recíproca de mensagens envolvendo mediação e ocorrendo entre [uma organização] e usuários, entre usuários e o texto do *site*, ou entre usuários e outros usuários (...)” (EYMAN, 2015, p. 32, *apud* WARNICK, p. 69;70). Nessa *tecnoargumentação interativa* estão envolvidos também o reconhecimento de um auditório anônimo, mas rastreado pelos recursos mecânicos. Essa identificação é perceptível por meio do ícone de visualização (conforme ilustramos no capítulo 3), com 17 visualizações. Notamos um ecossistema em que subjaz o reconhecimento de que o que é “dito” é reproduzido para um *auditório-digital* quase infinito.

Para concluir seu posicionamento, a informante PJ insere a expressão “VIVA O SUS”, a qual tem sido uma marca digital de reconhecimento não apenas de um grupo aquiescente, bem como de uma representatividade ideológica. Na rede social, essa marca adquire uma forma de argumentar, na medida em que será reconhecida em diferentes espaços dentro do ecossistema. Como vimos na subseção 3.3.2, “a *repetibilidade*, promovida por essa atuação algorítmica, é uma das forças de influência argumentativa.

Na sequência, o participante PO argumenta, também, deixando marcas dessa interatividade. Ao criticar “*Isso mostra seus verdadeiros pensamentos*”, expressa seu ponto de vista de viés político e social, uma vez que completa “*se o Sus é tão bom, por que não usar não é mesmo?*”. Verificamos que a argumentação é realizada por meio também da interatividade inerente ao ambiente, em que se responde de “usuário para usuário” de “usuário para *site*”, etc. O estudante PO se posiciona com anuência à crítica do internauta @henriooliveira, como também em resposta a um auditório-digital implícito, mas digitalmente presente. A *tecnoargumentação interativa* existe devido ao fato de haver uma discursividade ubíqua.

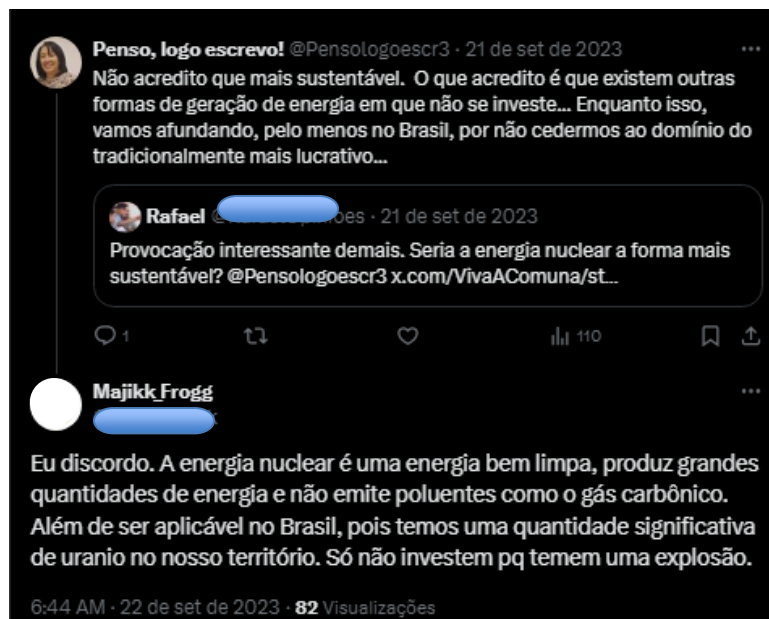
Essa interatividade é evocada sob outro aspecto quando o informante PO questiona: “*talvez seja como se ele [o SUS] não fosse tão bom como anunciam...*”. Essa indeterminação do sujeito anunciante remete à coletividade, que interage na rede, em defesa do SUS, enquanto marca ideológica. A *tecnoargumentação por*

interatividade ocorre, então, por meio de resgates de discussões disponibilizadas nas redes sociais *online*.

O participante PI, na mesma performance argumentativa de interatividade, argumenta a respeito do SUS, numa demonstração de riqueza intertextual. Ao informar que o “*SUS é um sistema de referência mundial*”, traz um dado que nos permite retomar à teoria aristotélica em que a prova de uma informação pode contribuir para a persuasão. Todavia, nesse ambiente, essa informação pode ser disponibilizada e provada com qualquer clique simultâneo, validando, então, a conclusão a que quer chegar. O estudante PI admite erros no sistema, mas já o colocou na posição que pretende defender.

O estudante PI também faz sua colocação política ao se posicionar em relação ao Presidente Lula, ao dizer “*Como o presidente pode optar por ser tratado em um hospital privado, ele deve*”. O participante PI não apenas argumentou a partir da interação com a pesquisadora, bem como em resposta direta ao perfil do @henriooliveira. A escolha lexical, que não é um dado digital a priori, mas passa ser um ponto de visibilidade nesse ambiente, pontua, com o termo “deve”, que a situação é aceitável, chegando à conclusão de seu posicionamento político. Outro dado *tecnoargumentativo* importante, nesse comentário, está na curtida, considerando que o símbolo de “curtir” está em destaque na cor vermelha. Mais um movimento de argumentação por interatividade, considerando que quem curtiu assente o mesmo ponto de vista do *orador-digital*. Para um estudante nativo digital, esse movimento interativo das redes sociais parece ser uma forma de validar seu poder argumentativo, estimular novos posicionamentos, representar uma ação com sentido e de se posicionar individualmente sobre a questão colocada.

Postagem 3: Comentários dos estudantes PK e PM no Perfil *Penso Logo Escrevo* do X (*Twitter*) (Temática: sustentabilidade)



Fonte: *Print* dos comentários no perfil da pesquisadora @Pensologoescr3 da plataforma X (Twitter)

O movimento interativo no perfil “Penso logo escrevo” aconteceu de forma diferente. O estudante PK entrou no perfil da pesquisadora e trouxe uma provocação para os demais participantes. Por meio de um *link* de uma reportagem acerca do “investimento em energia nuclear”, PK instiga o grupo para interagir sobre seu posicionamento, exemplificando, mais uma vez, como o meio cibernético é formado pela interatividade. Nas primeiras avaliações de David Crystal sobre o ambiente da internet, o pesquisador conclui que “a linguagem está no cerne da Internet, pois a atividade da rede é a interatividade, por conectar um vasto número de computadores e pessoas que os usam” (CRYSTAL, 2001, p. 237 - tradução nossa¹¹⁹).

Nessa perspectiva de *tecnoargumentação por interatividade*, observamos que, enquanto pesquisadora, nos posicionamos como orientadora das temáticas, conduzindo o debate no perfil. Entretanto, nesse momento, é-nos solicitado um ponto de vista. Respondemos ao estudante PK, afirmando “*não acreditar que energia nuclear fosse mais sustentável*”. Essa troca de papéis representa, também, a particularidade desse ambiente, em que as vozes são evocadas numa perspectiva de horizontalidade do discurso, pois, conforme Crystal afirma, a internet funciona com a junção de pessoas que as usam, numa rede argumentativa de interação contínua. (CRYSTAL, 2001). Evidentemente que estamos, aqui, nos referindo a uma

¹¹⁹“ Language is at the hearty of the Internet, for net activity is interactivity. The net is really a system which links together a vast number of computers and the people who use them”.

manifestação da linguagem que envolve a modalidade escrita (ainda que digital), na consciência de que, em práticas orais, essas trocas também podem ocorrer.

Nessa mesma teia interativa, o estudante PM responde ao nosso posicionamento ao dizer: *“Eu discordo. A energia nuclear é uma energia bem limpa (...)”*. Esse jogo dialogal permite uma fomentação de argumentos que movimenta as informações prévias dos estudantes ou informações que podem ser acionadas no momento da interação.

Sem pretender posicionamentos comparativos entre as formas de argumentação em textos escritos não digitais, pretendemos, apenas, com os exemplos de interatividade, defender a necessidade de ampliação dos debates entre estudantes, por meio de uma estrutura cibernética que mobiliza outras competências. Quando Plantin (2008, p. 65) afirma que “a abordagem dialogal visa levar em consideração a insatisfação decorrente dos modelos puramente monológicos da argumentação [...]”, não estava necessariamente criticando práticas escolares, mas referia-se a abordagens argumentativas principalmente da modalidade escrita. Entretanto, podemos ver que os espaços na internet funcionam exatamente sob esse “modelo dialogal”, por meio de uma escrita digital.

5.2.1 Tecnoargumentação por interatividade: o lugar da subjetividade espontânea

Outro aspecto importante que advém da interatividade numa estrutura cibernética está relacionado às construções argumentativas espontaneamente mais subjetivas. O fato é que pretendemos analisar, nesta subseção, como os estudantes nativos digitais se posicionam em relação a temáticas sociais, no que diz respeito a suas afetações afetivas, identitárias e psicologicamente reconhecidas. Nessa perspectiva, procuraremos encontrar esse indivíduo que, por meio de uma tecnoargumentação, consegue “erigir o mundo que pensa diferentemente dentro de cada um de nós” (LEVY, 2011, p. 109).

Postagem 4: Comentário da pesquisadora em seu perfil *Penso*, logo escrevo.

(Temática: racismo)

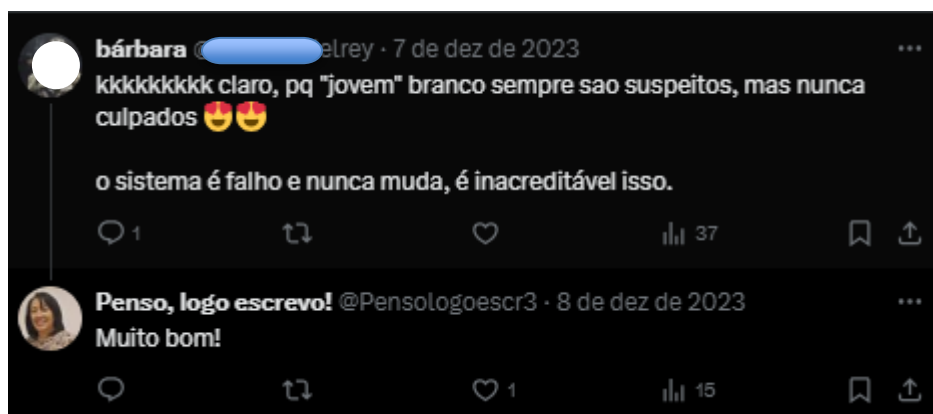


Fonte: *Print do comentário da pesquisadora em seu perfil Penso Logo escrevo sobre uma postagem de Felipe Neto no seu perfil na plataforma X (Twitter)*

É muito importante contextualizar a discussão que precede os comentários dos estudantes. Trouxemos um questionamento acerca da reportagem *retuitada* pelo influenciador Felipe Neto, que já inicia apresentando sua tese acerca das diferentes formas de tratamento em relação a criminosos nas diversas mídias. Observamos que a legenda da reportagem trata os criminosos como “jovens”, o que gera a provocação do influenciador. Numa consciência de interatividade da rede virtual, o influenciador marca o interlocutor digital perguntando: “*É incrível como branco vira “jovens” quando comete crime né?*”. Essa chamada interlocutiva (o emprego do “né”) mobiliza maior engajamento em seu perfil, e foi essa provocação que nos fez levar a discussão aos estudantes seguidores do *Penso, logo escrevo*.

Quando questionamos “*Vocês também percebem que sempre há eufemismo para se referir a brancos e ricos?*”, obtivemos os seguintes comentários:

Postagem 5: Comentário de PG no perfil da pesquisadora (temática: racismo)

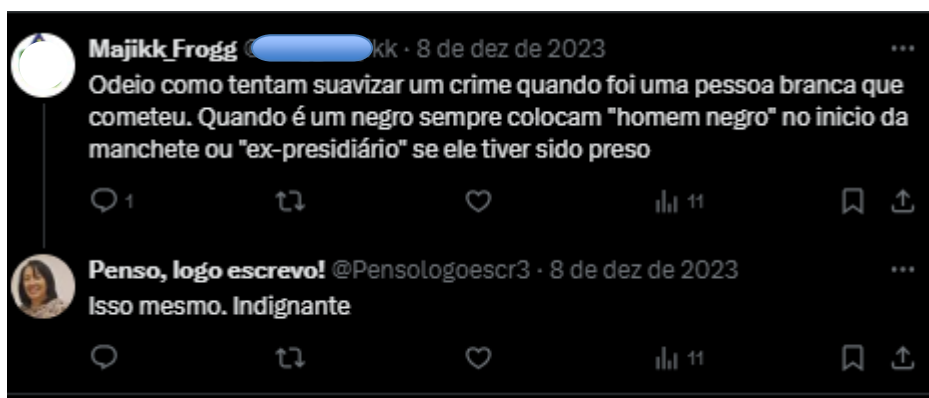


Fonte: *Print do comentário da informante PG no perfil da pesquisadora Penso Logo escrevo na plataforma X (Twitter)*

Inicialmente, há uma marca de interação espontânea quando a informante PG abre seu comentário com o símbolo de uma gargalhada (“kkkkkkkkkkk”) e, em seguida, uma reação de confirmação daquilo que ela acredita como uma verdade: “claro”. A continuação da exposição do seu ponto de vista confirma seu olhar de aproximação e empatia com uma situação de injustiça. A informante completa dizendo que “*branco sempre são suspeitos, mas nunca culpados*”, reforçando sua marca de indignação e ironia com um *emoticon* de deboche a respeito dos eufemismos com criminosos brancos. As práticas *tecnoargumentativas* são marcadas por efeitos técnicos e democráticos que regem o próprio ecossistema. PG finaliza com outros sinais de uma subjetividade espontânea ao asseverar “*O sistema é falho e nunca muda, é inacreditável isso*”, expõe uma tese categórica e, simultaneamente, uma indignação espontânea com “*inacreditável isso*”.

É importante analisar que os recursos técnicos podem fomentar essa espontaneidade. O comentário de PG obteve 37 visualizações, o que configura um dado de certa interatividade, o qual revela que, no ciberespaço, não é apenas o nome, a posição social ou situação geográfica que autoriza uma defesa de uma tese ou uma assunção. É o interesse comum, em uma dinâmica comum, que dá visibilidade ou sentido ao que é dito. (LEVY, 2011). Portanto, ao se perceber visualizada, possivelmente lida, o estudante nativo digital promoverá diferentes formas de exibir sua tese.

Postagem 6: Comentário do informante PM no perfil da pesquisadora (temática: racismo)



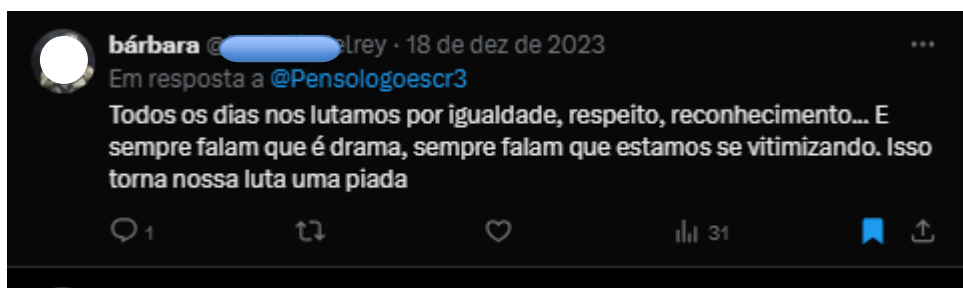
Fonte: Print do comentário da informante PM no perfil da pesquisadora Penso Logo escrevo na plataforma X (Twitter)

O sociólogo Thompson analisa as interações mediadas no espaço digital e avalia as formas de posicionar-se dos internautas, considerando que o usuário que atua nesse ciberespaço se adapta a essa ecologia, “buscando projetar uma autoimagem que seja mais ou menos compatível com a estrutura e com a impressão que ele deseja transmitir” (THOMPSON, 2018, p.26). Sendo assim, o informante PM procura se posicionar, intensificando seu ponto de vista com uma marcação de subjetividade ao iniciar seu comentário dizendo: “*Odeio como tentam suavizar um crime quando foi uma pessoa branca que cometeu.*”, consciente de que, naquele perfil, os interactantes virtuais demonstram compatibilidade com a tese defendida pelo influenciador digital. A força da parcialidade demonstrada no “Odeio” exterioriza uma voz que, para o estudante, representa uma “construção cooperativa de um contexto comum (...)” (LEVY, 2011, p.114).

Quando analisamos essas expressões como *subjetividade espontânea*, procuramos validar os posicionamentos de jovens estudantes do ensino básico que conseguem revelar o que percebem da vida e das temáticas que circulam na e fora da escola. Entretanto, muitas vezes, nas produções escritas formais, em que seu ponto de vista precisa ser apresentado sob medidas coercitivas, próprias dos modelos escolarizados, a espontaneidade não é visibilizada.

Outrossim, quando nos propomos a analisar, também, os posicionamentos desses estudantes em seus perfis, outras formas de subjetividade espontâneas são identificadas.

Postagem 7: Tuíte da informante PG em seu perfil (temática: racismo)



Fonte: Print de um comentário da informante PG no perfil *Penso, logo escrevo* da pesquisadora na plataforma X (Twitter)

O informante PG não defende uma temática apenas da sociedade. Sua inserção na luta por igualdade não é apenas notória pelas escolhas lexicais ou pela parcialidade da pessoa do discurso como em “*Todos os dias nós lutamos por igualdade*”, mas pela força de indignação que perpassa seu posicionamento. Num espaço em que, até o momento, 31 internautas visualizaram o seu comentário, a espontaneidade de sua subjetividade é potencializada, como pode se exemplificar com “*E sempre falam que é drama,*”. PG assume uma voz que não é apenas uma atividade escolar para ser avaliada sob outros aspectos de argumentatividade. No ciberespaço, numa rede social como X (Twitter), há um impulsionamento para argumentar sobre suas vivências enquanto cidadão imerso em um mundo real.

Quando PG finaliza afirmando “*isso torna nossa luta uma piada*”, está consciente de que esse ecossistema fornece ferramentas para ampliação do seu dizer. É um espaço que promove “novos tipos de relações sociais e novas formas de relacionamento com os outros e consigo mesmo” (THOMPSON, 2018, p. 19). Diante disso, entendemos esse processo como uma *tecnoargumentação* imerso em uma interatividade, cujas atuações comunicativas permitem uma subjetividade mais próxima da realidade do estudante nativo digital.

5.3 Tecnoargumentação por multissemiotividade: uma variabilidade cibernética de argumentar

No capítulo 3, especificamente na seção 3.3.5, validamos a importância dos elementos multissemióticos como proposta persuasiva, na perspectiva de avaliar como esse recurso é importante e como tem sido uma prática argumentativa de estudantes numa rede social como o X (Twitter). Roland Barthes afirma que “inúmeros trabalhos consagrados à retórica da imagem publicitária demonstraram amplamente que a imagem pode ser objeto de uma retórica” (ROQUE, 2016, p. 242). Nessa

perspectiva, é importante observar como o participante PM procura se colocar para legitimar seu ponto de vista acerca do comentário da pesquisadora.

Postagem 8: Comentário do participante PM (temática: político-social)



Fonte: Print de um comentário do participante PM no perfil da pesquisadora @Pensologoescr3, na plataforma X (Twitter)

Como a discussão no perfil é a respeito do uso do SUS pelo presidente, a arquitetura do ambiente digital permitiu o posicionamento do estudante por meio das multissemioses. No primeiro momento, o participante PM repete dois enunciados: “Viva o SUS” e “Não usa o Sus”. A primeira estrutura semiótica coloca em evidência, mais uma vez, a *tecnoargumentação por repetibilidade*. Nos rastros do ambiente digital, a repetição cumpre a função não apenas de consolidar pontos de vista em comum na coletividade, como marcar a força do desdobramento que a expressão assume dentro do ambiente cibernético. A projeção intencional do participante PM com a expressão “Viva o Sus” corrobora o aspecto irônico sobre a temática desenvolvida, ao revelar que a situação do não uso é inadequada.

Esse posicionamento é validado por meio dos demais elementos inseridos no mesmo comentário. O segundo enunciado repetido pelo Participante PM: “*Não usa o SUS*” estabelece um contraponto com a expressão de repetibilidade anterior, traçando a linha argumentativa a que se propõe. Essa performance, permitida nas marcas digitadas, compõe a eficácia desse ambiente para estudantes que, num jogo de mobilidades cognitivas, ampliam suas formas de argumentação. Esse aspecto é consolidado pelo elemento multissemiótico inserido no comentário. A disposição do

desenho, como se o animal estivesse piscando, bem como o enunciado “Não sei se comento”, assevera o ponto de vista acerca da problemática. É um fenômeno de exemplificação da afirmação de Kress (2003) de que os signos linguísticos são semioses, mas que, nas construções de textos, as conexões com outras semioses provocam outras modulações de sentidos.

Inferimos que a *tecnoargumentação pela multissemiotividade* perpassa as novas formas de argumentar dos estudantes, tendo em vista a praticidade permitida por esse ambiente digital. Expor um ponto de vista acerca de questões discutidas em sala de aula é uma prática relevante, mas que pode galgar formas argumentativas nunca antes validadas ou mesmo consideradas, quando se insere uma plataforma de redes sociais como ambiente legítimo de discussão. O participante PM conseguiu organizar diferentes movimentos cognitivos ao assumir a repetibilidade como forma irônica de persuasão; ao inserir uma imagem como estratégia sarcástica e ao construir, com as diferentes semioses, uma crítica consciente.

Postagem 9: *Tuíte* da pesquisadora em seu perfil (temática: polarização)



Fonte: Print do perfil da pesquisadora @Pensologoescr3 no X (Twitter).

Essa postagem foi realizada no período de uma avassaladora enchente no estado do Rio Grande do Sul, em que houve muitas vítimas e muitos cidadãos desabrigados. Naquele momento, a polarização política em que o país se encontrava passou a usar o cenário de destruição como mola propulsora de visibilidade e disputas políticas. Tomando como base essa contextualização sociopolítica, decidimos trazer para a discussão com os estudantes, no perfil *Penso logo escrevo* do X (twitter).

Vimos, anteriormente, que um dado relevante sobre o ambiente digital como impulsionadora de argumentação está na ferramenta de interatividade relacionada a visualizações. Sobre o questionamento realizado, 128 internautas visualizaram. Não obstante não haver marca visível de interação, nessa plataforma de rede social virtual, permite-se que diferentes *auditórios-digitais* interajam visualmente com a provocação do *orador-digital*. Esse número de visualizações pode aumentar a depender da relevância para esse *auditório-digital* da exposição argumentativa. Para o estudante, essa visualização pode se transformar em uma reação por meio de curtidas ou até comentários.

Postagem 10: Comentário do participante PJ (temática: polarização)



: **Fonte:** Print de um comentário da informante PJ no perfil da pesquisadora @Pensologoescr3, na plataforma X (Twitter).

A *tecnoargumentação por multissemiotividade* é exemplificada nessa postagem da participante PJ de forma a nos permitir entender que, nas redes sociais digitais, o estudante lança mão de recursos complementares a seu ponto de vista. Se em textos escritos analógicos as estratégias argumentativas ocorrem por meio de intertextualidades expositivas, nesse ambiente, as estratégias ocorrem percorrendo outro caminho, numa inserção de outro gênero (no caso uma charge) que dialoga com o posicionamento pretendido acerca da temática em questão.

Como a provocação publicada no perfil da pesquisadora discorre sobre doações e polarização política, a estudante PJ argumentou que “*a polarização está impregnada nesse país e apenas desfavorece os mais necessitados*”. O seu posicionamento é complementado por meio da crítica apresentada na charge, a qual, com elementos imagéticos e verbais, sob um viés caricatural, expressa, com veemência, um ponto de vista de rejeição ao uso da “doação” com intenções políticas. Os movimentos realizados pela estudante PJ, entre seus pressupostos e os hipertextos que navegam no ambiente cibernético sobre a mesma temática, se realizam de forma quase automática, inerente ao pensar e ao agir nesse ecossistema. Essa performance pode ser retomada por Rojo, ao afirmar que “o texto digital não é mais somente o verbo, mas uma miríade de combinações multiculturais e multissemióticas que se distanciam muito do pré-tipográfico e ser qualificadas como pós-tipográficas” (ROJO, 2019, p. 203).

Nessa perspectiva, destacamos que as mobilizações realizadas pelos estudantes no momento de desenvolver um ponto de vista são realizações cognitivas não estudadas no âmbito da argumentação. Os mecanismos estratégicos para atingir um *auditório-digital* são distintos daqueles já analisados pelos teóricos tradicionais. Aqui, entendemos que os nativos digitais, em frações de segundos, apropriam-se da ubiquidade e hipertextualidade do ambiente e marcam a sua força discursiva por meio de recursos multissemióticos.

Postagem 11: *Tuíte da pesquisadora no seu perfil Penso, logo escrevo (temática: conflito bélico)*



Fonte: Print do perfil da pesquisadora @Pensologoescr3, no X (Twitter).

Ainda sobre a análise da *tecnoargumentação por multissemiotividade*, apresentamos, nessa postagem, a temática que envolve o conflito entre Israel e a Palestina. Levantamos a discussão a partir do perfil de “*lelispatria*”, cuja postagem ficou indisponível, mas resgatamos, por meio de um questionamento no perfil *Penso, logo escrevo*. Antes mesmo de observarmos as formas de *tecnoargumentação* dos estudantes, pudemos reconhecer um mecanismo interativo e multissemiótico discursivo: a marca clicável do perfil em destaque azul - “x.com/lelispatria/”. Entendemos que esse recurso multissemiótico, correspondente a uma escrita digital, torna qualquer conteúdo manipulável, que poderá assumir uma estratégia digital de argumentação a depender das intenções de visada argumentativa (PAVEAU, 2021).

No momento da postagem, quando incluímos o *link* do perfil, manipulamos o *auditório-digital* a ir em busca de informações relacionadas à questão em debate: o conflito de Israel e a Palestina. Entretanto, essas informações podem vir com seleções informativas direcionadas, conduzindo o ponto de vista do *orador-digital*. Não obstante as contribuições com imparcialidade, os atravessamentos dos mecanismos digitais possuem uma inserção diferente nas conduções argumentativas, e esse movimento implica um recurso de *tecnoargumentação por uma multissemiotividade*.

Imediatamente a essa postagem, o informante PK se posiciona de forma a trazer à discussão informações que ampliam o conhecimento dos que estão em debate. Por mais que se identifiquem mecanismos predominantemente da linguagem escrita tradicional, o fato de estar publicado numa mídia digital já favorece as relações de multissemiotividade. Quando PK se posiciona contra “*líderes da capachos*”, que são contra apenas o Hamas, além de tornar implícitas informações intertextuais, mobiliza reações do *auditório-digital* em relação ao seu posicionamento. No ícone multissemiótico de visualizações, percebemos que 80 internautas visualizaram sua postagem. É uma performance que pode demonstrar que o informante PK já tem grupo de seguidores que participam de sua discussão, contribuindo para o processo de interatividade nesse ambiente.

Além desse recurso, o ícone de resposta indica que dois internautas responderam ao seu comentário, o que permite um “fazer sentido” com as manifestações argumentativas nesse espaço cibernético. Sendo assim, se, ao se posicionar, elementos sígnicos, além das semioses linguísticas, cumprem um papel

de mobilização discursiva, entendemos como esses símbolos das redes sociais são recursos *tecnoargumentativos*.

Seguindo as possibilidades multissemióticas de argumentar, o informante PK segue expondo seu ponto de vista sobre a temática.

Postagem 12: Comentário do informante PK (temática; conflito bélico)



Fonte: Print do comentário do informante PK no perfil @Pensologoescr3 da pesquisadora no X(Twitter).

O informante PK amplia sua forma de posicionar-se, de argumentar numa perspectiva de “visada argumentativa”, por meio dos recursos multissemióticos associados à sua manifestação verbal. Ao manifestar-se, ironicamente, que “*A Palestina está respondendo à altura as provocações do colonialismo*”, antecipa a associação que será realizada por outros mecanismos. Por meio da hipertextualidade digital, insere uma imagem que representa a força do “colonialismo”, notificando Israel sobre a Palestina.

Nesse momento, o estudante compartilha informações histórico-políticas, numa intertextualidade implícita do conhecimento adquirido acerca do assunto. A *multissemioidade* está inscrita nas formas cartográficas de representação da Palestina e Israel; na leitura da ocupação e esvaziamento dos espaços pelas cores verde e branca; pela interpretação das datas sobre cada mapa, com associação das legendas. O fluxo *tecnoargumentativo* está ancorado em uma das acepções de Levy quando trata da dinâmica da “informação intelectual do ciberespaço”, que ocorre por meio de “hiperdokumentos e exploração hipertextual” (LEVY, 1999, p. 157).

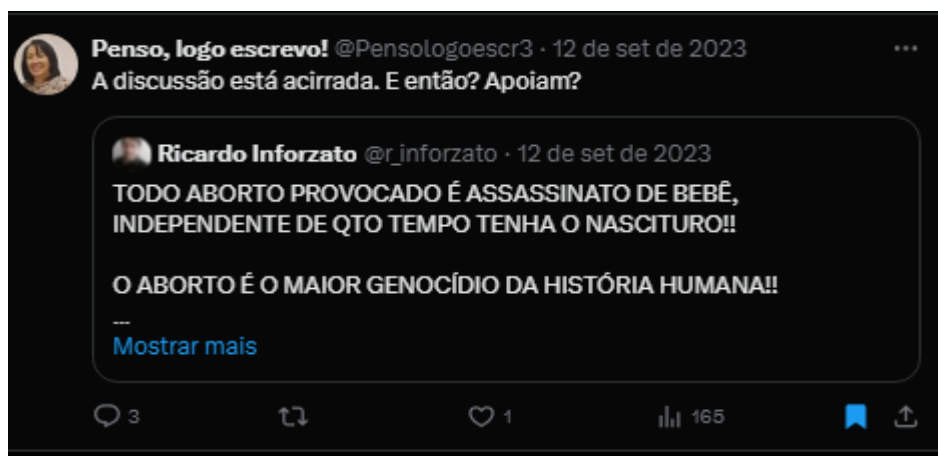
Esse dado, antes de outras análises, corrobora a compreensão da relevância da *multissemiotividade* em redes sociais digitais, onde o que é dito não se esgota em uma página de caderno ou em uma folha isolada, para um auditório limitado, todavia pode atingir possibilidades amplas, numa expansão do seu frame para outros tipos de linguagem. É uma constatação de que toda essa hibridização de formas hipertextuais do dizer é diferente das demais formas de produzir [argumentos] do passado (MILLS & RANKER, 2014. *Apud* COPE & KALANTZIS, 2015, p. 173).

A ampliação que o informante PK traz, por meio da imagem, diz respeito às etapas de conquista de Israel no território Palestino, ao longo de décadas, culminando, em 2008, numa redução escalonar deste povo. Consideramos esse movimento como uma estratégia *tecnoargumentativa por multissemiotividade*, tendo em vista que a persuasão do estudante se amplia com a exposição visual de que a Palestina pode atuar com práticas de ataques contra Israel. Pretendemos, com essa constatação, validar a atuação do estudante nativo digital em suas práticas argumentativas, que precisam ser visibilizadas no ambiente escolar. São reconhecimentos que conduzem a outras formas de ver o letramento escrito na escola.

5.4 Tecnoargumentação por ubiquidade: a condução algorítmica na ampliação argumentativa do estudante

Como vimos na subseção 3.3.1, a onipresença dos discursos acontecerá por diferentes ferramentas que permitem uma interligação contínua no ecossistema digital. Sejam palavras clicáveis, sejam *links*, sejam símbolos como *hashtags*, entre outros, essas ferramentas são condutoras da ubiquidade que permitem alinhar os processos técnicos que se introduzem na persuasão. Analisaremos, a seguir, como essa ubiquidade contribui para a condução argumentativa a partir da discussão estabelecida na postagem no perfil da pesquisadora e com os comentários dos estudantes.

Postagem 13: *Retuíte e tuíte da pesquisadora no seu perfil Penso Logo Escrevo* (temática: aborto)



Fonte: Print do perfil da pesquisadora @Pensologoescr3, na plataforma X (Twitter).

Sempre que acessamos uma página de uma rede social virtual, reconhecemos que a ubiquidade é uma propriedade inerente à estrutura digital, por isso mesmo será responsável pelos demais mecanismos de *tecnoargumentação* já analisados anteriormente. Procuramos, então, investigar os pontos específicos correspondentes a cada tecnicismo argumentativo, ainda que haja convergência em alguns pontos. Sendo assim, observando a postagem da pesquisadora para provocar um debate sobre “aborto”, identificamos que houve um *retuíte* de uma reportagem publicada na plataforma X (Twitter). Esse movimento coloca o internauta numa interface que o conduz a diferentes espaços simultaneamente, considerando que “a escrita digital”, por meio de diferentes cores (como o azul), *links*, introduz esse navegador para destinos quase infinitos.

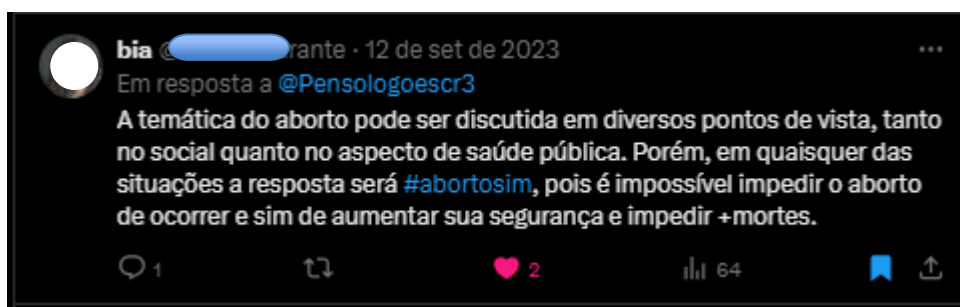
A percepção *tecnoargumentativa* dessa ampliação informacional em que se navega de um ponto a outro em diferentes redes, nas quais se entra e se sai para múltiplos destinos, YouTube, sites, blogs, páginas etc., (SANTAELLA, 2013), é que o *orador-digital* está propiciando embasamentos informativos sobre o assunto que está percorrendo, por uma viabilidade digital. O estudante, ao ler a provocação sobre o aborto, a qual está no título da reportagem, sabe que tem a opção de ignorar ou navegar para outro espaço cibernético em busca de informações que contribuam para seu posicionamento. Percebemos, na expressão clicável em azul “*saiba mais*”, que há um convite reconhecido por esse nativo digital, de que está apto, nesse entremeado espacial e temporal, de adquirir novos saberes a respeito da temática.

Entendemos, pela evocação da pesquisadora: “a discussão está acirrada, então apoiam?”, que o texto à disposição para ser acessado expõe outras vozes em discussão sobre o tema do aborto. Se o estudante nativo digital clica em busca de

ampliações, poderá entrar em outros ambientes atravessados nessa hipertextualidade, cuja temática é a mesma, mas os espaços já se amplificaram. Percebemos que esse aspecto ubíquo conduzirá a uma nova construção argumentativa.

Considerando que a *tecnoargumentação por ubiquidade* iniciou na apresentação da pesquisadora no papel de *orador-digital*, é importante analisar como os participantes materializaram seus argumentos.

Postagem 14: Comentário da participante PJ (temática: Aborto)



Fonte: Print do comentário da participante PJ no perfil da pesquisadora @pensologoescr3, na plataforma X (Twitter)

Na continuidade da discussão sobre aborto, a estudante PJ se posiciona a favor, levando em consideração os diferentes aspectos em que essa problemática está inserida. Entretanto, sua estratégia *tecnoargumentativa* se amplia ao escolher a construção por meio de *link* e *hashtag*. Como já observamos, um *hiperlink* sempre será um meio de permitir o orador-digital estar em diferentes espaços simultaneamente. É nessa intencionalidade que PJ insere seu *auditório-digital* num rastro não necessariamente de ampliação informacional, mas de confluência de opiniões. Voltamos a perceber que essa ubiquidade é alinhada, também, ao processo de repetibilidade pela *tecnopalavra* “abortosim”, mas que conduz a uma navegação no ecossistema em que diferentes *auditórios-digitais* são acionados, ampliando a voz argumentativa.

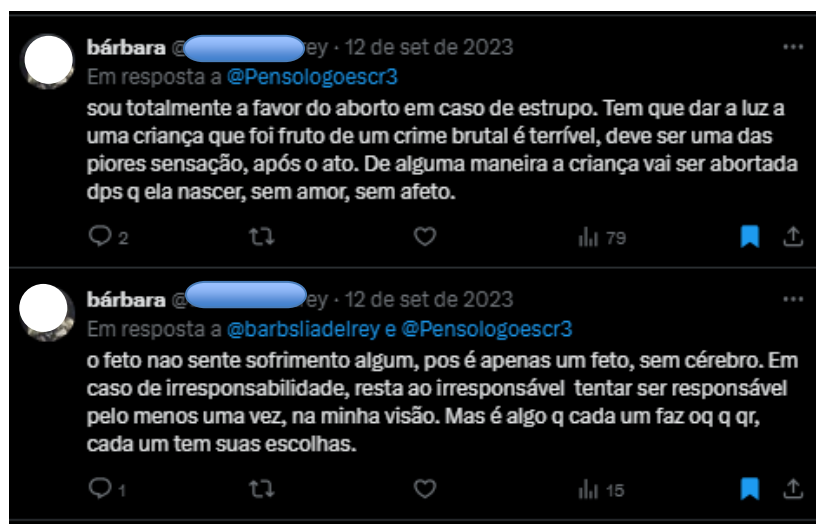
Nessa postagem de PJ, passamos a analisar a função dos algoritmos como ferramenta *tecnoargumentativa*. Na seção 3.3.4, vimos o funcionamento dos algoritmos na esfera discursiva, principalmente no aspecto abordado por Paveau ao asseverar que esses mecanismos “podem ser considerados operadores de coerção discursiva” (PAVEAU, 2021, o. 40). Sendo assim, quando a estudante insere o símbolo da *hashtag* em “#abortosim”, objetiva explorar o aspecto mais pragmático da

ubiquidade cibernética, na medida em que mobiliza sua opinião para níveis rastreáveis de toda ecologia digital.

Entendemos que a funcionalidade dos algoritmos como ferramenta argumentativa se estende a agenciar um *auditório-digital* profuso. Na voz de Paveau, “esse segmento *tecnolinguageiro* age como verdadeiro argumento nos discursos digitais militantes” (PAVEAU, 2021, p. 232). Quando PJ afirma que “*em quaisquer das situações, a resposta é #hashtag aborto sim*”, utiliza-se do apoio tecnológico para não apenas opinar, mas difundir um ponto de vista de forma ativista. Não obstante saber que a simbologia da *hashtag* ultrapassou o ambiente digital e tem marcado textos físicos como notificação de uma militância, é no ambiente cibernético que ele assume o propósito permitido pela ubiquidade.

Nesse contexto, o estudante nativo digital assume papéis que precisam ser visualizados em práticas escolares. Os debates orais organizados nos ambientes escolares cumprem sua função registrada numa importante esfera de prática da linguagem. Todavia, vivemos novas práticas, com mecanismos que precisam ser considerados como atuações discursivas legítimas desses estudantes do ensino básico.

Postagem 15: Comentário da participante PG (temática: Aborto)



Fonte: Print do comentário do estudante PG no Perfil da pesquisadora @Pensologoescr3, na plataforma X (Twitter)

Um outro aspecto que opera como estratégia *tecnoargumentativa* pela *ubiquidade* corresponde ao efeito provocado pela interface da plataforma, em que símbolos sinalizam a disseminação de um ponto de vista para espaços diversos,

perceptíveis e não perceptíveis. Essa operação de onisciência gera, no estudante nativo digital, um empoderamento de suas próprias ideias, na consciência de que o que é dito não tem um limite espacial. Observamos que, no primeiro comentário de PG, ao assumir: “*sou totalmente a favor do aborto em caso de estupro [sic].*”, o estudante pode identificar, pelo ícone da resposta, que dois internautas responderam à sua publicação. Mesmo considerando o aspecto interativo já explorado aqui, o que dá notoriedade a esse mecanismo é a condição ubíqua. Ou seja, a motivação argumentativa ocorre porque “a popularização gigantesca das redes sociais do ciberespaço não seria possível sem as facilidades que os equipamentos móveis trouxeram para se ter acesso a elas, a qualquer tempo e lugar” (SANTAELLA, 2013, p. 21).

Além do ícone de respostas, o símbolo de visualização mostra que 79 (setenta e nove) internautas visualizaram seu comentário, o que pode impulsionar a estudante a continuar expondo seu ponto de vista acerca da temática, como pode ser observado no comentário logo em seguida. Ao inserir um novo comentário, a plataforma marca para que perfil está sendo direcionada a resposta. Nesse caso, PG continua em resposta ao seu comentário e à provocação da pesquisadora. Essa ferramenta comum na rede social X (*Twitter*) é mais uma manobra de referenciação desse caráter ubíquo do ambiente.

Sendo assim, PG ratifica seu ponto de vista acrescentando que “*o feto não sente sofrimento algum, pois é apenas um feto, sem cérebro*”, disseminando uma justificativa a partir de sua visão. Entretanto, no final do comentário, quando finaliza “*mas é algo q cada um faz o q q, cada um tem suas escolhas.*”, retoma o reconhecimento de que o ecossistema em que está atuando tem uma abrangência, uma conexão entre tantos elos discursivos, que é necessário tornar seu discurso também amplo. Essa postura expõe uma das propriedades inerentes às redes sociais: o julgamento de um auditório digital, que gera “cancelamentos”.

Nessa perspectiva, reforçamos a visão de Xavier por perceber essa importância de “que cada um dos sujeitos reconheça, no outro, afinidades compartilhadas, isto é, perceba as identidades socioculturais para que as interações fluam proficientemente entre os envolvidos” (XAVIER, 2013, p. 122). Sendo assim, entendemos que os argumentos utilizados pelos estudantes, sob o funcionamento da ubiquidade, também são forjados pelos efeitos sociais, culturais e emocionais

permitidos pela dispersão e assimetria do *auditório-digital* inserido nesse universo cibernético.

Postagem 16: *Retuíte* e *tuíte* da pesquisadora em seu perfil Penso, logo escrevo (temática: Tecnologia)



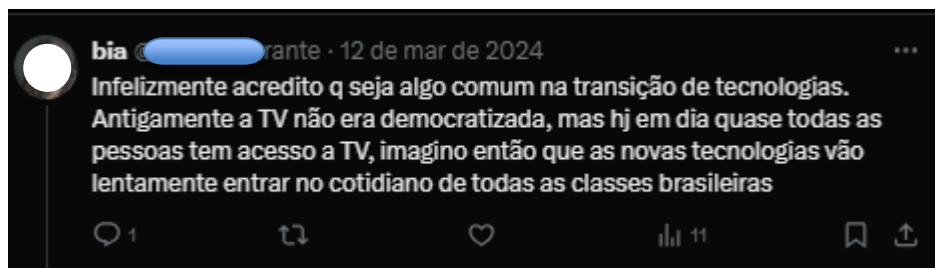
Fonte: *Print* do perfil da pesquisadora @pensologoescr3, na plataforma X (Twitter)

As abordagens da pesquisadora em seu perfil *Penso logo escrevo* ocorrem, majoritariamente, por meio do *retuíte* - uma das ferramentas da plataforma X (Twitter). Esse processo exemplifica a condição da ubiquidade desse ecossistema, sobretudo, o valor argumentativo que isso exerce. Como vimos, sempre que trazemos ao nosso perfil uma reportagem já divulgada, estamos assumindo outras vozes para fomentar nosso próprio argumento. Esse movimento pode significar anuência com o que foi evocado em outro espaço ou pode significar o início de um embate de oposições. Percebemos, assim, que é “o texto [retuitado] que, como um caleidoscópio, vai se dobrar e se desdobrar diferentemente diante de cada leitor” (LEVY, 2000, p. 14). Esse desdobramento, então, configura o *retuíte* como uma ferramenta de *tecnoargumentação por ubiquidade*, como identificamos na postagem acima.

Inserimos uma reportagem do Jornal o Globo, que traz a voz da ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação (nomeada pelo Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2023), a qual manifesta que “*é preciso atitude política para superar o atraso tecnológico*”. Nesse momento, uma fala direcionada em um determinado momento a um jornalista, de determinado jornal, atravessa espaços e tempos e se apresenta no perfil da pesquisadora como instrumento de desenvolvimento argumentativo. A contribuição para performance *tecnoargumentativa* efetua-se devido ao aspecto de “desterritorialização”, que chegará ao estudante nativo digital tornando-

o “presente por inteiro em cada uma de suas versões e de suas projeções, desprovido de inércia, habitante ubíquo do ciberespaço [...]” (LEVY, 2011, p. 19-20). Segue mais um exemplo do posicionamento de um estudante nativo digital:

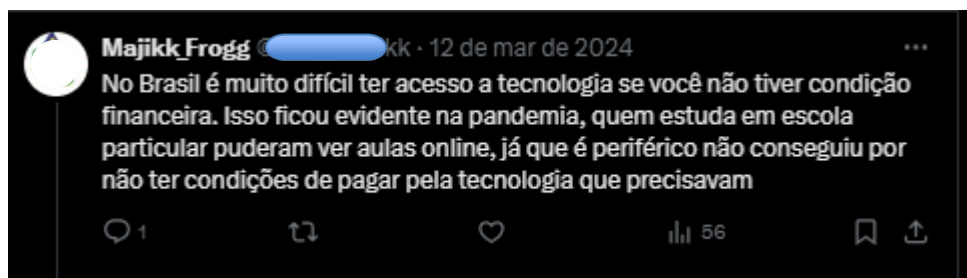
Postagem 17: Comentário da participante PJ no perfil *Penso*, logo escrevo (temática:tecnologia)



Fonte: Print do comentário da estudante PJ no perfil da pesquisadora @pensologoescr3, na plataforma X (Twitter)

A participante PJ toma um posicionamento numa abordagem positiva, por considerar que o acesso à tecnologia não é necessariamente uma questão de desigualdade, mas é “*algo comum na transição de tecnologias*”. A estudante defende esse ponto de vista ao concluir que “*as novas tecnologias vão lentamente entrar no cotidiano de todas as classes brasileiras*”. Essa assunção contraria diretamente o parecer da Ministra que já constata um “*atraso tecnológico*”. Percebemos, então, que a ubiquidade permitida pela ecologia midiática oportuniza a visualização de diferentes jogos argumentativos acerca da mesma temática. A interface da plataforma revela as trocas discursivas, as quais mobilizam cognitivamente conhecimentos prévios anuentes ou controversos, servindo como estratégia para as práticas *tecnoargumentativas*.

Postagem 18: Comentário da participante PM (temática:tecnologia)



Fonte: Print do comentário da estudante PM no perfil da pesquisadora @pensologoescr3, na plataforma X (Twitter)

Sob outra perspectiva, posiciona-se PM, que já inicia seu texto asseverando que *“No Brasil é muito difícil ter acesso a tecnologia se você não tiver condição financeira”*. Ambos os participantes estão comentando na mesma página da pesquisadora, inseridos na mesma discussão motivada pela fala da ministra. Todavia, imerso nessa rede de movimentos de retórica digital, PM desenvolve outra linha argumentativa, ampliando sua persuasão ao evocar informações do período da pandemia, comparando os diferentes públicos de estudantes. PM defende que *“quem estuda em escola particular puderam [sic] ver aulas online, já que [sic] periférico não conseguiu por não ter condições de pagar [...]”*. Entendemos que a trajetória *tecnoargumentativa* do estudante PM é mobilizada pela dinâmica de ubiquidade do ambiente cibernético, na medida em que as possibilidades de complementaridade estão disponíveis no mesmo ambiente. Concordamos que *“Quem ganha com essa complementaridade é o ser humano em formação pelo acréscimo de possibilidades que a ubiquidade lhe abre”*(SANTAELLA, 2013, p.27).

A exposição de ideias numa rede social *online* está imbricada na possibilidade de conferir, em diferentes espaços, simultaneamente, uma tese defendida por um orador-digital. Quando PM evoca informações do período pandêmico, assume um dado já divulgado nessa rede em outros momentos. É um movimento ubíquo que garante a validação ou a anulação dos argumentos compartilhados.

Essa ferramenta da ubiquidade pode também ser observada numa discussão sobre outra temática, em que a condição de viver, experimentar, analisar e discutir um assunto em diferentes espaços e perspectivas pode promover diferentes estratégias retóricas.

Postagem 19: Retuíte da pesquisadora em seu perfil Penso, logo escrevo
(temática: apropriação cultural)



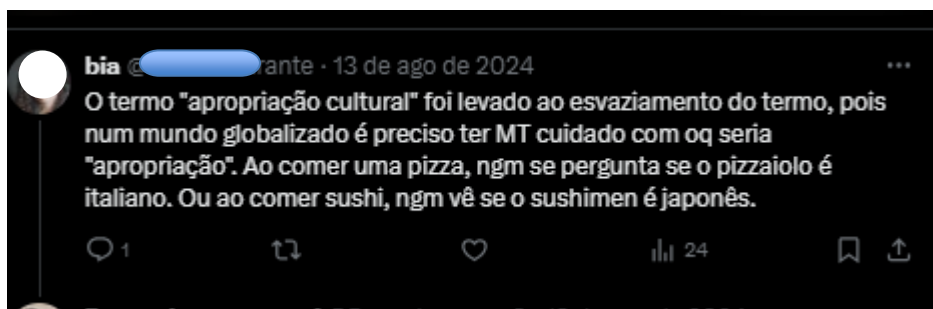
Fonte: Print do perfil da pesquisadora @Pensologoescr3, na plataforma X (Twitter)

Nessa postagem, trouxemos um evento das Olimpíadas de Paris em que uma dançarina australiana de *breaking* (categoria estreante nas Olimpíadas de 2024) viralizou nas redes sociais por sua performance original, com passos ora elogiados ora bastante criticados¹²⁰. Nossa abordagem em relação ao evento salientou o comentário do Perfil @historia_pensar: “Essa é pra quem é preconceituoso e diz que branco não pode dançar break”. É importante acrescentar que a postagem foi realizada por meio de um vídeo, a qual deixamos como uma imagem congelada devido ao propósito da análise. Entretanto, ao difundirmos um vídeo com a apresentação da dançarina australiana, associado ao comentário do *orador-digital*, inferimos as possíveis mobilizações dos estudantes para proceder com seus posicionamentos no ambiente cibernético.

Associamos, assim, as informações disponíveis nessa hibridização midiática à temática de apropriação cultural para entender o percurso *tecnoargumentativo* que os estudantes fariam. Assistir, por exemplo, à apresentação da dançarina e imergir no momento de competição da Olimpíada são movimentos possíveis para aqueles que decidiram se posicionar a respeito da temática, como veremos nos comentários a seguir.

¹²⁰ Informações disponíveis em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/olimpiadas/quem-e-a-dancarina-australiana-de-breaking-que-viralizou-em-paris-2024/>. Acessado em 03/04/2025.

Postagem 20: Comentário da participante PJ no perfil da pesquisadora Penso, logo escrevo (temática: apropriação cultural)

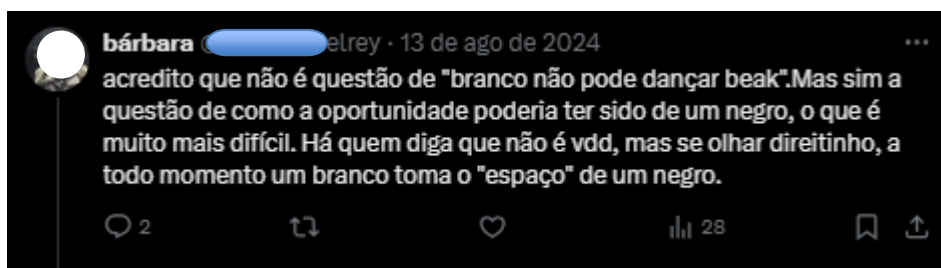


Fonte: Print do comentário da estudante PJ no perfil da pesquisadora @pensologoescr3, na plataforma X (Twitter)

A participante PJ focou no termo “apropriação cultural” para criticar alguns posicionamentos compartilhados na internet. Ao dizer que o termo “*foi levado ao esvaziamento*”, refere-se ao *auditório-digital* que julga como inapropriada uma manifestação cultural originada de uma cultura com raízes na África sendo assumida por outras etnias. Essa abordagem de PJ exemplifica uma fala que não está apenas na postagem da pesquisadora, nem mesmo no *tuíte* do perfil @pensar_historia, mas das inúmeras interações compartilhadas nesse ambiente. O termo “*esvaziamento*” está associado a um uso desmedidamente inapropriado, com uma visibilidade permitida pelos rastros algorítmicos.

Sob uma análise perelmeneana, percebemos que PJ recorre a uma estratégia considerada “quase-lógica”, na medida em que apresenta o seguinte argumento: “Ao comer uma pizza, ngm se pergunta se o pizzaiolo é italiano. Ou ao comer sushi, ngm vê se o sushiman é japonês”. Na condição de um discurso oral ou escrito, entendemos que “no momento da coerção, vários mecanismos se apresentarão em apoio da tese fundamentada em uma lógica” (LIMA, 2012, p. 63). Entretanto, por fazer uso de uma “escrita digital”, há uma consciência de outras afetações do dizer. Não são apenas as afetações que originaram seu argumento, mas as afetações que formarão coercitivamente um *auditório-digital*. Nessa perspectiva, a manifestação de PJ é validada como uma *tecnoargumentação pela ubiquidade*, considerando o percurso evocado no próprio ambiente para construir seu ponto de vista.

Postagem 21: Comentário do participante PG no perfil da pesquisadora penso, logo escrevo (temática: apropriação cultural)



Fonte: Print do comentário da estudante PG no perfil da pesquisadora @pensologoescr3, na plataforma X (Twitter)

Respondendo à mesma provocação da pesquisadora sobre apropriação cultural, PG assume outra linha argumentativa. Analisamos, inicialmente, que seu comentário retoma a fala publicada no perfil de @história_pensar, ao citá-la e tentar acrescentar outra perspectiva. PG resgata conhecimentos históricos ao dizer que “*mas sim a questão de como a oportunidade poderia ter sido de um negro, o que é muito difícil*”. Essa assunção não revela apenas a informação histórica previamente construída, mas a imersão realizada na postagem em que uma dançarina branca se apresenta a um público que, naquele momento, não é predominantemente de negros. O discurso está atravessado tecnicamente por informações disponibilizadas no ecossistema. Poderíamos voltar a citar Perelman ou mesmo Aristóteles na construção argumentativa do que é dito, mas precisamos assumir que, ao se construir um argumento nesse espaço, passa a ser um *tecnoargumento*, considerando a hibridização midiática.

Outrossim, no mesmo perfil que a pesquisadora realizou o *retuíte*, inúmeros comentários multissemióticos surgiram, distanciando ou se aproximando da provocação acerca da “apropriação cultural”. Esses comentários, nessa interface ubíqua, também fazem parte da construção *tecnoargumentativa* dos estudantes, os quais podem ter dialogado com o posicionamento de PG.

Postagem 22: Comentário de um internauta no perfil de @historia_pensar (temática: apropriação cultural)



Fonte: Print de um comentário do Perfil @historia_pensar, *retuitado* pela pesquisadora

A temática que trouxemos no questionamento, baseada na postagem de @historia_pensar, está presente em vários comentários desse perfil, como por exemplo, o comentário de @Bertoleza, cujo posicionamento dialoga com o da estudante PG.

Para publicar seu argumento, a internauta insere um vídeo que corresponde a um trecho do filme “As Branqueiras”, em que o enredo se constrói em torno de dois negros que se transvestem de mulheres brancas. A estratégia argumentativa da internauta @Bertoleza se inscreve no plano da linguagem figurada ao empregar a ironia para se posicionar em relação à apropriação cultural presente no *break* da australiana. Ao afirmar que elas (as personagens do filme) seriam “As únicas brancas possíveis de representar o esporte olímpico”, defende que, sim, está havendo uma apropriação cultural por meio da apresentação de brancos, tendo em vista que apenas negros estariam aptos para essa dança.

Chamamos a atenção para essa postagem devido ao fato de que os diferentes pontos de vista, as diferentes semioses que convergem no mesmo espaço de discussão de um tema são propriedades técnicas que interferem nos posicionamentos argumentativos. Reiteramos aqui que as estratégias *tecnoargumentativas* são outras além das tão bem já exploradas pelos teóricos tradicionais da argumentação, pois os mecanismos que interpelam as teses defendidas podem ser tecnologicamente

direcionados. Sob essa visão, Fogg assevera que, com as técnicas disponibilizadas virtualmente nessa esfera computacional ubíqua, haverá mais formas de motivações e influências (FOGG, 2002 - tradução nossa¹²¹). É necessário, portanto, reconhecer que as convergências das diferentes mídias (comentários, vídeos, imagens, charges, etc) acontecendo simultaneamente no espaço de discussão podem interferir na construção argumentativa de qualquer internauta, e, no caso em análise, de qualquer estudante.

5.5 Análise dos tuítes espontâneos dos estudantes em seu perfil da rede X (Twitter)

Nesta subseção, analisaremos a postagens ou *tuítes* dos estudantes sem o monitoramento do perfil da pesquisadora. Pretendemos entender o que move os estudantes nativos digitais a se posicionarem na rede social *online* e de que forma isso acontece. A seleção dos estudantes-participantes, nesta subseção aconteceu de acordo com a frequência e participação na rede X (*Twitter*).

Postagem 23: *Retuíte* do participante PM em seu perfil no X (*Twitter*)

¹²¹ “With the rise of ubiquitous computing, we’ll see a growing number of technologies nologies that attempt to motivate and influence”.



Fonte: Print do tuíte de PM no seu perfil @FrxxxMajikk, na plataforma X (Twitter)

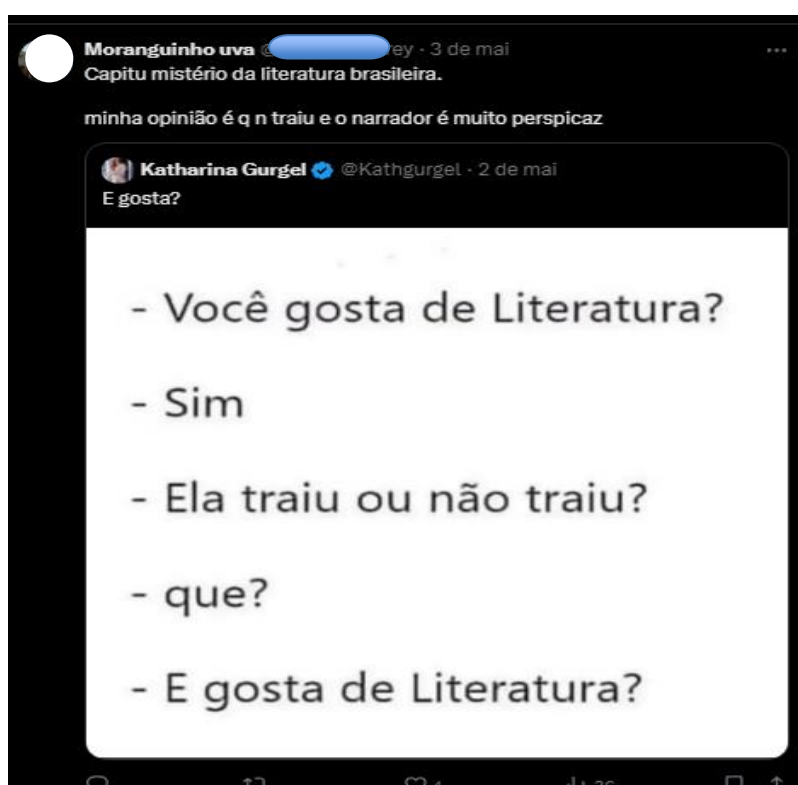
Antes de analisarmos a postagem do participante PM, é importante contextualizar a dinâmica de interação, que pode ser acompanhada nos seus diferentes tuítes e retuítes no seu perfil @FrxxxMajikk. O participante é conhecedor e praticante de desenhos diversos, frames e interfaces de jogos digitais, tanto em espaço físico quanto digital. Por esse motivo, PM realiza um retuíte do perfil de @icro_redson2, que mantém no seu perfil comentários sobre cultura pop, política e humor. Sendo assim, numa percepção de *tecnoargumentação por interatividade*, conseguimos identificar a relação que PM apresenta ao retuitar uma postagem desse perfil, que analisa tonalidades de duas imagens inseridas em jogos

O *tuíte* de PM revela seu domínio no assunto, bem como seu interesse na abordagem apresentada na rede. Em um universo de interatividade por ubiquidade, o participante encontra seu espaço para justificar e apresentar seu conhecimento ao afirmar que “o luigi é verde por causa de uma *iluminação de hardware*, que fez eles terem que escolhere outra cor pro player 2”. Nesse momento, o que move o posicionamento de PM não são as imposições temáticas ou as práticas de um

determinado gênero textual. O estudante nativo digital utiliza as ferramentas que o inserem no universo de compactuação de interesses para se posicionar- nesse *tuíte*, há o envolvimento de desenhos, jogos e outras semioses. Existe um *auditório-digital* que o lê, que é anuente com sua exposição discursiva. De acordo com o ícone de visualizações, 80 internautas visualizaram seu *tuíte*, 1 curtiu e 1 respondeu.

Essa condição ubíqua e interativa mobiliza, retroalimenta suas contribuições na rede, o que condiciona a uma prática de uma escrita (ainda que digital), mas sob o aspecto compósito da linguagem. Outrossim, a análise da imagem, *retuitada* e comentada, corrobora a concepção da força multissemiótica da *tenoargumentação*, tendo em vista que os objetos imagéticos são fluidos e copresentes em qualquer interação.

Postagem 24: *Retuíte e tuíte da participante PG em seu perfil no X (Twitter)*



Fonte: *Print do comentário do tuíte de PG no seu perfil @barbsliadelrey, na plataforma X (Twitter)*

Uma das ferramentas *tecnargumentativas* muito utilizadas nas redes sociais *online* é o meme, o qual tornou-se uma representatividade dos argumentos consensuais, na medida que são inseridos no aspecto de coletividade desse ambiente digital. Nessa perspectiva, seguindo as postagens da participante PG, percebermos que a forma de *tecnargumentação* predominantemente escolhida por essa nativa digital são os

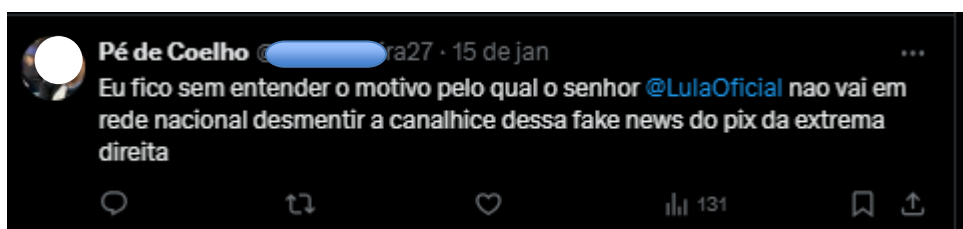
memes. Sendo assim, na postagem 23, identificamos que PG, por meio dessa multissemioticidade, consegue posicionar-se acerca de seu conhecimento de literatura e corroborar a ideia de que muitos “leitores” não o possuem.

Numa percepção de intertextualidade, marcada nesse ambiente pela sua característica ubíqua, traz à discussão o conhecimento literário sobre a obra de Machado de Assis, Dom Casmurro. O aspecto interativo e de hipertextualidade permite o *auditório-digital* navegar nas informações e na abordagem do *tuíte* de PG apenas com as construções implícitas evocadas por meio dessa ferramenta.

Quando PG afirma “*Capitu mistério da literatura brasileira*” inicia sua condução de defender sua competência literária. Incluir a pista da palavra “Capitu” permitirá que o *auditório-digital* (conhecedor da obra) reconheça nessa participante um conhecimento. Para consolidar seu posicionamento diante da “plateia”, porque a presença de um *auditório-digital*, como já notificado, é uma importante ferramenta *tecnoargumentativa por interatividade*, a participante PG se apresenta como detentora desse conhecimento. Em vista disso, ela amplia com o argumento: “*minha opinião é q n traiu e o narrador é muito perspicaz*”.

Nesse ponto, a participante PG decide inserir sua subjetividade com “minha opinião” e, mais ainda, apresentar um narrador que possui uma competência de permitir esse clássico drama na sociedade leitora. Entretanto, mais ainda, a participante tenta responder à ironia do meme, que aborda aquele que diz gostar de literatura, mas não conhece Dom Casmurro. A participante, por meio de uma imbricagem de mecanismos, demonstra que, sim, que pode dizer que gosta.

Postagem 25: *Tuíte* da participante PK em seu perfil no X (*Twitter*)



Fonte: *Print* do *tuíte* de PK no seu perfil @rafaelliveira27, na plataforma X (*Twitter*)

O participante PK, estudante nativo digital, permite-se ser reconhecido como um militante de esquerda, de acordo com suas postagens no seu perfil. Começamos, com isso, analisar de que forma as tendências políticas, culturais ou de quaisquer

áreas podem ser inseridas em contextos escolarizados para “ouvir” estudantes, como PK. Nesse *tuíte*, por exemplo, o participante mostra-se insatisfeito com o fato de o “senhor Lula” não desmentir *fake news* da extrema direita. O curioso na estratégia *tecnoargumentativa* de PK é que ele utiliza uma escrita digital, por meio de um dado clicável, com a cor azul e o arroba (@) para que sua indignação ganhe abrangências rastreáveis no ambiente digital.

Com consciência tecnológica que um estudante nativo digital possui, a ferramenta da força do algoritmo é evocada como uma estratégia de *tecnoargumentação por ubiquidade*. PK reconhece que o auditório digital poderá ir em busca das informações que o perfil *@LulaOficial* pode oferecer. Não se trata, então, de tecer um ponto de vista que se encerra na construção escrita com sua abrangência com outro nível de limitação. Trata-se, aqui, de levar o auditório à fonte das discussões. Trata-se de levar o administrador do *@LulaOficial* a reagir à provocação, tornando perceptível a atuação de “visada argumentativa” pelo emprego de uma “palavra digital”.

Quando PK emprega o tratamento “o senhor”, instigando-o a ir a “rede nacional”, traz a representatividade do Presidente Lula para desfazer uma “mentira”, entretanto, o fato de usar o símbolo do perfil mostra a necessidade de expandir sua evocação. O participante demonstra seu conhecimento acerca das informações que foram divulgadas sobre o fato de que o Governo Federal taxaria o PIX. Sendo assim, revelando sua identidade ideológica, atribui à divulgação dos parlamentares sobre essa taxação como uma “fake news”. Entendemos, outrossim, que o estudante PK não apenas revela sua consciência política, bem como o poder da manipulação dos instrumentos digitais para atingir, mais amplamente possível, seu objetivo persuasivo.

5.6 Desdobramentos das contribuições da plataforma digital na argumentação: análise das avaliações dos estudantes

Durante o processo de interação com os estudantes na plataforma digital X (*Twitter*), tivemos a oportunidade de compreender sistematicamente sua visão sobre o processo argumentativo no espaço cibernético, bem como sobre as práticas formais do ambiente escolar físico. Longe de comparações levianas, nossa intenção, com esta subseção, é colocar, também, como ponto de análise as considerações de um público nativo digital pelo o qual esta pesquisa também se interessa. Organizamos, portanto, três focos temáticos para análise. Os dois primeiros temas foram obtidos por meio de

questionário no *Google forms*. O último tema, analisamos os comentários dos informantes na plataforma X (*Twitter*).

Quadro 12: Temas refletidos pelos informantes

1. Mudanças nas atuações argumentativas em práticas escolares durante a participação na plataforma @pensologoescr3.
2. Contribuições gerais das práticas argumentativas na plataforma X (<i>Twitter</i>)
3. Análise do ensino formal no Brasil

Fonte: Quadro organizado pela autora

O primeiro foco temático está relacionado ao questionamento que fizemos acerca de possíveis mudanças que poderiam ter ocorrido, se ocorreram, em suas práticas de produções argumentativas no ambiente escolar. Esse questionamento foi realizado após 6 (seis) meses de pesquisa e práticas na plataforma X (*Twitter*), especificamente no Perfil @pensologoescr3.

Selecionamos aqui alguns posicionamentos e iniciaremos com o comentário da informante PG.

Sim, eu costumava ser mais vergonhosa nas aulas que contém debates, por medo de expressar minha opinião e não ser bem aceita. Hoje me expresso muito bem, e minha dicção vem melhorando muito. (PG)¹²²

A informante afirma que “sim”, houve mudanças em suas práticas. O que nos chama a atenção é sobre a justificativa de que se sentia “mais vergonhosa, por medo de expressar” a opinião. Ao declarar mudanças nesse aspecto, nos faz refletir acerca da estratégia *tecnoargumentativa por interatividade*. Destacamos como o ambiente cibernético, pelos envolvimento de anonimatos, pelo impulsionamento do auditório-digital com curtidas, pelo aspecto de pertencimento de um coletivo pela individualidade, permite que a forma de dizer, de se expor se desenvolva, podendo afetar outros ambientes não cibernéticos. PG afirma que, naquele momento, passou a se expressar bem, com a “dicção melhorando”. Isso nos leva acreditar que muitas vozes são silenciadas no domínio físico de argumentação, por motivos como os de

¹²² Informações disponíveis do formulário em anexo.

PG ou por outras ações coercitivas, o que nos leva a acreditar em possíveis mudanças.

O informante PJ traz outra constatação de mudança em sua prática, ao afirmar que *“Sim. Abrangência de repertórios contribuiu para o maior número de argumentos em debates”*. Em nossa análise sobre a *tecnargumentação por ubiquidade*, defendemos como esse ecossistema permite a mobilização desse estudante por diferentes sites, vídeos, hipertextos, simultaneamente, que compõem, ampliam seu saber, conseqüentemente o seu repertório. A transição por diferentes nós é uma prática cognitiva de multiletramentos que, como disse PJ, mudou a abrangência do seu repertório (SANTAELLA, 2018).

O informante PO contribui com um ponto de vista distinto, todavia de muita relevância para análise. PO afirma *“Não muito, pois o objetivo era poder ouvir as vozes dos alunos sem que estivessem necessariamente filtradas por um sistema escolar, então não me filtrei tanto nos posts”*. Não obstante não haver constatação de mudanças em suas práticas, a necessidade de ouvir outras vozes por não estarem “filtradas” nos remetem aos potenciais efeitos democráticos inerentes às práticas discursivas do ambiente digital (KRESS, 2003). Acreditamos que estabelecer conexões entre experiências interativas no ambiente escolar com as atuações nas redes sociais *on-line* pode conduzir à ampliação da argumentatividade.

O informante PB corrobora a proposição apresentada neste trabalho sobre a influência na argumentação dos estudantes nativos-digitais quando se percebem diante de uma audiência-digital ampla, com reações diversas. Quando PB declara *“Eu já era um bom expositor de ideias, sabia debater e defender meus pontos. Esse projeto só me deu a oportunidade de alavancar os meus posicionamentos de uma maneira mais geral e visível.”*, deixa notória a relevância, para o momento da exposição de uma ideia, de um ponto de vista, da presença do outro. No caso de uma argumentação no ambiente cibernético, percebemos como a inteligência e seu desenvolvimento é atravessado por uma dimensão coletiva (LEVY, 2011).

O informante PK faz um reconhecimento sobre o desenvolvimento do argumento na escrita. O estudante responde ao questionamento revelando o seguinte aspecto: *“Sim, a prática da escrita ajuda minhas ideias a fluírem melhor. Além disso, permite uma maior organização dos meus pensamentos”*. Entendemos que o ambiente cibernético permite uma profusão de ideias, em formato de debates, mas por meio, quase totalmente, da modalidade escrita. Ainda que os mecanismos

multimidiáticos tenham se ampliado, com vídeos, gravação de vozes, é a modalidade escrita que predomina nas postagens da rede social X (*Twitter*). Por esse motivo, essa assunção do informante PK de que *“a prática da escrita ajuda minhas ideias fluírem melhor”*, põe em evidência a contribuição desse meio no desenvolvimento da argumentação por meio da escrita. Além das semioses já empregadas em escritas analógicas, a escrita digital é permeada por instrumentos técnicos que dimensionam cognitivamente as habilidades de expressão na linguagem escrita.

O segundo foco temático discorreu sobre as contribuições gerais das práticas argumentativas na plataforma X (*Twitter*). Próximo à finalização das discussões no perfil *Penso, logo escrevo* da pesquisadora na plataforma X (*Twitter*), realizamos o último questionamento para identificar como as discussões na plataforma contribuíram para a argumentatividade. Essas respostas obtidas no questionário ¹²³ foram informadas pelos estudantes que permaneceram até o tempo determinado pela pesquisadora.

Com a permanência do Informante PM, obtivemos a seguinte conclusão: *“Sim, com certeza. Por meio dela eu consigo elaborar meu raciocínio para escrever uma potencial redação melhor, que é o meu objetivo esse ano”*. O estudante demonstrou ter participado das discussões na plataforma com um objetivo de otimizar seu texto escrito no ambiente escolar. Por esse motivo, assevera: *“Com certeza”*, indicando que a participação no projeto foi relevante para suas práticas escolares. Mais adiante, confirma a mobilização cognitiva que ocorreu nas suas produções *tecnoargumentativas*, pois diz *“consigo elaborar meu raciocínio para escrever”*, indicando a finalidade positiva de uma *“redação melhor”* em ambiente escolar.

Sob a mesma perspectiva de contribuição, PJ (que também cumpriu o tempo determinado da pesquisa) afirma *“Sim. A partir da participação em debates sobre assuntos atuais, acabo me atualizando sobre assuntos relevantes do momento, o que pode ajudar em uma redação, por exemplo”*. Como já confirmamos, o envolvimento em um espaço ubíquo amplia, de forma célere e contínua, o acesso a informações. Além do mais, PJ confirma a conexão com sua dinâmica no espaço físico por considerar que sua participação na plataforma *“pode ajudar em uma redação”*, corroborando a afirmação de Santaella, que chama *“de hipermobilidade esse espaço intersticial, espaço híbrido e misturado”* (SANTAELLA, 2018, p. 21).

¹²³ O questionário foi realizado no *google forms*, que está disponível nos anexos.

O informante PI, ao concluir sua participação na pesquisa declarou:

“Acredito que sim, não sou 100% ativo mas sempre que consigo estou lendo os comentários e postagens, atualmente os jovens não se preocupam de estar por dentro de assuntos “necessários” e isso é um diferencial pra mim e pra bolha que participo estar sempre ligado e além disso ter um opinião formada é de suma importância”.

O depoimento de PI atenta para uma avaliação da dinâmica de expressão das ideias e dos posicionamentos dos jovens na atualidade, levando em consideração o espaço escolar. Quando o informante afirma que os jovens “*não se preocupam de estar por dentro de assuntos ‘necessários’*”, deixa notificado que o ciberespaço permite uma discussão e exposição de assuntos diversificados, o que contribui para otimização do conhecimento em conexão com as práticas de argumentação em espaços físicos, cujas restrições são inerentes às condições espaciais e temporais.

O informante PK resume a contribuição de sua participação na plataforma X (*Twitter*) de forma objetiva e bem definida.

“Sempre fui apaixonado pelo debate e pela exposição de ponto de vista. Na escola sempre estou participando de rodas de conversas e no twitter eu encontro mais um espaço de mostrar meus posicionamentos e de agregar o meu conhecimento, contribuindo para o meu desempenho na escola”.

Alguns aspectos nos chamam a atenção na resposta do informante PK, considerando o objetivo deste trabalho e de alguns desdobramentos apresentados em relação à *tecnoargumentação* no ambiente cibernético. O primeiro ponto diz respeito a ser “*apaixonado pelo debate e pela exposição*”. Procurar uma rede social para completar essa necessidade individual, sob a identificação de uma “virtualização da inteligência”, em que se completam a “parte coletiva da cognição” com a “afetividade pessoal” (LEVY, 2011), está relacionada a essa necessidade de alguns estudantes de visibilidade. Esse aspecto nos remete às orientações de Marcuschi sobre o processo de produção textual em que solicita se levar em consideração o “uso autêntico e não simulado da língua” (MARCUSCHI, 2008, p. 51), o que enquadra o desejo de PK pela exposição, ou seja, ser lido por um *auditório-digital* real.

Esse aspecto é reiterado pelo informante PK ao afirmar que “*no twitter eu encontro mais um espaço de mostrar meus posicionamentos*”, corroborando a ideia básica desta pesquisa que não diz respeito a substituições de práticas, mas de ampliação de mais um espaço. Consideramos que há uma necessidade inerente em alguns estudantes de fazer sua voz ser ouvida além das paredes escolares, cuja

função velada está na *tecnoargumentação por interatividade*. Acreditamos que as plataformas digitais, em conexão com as práticas escolares, podem ser esse espaço.

O terceiro foco temático, relacionado ao ensino formal no Brasil, foi discutido por meio de alguns comentários dos informantes na plataforma X (Twitter), em resposta à pesquisadora em seu perfil *Penso, logo escrevo*.

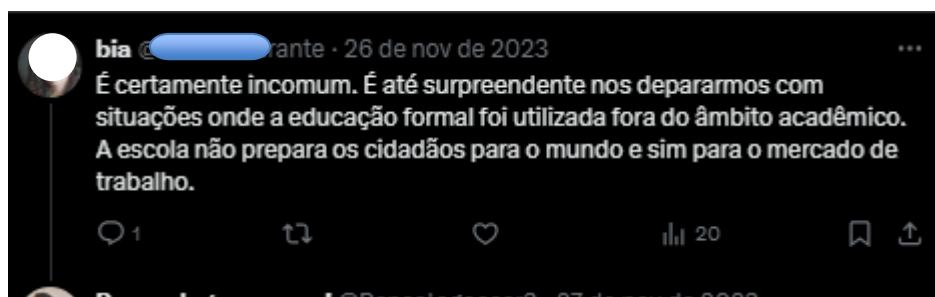
Postagem 26: *Retuíte e tuíte* da pesquisadora (temática: Ensino no Brasil)



Fonte: *Print* do tuíte da pesquisadora no seu perfil @Pensologoescr3, na plataforma X (Twitter)

Com o objetivo de validar a tese de que a conexão entre práticas argumentativas no ambiente cibernético e atuações nas vivências escolares pode ampliar a performance discursiva dos estudantes, trouxemos para discussão uma notícia disponibilizada no perfil @coinorbitX, a qual evoca uma reflexão sobre um menino que salva a mãe de levar um choque devido à conexão com o que aprendeu em sala de aula sobre “energia” e a forma de lidar em uma situação de emergência. A partir desse episódio, trouxemos a seguinte reflexão: “*É comum vermos as práticas da escola funcionarem na vida real?*” Os comentários dos informantes trouxeram algumas contribuições importantes.

Postagem 27: Comentário do estudante PJ



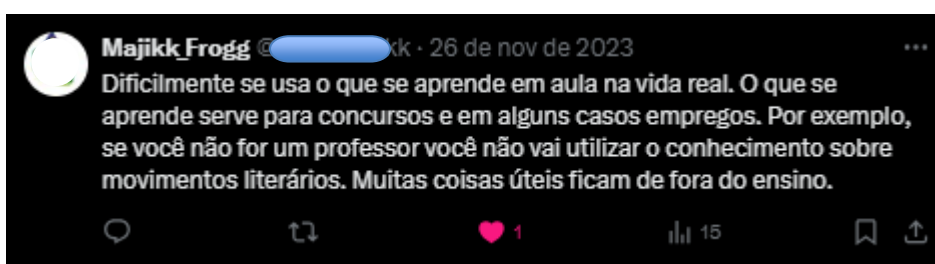
Fonte: Print do comentário do informante PJ no perfil @Pensologuescr3 da pesquisadora, na plataforma X (Twitter)

Sob o ponto de vista de PJ, não é comum a educação formal ser utilizada “fora do âmbito acadêmico”, evidenciando uma problemática que sempre foi foco de luta da Linguística Aplicada, no que diz respeito à atuação da escola como veículo de conhecimento que faça sentido para o estudante. PJ revela que não tem sido assim. É um posicionamento que dialoga com o objetivo desta tese, na medida em que defendemos uma interconexão entre produções argumentativas entre o meio acadêmico e a atuação desse estudante como voz no mundo. Não obstante parecer paradoxal a ideia de a escola não preparar “os cidadãos para o mundo e sim para o mercado de trabalho”, percebemos uma distinção proposta por PJ no que ele concebe como “cidadão para o mundo”.

A construção do conhecimento, na era cibernética, impregna o cidadão de novas mobilidades cognitivas, em que os objetos de atuação enquanto cidadãos não estão fixados apenas em um trabalho formal, mas nas inúmeras possibilidades de acordo com o valor utilitário. Essa utilidade está moldada pelas configurações permitidas pelo tecnológico, com mais fluidez, mais desterritorialização, mais amplitude (MARASCHIN, 2000). Sendo assim, “preparar para o mundo”, segundo PJ, implica a escola oferecer meios para esse novo status do cidadão na era tecnológica.

Nessa mesma perspectiva, o informante PM se posiciona em relação à postagem.

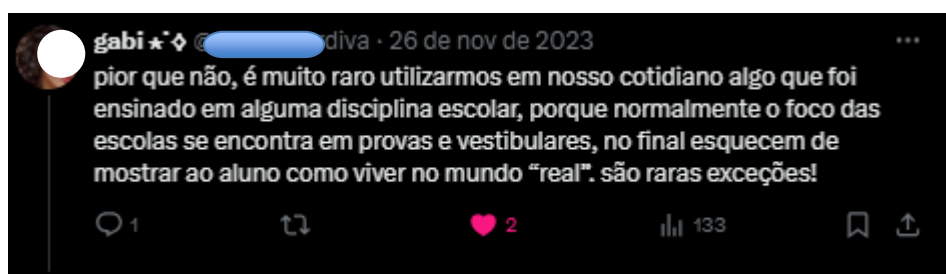
Postagem 28: Comentário do informante PM no perfil Penso, logo escrevo



Fonte: Print do comentário do informante PM no perfil @Pensologoescr3 da pesquisadora, na plataforma X (Twitter)

O informante PM traz à discussão, de forma mais específica, a relação dos conteúdos selecionados para o ensino formal e as práticas da “vida real”. Não obstante a constatação de que é por meio de alguns objetos do conhecimento apreendido no ambiente escolar que desejos de aprofundamentos surgem, o que chama a atenção é a observação de que *“Muitas coisas úteis ficam de fora do ensino”*. Na era da informação em que vivemos, mediada pela arquitetura do ciberespaço, refletir sobre formas e tipos de conhecimentos partilhados é urgente pela educação formal. O curioso, para nossa pesquisa, é que esse estudante está realizando uma análise sobre o ensino formal, utilizando uma ferramenta do ambiente digital, numa exemplificação de que a escola e a plataforma digital podem levar o estudante “a desenvolver textos em que o aspecto formal e comunicativo estejam bem conjugados” (MARCUSCHI, 2008, p. 58). As estratégias *tecnoargumentativas* no ambiente cibernético podem ser uma pequena amostra dessa interconexão.

Postagem 29: Comentário do informante PF no Perfil Penso, logo escrevo



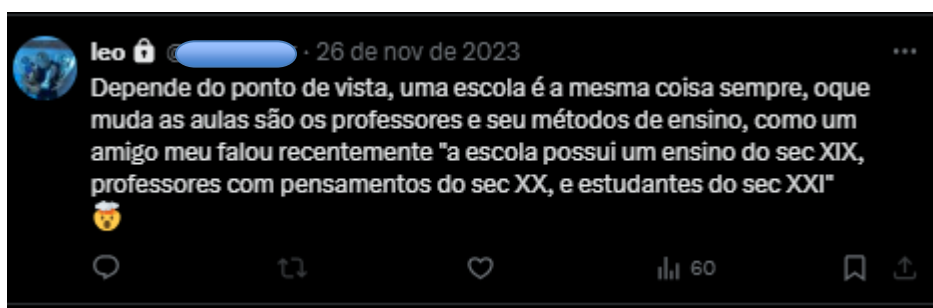
Fonte: Print do comentário do informante PF no perfil @pensologoescr3 da pesquisadora, na plataforma X (Twitter)

O informante PF reitera a constatação dos demais informantes acerca de como é raro o ensino escolar/acadêmico ser aproveitado no cotidiano. Entretanto, o que nos chama a atenção é a observação de PF ao dizer que *“no final esquecem de mostrar ao aluno como viver no mundo ‘real’*. Algumas palavras e expressões têm pesos distintos nessa observação. Inicialmente, o termo *“no final”*, nos remete a anos de estudos, de acúmulos de conhecimentos e avaliações. Faz-nos refletir sobre o fato de que há muitos fatores envolvidos na construção acadêmica de um estudante do ensino básico. Além disso, ao afirmar que *“esquecem”* faz uma alusão às atenções

que a construção do ensino formal realiza, prescindindo tantos desejos e necessidades dos jovens dessa era da informação.

Para PF, “*viver no mundo real*” pode significar, também, ter um espaço de argumentação que não seja levado apenas para um concurso, um vestibular. Acreditamos que as habilidades desenvolvidas por meio da linguagem precisam levar em consideração que o estudante já possui um domínio de fala (e hoje de escrita digital) fora da escola (MARCUSCHI, 2008). Portanto, esse aspecto não pode ser “esquecido” por fazer parte do “mundo real” do estudante.

Postagem 30: Comentário do informante PI no Perfil Penso logo escrevo



Fonte: Print do comentário do informante PI no perfil @Pensologoescr3 da pesquisadora, na plataforma X (Twitter)

No comentário do informante PI, o espaço escolar é considerado estático, e os estudantes são a parte da educação que têm desenvolvido atuações em constante evolução. Essa comparação aponta para práticas escolares/acadêmicas ainda distantes das necessidades cotidianas dos jovens estudantes. E, quando associamos essa dinamicidade às suas produções argumentativas, entendemos que precisamos de novas inserções no ensino formal. Quando PI refere-se a “*estudantes do sec XXI*”, deixa implícita a constatação de que muito desenvolvimento tecnológico tem surgido, e esses nativos digitais estão imersos nele, portanto poderia ser uma base de novos letramentos para a otimização de sua produção escrita. Em consonância com esse aspecto, Santaella (2018, p 20) explica “que nos últimos dez anos, as transformações por que tem passado a cultura digital e a aceleração dessas transformações são de causar assombro.” Sendo assim, se há transformações nessa dimensão, aproximações precisam ser realizadas entre o ensino formal e as práticas na arquitetura cibernética.

Por fim, construímos este capítulo de análises na intenção de apresentar as novas formas de argumentação possibilitada pelo espaço digital, levando em consideração os instrumentos que formam essa ecologia e, assim, a contribuição que eles têm na construção da argumentação. Procuramos descortinar algumas influências que hipertextualidade e a ubiquidade promovem na formação de um ponto de vista, levando em consideração estudantes nativos digitais que organizam seus discursos com a consciência das condições de produção do ecossistema cibernético.

Como forma de associação da proposta de análises da performance de estudantes do ensino básico em uma plataforma digital, procuramos analisar, também, possíveis mudanças ou contribuições que este modelo de interação pode ter trazido para suas práticas escolares. Proporcionalmente à quantidade de informantes que se mantiveram até o final da pesquisa, houve uma aquiescência de como suas práticas argumentativas mudaram algumas posturas em suas produções no ambiente escolar, bem como contribuíram para alguns aspectos na construção de seus argumentos.

Concluimos este capítulo analisando algumas avaliações críticas de alguns informantes acerca do ensino formal no Brasil. Realizamos essa análise com intenção de validar experiências como a realizada nessa pesquisa, tendo em vista a necessidade denunciada, pelos próprios estudantes, de que novas formas de ensino precisam se aproximar da realidade com a qual eles lidam no seu cotidiano. Percebemos, então, que, nessa realidade, estão inseridas as práticas comunicativas no espaço digital que precisam estar conectadas com a informação e o conhecimento escolarizados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender as dinâmicas da argumentação em ambientes digitais, especificamente na rede social *online* X (*Twitter*), como espaço de construção discursiva e performática dos estudantes do Ensino Médio. Esta tese foi motivada por questionamentos que envolvem argumentação em práticas digitais e sua conexão com as demandas de produção escolares. Procuramos, então, responder às seguintes indagações: Os recursos digitais da Plataforma X (*Twitter*) podem se configurar como estratégias argumentativas, e como esse processo pode acontecer? Os processos argumentativos de aprendizes, em suas produções na rede social X (*Twitter*), podem contribuir com as práticas discursivas no ambiente escolar?

Tomando como base essas indagações, construímos um percurso teórico, categorizamos alguns conceitos e buscamos identificar os processos. Sendo assim, na seção 2, fizemos um percurso pelas criações e inserções tecnológicas, com um comprometimento de entender de que forma a tecnologia afeta a humanidade, sobretudo pelo percurso evolutivo e invasivo com a Era da Internet. Outrossim, como a base de nossa discussão também envolve argumentação, na seção 3, trouxemos as bases epistemológicas das teorias da argumentação, adaptando alguns conceitos já existentes a algumas categorizações dentro de uma Retórica Digital.

A seção 4 representou nosso percurso metodológico, em que foram expostos os processos de articulação entre estudantes nativos digitais e a plataforma X (*Twitter*), com vistas a desenvolver as análises, estabelecendo os critérios e estratégias de envolvimento e engajamento.

Após o caminho teórico metodológico, conduzimos as análises na perspectiva de atender os objetivos específicos apontados no início deste trabalho. Para construir esta pesquisa, nos debruçamos a

- a) Explicitar os desdobramentos dos estudos da argumentação em novas estratégias *tecnoargumentativas*, observando a operacionalização entre um dado da máquina e a manipulação do sujeito nativo-digital.
- b) Investigar como a argumentatividade dos estudantes nativos digitais pode ser explorada no ambiente cibernético, bem como perceber sua performance persuasiva.

c) Descrever de que maneira o ecossistema digital, com suas ferramentas e contínuo desenvolvimento tecnológico, tem norteado as práticas sociointerativas na Era Digital e promovido o surgimento de novas formas argumentativas

Para compor essas análises, estreitamos as concepções da Retórica Digital (XAVIER, 2013; EYMAN, 2015). Apoiamo-nos nos pressupostos da Linguística de Texto e multiletramentos ((ROJO, 2019; KRESS, 2003; CAVALCANTE, 2016) e nas categorizações tecnicistas (LEVY, 1999; PAVEAU, 2021). Esse aporte nos permitiu adaptar os conceitos desenvolvidos por esses teóricos a categorias de estratégias argumentativas do ambiente digital, as quais denominamos de *tecnoargumentatividade* por ubiquidade; *tecnoargumentatividade* por interatividade; *tecnoargumentatividade* por repetibilidade; *tecnoargumentatividade* por *multissemiotividade*. Essa categorização não serviu apenas de descrição tecnicista, mas, sobretudo, nos permitiu conhecer o universo *tecnoargumentativo* em que os estudantes estão imersos cotidianamente.

Como um dos objetivos foi entender “como a argumentatividade pode ser explorada no ambiente cibernético”, as análises dos comentários dos estudantes, no perfil da pesquisadora *Penso, logo escrevo*, aconteceram com base nessa categorização. Os envolvimento, semanalmente, com *tuítes* e *retuítes* da pesquisadora, envolvendo os informantes (estudantes nativos digitais) em práticas argumentativas digitais, permitiu entender como essa argumentatividade se organiza e performatiza por meios dos recursos técnicos.

Nosso objetivo também foi de descrever essas novas formas argumentativas. Estivemos com um desafio de ampliar as tantas estratégias tradicionais de argumentação, pois atentamos ao fato de que as descrições e explicações dessas estratégias estão no âmbito grafocêntrico ou na oralidade. Estávamos conscientes, também, de que algumas pesquisas já analisam alguns recursos técnicos como argumentativos. Todavia, propomos, neste trabalho, analisar estratégias digitais pouco exploradas nos estudos de hipertextos, sejam na esfera acadêmica como educacional, por isso nos propomos a criar alguns modelos taxonômicos.

Essa descrição aplicada nas análises intencionou conhecer um novo processo argumentativo para levar à discussão a necessidade dessa exploração no ambiente escolar. Procuramos, nas análises, manter uma interação com os informantes de modo a perceber, também, o quanto o espaço de uma rede social como X (*Twitter*) possibilita uma ampliação de repertório, tendo em vista que, a cada postagem, a cada

retuíte, uma nova temática foi discutida. Esse critério também inscreveu esta pesquisa na concepção de maximização das relações e da hibridização na construção das interações. (ROJO, 2019).

Nas seções 5.2 a 5.4, procuramos categorizar as formas de persuasão, de modo a conhecer como os estudantes nativos-digitais se posicionam em um ambiente cibernético. Procuramos, também, reconhecer como, fora de uma sala de aula, esses estudantes pensam sobre o mundo. Os desdobramentos dos comentários sob as inserções de provocações revelaram uma subjetividade, que ganhou notoriedade nos espaços em redes *online*. Nessa perspectiva, reforçamos, durante as análises, a necessidade de tornar visível esse cidadão digital.

Evidentemente, durante o processo das interações na rede social, sob a condução da pesquisadora, alguns desafios foram enfrentados e chegamos a algumas conclusões não previamente delineadas na projeção da pesquisa. A primeira constatação foi de que, durante o processo cotidiano da sala de aula, os estudantes do Ensino Médio tinham menos tempo para engajar-se nas discussões promovidas pela pesquisadora no seu perfil do X (*Twitter*). Por esse motivo, a quantidade de participantes que, a princípio, era de 20 estudantes, foi reduzida, no final do trabalho, a 9. Essa redução não afetou, qualitativamente, os resultados obtidos, tendo em vista que os que se mantiveram engajados expuseram os elementos *tecnoargumentativos* em análise.

Outra constatação correspondeu à forma de escrita digital. Por estar sendo mediada por uma pesquisadora, os informantes optaram por empregar uma linguagem mais formal, com base na escrita digitalizada, com poucos elementos multissemióticos. Essa configuração impediu de algumas análises *tecnoargumentativas* acontecerem, conforme expusemos nos exemplos da seção 3.3 e nas subseções 3.3.1; 3.3.2. Nas ilustrações apresentadas nessas subseções, pudemos compreender com mais amplitude a função dos algoritmos na persuasão, bem como a presença dos robôs da IA nas conduções argumentativas.

Constatamos, também, na subseção 3.3.2, que a variabilidade imagética era muito mais ampla, permitindo reconhecer diferentes ferramentas multissemióticas para *tecnoargumentação*. Tendo em vista esse reconhecimento, acrescentamos, nas análises, a seção 5.2.1, em que analisamos aspectos de subjetividade dos estudantes em interações não monitoradas pela pesquisadora em seu perfil. Constatamos, nessas análises, o emprego de maior variedade sígnica, com intenção de expressar

seu ponto de vista. Representações de risadas (kkkkkk), diferentes *emoticons*, emprego de memes foram alguns dos recursos persuasivos nesse movimento mais espontâneo do estudante nativo digital na rede social X (*Twitter*).

A análise dos dados da seção 5.2, correspondente à *tecnoargumentação por repetibilidade e interatividade*, nos possibilitou um importante reconhecimento do funcionamento desse estudante no espaço digital. Constatamos que as performances estabilizadas pela dinâmica de rede sociais, como a repetição de termos para maior divulgação de uma ideia, foram empregadas como estratégia de argumentatividade. Entendemos que é um recurso empregado no cotidiano de suas práticas *online*, com visadas argumentativas observáveis. Por meio de recursos disponibilizados pela inteligência artificial, os algoritmos e os demais mecanismos da escrita digital, percebemos que a interatividade é uma estratégia basilar nas redes sociais *online*.

As análises na seção 5.2.1, conforme apontamos acima, nos indicaram uma importante comprovação. No espaço cibernético, especialmente em uma rede social *online*, o estudante se expressa com uma performance idiossincrática. As manifestações reveladas nos comentários sobre alguns temas sociais eram com uma força de identificação e posturas empáticas um pouco distintas de outros ambientes escolarizados. Essa averiguação, reitero mais uma vez, não se apresenta à guisa de comparações metodológicas ou espaciais. Leva-nos a compreender que as ampliações de formas de ouvir o estudante são imprescindíveis.

Na seção 5.3, constatamos um outro aspecto importante da *tecnoargumentação*. Por meio da multissemioticidade, os informantes ampliaram as maneiras de persuadir. Vimos que a dinâmica hipertextual das redes *online* permite que os estudantes busquem, ampliem, dialoguem com os pontos de vista que pretendem defender por meio de outras semioses além das linguísticas. Vimos como as mobilidades virtualizadas permitem um caminho de construção cognitiva, de forma a tornar perceptível um processo reconhecidamente intelectual. Um modo indissolúvel entre as diferentes linguagens (SANTAELLA, 2018).

No processo das análises dos dados, percebemos que as categorias *tecnoargumentativas* mantinham uma interface quase indissociável. Todavia, conseguimos, por meio das interações dos informantes, buscar especificidades de cada recurso *tecnoargumentativo*. Na seção 5.4, por exemplo, analisamos como a ubiquidade torna-se uma ferramenta de argumentação. Reconhecemos, portanto, que é uma categoria *tecnoargumentativa* basilar para as demais técnicas persuasivas pelo

o fato de o internauta estar imerso em uma rede em que diferentes fenômenos ocorrem simultaneamente impulsiona-o a performances interativas ampliadas. A atuação mental se move simultaneamente, instantaneamente, possibilitando coberturas de um escritor ubíquo, o qual, com consciência, mobiliza diferentes artefatos (repetibilidade, interatividade, semioticidade) para sua argumentação.

Os dados analisados na seção 5.5 permitiram sair do enquadramento de monitoramento da pesquisadora para as diferentes performances dos estudantes em seu perfil, tuitando e retuitando assuntos correspondentes a seus desejos e interesses. Realizamos essas análises com um recorte de poucos participantes, tendo em vista que usamos como critério analisar os tuítes de quem era mais frequente na rede social X (*Twitter*).

Os resultados advindos desses dados foram importantes na medida em que constatamos como o universo de interesse dos estudantes nativos digitais é amplo e como eles têm uma estratégia fluida de argumentação nesse espaço. Os dados revelaram que existe um mundo com o qual os estudantes se completam e se realizam que tem passado distante nas práticas argumentativas escolares. Percebemos que seus posicionamentos fluem, as ferramentas utilizadas se ampliam porque eles demonstraram estar num ambiente que otimiza seu dizer e as formas de dizer.

Os dados analisados na seção 5.6 permitiram estabelecer a conexão pretendida, com este trabalho, entre as práticas em espaço cibernético e o ambiente escolar. Os dados dessa seção foram construídos por meio dos comentários dos estudantes acerca da vivência durante o engajamento na pesquisa e a contribuição em suas práticas de produção escolar. Os informantes sinalizaram uma conexão necessária e importante em diferentes aspectos, desde a ampliação do repertório sociocultural ao desenvolvimento na exposição das ideias. Nessa mesma seção, entendemos como os informantes se posicionam em relação ao papel da escola nas suas produções. Reconhecemos, nas análises, que os estudantes, desta Era Digital, anseiam por uma “educação midiática”, numa perspectiva de esses aprendizes poderem trazer o mundo para dentro da sala de aula. (FERRARI, 2020)

As análises desenvolvidas permitiram evidenciar que os estudantes nativos digitais não apenas consomem conteúdos, mas se apropriam das ferramentas do ciberespaço para construir argumentos, sustentar pontos de vista e participar ativamente de debates públicos. A linguagem, nesse contexto, torna-se fluida, multimodal e fortemente marcada por elementos de performatividade e criatividade.

Assim, este trabalho reforça a importância de considerar os espaços digitais como territórios legítimos de produção discursiva e de formação argumentativa. Reconhecer essas práticas fora do ambiente escolar significa valorizar a competência comunicativa dos jovens em sua totalidade, além de propor uma necessária ampliação das abordagens pedagógicas voltadas ao ensino da argumentação.

Por fim, esperamos que este trabalho contribua com os estudos da linguagem em contextos digitais, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para novas investigações sobre os modos de produção de sentido e engajamento argumentativo no ciberespaço — especialmente aqueles protagonizados por sujeitos em formação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Sônia. **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da ComunicaçãoXXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal – 2 a 6 de setembro de 2008.
- ALURA. **Sistema de código binário: entenda como funciona**. *Alura*, 2023. Disponível em: <https://www.alura.com.br/artigos/sistema-codigo-binario>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- AMADO, João. **Manual de Pesquisa qualitativa em educação**. 2ª edição. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- AMOSSY, Ruth. **A dimensão argumentativa do discurso: questões teóricas e práticas**. Revista eletrônica Argumentation Analyse du Discours, nº 20, vinculada ao grupo ADDARR (Analyse du Discours, Argumentation et Rhétorique), 2018.
- _____. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.
- ARISTÓTELES. **Retórica**, Tradução: Edson Brini.- São Paulo: Edipro, 2019.
- BACHIMONT, Bruno. **L'intelligence artificielle comme écriture dynamique: de la raison graphique à la raison computationnelle**. IN: J. Petitot e P. Fabbri (org). *Au nom du sens*. Paris: Grasset, 2000.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, Agência e Escrita**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. Ubu Editora, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em <http://>
- CANALTECH. **Digital Tudo: uma epopeia cibernética**. *Canaltech*, 2023. Disponível em: <https://canaltech.com.br/columas/digital-tudo-uma-epopeia-cibernetica/>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- CANALTECH. **Felippe Neto**. *Canaltech*, 2023. Disponível em: <https://canaltech.com.br/celebridade/felippe-neto/>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- CASTELLS, M. (org. e co-aut.). **Mobile Communication and Society: A Global Perspective**. Cambridge, MA: MIT Press, 2006.
- CAVALCANTE, M.M. **Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual**. *Revel*, edição especial- vol 14, n 12, 2016.
- _____; CATELÃO, Evandro de Melo. **Plano pré-formatado para um gênero. Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 17, n. 3, p. 399–417, set./dez.

2017. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/144542486/plano-pre-formatado-para-um-genero>. Acesso em: 14 nov. 2023.

_____; FARIA, M. G.S.; CARVALHO, A.P.L. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. Rev. de Letras - n. 36- vol. (2) jul-dez. 2017.

CAZDEN et al. Uma pedagogia dos multiletramentos. Desenhando futuros sociais. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.

CERUZZI, Paul E. **Computing: A concise history**. Cambridge; London: MIT Press. 199 p. (MIT Press Essential Knowledge Series), 2012.

CHAGAS, Viktor. A cultura do memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Edufba: Salvador, 2020.

CHANDLER, Alfred D. **O século eletrônico: a história da evolução da indústria eletrônica e de informática**. Tradução: Adriana Rieche – Rio de Janeiro: Campus, 2002.

COPE, Bill.; KALANTZIS, Mary. Bill Cope and Mary Kalantzis. **A pedagogy of multiliteracies: Learning by design**. University of Illinois. USA, 2015.

CORNU, Bernard. **Formar professores no mundo digital: um desafio para a educação**. In: GARCÍA-VALCÁRCEL, Ana; TEJEDOR, Francisco Javier (Org.). *Formar professores no mundo digital: um desafio para a educação*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2011. p. 13–24.

COSTA, Alexandre Araújo. **Filosofia, Direito e Linguagem: cartografias filosóficas**, v 1. Universidade de Brasília, 2024.

COSTA E SILVA, Gildemarks. **Tecnologia, Educação e Tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto**. Rev. bras. Estud. pedagog. (online), Brasília, v. 94, n. 238, p. 839-857, set./dez. 2013.

CRYSTAL, David. **Language and the internet**. Cambridge University Press: United Kingdom, 2001.

_____. **Language and the internet: Engaging and provocative nature**. Second Edition. Cambridge University Press: United Kingdom, 2006.

DEVITT, Amy. **Writing Genres**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004.

DIGITAL 2024: **5 billion social media users**. We Are Social, 2024. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/>. Acesso em: 16 maio 2025.

EYMAN, Douglas. **Digital Rhetoric: theory, method and practice**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2015.

FERRARI, Ana Cláudia; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. **Guia da Educação Midiática**. 1. ed. – São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FERREIRA, Helena; & MARANHA, Tulio L. **A leitura de textos multissemióticos à luz da Gramática do Design Visual**. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 56, 2018.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. - 2 ed. São Paulo: Contexto, 2023.

_____. **Língua portuguesa, identidade nacional e lusofonia**. In: **Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

FOGG, B. J. **Persuasive Technology: Using Computers to Change What We Think and Do (Interactive Technologies)** (Locais do Kindle 241-242). Edição do Kindle, 2003.

FONSECA FILHO, Clézio. **História da computação [recurso eletrônico]: O Caminho do Pensamento e da Tecnologia**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FREITAS, Ronaldo Adriano. **Instrumentalização linguística em rede: análise discursiva de dicionários online**. Tese publicada na Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020.

GALI, Fernanda, et al. (Orgs) **Práticas contemporâneas em análise do discurso (recursos eletrônicos)** - Recife: Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFPE. Ed. UFPE, 2021.

GANDELMAN, Henrique. **De Gutemberg à Internet: direitos autorais na era digital**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GEHRKE, Marília; BENETTI, Márcia. **O Twitter como fonte no jornalismo guiado por dados**. *Brazilian Journalism Research*, v. 16, n. 3, p. 410–431, 2020. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1277>. Acesso em: 18/10/2024

GERALDI, Wanderlei. **Portos de passagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

GIERING, Maria Eduarda; PINTO, Rosalice. O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 15, n. 31, p. 1–20, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35655>. Acesso em: 18/05/2024.

GONÇALVES, Israel; LIMA, Maria Aldenora. **O horror como espetáculo: uma análise do conflito entre o Hamas e Israel em 2023**. *Gênero e Interdisciplinaridade*, v. 4, n. 6, p. 1–12, 2023. Disponível em: <https://periodicojs.com.br/index.php/gei/article/view/1742>. Acesso em: 18 mai. 2024.

GONÇALVES-SEGUNDO, P-R; MACAGNO, F; AZEVEDO, Isabel. **Argumentação multimodal, desafios e tendências recentes**. Uma introdução ao número especial: Revista da Abralín, v. 20, n 3 p. 722-736, 2021.

GUEDES, Rosane M. **Gênero epistêmico: ferramenta da argumentação jurídica**. Tradução em Revista 17, 2014/2, p. 76. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23653/23653.PDFXXvmi=>. Acesso em 10 de set. 2023.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2008.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new Media Age**. Great Britain by The Cromwell Press: London, 2003.

LEAL, Virgínia. **Introdução à Linguística**: Luciano, T.; Pires, Caroline, L. (orgs). **Dimensão transdisciplinar na formação do professor**. Ed. 1. Recife - Editora universitária da UFPE, 2010.

LEITÃO, Selma. **Processos de construção do conhecimento: a argumentação em foco**. In: Dossiê: Linguagem e construção de conhecimento: a argumentação em sala de aula. Pró-posições; Revista quadrimestral da Faculdade de Educação: UNICAMP. v. 18, n3 - Campinas, 2007.

LEITÃO, Selma; DAMIANOVIC, Maria Cristina (orgs.). **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas: Pontes, 2011.

LEMGRUBER, Márcia; OLIVEIRA, Renato (orgs.) **Teoria da argumentação e educação**. - Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.

LEMKE, Jay L. "Metamedia literacy: transforming meanings and media." *Trabalhos em Linguística Aplicada* 49 (2010): 455-479.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa - São Paulo: Ed 34, 1999)

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. - Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

_____. **A ideografia dinâmica**. Tradução: Marcos Marcionilo e Saulo kriegler - São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. **A emergência do Cyberspace e as mutações culturais**. In: PELLANDA, Nize; PELLANDA, Eduardo Campos (orgs). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2000.

LIMA, Anelilde. **O gênero E-fórum do Orkut: um instrumento de desenvolvimento da argumentatividade**. - Recife: Ed.Universitária da UFPE, 2012.

LORUSSO, Ana Maria; SANTOS, Flávia; CASTRO, Gustavo. **Redes Sociais, cultura do cancelamento e discurso de ódio**. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 16, n. 1, p. 242-261, 2023.

MACEDO, Patrícia. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual**. 245 f. Fortaleza. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, 2018..

MACHADO, Jorge. **O colapso contextual e a esfera pública manipulada por algoritmos: uma ameaça à sociedade?** In: FLORES, G. B. *Análise do discurso em rede: cultura e mídia*. I Ed. Editora Pontes: Campinas - SP, 2021.

MALAGGI, Vitor; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. **Comunicação, tecnologias interativas e educação: (re) pensar o ensinar- aprender na cultura digital**. Curitiba: Appris, 2019.

MARCON, Karina; MALAGGI, Vitor. **Pensar os processos educativos escolares sob o olhar da inclusão digital. Informática na educação: autoria, linguagens, multiletramentos e inclusão**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, p. 1-28, 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARQUES, Sueli; PAULIUKONIS, Aparecida; ELIAS, Vanda. (org.) **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. *Revista Linguagem & Ensino*, 4(1), 79-111. <https://doi.org/10.15210/rle.v4i1.15529>, 2019.

MARTINO, Luís Mauro. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, Erikson. **O whatsapp e o desenvolvimento da argumentação escrita: A produção textual no ensino de língua materna e as tecnologias digitais de informação, comunicação e expressão**. Tese (Doutorado - Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, 2019.

PASSARELLI, Brasilina. **Interfaces Digitais na Educação: @lucin[ações] Consentidas**. - São Paulo: Escola do futuro da USP, 2007.

PAULINELLI, Maysa de Paula. **Interação verbal, marcadores conversacionais e polidez linguística**. *Revista Trem de Letras* - v.8, n1- Alfenas- MG, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas práticas**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PERELMAN, Chaim. **A filosofia do pluralismo e a Nova Retórica**. Tradução: Renato José de Oliveira. In LEMGRUBER, Márcia; OLIVEIRA, Renato (orgs.) *Teoria da argumentação e educação*. - Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2011.

PINKER, Steven. **Como a mente funciona**. Tradução: Laura Teixeira Mota. – São Paulo – Companhia das Letras, 1998.

PLANTIN, Christian. **A argumentação: histórias, teorias e perspectivas**. Tradução de Marcos Marcionilo. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RAMAGE, John et al. **A construção do argumento**. Clemilton Lopes Pinheiro et al. (trad). São Paulo: Pipa Comunicação, 2018.

RANKER, Jason; MILLS, Kathy. **New directions for digital video creation in the classroom: Spatiality, embodiment, and creativity**. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, Urbana, v. 57, n. 6, p. 440–443, 2014.

REHM, George; USZKOREIT, Hans. (Orgs). **A língua Portuguesa na Era Digital**. META-NET: Berlin, 2011.

RESULTADOS DIGITAIS. **As redes sociais mais usadas no Brasil**. *Resultados Digitais*, 2023. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 16 maio 2025.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias e linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

ROQUE, Georges. **Prolegômenos à análise da argumentação visual**. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação – EID&A*, Ilhéus, n. 12 (jul./dez. 2016), p. 234–254. DOI:10.17648/eidea-12-1327.

SANTAELLA, Lúcia. **Desafios da ubiquidade para educação**. *Revista Ensino Superior Unicamp*: Campinas, 2013.

SANTOS, Sônia. **Apropriação da linguagem escrita por meio de aplicativos em dispositivos digitais**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, 2019.

SEIXAS, Rodrigo. **A ecologia digital argumentativa: possibilidades e perspectivas para uma análise retórica da argumentação multimodal**. *Revista Investigações*, Recife, v. 20, n. 3, p. 503–520, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistainvestigacoes/article/view/252933>. Acesso em: 9 de jul. 2023.

SILVA, Andréa Turolo da. **Affordances e restrições na interação interpessoal escrita online durante a aprendizagem de inglês como língua estrangeira**: Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará- Fortaleza, 2015.

SHOWMETECH. **Fim do Orkut faz 7 anos: relembre.** *Showmetech*, 2023. Disponível em: <https://www.showmetech.com.br/fim-do-orkut-faz-7-anos-relembre/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

THOMPSON, John **A interação mediada na era digital.** *Matrizes*, vol. 12, núm. 3, 2018, Setembro-, pp. 17-44 Universidade de São Paulo Brasil

TURKLE, Sherry. **Whither psychoanalysis in computer culture?** *Psychoanalytic Psychology*, v. 21, n. 1, p. 16–30, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232520521_Whither_Psychoanalysis_in_Computer_Culture. Acesso em: 12/04/2024.

VARGAS, Jean; SANTOS, Talita. **Os ecos da repetição: um diálogo entre Kierkegaard e Freud.** *Revista Ágora Filosófica*, v. 22, n. 2, p. 109-127, maio/ago. Recife, 2022

VASCONCELOS, Ana. **Guia, A história do computador.** – 1 Ed. – São Paulo: online, 2016.

VERGNA, Márcia Aparecida. **Letramento digital no ensino de língua portuguesa: uma análise documental à luz da nova retórica.** Tese (Doutorado em Educação) Universidade: Estácio de Sá, 2020.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia.** 2 v. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VINHAS, Luciana Iost. **Os robôs do Presidente: o que ainda resta da democracia?** In GALLI, F. [et.al.] *Práticas contemporâneas em Análise do Discurso: Gestos (d)e leitura.* - Recife: Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFPE; Ed UFPE, 2021.

XAVIER, Antônio Carlos. **Retórica Digital: a língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador.** Recife: Pipa Comunicação, 2013.

_____. **A dança das linguagens: na web: critérios para a definição de hipertexto.** Conferência apresentada no VIII Congresso Internacional de Linguística da Abralín: Belo Horizonte, 2007.

_____. **Leitura, texto e hipertexto.** In MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C. (Orgs.) **Hipertexto e E_gêneros_digitais.** - 2ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZAPPEN, James. **Digital Rhetoric: toward integrated theory.** *Technical Communication Quarterly*, 14(3), 319–325: Copyright, 2005.

ZENDESK. **Qual é a origem da inteligência artificial?** *Zendesk Blog*, 2023. Disponível em: <https://www.zendesk.com.br/blog/qual-e-a-origem-da-inteligencia-artificial>. Acesso em: 16 maio 2025

ZUBOFF, Shoshana. **Big Other: Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação.** In BRUNO, Fernanda, et al. *Tecnopolíticas da vigilância: perspectiva da margem.* - Boitempo Editorial, 2019.

APÊNDICE A – PRIMEIRO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES: FORMULÁRIO 1

Link para acesso ao formulário completo:

<https://forms.gle/Yf5mPcSSTJgbDCiA6>

PÁGINA 1

Qual seu nome completo e idade?

10 respostas

Beatriz Amarante Silva Cavalcanti, 16 anos

Pedro Barros Rodrigues da Luz - 17 anos

Larissa vitória Maurício de Sousa 16 anos

Tarcizio Talyson da Silva

Leonardo Fonseca Paz - 16 anos

Karina Ketelly Vieira da Silva, 18

Rafael Lima Vieira, 17 anos.

Alice Kemillyn 18

Ativ
Acess

PÁGINA 2

Qual a série e segmento que está cursando este ano?

10 respostas

1° ano logística A

Segundo ano do ensino médio.

2º B ensino médio

1 ano

Primeiro ano do ensino médio logística

2 ano - Ensino Médio

3º ano do Ensino médio

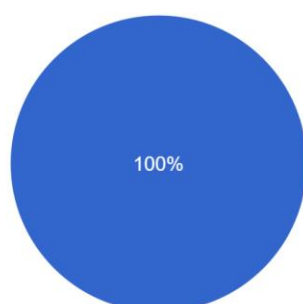
2 ano do ensino médio

3º Ano/ Logística

PÁGINA 3

Conhece a plataforma Twitter?

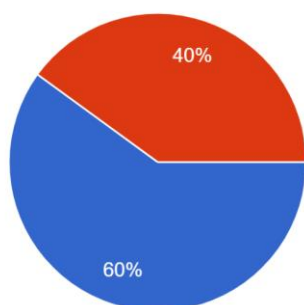
10 respostas



- Conheço bem.
- Conheço um pouco.
- Não conheço bem a plataforma.

Com que frequência você acessa a rede social Twitter?

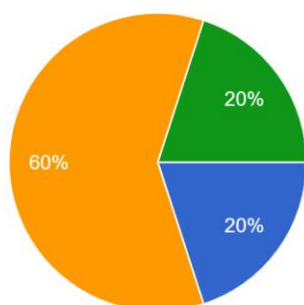
10 respostas



- Todos os dias, várias vezes no dia.
- Apenas uma vez por dia.
- Raramente.

Como você participa da rede social Twitter?

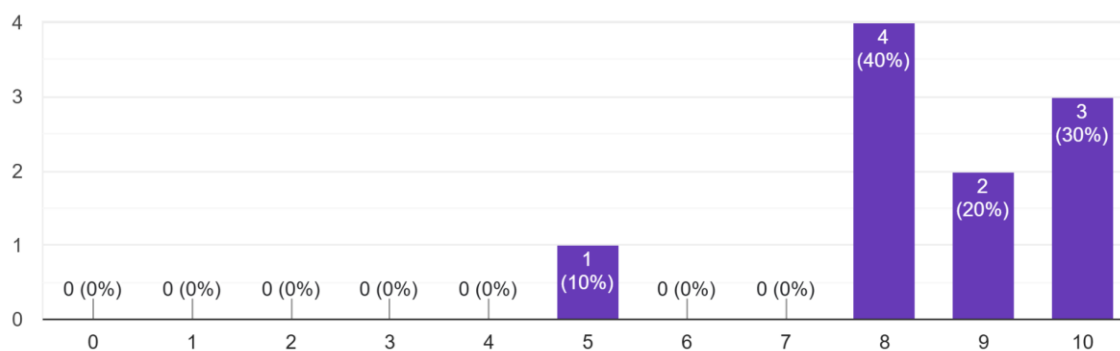
10 respostas



- Apenas para ler as notícias que estão em evidência.
- Apenas para compartilhar meu momento.
- Para compartilhar meu momento, ler os fatos e me posicionar sobre alguns acontecimentos.
- Para saber dos fatos em evidência e me posicionar sobre alguns deles.

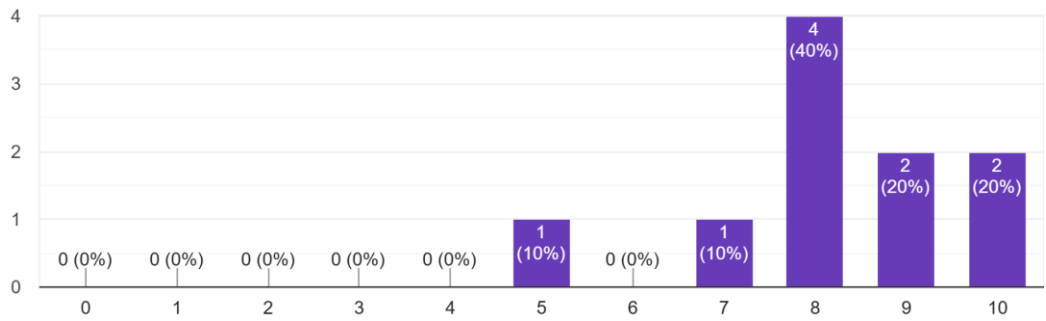
De 0 a 10, quão benéfico ou útil tem sido para você participar desse projeto, além de contribuir para uma pesquisa científica?

10 respostas



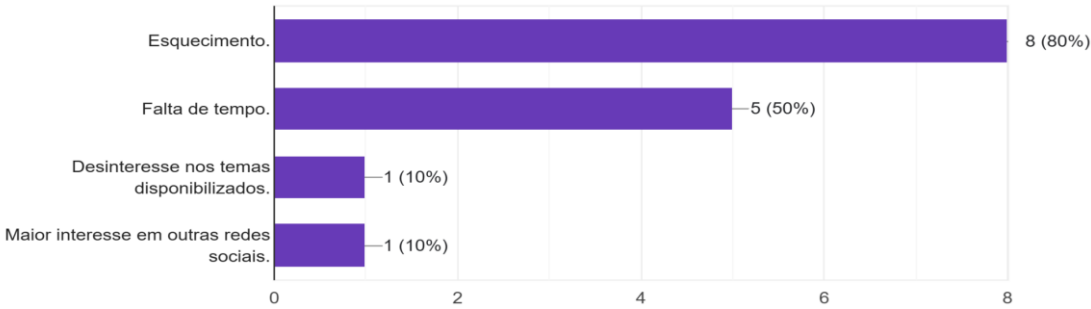
De 0 a 10, o quanto você se sente engajado/estimulado/interessado na participação desse projeto?

10 respostas



O que mais dificulta sua participação ativa nas postagens?

10 respostas



Se um dos fatores de desinteresse está relacionado aos temas disponibilizados, escreva aqui sugestões de temas de seu interesse.

10 respostas

- .
- educação
- Gosto dos eixos temáticos.
- Estou interessado.
- Críticas
- Não, o meu fator não é o desinteresse. Pelo contrário, acho todos os assuntos de extrema importância.
- Notícias sobre esportes eletrônicos, ex: tomada de decisão da antiga ministra dos esportes de não considerar esportes eletrônicos um esporte de verdade.
- nada a acrescentar
- O tema da redação do enem 2023

APÊNDICE B - SEGUNDO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES: FORMULÁRIO 2

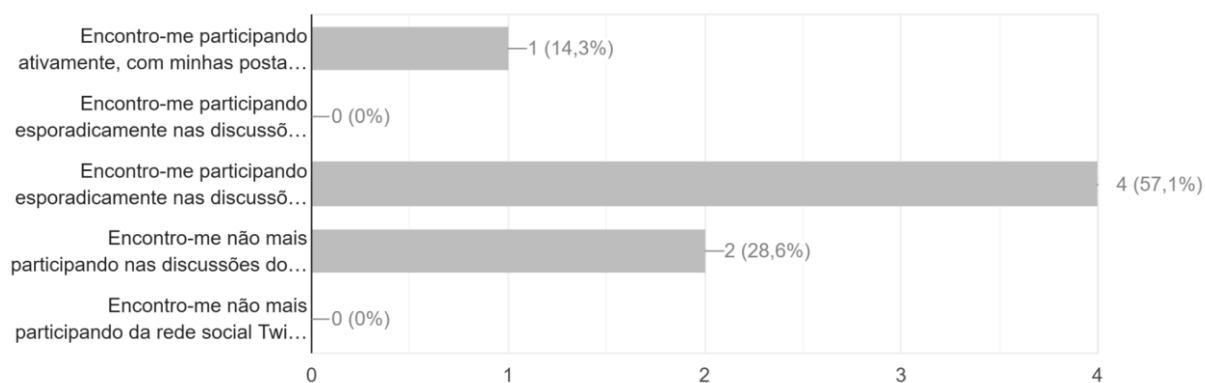
Link para acompanhamento do formulário completo:

<https://forms.gle/rgyVz6YecXkDNXiEA>

PÁGINA 1

1. Na atual etapa de sua participação na pesquisa na rede social Twitter, como você se encontra?

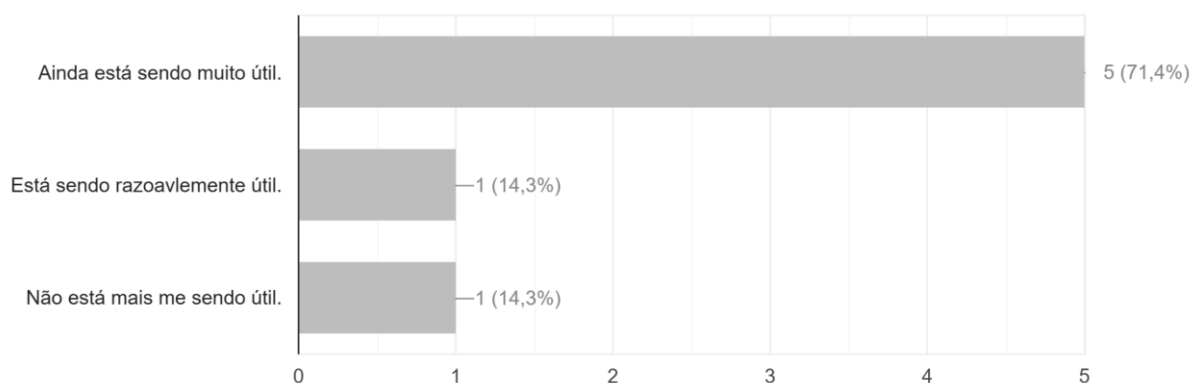
0 / 7 respostas corretas



PÁGINA 2

2- Quanto à utilidade de sua participação nesse projeto, com discussões na plataforma Twitter, especialmente no perfil @pensologoescr3, como você avalia?

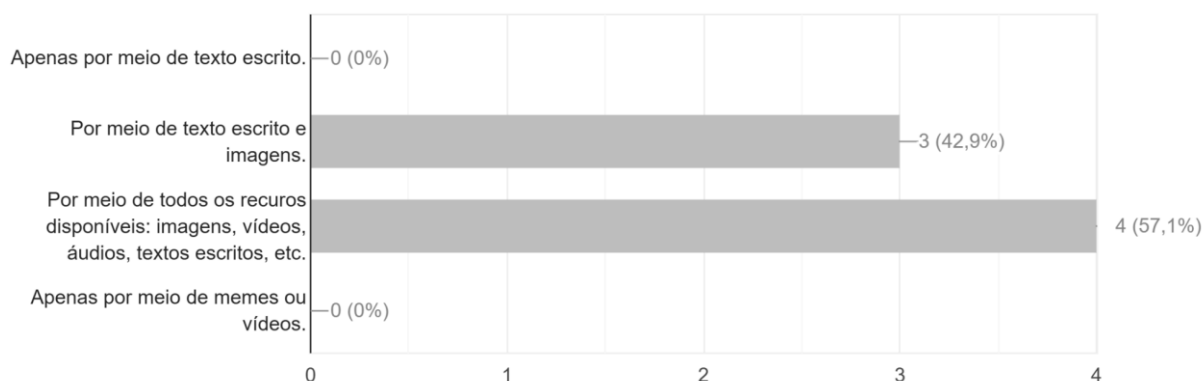
0 / 7 respostas corretas



PÁGINA 3

3- Sobre as postagens que você utiliza na rede social Twitter, como você gosta mais de interagir?

0 / 7 respostas corretas



PÁGINA 4

4. Você considera que sua participação no perfil @pensologoescr3, do Twitter, tem contribuído em suas práticas escolares? Como?

7 respostas

Infelizmente, eu saí da escola e com o começo da faculdade não tenho mais tempo nem de olhar as redes sociais ou participar do projeto, infelizmente.

Sim, com certeza. Por meio dela eu consigo elaborar meu raciocínio para escrever uma potencial redação melhor, que é o meu objetivo desse ano.

Sim. A partir da participação em debates sobre assuntos atuais, acabo me atualizando sobre assuntos relevantes do momento, o que pode ajudar em uma redação, por exemplo.

Sim! Tenho me expressado com mais liberdade dentro de sala.

Não, não tenho participado.

Acredito que sim, não sou 100% ativo mas sempre que consigo estou lendo os comentários e postagens, atualmente os jovens não se preocupam de estar por dentro de assuntos "necessários" e isso é um diferencial pra mim e pra bolha que participo estar sempre ligado e além disso ter uma opinião formada é de suma importância.

Sempre fui apaixonado pelo debate e pela exposição de ponto de vista. Na escola sempre estou participando de rodas de conversas e no twitter eu encontro mais um espaço de mostrar meus posicionamentos e de agregar o meu conhecimento, contribuindo para o meu desempenho na escola.

PÁGINA 5

5. O que motiva você a postar seu ponto de vista numa rede social como o Twitter, fora do perfil da pesquisadora?

7 respostas

Acho que as revoltas que sentimos com certas situações.

O que motiva, muitas vezes, é expor minha opinião dentro de tantas outras. Ou seja, querendo ou não, trás uma ideia de pertencimento.

Assuntos que me interessam ou me atingem de alguma forma.

Eu adoro ler/escutar outros pontos de vista.
a liberdade de expressão permite compartilhar ideias e promover o diálogos interessantes

Não tenho nenhum motivador, compartilho meu ponto de vista quando me da vontade

Além de estar somando para o projeto da Prof. ^a Anelilde, estou sempre inserindo meu ponto de vista e respeitando o contrario diante das postagens.

Poder expor meu ponto de vista sobre temas atuais
Compartilhar dos mesmo pensamentos de outros internautas

]

ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado

 Comitê de ética em pesquisa Continuação do Parecer: 6.497.518		UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CAMPUS RECIFE - UFPE/RECIFE	
--	---	---	---

Continuação do Parecer: 6.497.518

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEPDADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO NO CIBERESPAÇO: UM ESTUDO DA INTERCONEXÃO ENTRE RECURSOS DA RETÓRICA DIGITAL E PRÁTICAS ESCOLARES

Pesquisador: ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 73608723.9.0000.5208

Instituição Proponente: Centro de Artes e Comunicação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.497.518

Apresentação do Projeto:

Trata-se de Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Artes e Comunicação da UFPE, da aluna Anelilde Maria da Lima farias, sob a Orientação do Prof. Antônio Carlos Xavier.

Os estudos sobre argumentação sempre foram relevantes desde os filósofos tradicionais até as recentes investigações sobre retórica digital. Quando essa averiguação alcança objetivos escolares, têm-se novos desafios, sobretudo considerando os propósitos comunicativos inerentes à didatização. É nesse contexto, concebendo que as práticas humanas evocam diferentes mobilidades de linguagem, que se vê a necessidade de investigar novas manifestações por meio de recursos tecnológicos desde a formação da cultura escrita até as atuais contribuições digitais. Sem pretender demonstrar supremacias entre formas de linguagem, mas apenas reafirmando uma constatação de Xavier (2013, p. 36) para o qual

“dotado de uma inventividade infinita, o homem continuou sua trajetória de desenvolvimento tecnológico”, este projeto tem como objetivo principal analisar os efeitos dos recursos digitais na construção da argumentação em hipertextos produzidos em plataformas dessa ecologia, no intuito de entender as formas como a argumentatividade de estudantes são construídas, numa interconexão

entre

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde

Bairro: Cidade Universitária e anexo 50749000. Assim, temos como hipótese neste projeto de pesquisa, de que

UF: PE **Município:** RECIFE

redes sociais do ecossistema digital, como o Twitter, que mobilizam ferramentas com diferentes funções e, entre elas, a de interações argumentativas, parece ser um ambiente propício para busca e investigação da reprodução da argumentação numa integração entre práticas de diferentes linguagens. Para conseguir alcançar o reconhecimento da demanda investigativa desta pesquisa, buscamos responder à seguinte pergunta: Como os processos argumentativos de aprendizes em suas produções no ecossistema digital são afetados pelos mecanismos inerentes a esse ambiente? Para isso, de forma mais específica, objetivamos conhecer o percurso dos estudos sobre argumentação que podem embasar as categorizações da retórica digital; identificar como a trajetória da Linguística de Texto tem inserido os aspectos argumentativos nos textos e no ensino; e descrever como os mecanismos tecnológicos atuam na organização e mobilização persuasiva. E, para o propósito a que se quer chegar, serão usados, portanto, os fundamentos tradicionais de Aristóteles (2007), as percepções de Perelman (2005) e Ducrot (1987), bem como as novas investigações de Amossy (2017), levando em conta o viés discursivo em que toda argumentação se inscreve. Dentro da literatura atualizada sobre a retórica no ambiente digital, assumimos, aqui, as concepções e conceituações de Eyman (2015); Xavier (2007; 2013) e Zappen (2003). Para reconhecimento das viabilidades técnicas promovidas pelas plataformas digitais, tomaremos como base as pesquisas de Levy (1999, p. 29), Marcuschi (2005), e Paveau (2021), pela recategorização proposta acerca dos discursos inscritos na ecologia digital. Com os pressupostos teóricos da Linguística de Texto, adotamos as concepções de Koch (2008,); Elias (2016; 2017); Cavalcante (2020), consciente da complexidade com a qual o texto é concebido e pela compreensão que assumimos de hipertexto e com a qual esta pesquisa dialoga.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar os complexos mecanismos argumentativos mobilizados por estudantes do Ensino Médio na rede social Twitter, numa perspectiva sociocognitiva do hipertexto, para ampliação das categorizações da retórica digital e da sua contribuição em práticas escolares.

Objetivo Secundário:

Conhecer, por meio de uma incursão histórica e epistemológica, as principais teorias sobre argumentação, desde as percepções aristotélicas, da Nova Retórica e da Argumentação no discurso.

Traçar o percurso da Linguística de Texto em suas atualizações no que diz respeito às investigações sobre texto, hipertexto e a assunção da argumentação em suas bases epistemológicas.

Descrever de que maneira o ecossistema digital, com suas ferramentas e contínuo desenvolvimento técnico, tem norteado as práticas sociointerativas na Era Digital e permitido novas formas argumentativas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os participantes da presente pesquisa podem se sentir desmotivados, algumas vezes constrangidos devido:

a) à rotina de postar comentários sobre temas que estarão sendo debatidos no perfil do Twitter b) a

possíveis comparações em relação à atuação de outros estudantes no debate em ambiente virtual; c) a sua exposição por meio das respostas no processo autoavaliativo em relação ao seu desenvolvimento argumentativo.

Objetivando diminuir os riscos previstos anteriormente, algumas atuações serão necessárias: a) haverá uma preocupação em sempre se colocar temas próximos à realidade dos estudantes, de forma a desenvolver o interesse em sempre estar debatendo; também, para minimizar o dano da rotina, faremos encontros motivacionais em reuniões virtuais ou em chamadas no grupo do Whatsapp; b) buscaremos notificar e valorizar cada comentário, com retorno público e individualizado, naturalizando qualquer exposição realizada, diminuindo possíveis comparações; c) deixaremos claro, nas primeiras explicações sobre o projeto, que a autoavaliação será realizada por meio do google forms, em uma aba individualizada; sendo assim, apenas o pesquisador poderá ter acesso e fornecerá, oportunamente, um retorno com comentários construtivos em relação ao seu desenvolvimento.

Benefícios:

Em relação aos benefícios que estão presentes no desenvolvimento desta pesquisa, é possível enumerar alguns. Inicialmente, haverá um maior diálogo entre práticas escritas escolarizadas com práticas argumentativas em ambiente digital. Na certeza de que a maioria dos estudantes já expõem seu ponto de vista nas diferentes redes mediadas pelos computadores, a inclusão dessa prática na sua preparação argumentativa revelará a importância dos diferentes processos para o mesmo fim: desenvolver uma boa argumentação. Além do mais, a valorização dessas atuações poderá estimular os padrões de ensino a inserir e valorizar outras formas de exposição de um ponto de vista. Essa postura poderá melhorar a autoestima do estudante em relação ao que ele pensa e diz, podendo proporcionar melhor atuação na própria sala de aula. Ademais, o contato com as diferentes temáticas, característica dos movimentos das redes, poderá contribuir para as produções exigidas nas avaliações externas, como o Enem. De forma indireta, mas perceptível, haverá um melhor reconhecimento das linguagens das imagens e sons, inerentes às práticas argumentativas do ambiente digital, proporcionando um estudo mais consciente das construções que envolvem argumentação.

Nessa análise, será atribuída uma escala de valor do teor argumentativo, segundo as técnicas da Nova Retórica, que servirão para comparação dos movimentos persuasivos no ecossistema. E, como as atuações argumentativas ocorrem, também, por meio dos signos linguísticos - considerando que a base das práticas interativas no ambiente digital é a escrita - investigaremos de que maneira as construções linguísticas direcionam conclusões argumentativas. Aqui, pretendemos investigar se há outras formas digitais com funções de operadores argumentativos e como eles serão categorizados nos novos estudos da Linguística de Texto. Por meio das análises metodológicas de Eyman (2015), também serão analisados como os recursos digitais são manipulados em prol de uma retórica produtiva.

Em seguida, serão utilizadas algumas abordagens sociocognitivas, de caráter discursivo, de acordo com as percepções de Van Dijk (2012) para confirmar os processos mentais pelos quais a argumentação é armazenada. Nessa percepção cognitiva, pretendemos dialogar com as ferramentas algorítmicas que têm atuado como mecanismos de armazenamento e memória no espaço digital.

Serão necessárias algumas análises comparativas, em relação aos critérios argumentativos utilizados nos gêneros em estudo, para possíveis conclusões acerca da influência do ambiente em articulação com processos de letramento."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa pode trazer uma contribuição importante na área da socialização do saber, em ambientes escolarizados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados acham-se de acordo com as normas do CEP.

Recomendações:

Sem Recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

As exigências foram atendidas e o protocolo está APROVADO, sendo liberado para o início da coleta de dados. Conforme as instruções do Sistema CEP/CONEP, ao término desta pesquisa, o pesquisador tem o dever e a responsabilidade de garantir uma devolutiva acessível e compreensível acerca dos resultados encontrados por meio da coleta de dados a todos os voluntários que participaram deste estudo, uma vez que esses indivíduos têm o direito de tomar conhecimento sobre a aplicabilidade e o desfecho da pesquisa da qual participaram.

Informamos que a aprovação definitiva do projeto só será dada após o envio da NOTIFICAÇÃO COM O RELATÓRIO FINAL da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final disponível em www.ufpe.br/cep para enviá-lo via Notificação de Relatório Final, pela Plataforma Brasil. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado. Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2203099.pdf	07/11/2023 22:25:48		Aceito
Outros	Carta_resposta_Anelilde_2.docx	07/11/2023 22:25:33	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_Anelilde_5.docx	07/11/2023 22:24:56	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_Responsaveismenores_3.docx	05/11/2023 16:17:34	ANELILDE MARIA DE LIMA	Aceito

Ausência			FARIAS	
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALEMenor7a18_3.docx	05/11/2023 16:17:20	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_Anelilde_1.docx	28/08/2023 15:16:01	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Anelilde_assinada.pdf	27/08/2023 18:04:06	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
Orçamento	Orcamento_Anelilde.docx	26/08/2023 12:56:47	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Curriculo_Lattes_Antonio_Carlo_Xavier.pdf	26/08/2023 12:56:22	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Curriculo_Latte_Anelilde_Farias.pdf	26/08/2023 12:56:07	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	comprovante_vinculo_Anelilde.pdf	26/08/2023 12:54:58	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
Declaração de concordância	Termo_Confidencialidade_Anelilde.pdf	26/08/2023 12:53:18	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	carta_anuencia_luiz_alves_lacerda.pdf	26/08/2023 12:48:41	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	carta_anuencia_colegio_visao.pdf	26/08/2023 12:48:27	ANELILDE MARIA DE LIMA FARIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 09 de Novembro de 2023

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600

UF: PE **Município:** RECIFE

Telefone: (01)3136-9500 Fax: (01)3136-9169 **E-mail:** cac@ufpe.br

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO (CAC)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho(a) _____ {ou menor que está sob sua responsabilidade} para participar, como voluntário (a), da pesquisa Análise da argumentação no ciberespaço: um estudo da interconexão entre os recursos da retórica digital e práticas escolares

Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Anelilde Maria de Lima Farias, residente à Avenida Bernardo Vieira de Melo, nº 3298, apt. 502, Piedade, Jaboatão dos Guararapes, CEP: 54.410-010, telefone: (81) 999993519 e email anelilde.lima@ufpe.br e está sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Xavier, Telefone: (81) 98131-3852 e-mail antonio.xavier@ufpe.br.

O/a Senhor/a será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida a respeito da participação dele/a na pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e o/a Senhor/a concordar que o (a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias.

Uma via deste termo de consentimento lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. O/a Senhor/a estará livre para decidir que ele/a participe ou não desta pesquisa. Caso não aceite que ele/a participe, não haverá nenhum problema, pois desistir que seu filho/a participe é um direito seu. Caso não concorde, não haverá penalização para ele/a, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

➤ **Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:** Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar como os mecanismos tecnológicos existentes no ambiente computacional podem contribuir para as práticas de argumentação escolar, numa visão de ampliação e valorização das novas formas de expressão dos pontos de vista do estudante nativo-digital. Para realização deste trabalho, a pesquisadora convidará alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio, de uma escola pública e uma privada, para participar do grupo de debatedores, em um espaço da rede social *Twitter*, visando estimular o posicionamento crítico acerca de diferentes temas sociais, por meio dos recursos permitidos pelo espaço digital. Nesse ambiente, além de se permitir a ampliação do conhecimento, será possível se identificar que ferramentas digitais estarão sendo usadas e quais efeitos consequentes desses mecanismos tecnológicos estarão influenciando a construção dos argumentos. Para que o trabalho se realize, seguiremos algumas etapas: (a) a pesquisadora convocará seu (sua) filho (a) e os demais participantes para uma reunião presencial, na escola em que ele(a) estuda, como também uma reunião virtual, a fim de reconhecer seu domínio em relação à rede social *Twitter*. Nesse momento, também, a pesquisadora deve apresentar como ocorrerá o funcionamento dos debates e as ferramentas com as quais serão organizadas as discussões nesse espaço; (b) será solicitado que seu (sua) filho(a) entre na plataforma pelo menos duas vezes por semana, ao longo de seis meses, para participar dos debates e para inserir informações de outras redes digitais; (c) ao final de cada dois meses, seu (sua) filho(a) responderá a um questionário autoavaliativo no *google forms*, para analisar sua experiência da prática argumentativa no espaço cibernético e relacionar com suas práticas escolares. Esse processo se repetirá por mais dois meses.

➤ **RISCOS:** Os participantes da presente pesquisa podem se sentir desmotivados, algumas vezes constrangidos devido: a) à rotina de postar comentários sobre temas que estarão sendo debatidos no perfil do *Twitter* b) a possíveis comparações em relação à atuação de outros estudantes no debate em ambiente virtual; c) a sua exposição por meio das respostas no processo autoavaliativo em relação ao seu desenvolvimento argumentativo. Objetivando diminuir **os riscos** previstos anteriormente, algumas atuações serão necessárias: a) haverá uma preocupação em sempre se colocar temas próximos à realidade dos estudantes, de forma a desenvolver o interesse em sempre estar debatendo; também, para minimizar o dano da rotina, faremos encontros motivacionais em reuniões virtuais ou em chamadas no grupo do *Whatsapp*; b) buscaremos notificar e valorizar cada comentário, com retorno público e individualizado, naturalizando qualquer exposição realizada, diminuindo possíveis comparações; c) deixaremos claro, nas primeiras explicações sobre o projeto, que a autoavaliação será realizada por meio do *google forms*, em uma aba individualizada; sendo assim, apenas o pesquisador poderá ter acesso e fornecerá, oportunamente, um retorno com comentários construtivos em relação ao seu desenvolvimento.

➤ **BENEFÍCIOS diretos/indiretos** para os participantes: Em relação aos benefícios que estão presentes no desenvolvimento desta pesquisa, é possível enumerar alguns. Inicialmente, haverá um maior diálogo entre práticas escritas escolarizadas com práticas argumentativas em ambiente digital. Na certeza de que a maioria dos estudantes já expõem seu ponto de vista nas diferentes redes mediadas pelos computadores, a inclusão dessa prática na sua preparação argumentativa, revelará a importância dos diferentes processos para o mesmo fim: desenvolver uma boa argumentação. Além do mais, a valorização dessas atuações poderá estimular os padrões de ensino a inserir e valorizar outras formas de exposição de um ponto de vista. Essa postura poderá melhorar a autoestima do estudante em relação ao que ele pensa e diz, podendo proporcionar melhor atuação na própria sala de aula. Ademais, o contato com as diferentes temáticas, característica dos movimentos das redes, poderá contribuir para as produções exigidas nas avaliações externas, como o Enem. De forma indireta, mas perceptível, haverá um melhor reconhecimento das linguagens das imagens e sons, inerentes às práticas argumentativas do ambiente digital, proporcionando um estudo mais consciente das construções que envolvem argumentação.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa: comentários na plataforma, discussões em redes sociais, fichas de autoavaliação ficarão armazenados em pastas de arquivo e em nuvem digital, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço Avenida Bernardo Vieira de Melo, nº 3298, apt 502, Piedade, Jaboatão dos Guararapes, CEP: 54.410-010, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**

ANEXO 3 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO (CAC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)**

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA MENORES DE 7 a 18 ANOS)

OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 7 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos você _____, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário (a) da pesquisa: Análise da argumentação no ciberespaço: um estudo da interconexão entre os recursos da retórica digital e práticas escolares. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Anelilde Maria de Lima Farias, residente à Avenida Bernardo Vieira de Melo, nº 23298, apt. 502, Piedade, Jaboatão dos Guararapes, CEP: 54.410-010, telefone: (81) 999993519 e email anelilde.lima@ufpe.br e está sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Xavier, Telefone: (81) 98131-3852 e-mail antonio.xavier@ufpe.br.

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via deste termo lhe será entregue para que seus pais ou responsáveis possam guardá-la e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, um responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

➤ **Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:** Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar como os mecanismos argumentativos mobilizados no espaço digital podem contribuir para as práticas argumentativas escolares, e como podem ampliar o reconhecimento das diferentes formas de se expressar um ponto de vista nos espaços mediados por computador.. Para realização desse objetivo, a pesquisadora convidará alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio, de uma escola pública e de uma privada, para participar do grupo de debatedores, visando de estimular o posicionamento crítico acerca de diferentes temas sociais, por meio dos recursos permitidos pelo espaço cibernético. O foco nesse ambiente se dá por ser amplamente usado pelos estudantes nativos-digitais, mas pouco aproveitado em demandas escolares. Sendo assim, poderemos construir um redirecionamento para contribuição da ampliação do conhecimento e maior investigação das estratégias digitais convocadas na construção dos argumentos. Para que o objetivo principal seja alcançado, seguiremos algumas etapas durante a pesquisa: (a) a pesquisadora convocará você e os demais participantes para uma reunião a fim de reconhecer seu conhecimento em relação ao *site* de rede social *Twitter* e para apresentar como ocorrerá o funcionamento dos debates e as ferramentas com as quais serão organizadas as discussões nesse espaço; (b) será solicitado que você entre na plataforma pelo menos duas vezes por semana, ao longo de seis meses, para participar dos debates e para inserir informações de outras redes digitais; (c) ao final de cada dois meses, você responderá a um questionário autoavaliativo em um *google forms* com o intuito de compartilhar a experiência da prática argumentativa no espaço digital, avaliando suas possíveis contribuições. Esse processo durará um semestre.

➤ **RISCOS:** Os participantes da presente pesquisa podem se sentir desmotivados, algumas vezes constrangidos devido: a) à rotina de postar comentários sobre temas que estarão sendo debatidos no perfil do *Twitter* b) a possíveis comparações em relação à atuação de outros estudantes no debate em ambiente virtual; c) a sua exposição por meio das respostas no processo autoavaliativo em relação ao seu desenvolvimento argumentativo. Objetivando diminuir os riscos previstos anteriormente, algumas atuações serão necessárias: a) haverá uma preocupação em sempre se colocar temas próximos à realidade dos estudantes, de forma a desenvolver o interesse em sempre estar debatendo; também, para minimizar o dano da rotina, faremos encontros motivacionais em reuniões virtuais ou em chamadas no grupo do *Whatsapp*; b) buscaremos notificar e valorizar cada comentário,

com retorno público e individualizado, naturalizando qualquer exposição realizada, diminuindo possíveis comparações; c) deixaremos claro, nas primeiras explicações sobre o projeto, que a autoavaliação será realizada por meio do *google forms*, em uma aba individualizada; sendo assim, apenas o pesquisador poderá ter acesso e fornecerá, oportunamente, um retorno com comentários construtivos em relação ao seu desenvolvimento.

➤ **BENEFÍCIOS diretos/indiretos** para os participantes: Em relação aos benefícios que estão presentes no desenvolvimento desta pesquisa, é possível enumerar alguns. Inicialmente, haverá um maior diálogo entre práticas escritas escolarizadas com práticas argumentativas em ambiente digital. Na certeza de que a maioria dos estudantes já expõem seu ponto de vista nas diferentes redes mediadas pelos computadores, a inclusão dessa prática na sua preparação argumentativa revelará a importância dos diferentes processos para o mesmo fim: desenvolver uma boa argumentação. Além do mais, a valorização dessas atuações poderá estimular os padrões de ensino a inserir e valorizar outras formas de exposição de um ponto de vista. Essa postura poderá melhorar a autoestima do estudante em relação ao que ele pensa e diz, podendo proporcionar melhor atuação na própria sala de aula. Ademais, o contato com as diferentes temáticas, característica dos movimentos das redes, poderá contribuir para as produções exigidas nas avaliações externas, como o Enem. De forma indireta, mas perceptível, haverá um melhor reconhecimento das linguagens das imagens e sons, inerentes às práticas argumentativas do ambiente digital, proporcionando um estudo mais consciente das construções que envolvem argumentação.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa: comentários na plataforma, discussões em redes sociais, fichas de autoavaliação ficarão armazenados em pastas de arquivo e em nuvem digital, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço Avenida Bernardo Vieira de Melo, nº 3298, apt 502, Piedade, Jaboatão dos Guararapes, CEP: 54.410-010, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nem você e nem seus pais [ou responsáveis legais] pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Este documento passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE que está no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 - e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**

ANEXO 4 – Dados do INEP

Prezada Aneliide, bom dia!

Fazemos referência ao Processo nº 23036.002895/2022-29, que trata de solicitação de acesso a dados protegidos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, nos termos da Portaria nº 637, de 17 de julho de 2019

Informamos que o projeto de pesquisa apresentado possui grande potencial para caracterizar relevância social e interesse público, mas não se encontra suficientemente embasado quanto à justificativa de utilização dos dados protegidos referentes ao Enem, na sala segura, uma vez que não foi atendido o inciso II do art. 10 da Portaria 637/2019.

Logo a presente solicitação de acesso a dados protegidos foi indeferida, conforme despacho anexo. Entretanto segue tabela com a informação necessária para o desenvolvimento da pesquisa, disponibilizada pela Coordenação Geral de Instrumentos e Medidas (CGIM).

Atenciosamente,

Isabella Fernandes
 Serviço de Acesso a Dados Protegidos - SEDAP
 Centro de Informação e Biblioteca em Educação - CIBEC
 Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP
 SIG Quadra 04 Lote 327 – Ed. Villa Lobos, Térreo, Ala A – 70.610-908 - Brasília, DF

Cenário	2015	2016	2017	2018	2019
Competência 2 igual a 0	36	4	-	1	-
Competência 3 igual a 0	2.312	4.443	716	1.679	383
Competências 2 e 3 iguais a 0	35	3	-	1	-
Competência 2 igual a 40	70.377	127.035	120.806	1.094.831	217.713
Competência 3 igual a 40	76.155	114.406	108.964	1.071.769	204.807
Competência 2 igual a 0 e Competência 3 igual a 40	-	-	-	-	-
Competência 2 igual a 40 e Competência 3 igual a 0	1.832	4.085	679	1.627	374
Competência 2 igual a 160	468.009	532.717	252.495	233.204	272.167
Competência 3 igual a 160	389.073	433.612	340.602	299.533	370.018
Competências 2 e 3 iguais a 160	236.706	277.761	71.774	69.993	65.869
Competência 2 igual a 200	59.270	87.139	118.685	198.089	308.343
Competência 3 igual a 200	76.375	89.680	71.576	77.376	98.977
Competências 2 e 3 iguais a 200	38.164	54.097	43.610	57.137	75.478
Competência 2 igual a 160 e Competência 3 igual a 200	18.147	14.903	6.494	4.241	3.984
Competência 2 igual a 200 e Competência 3 igual a 160	8.055	13.015	29.495	57.214	90.054

